UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Eliel dos Reis Almeida

“Nem inferno, nem paraíso”:

Dalcídio Jurandir, um aprendiz no purgatório

BRASÍLIA

2024

Eliel dos Reis Almeida

“Nem inferno, nem paraíso”:

Dalcídio Jurandir, um aprendiz no purgatório

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em sociologia, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau mestre em sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Dimitrov

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Dimitrov
Departamento de Sociologia (UnB)

Prof. Dr. Carlos Benedito Martins
Departamento de Sociologia (UnB)

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo
Departamento de História (UFPA)

BRASÍLIA

2024

Resumo

O objeto desta dissertação é a trajetória social de Dalcídio Jurandir (1909-1979). Portanto, atentaremos para a forma como ocorre o envelhecimento social de Dalcídio Jurandir no campo literário brasileiro e, com isso, a reconstrução das sucessivas posições assumidas pelo escritor ao longo de sua trajetória. O foco recai nos aspectos da prática e das produções intelectuais de Dalcídio Jurandir que explicam o seu ostracismo literário no final da vida, a saber: sua origem em uma região simbolicamente dominada e seu envolvimento na militância comunista. Buscou-se, nesse sentido, reconstruir a complexa trama de coordenadas históricas, sociais e biográficas que não apenas permitiram a inserção de Dalcídio no romance, mas também condicionaram as estratégias de sobrevivência literária por ele adotadas em um contexto de tensões políticas, a partir de 1940. As conclusões desta dissertação, portanto, abarcam tanto as formas como Dalcídio Jurandir construiu uma posição específica dentro do meio literário do Rio, apreendida à luz dos constrangimentos de um literato "provinciano em todos os sentidos", quanto os modos como essa carreira está entrelaçada com dilemas-chave para a compreensão da relação dos literatos com a vida política mais ampla dos anos 1940 e 1950.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir, Trajetória, Modernismo Amazônico, Regionalismo.

Abstract

The subject of this dissertation is the social trajectory of Dalcídio Jurandir (1909-1979). Therefore, we will look at how Dalcídio Jurandir's social aging occurs in the Brazilian literary field and, with this, the reconstruction of the successive positions assumed by the writer throughout his career. The focus is on the aspects of Dalcídio Jurandir's intellectual practice and productions that explain his literary ostracism at the end of his life: his origins in a symbolically dominated region and his involvement in communist militancy. The aim was to reconstruct the complex web of historical, social and biographical coordinates that not only allowed Dalcídio to be included in the novel, but also conditioned the literary survival strategies he adopted in a context of political tensions from 1940 onwards. The conclusions of this dissertation, therefore, cover both the ways in which Dalcídio Jurandir constructed a specific position within Rio's literary milieu, understood in the light of the constraints of a literary man who was “provincial in every sense”, and the ways in which this career is intertwined with key dilemmas for understanding the relationship between literary men and the wider political life of the 1940s and 1950s.

Keywords: Dalcídio Jurandir, Trajectory, Amazonian Modernism, Regionalism.

Para Natálie

Agradecimentos

Quando comecei a pesquisar literatura amazônica, Dalcídio Jurandir foi minha introdução a esse universo riquíssimo. Na graduação, iniciei pela análise de seu primeiro romance, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941); depois fui para a análise de *Marajó* (1947), seu segundo romance. Após essa fase, me embrenhei na fortuna crítica de *Chove nos Campos de Cachoeira,* o que resultou na minha monografia de graduação em sociologia. De certa forma, o objeto dessa dissertação é a conclusão de uma trajetória de pesquisa em que, pouco a pouco, fui construindo o mundo social de Dalcídio. No entanto, é uma conclusão inacabada, pois esse universo é maior que o escopo dessa dissertação.

Nessas pesquisas, sempre tentei captar a visão específica que Dalcídio constrói da Amazônia. Ela é tradicionalmente associada a imagens poderosas que focalizam sua natureza como, "Inferno Verde", "Paraíso Perdido", "El dourado", "pulmão do planeta", etc, portanto, uma região simbolicamente dominada. Na visão construída pelo escritor, temos uma tentativa de não a representar nesses termos, como o leitor verá ao longo da dissertação.

A construção desta dissertação objetivo justamente a visão, ao mesmo tempo, singular e geral, da região em Dalcídio Jurandir, assim como os determinantes de sua trajetória. No processo de construção do meu objeto, descobri que mesmo a escrita e o delineamento das pesquisas são coletivas. Muitos olhares e pessoas me ajudaram na construção e no delineamento deste trabalho.

Quero agradecer aos membros do meu grupo de pesquisa, Arte, Sociedade e Interpretações do Brasil, coordenado pelo meu orientador, Eduardo Dimitrov, por suas leituras cuidadosas e atentas, desde o projeto de mestrado, passando pelo texto da qualificação, até a "última" versão desta dissertação. Sem elas, talvez esta pesquisa tivesse sido desenhada em outros parâmetros. Nas discussões desse grupo, aprendi que a trajetória acadêmica não precisa ser solitária e isolada. Os comentários de integrantes desse grupo sobre o meu trabalho, como os de Rodolfo Godoi, Ana Luiza Avellar e Evellyn Caroliny, também me ajudaram também a identificar lacunas dele.

Quero agradecer também aos funcionários da biblioteca da Fundação Casa Rui Barbosa, que tiveram que me aturar durante minhas duas visitas ao Rio. Entre meus pedidos de consulta ao acervo de Dalcídio, sob a guarda da Casa, eles sempre foram muito solícitos e prestativos. Meus agradecimentos também à biblioteca pública Artur Viana, no Pará, por abrir espaço para

jovens pesquisadores como eu, permitindo a consulta a seu riquíssimo acervo de jornais e obras raras do estado do Pará e da Amazônia. À Casa de Cultura Dalcídio Jurandir, na pessoa de Soraia Pereira, que sempre foi muito solícita em responder meus questionamentos e atender meus pedidos de informações.

Também quero dedicar meus agradecimentos aos integrantes da minha banca de qualificação, Aldrin Moura de Figueiredo, professor de história da UFPA, e à professora Mariza Veloso, do Departamento de Sociologia da UnB. Seus comentários foram muito importantes para a conclusão desta dissertação. Agradeço também a Carlos Benedito Martins, Professor do Departamento de Sociologia da UnB, por aceitar fazer parte da banca de defesa na ausência da Professora Mariza, por motivo de força maior.

Meus agradecimentos ao meu orientador desde a graduação, Professor Eduardo Dimitov, que tem me incentivado a levar minha pesquisa adiante e tem sido um verdadeiro mentor ao longo desses anos, me ensinando formas e estilos de expressar coisas complexas. Graças a ele, aprendi o caminho das pedras da pesquisa acadêmica. Seus comentários e leituras mais do que atentas dos meus textos e ideias me levaram a caminhos promissores. Jamais acreditaria, no início da graduação, que eu estaria hoje fazendo uma pós-graduação, e isso é graças ao seu incentivo.

Também quero agradecer ao Departamento de Sociologia da UnB por me apoiar e patrocinar um maior intercâmbio acadêmico com outras regiões, seja para apresentação de trabalhos, seja patrocinando pesquisas ou seminários. Quero agradecer também aos meus colegas de Mestrado pelo apoio e animação nas horas difíceis, como Kethury Magalhães, Evellyn Caroliny e Jalison, entre outros.

Também quero agradecer à minha companheira, Natálie, por me apoiar sempre nas horas difíceis e ser um porto seguro. E à minha mãe, que, mesmo longe de mim, me apoia a seguir em frente.

Também quero agradecer à Capes pela concessão da bolsa que me possibilitou cursar o mestrado em Sociologia e escrever esta dissertação.

Sumário

1 INTRODUÇÃO OU UM ESCRITOR NO "PURGATORIO"....8
2 ENTRE A "ARISTOCRACIA DE PÉ NO CHÃO" E A ARISTOCRACIA DE PÉ EM TAMANCOS....20
2.1 A origem familiar paterna....22
2.2 Educação e região no seio familiar....28
2.3 Das uniões não convencionais do pai....33
2.4 Os "seres da baixa"....36
3 OS ANOS DE DESAPRENDIZAGEM EM UMA BELÉM DECADENTE....46
3.1 Antecedentes históricos de uma cidade "enfeitada"....46
3.2 Entre a Paris tropical e a Belém suburbana....52
3.3 As tentativas fracassadas de adentrar o meio literário ou um "artista indigente"....56
4 "GERAÇÃO PEIXE FRITO": ENTRE OS "DONOS DO ASSUNTO" E O MODERNISMO....69
4.1 Dalcídio Jurandir e a adaptação do ensino ao ambiente....72
4.2 Dalcídio Jurandir e a "geração do peixe frito"....89
4.3 "Baixa espécie, baixa sociedade, baixa literatura": cultura popular, luta de classes e representação da região....117
5 UM "INDIO SUTIL" NA CAPITAL DA REPÚBLICA....126
5.1 Um romance segue para o concurso....126
5.2 A tentativa de diferenciação....158
5.3 Uma *persona non grata* entre intelectuais....171
5.4 O final da vida no "Purgatório"....195
REFERÊNCIAIS BIBLIOGRÁFICAS....201
a) Livros e artigos....201
b) Artigos de Jornal....214
c) Cartas e outras fontes....224

1 Introdução ou um escritor no "purgatório"

Em 1976, Haroldo Maranhão, Pedro Galvão e Antônio Torres, o primeiro um dos representantes da "novíssima"[1] geração da literatura do Pará, fizeram uma entrevista com Dalcídio Jurandir publicada tanto na revista *Leitura*[2] quanto na *Folha do Norte,* em Belém do Pará[3]. Na época, Dalcídio residia no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, e sofria de Mal de Parkison. A entrevista tem um tom de lamentação pelo insucesso literário enfrentado pelo escritor. Os entrevistadores destacam que, apesar de ter produzido "a única obra de ficção realmente significativa que a Amazônia já deu a literatura brasileira"[4], ele se encontrava esquecido na história literária brasileira. O início da entrevista é revelador, pois contribui para a nossa argumentação de que a posição que Dalcídio ocupava no campo literário no final de sua vida se assemelha a um limbo de não legitimação literária, quase como um escritor fora do "jogo".

> As gerações mais novas nunca leram uma linha de Dalcídio Jurandir. Porque seus oito romances estão esgotados e nunca tiveram uma reedição.
> Ele não está nem no céu nem no inferno da literatura. Como dizem os franceses, está no purgatório[5].

Essa percepção está atrelada aos desdobramentos da própria trajetória social do escritor, pois, apesar de já ter publicado 8 romances no momento da entrevista– *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Linha do Parque* (1959), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967) e *Ponte do galo* (1971) –, um deles inclusive pela prestigiosa editora José Olympio; de ter ganhado prêmios, como o da Editora Vecchi e do periódico Dom Casmurro pelo romance *Chove nos campos de Cachoeira*; o prêmio Paula Brito da Biblioteca do Estado da Guanabara e o Luiza Cláudio de Souza do Pen Club por *Belém do Grão Pará*, além de ter recebido o prêmio Machado de Assis

[1] JURANDIR, Dalcídio. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. Dom Casmurro. Ano V, n.230, 13 de Dez. 1941. Essa geração, é imediatamente posterior a de Dalcídio. Que começa as suas atividades no início dos anos 1940. Sobre essa geração ver: COELHO, Marinilce Oliveira. Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos, 1946-1952. 2003. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003. Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.
[2] Para Lembrar Dalcídio. Escrita blog. 2012.
[3] JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979].
[4] Idem, Ibidem. p.2.
[5] Idem, ibidem, p. 28.

da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra, o romancista sofria por ser um "escritor vagamente lembrado"[6] no meio literário.

Eis o retrato sintético da posição de Dalcídio Jurandir nos anos que antecedem a sua morte, em 1979. Mas também eis a conclusão de uma trajetória social marcada por reveses simbólicos, pois o purgatório, é um lugar onde ocorre a purificação das almas arrependidas de seus pecados – onde ocorre a expiação deles – e passam a ter a possibilidade tanto de ir para o céu quanto para o inferno. Portanto, a posição denota uma esperança de ser consagrado ou não no futuro. A sensação transmitida pela entrevista é que nem mesmo esses prêmios e publicações garantiram sua consagração, como se sua trajetória tivesse sofrido um revés, levando-o a perder, em parte, o valor social desses feitos.

A explicação do escritor para essa situação peculiar em sua trajetória é não ser um "escritor de grande público" que atrai o leitor para "o enredo" ou "o desenvolvimento da urdidura"[7] – como Jorge Amado, seu amigo íntimo e companheiro de militância comunista nos anos 1940. Segundo o romancista, diferente de Amado, sua atenção se volta para "a linguagem, os detalhes da narrativa, o ritmo lento das cenas"[8]. Como veremos na dissertação, essa referência a Jorge Amado não é aleatória. Além disso, existe o fato de que, apesar de todos os seus livros terem sido vendidos, "eles foram mal distribuídos" e as editoras não tiveram "preocupação de lançar novas edições"[9]. Somando essas desventuras, o resultado foi viver com duras dificuldades materiais ao longo da vida, culminando em uma situação penosamente dramática no final, durante seu período de doença, quando ele "praticamente se isolara"[10] e "vivia quase como um pingente[11] no quarto de um apartamento no Catete" da "modesta mecenas a loura Judia Ruth" e a casa da irmã na Tijuca[12]. Com o agravo da doença, os amigos mais próximos, como Moacir Werneck de Castro, Jorge Amado, Moacir Costa Lopes e Eduarda

---

[6] JURANDIR, Dalcídio. Discurso de Dalcídio de agradecimento ao receber o prêmio Machado de Assis. In: NUNES, B. et al (Orgs.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. Belém/Rio de Janeiro: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006. p.114

[7] JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979]. p.29.

[8] Idem, Ibidem.

[9] Idem, Ibidem.

[10] Idem, Ibidem.

[11] Aqui, acredito que "pingente" se refere a situação de Dalcídio como hospede da herdeira Ruth que, de um lado, um homem tido como simples, de outro, devido a necessidade material do final da vida se rendeu e pediu ajuda a amiga que vivia de herança. Por isso, ele parecia um "pingente" da "mecenas".

[12] LOPES, Moacir Costa. Dalcídio Jurandir (A face amarga da literatura). In: NUNES, B. Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.210.

Zandron, organizaram uma espécie de vaquinha para que o escritor fosse internado pelo irmão mais novo, Ritacínio[13].

Os entrevistadores transmitem uma sensação de admiração por Dalcídio e revolta pela falta de reconhecimento, tanto material quanto simbólico, do escritor[14]. No entanto, em entrevistas no final da vida, Dalcídio não se apresenta como alguém injustiçado pela falta de sucesso literário. Como vimos, ele justifica que a sua obra não é um "best-seller", embora lamente sua falta de rendimentos materiais durante a vida. Mesmo sem ter sido recompensado material e simbolicamente por seus esforços como romancista, Dalcídio descreve a escrita do seu Ciclo do Extremo Norte como um período vivido "com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária", foi "uma delícia, uma forma de satisfeita revolta contra o magro ganha pão", foi um "descobrimento", "foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara"[15].

Entretanto, apesar desta explicação mais objetiva, acreditamos que, em um nível subjetivo, durante o final de sua vida, ele se sentia frustrado pela incapacidade de concretizar a obra que idealizara como sendo o "pensamento da juventude"[16]. Essa frustração decorre tanto da doença que lhe consumia o corpo e a mente, interrompendo a escrita do Ciclo, quanto da autopercepção de falta de talento. Dalcídio considerava sua obra "menor"[17], embora os entrevistadores discordarem veementemente do escritor ao longo da entrevista. Podemos entender esses sentimentos ao refletirmos sobre a forma como Dalcídio via essa falta de tempo de terminar a sua obra, tido por ele como impossível de remediar devido ao agravo da doença.

No entanto, se nos atentarmos para as entrelinhas desta entrevista, as representações sobre o escritor paraense se mostram condensadas, cifradas e, ao mesmo tempo, encobrem alguns dilemas-chaves nos deslocamentos e tomadas de posição sucessivas no processo de

---

[13] Idem, Ibidem. p. 207-212.
[14] Essa sensação de injustiça é presente na maioria dos depoimentos de seus amigos mais próximos do Rio de Janeiro e do Pará, como Moacir Werneck de Castro, Moacir Costa Lopes, Josué Montello, Antônio Olinto. CASTRO, Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro.; LOPES, Moacir Costa. Dalcídio Jurandir (A face amarga da literatura).; OLINTO, Antônio. 25 anos sem Dalcídio.; MONTELLO, Josué. Dalcídio Jurandir. In: NUNES, B. Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p. 200-205; 206-212;213-214; 215-217.
[15] JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979].
[16] Idem, Ibidem.
[17] Idem, Ibidem.

envelhecimento social de Dalcídio Jurandir no campo literário brasileiro, e — como consequência direta dessas representações — as dificuldades e desafios na reconstrução e construção da obra e trajetória social do escritor como objeto de investigação desta dissertação. Considerando que, ao investigar os aspectos da obra e trajetória de Dalcídio Jurandir, que explicitam e iluminam seu envolvimento com a vida literária e o regionalismo amazônico nos anos 1930, bem como sua inserção na vida intelectual do Rio, sempre fui levado a imagens e repertórios que se projetam sobre o escritor, e que de alguma maneira já aparecem nesta entrevista concedida na década de 1970.

As imagens desse repertorio, provenientes principalmente dos trabalhos publicados no Pará a partir do final da década de 1980[18], retratam frequentemente um literato *injustiçado*, pois teria produzido uma obra notável sobre a Amazônia, mas não teria sido recompensado material e simbolicamente. Um escritor *pouco reconhecido* por suas inovações nas temáticas e nas formas de narrar que versam sobre a região. Desse repertorio, se desenvolve temáticas como a discursão se ele era *regionalista* ou *modernista/localista* ou *universalista*[19], temas tributários das poucas aparições do escritor em livros sobre a história da literatura brasileira, assim como a classificação do romancista como *regionalista* por historiadores da literatura brasileira[20]. Essas classificações o colocavam como um autor *regionalista menor*, a margem do cânone da literatura nacional— essa classificação explica em parte o porquê da maioria dos trabalhos sobre o escritor tenha sido perpetrado por universidades e acadêmicos paraenses ou radicados no Pará. Portanto, este campo de produção acadêmica no Pará, tenta retirar o escritor do esquecimento—ou nos termos dos entrevistadores, "uma obra que precisamos tirar urgentemente do purgatório".

A julgar esse repertorio de imagens, presente já nessa entrevista da década de 1970, seríamos imediatamente conduzidos a leitura da trajetória do escritor como um literato

---

[18] Sobre essa "nova recepção" de Dalcídio a partir dos anos 1990 nos círculos acadêmicos paraenses, ver: PRESSLER, Gunter Karl. A NOVA RECEPÇÃO DA OBRA de Dalcídio Jurandir. Asas da Palavra. v. 9, n. 1, 2004. De certa forma, esse trabalho está na esteira dessa retomada pelos acadêmicos da obra e vida de Dalcídio Jurandir. No entanto, aqui está pressuposto a busca pelos fundamentos sociológicos que explicam seu ostracismo literário no final da vida. Portanto, contribuindo para a desnaturalização de sua trajetória e obra, colocando-as em diálogo com a tradição de representação da região e o seu envolvimento com a vida política.

[19] Cf. PRESSLER, G. K. Dalcídio Jurandir — a escrita do mundo marajoara não é regional, é universal. Revista do GELNE, *[S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 1–5, 2016.

[20] Cf. PRESSLER, Gunter Karl. Introdução: o espelho adiantado. In: PRESSLLER, Gunter Karl; MENEZES, Flávia; NETO, Mário Santos (Orgs.). Dalcídio Jurandir: Bibliografia geral e estudos críticos. Espanã: La Coruña, 2014. p. 6-49.

injustiçado, que escreveu uma obra notável e merece figurar entre os cânones da literatura nacional. No entanto, de uma perspectiva das ciências sociais, essas imagens desse repertorio é mais uma das formas de construir a imagem de gênio sobre o escritor, incompreendido em seu tempo e que somente o futuro iram lhe compreender, alçando-o a consagração. Esta premissa desvia o nosso olhar dos condicionantes do mundo social como explicativas de sua produção e de sua trajetória[21].

Apesar de o escritor fornecer determinados elementos que justificam esse repertorio de imagens lançadas pelos entrevistadores — eles são selecionados, como o fato de suas produções não terem sido bem distribuídas e nem editadas— elas encobrem os motivos de base de tal situação de Dalcídio no final de sua vida. Ainda que a entrevista seja atravessada por pressupostos não verbalizados, não é totalmente sem sentido esse retrato de um escritor caído em uma espécie de ostracismo literário a espera de um perdão futuro. Mas qual foi o pecado de Dalcídio Jurandir que lhe rendeu essa posição no final da vida? Nessa pergunta residem os emaranhados, situações e eventos que parecem fazer sentido ao analisarmos retrospectivamente a trajetória social e intelectual de Dalcídio.

Ainda muito jovem, na capital do Pará, Belém, Dalcídio experimentou as dificuldades materiais e simbólicas de inserção em um gênero concorrido como a poesia em uma "província" com uma vida intelectual menos densa comparada a outros centros mais dinâmicos na vida cultural. Essas dificuldades iriam se traduzir em uma constante mobilidade entre "bicos", mostrando assim as várias frentes de risco a que se expunha, mas também em tentativas frustradas de entrar na vida cultural da capital do estado, rendendo-lhe até uma ida ao Rio de Janeiro decepcionante. Quanto a sua inserção no romance, também foi marcada por turbulências, tensões e dissabores de várias ordens, desde o momento de gestação até o momento de publicação dos seus primeiros romances: a penúria material, problemas familiares, a morte de sua mãe, as prisões por sua fervorosa militância comunista, a polêmica travada com críticos como Álvaro Lins (1912-1970) sobre um prefácio "antiliterário", que se apresentava como uma militância em torno da dignidade da vida cultural da Amazônia frente ao eixo Rio-São Paulo.

[21] Cf. Elias, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. BOURDIEU, Pierre. As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

No entanto, ao longo de sua carreira como romancista, também não se privou de entrar em polêmicas políticas que o prejudicaram muito, como sua inserção na militância comunista de "fúria sectária" dos anos 1940 e 1950 e, como consequência, os embates com Alceu Amoroso Lima (1883-1993), Otto Maria Carpeaux (1900-1978), além da disputa entre escritores comunistas e liberais na posse da nova diretoria da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) em 1949, na qual Dalcídio e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) foram protagonistas.

Se, por um lado, o que por vezes fica mais evidente são as questões de natureza política na trajetória do escritor, por outro, elas escondem o diálogo com as obras dos "donos do assunto" e as inovações modernistas em âmbito regional. A temática Amazônia, usada como estratégia para se posicionar no campo literário brasileiro, estava sendo explorada pelos "donos do assunto" desde o início do século XX, Alberto Rangel (1871-1945), Carlos Vasconcelos (1881-1923) e, notadamente, Raimundo Moraes (1872-1941), os principais protagonistas na disputa pelo espólio intelectual de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, que focalizavam a "região natural". No entanto, Dalcídio também estava imerso nas inovações trazidas pelo modernismo em âmbito nacional. No contexto regional, esse movimento promoveu uma mudança na representação da região, incentivando os literatos e intelectuais envolvidos nessa renovação a matizarem a visão estrangeira sobre a definição da Amazônia. No Pará, a primeira geração modernista, composta por Bruno de Menezes (1893-1963), Eneida de Moraes (1904-1971) e, notavelmente, Abguar de Bastos (1902-1995), introduziu uma literatura mais orgânica, realista, objetiva e direta, rompendo com o dilema recorrente e oscilante entre retratar a região ora como um inferno, ora como um paraíso. Já a segunda geração, representada por figuras como Ruy Barata, o próprio Dalcídio Jurandir, Paulo Nunes e Cléo Bernado, consolidou e expandiu as visões de seus predecessores. Portanto, no início da década de 1930, esta segunda geração se beneficiou do surgimento de obras intermediárias que representavam a região tanto focalizando o elemento humano quanto a natureza, com esta última ainda delineando narrativas, como em *A Selva* (1930), do escritor português Ferreira de Castro (1898-1974), e obras de escritores nativos que exploraram a Amazônia como uma "região cultural", como *Terra de Icamiaba* (1930), de Abguar de Bastos. Dessa forma, só podemos compreender a trajetória de Dalcídio levando em consideração o diálogo com esses "donos do assunto" e a primeira geração modernista, que muitas vezes se mostrou tensa, tanto em relação àqueles quanto a estes.

Ademais, não é menos importante que Dalcídio tenha sido considerado “moreno” no início da década de 1930, “caboclo” no final e quase como um “índio” fora do Pará, embora fosse filho de mãe negra e pai branco. Antes, só podemos entender essas mudanças de percepções e auto atribuições raciais e sociais, contextualizando quem as objetiva e mobilizando a visão tradicional da região amazônica, a racialização dos agentes naqueles rincões e a mudança de representação perpetrada pelos modernistas amazônicos. Por exemplo, essa percepção dele como “índio” fora do Pará persistiria mesmo depois de sua chegada no Rio de Janeiro, onde José Lins do Rego chegou a apelidá-lo de “índio sutil”[22], uma espécie de atenuação dessa percepção. Na própria contenda em torno da sucessão da diretoria da Associação Brasileira de Escritores, essa identidade social é flagrante como móvel na luta para desqualificá-lo. Mas associada a essa percepção, a figura de uma pessoa “exótica” no meio literário quase se confirmava com a sua personalidade introvertida e tímida, pois a imagem tradicional que se tinha do caboclo, do indígena da região amazônica é exatamente essa: a de um ser tartamudo. E completando essa rápida lista de eventos, não excluímos da argumentação a possibilidade concreta de, em muitos deles, tanto a raça do autor como a imagem que se tinha sobre a região e o seu nativo, terem funcionado como fator de exclusão, preterição ou interdição dentro do debate intelectual do período, uma vez que “a identidade social encerra um direito determinado aos possíveis”[23].

Sem dúvida, é preciso qualificar melhor quais são tais experiências e condicionantes que incidem sobre a trajetória e a obra de Dalcídio Jurandir. Se considerarmos a questão de ele ser rotulado como “moreno”, “caboclo” e depois “índio”, a situação das diferentes atribuições de identidade social e racial que Dalcídio teve que lidar ao longo de sua trajetória revela um conjunto de pistas sobre como a raça se manifestou de modo instável nas experiências do

[22] Usamos "índio sutil", “moreno”, “caboclo” sem incorrer na crença de que essas categorias neutralizava as eventuais consequências analíticas e políticas imbuídas nas classificações como negros, mulatos, pardos, mestiços etc. Antes meu desejo é não antecipar uma discussão que está presente em toda a dissertação. Nela, busco entender as formas como se deu classifica racial do escritor em favor de uma imagem poderosa ligado à sua região de origem.

[23] BOURDIEU. P. As regras da arte....1996a.p.294. Nesse sentido, tem ligação direta com a possibilidade de consagração: "A definição social do que é permitido a alguém, do que ele pode permitir-se razoavelmente, sem passar por pretensioso ou insensato, afirma-se através de toda sorte de licenças e de exigências, de chamadas a ordem negativas ou positivas (noblesse oblige), que podem ser públicas, oficiais, como todas as formas de nomeações ou de veredictos garantidos pelo Estado, ou, ao contrário, oficiosas, ou mesmo tácitas e quase imperceptíveis. E sabe-se que, por intermédio do efeito propriamente mágico da consagração ou da estigmatização, os veredictos das instituições de autoridade tendem a produzir sua própria verificação.” (Idem.)

escritor, impondo-lhe diferentes categorias. Nascido em Ponta de Pedras na Ilha do Marajó, filho de pai branco e mãe negra, em uma família que enfrentava penúrias materiais e sofria uma longa desclassificação social, com a crise familiar resultante de um divórcio, a mãe tornou-se o personagem principal na reconversão de capitais para atividades intelectuais. Isso proporcionou aos seus filhos oportunidades de "burlar" os constrangimentos associados à raça devido à sua condição de mestiço. Isso não significa dizer que o elemento étnico de Dalcídio não tenha sido notado ou enfatizado em diferentes contextos e momentos de sua vida, uma racialização que poderia ser "capitalizada", destinada a funcionar como um trunfo intelectual circunstancial, não sendo necessariamente posta somente como um *handicap* social.

Não me deterei muito nesse assunto, pois ele será tratado ao longo da dissertação. O importante é ressaltar o intricado labirinto de elementos com os quais nos deparamos ao analisar a vida e obra de Dalcídio Jurandir. Esse elemento se torna importante ao nos alertar de que por si só não explica totalmente o envelhecimento social de Dalcídio, uma vez que devemos levar em conta, e articular, outros marcadores sociais, herdados ou adquiridos, como origem de classe, escolaridade, rede de relações, e as propriedades das posições no campo social. Não menos importante são os efeitos dos deslocamentos sucessivos do escritor no campo literário brasileiro, bem como o valor social dessas posições, assim como as credenciais e competências assumidas em função delas, e, como consequência direta disso, a abertura e o fechamento de possibilidades do ponto de vista do escritor[24].

Olhando especificamente para os aspectos sinuosos e acidentados na trajetória social do escritor, não nos parece fortuito que os principais trabalhos que focalizam a vida e obra do romancista sejam na chave de modalidades de experiências marcadas por injustiças, conferindo, na maioria das vezes, a esses trabalhos o objetivo de tentar desvincular o aspecto regional atribuído à sua obra frequentemente comparadas às de romancistas considerados universais e

[24] Segundo Bourdieu, "Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer espaço social, onde se exprimem as disposições do habitus; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da arvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida" (1996a, p.292).

nacionais, como Proust, Balzac, Guimarães Rosa, entre outros,[25] ou focalizando a injustiça da crítica direcionadas aos seus romances[26]. Quase como uma tentativa de cosmopolizar a sua vida e obra.

Para entendermos melhor como essas disposições são mobilizadas, é preciso tentar reconstruir as posições ocupadas sucessivamente na trajetória de Dalcídio Jurandir no campo literário, bem como elas aparecem na objetivação dessas posições em seus romances, artigos etc., ou seja, em suas tomadas de posição[27]. Portanto, buscamos o sentido de tais posições a partir do ponto de vista do escritor[28].

Nesse sentido, o trabalho busca reconstruir a trajetória de Dalcídio Jurandir. Para esse processo, utilizaremos cartas e documentos presentes no livro *Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir* e *Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia*, além do

---

[25] Cf. PRESSLER, G. K. Dalcídio Jurandir — a escrita do mundo marajoara não é regional, é universal. Revista do GELNE, *[S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 1–5, 2016. PRESSLER, Gunter Karl. Aprendizagem e fracasso do jovem Alfredo: Dalcídio Jurandir e o romance moderno de formação na Amazônia oriental. Literatura e Sociedade, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 158–174, 2018. NUNES, Benedito. Dalcídio Jurandir: As oscilações de um ciclo romanesco. In: NUNES, B. Et Al (orgs.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. Belém: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006. p.245-251.

[26] Ver: BARBOSA, W. F. A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940–1980). Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016. MENEZES, F; NETO, M. S; PRESSLER, G. K (Org.). Dalcídio Jurandir: Bibliografia geral e estudos críticos. Espanha: Ebook version, 2014. MOREIRA, Alex Santos. A crítica literária aos romances "Chove nos Campos de Cachoeira", "Marajó" e "Três casas e um rio" na imprensa do Rio de Janeiro. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras. NUNES, B. Et Al (orgs.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. Belém: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006. PRESSLER, Gunter. A nova recepção da obra de Dalcídio Jurandir. Asas da Palavra. Belém: Unama, v. 8, n. 17, 2004. p. 121-129._____. O maior romancista da Amazônia – Dalcídio Jurandir – e o mundo do arquipélago de Marajó. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMELKA, Marcel (org.). Amazônia: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Globo, 2010. p. 235-259._____. João Guimarães Rosa – Dalcídio Jurandir: A crítica literária diante do Romance de nova feição regionalista. Asas da Palavra. Belém: Unama, v. 13, n. 26, 2012. p. 127-137. FURTADO, Marli Tereza. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcidio Jurandir. 2002. 263f Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

[27] Bourdieu (1989) coloca que uma reconstrução de trajetória focaliza a relação entre os agentes singulares (e seus habitus) e o campo, no qual se objetiva a sua trajetória e sua obra. A trajetória é conceituada pelo autor da seguinte forma: "Diferentemente das biografias comuns, a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário, tendo ficado claro que é apenas na estrutura de um campo, isto é, repetindo, relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo etc" (BOURDIEU, 1989. p.71-72). Nesse sentido, reconstruiremos as sucessivas posições e tomadas de posição do escritor.

[28] Segundo Bourdieu, "É com relação aos estados correspondentes da estrutura do campo que se determinam em cada momento sentido e o valor social dos acontecimentos biográficos, entendidos como colocações e deslocamentos nesse espaço ou, mais precisamente, nos estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo, capital econômico e capital simbólico como capital específico de consagração" (1996a. p.296). E não se exclui pensar que os significados de vida também são inscritos no meio desse espaço social. Cf. Elias, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

acervo do escritor na Casa de Cultura Dalcídio Jurandir e na Fundação Casa Rui Barbosa. Faremos uso também de entrevistas e artigos escritos pelo autor para periódicos do Rio e do Pará, obtidos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, assim como de informações biográficas encontradas em livros sobre o escritor.

Essa dissertação é composta por: primeiro, segundo, terceiro e quarto capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos algumas coordenadas de localização social e política da família de Dalcídio Jurandir, no sentido de pontuar a desclassificação social que esta vinha sofrendo, assim como o ambiente cultural, e as possíveis experiências culturais que Dalcídio teve naquela pequena vila, bem como compreender como esta localização informou um determinado modo de perceber e apreender o mundo social. Nesse sentido, a ênfase recai sobre a trajetória do pai, suas múltiplas ocupações e relacionamentos amorosos, assim como se aprofunda em uma discussão racial sobre o ambiente familiar e modos de ocupação típica da Amazônia.

No segundo capítulo, trataremos de suas experiências na Belém do início do século XX, assim como seus anos de formação e o seu posterior desligamento dos estudos. Pontuaremos as penúrias materiais, a sua ligação com a família materna e a crise familiar resultante do divórcio dos pais. Também, trataremos das tentativas fracassadas do escritor adentrar o mundo intelectual, tanto em Belém quanto no Rio.

No terceiro capítulo, dissertaremos sobre as condições em que se deu o seu envolvimento intelectual com o regionalismo Amazônico e a forma como determinados aspectos poucos considerados em sua entrada no mundo literário e jornalístico ajudam na compreensão de seu projeto criador: como a mudança de representação da Amazônia e a forma como o marxismo, culturalismo, e os debates da Escola Nova entram nesta equação. Focalizando nessas chaves, apreendemos uma série de pistas capazes de matizar a posição do escritor nos debates de representação da Amazônia.

No quarto capítulo, daremos destaque à sua mudança para o Rio de Janeiro, sua recepção crítica, seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro e, como resultado, seus conflitos com críticos motivados por questões políticas. Abordaremos também o episódio da "guerra dos escritores" durante a disputa pela sucessão na nova diretoria da ABDE, na qual Dalcídio foi protagonista, além das circunstâncias que cercaram a publicação da maioria de seus romances. Este período é crucial para compreendermos a posição que Dalcídio ocupava no campo literário ao final de sua vida.

Críticos literários e formalistas sentiram falta, neste trabalho, da análise formal das obras do escritor, assim como da busca de um valor intrínseco ao seu Ciclo de romances. Este trabalho, por se filiar a uma linha de história social da cultura, não toma as obras em si, mas busca analisar o tecido social em que essas obras são produzidas. Nesse sentido, os romances só são retomados quando necessários para um entendimento das tomadas de posição do escritor. Quando isso é feito, é somente para deixar claro o tecido social próprio da representação que Dalcídio Jurandir objetiva em seu ciclo de romances. Mas não devemos nos deixar seduzir por imagens de fácil associação entre os produtos culturais e o seu contexto social. Pierre Bourdieu (1996b) alertou que para fazer uma sociologia singular das obras culturais e dimensionar e qualificar o tipo de articulação entre essa obra e o seu tecido social próprio no processo de criação artístico e literário, não devemos nos deixar seduzirmos às facilidades de uma abordagem com a pretensão de estabelecer uma relação direta e mecânica entre o plano simbólico das obras e o conjunto de demandas políticas e ideológicas de determinados grupos. Assim como não devemos ter a obra de arte como virtualmente independente de uma série de ingerências de ordem social, que de um modo ou de outro, interferem na fatura e economia dessas mesmas obras culturais[29]. Nesse sentido, usarei o pressuposto metodológico de que a literatura não é um reflexo direto da realidade social[30]. Antes, deve-se analisar o romance buscando o seu *princípio estruturante* e *organizador* [31] – ou nos termos de Pierre Bourdieu, sua "fórmula geradora"[32] – para depois dimensionar e qualificar o tipo de articulação que é feito entre um produto cultural e seu tecido social próprio.

O objeto desta dissertação é a trajetória social de Dalcídio Jurandir (1909-1979). Portanto, atentaremos para a forma como ocorre o envelhecimento social de Dalcídio Jurandir no campo literário brasileiro e, com isso, a reconstrução das sucessivas posições assumidas pelo escritor ao longo de sua trajetória. O foco recai nos aspectos da prática e das produções intelectuais de Dalcídio Jurandir que explicam o seu ostracismo literário no final da vida, a

[29] BOURDIEU, P. "Por uma ciência das obras". In: Razões práticas; sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996b: p. 53—73.
[30] Antônio Candido já ponderava que mesmo quando a intenção é mimética, a reprodução é sempre poética, ou seja, mesmo quando temos a intenção de copiar a realidade dentro dos romances nos modificamos a realidade. Ver: CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 9ª Ed. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul. 2006.
[31] Idem. p. 85.
[32] BOURDIEU, P. As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a. p.17-51.

saber: sua origem em uma região simbolicamente dominada e seu envolvimento na militância comunista. Buscou-se, nesse sentido, reconstruir a complexa trama de coordenadas históricas, sociais e biográficas que não apenas permitiram a inserção de Dalcídio no romance, mas também condicionaram as estratégias de sobrevivência literária por ele adotadas em um contexto de tensões políticas, a partir de 1940. As conclusões desta dissertação, portanto, abarcam tanto as formas como Dalcídio Jurandir construiu uma posição específica dentro do meio literário do Rio, apreendida à luz dos constrangimentos de um literato "provinciano em todos os sentidos", quanto os modos como essa carreira está entrelaçada com dilemas-chave para a compreensão da relação dos literatos com a vida política mais ampla dos anos 1940 e 1950.

Ainda que não seja meu objetivo realizar uma biografia de Dalcídio Jurandir, para se entender dilemas-chave que marcam sua trajetória como literato, é necessário lidar com uma série de coordenadas biográficas que iluminam sua vida como um todo. Nesse sentido, buscou-se construir este trabalho de modo que as ideias e a atuação de Jurandir não fossem desarticuladas de outros tipos de experiências sociais e familiares que desempenharam papéis decisivos na forma como o escritor percebeu e apreendeu o mundo social. Essas experiências mostram como ele plasmou e ressignificou sua origem social e intelectual, a ponto de colocar a mãe e suas experiências no meio popular como um aprendizado no limiar dos anos 1930. Ele irá fazer isso dentro de lógicas antagônicas, como o meio popular e o meio erudito, o ideal e a realidade e o rico e o pobre, o negro e o branco. A semântica dessa ressignificação diz respeito à sua origem social e às experiências associadas ela, como: um pai branco erudito e uma mãe negra, como representante da cultura popular, assim como suas experiências na Belém da Belle Époque do pós-queda da economia da borracha, sua socialização intelectual entre os literatos e artistas do modernismo paraense, e aos desdobramentos da cultura política no Brasil a partir dos anos 1930, que lhe renderam reveses simbólicos substanciais. Em uma mistura de preceitos do marxismo, da Escola Nova, e da mudança de representação da Amazônia feita por esses modernistas, o autor investe em estratégias que focalizam o solo social da região, mais especificamente, o aprendizado nesse meio. A construção de seu Ciclo do Extremo Norte, nos quais temos o aprendizado de um herói mestiço em íntimo contato com os problemas sociais da região, mostra uma representação especifica da Amazônia, como uma tentativa de desmitificação da região feita pela corrente naturalista que focalizava a natureza. Isso resulta na caracterização da região feita pelo escritor como "nem inferno, nem paraíso". Uma descida,

por meio do aprendizado, do ideal de natureza feito pela tradição naturalista à realidade social amazônica, que, na visão do escritor, é a cultura popular daqueles rincões. Eis a síntese do projeto criador de um escritor no purgatório.

2 Entre a "aristocracia de pé no chão" e a aristocracia de pé em tamancos

> *Fui menino de beira de rio*, do meio do campo, banhista de igarapé, passei a juventude nos subúrbios de Belém, *entre amigos nunca intelectuais,* nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente de estiva e das oficinas, das doces e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha d'agua dos meus beijus[33].
>
> Todo o meu romance, distribuído provavelmente em dez volumes, é feito, na maior parte, da gente mais comum, tão ninguém, que é a *criaturada grande* de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Fui menino de beira-rio, do meio do campo, banhista de igarapé. Passei a juventude no subúrbio de Belém, *entre amigos nunca intelectuais*, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente de estiva e das oficinas, das docas e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: São as minhas essências, as minhas virtualidades: Eu digo tão simplesmente é a farinha d'água dos meus beijus. Sou também de lá, sempre fiz questão de não arredar o pé de minha origem e para isso, ou melhor, para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão. *A esse pessoal miúdo* que *tento representar nos meus romances chamo de aristocracia de pé no chão.* Modéstia à parte, se me coube um pouco do dom de escrever, se não fiquei por lá, pescador, barqueiro, vendedor de açaí no Ver-o-Peso, o pequenino dom eu recebo como um privilégio, uma responsabilidade assumida, para servir aos meus *irmãos de igapó e barranca*[34].
>
> Fui *menino de beira-rio*, do meio do campo, banhista de igarapé. Passei a juventude no subúrbio de Belém, entre amigos nunca intelectuais, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente estiva e das oficinas, das docas e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha-d'água dos meus beijus. Sou também de lá, sempre fiz questão de não arredar pé da minha origem e para isto, ou melhor, para *enterrar o pé mais fundo*, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão[35].
>
> Mal ou bem, *venho mergulhado nesse barro* há mais de trinta anos, seu doutor. Todo o meu romance, distribuído em vários volumes, é feito, na maior parte, de gente mais comum, tão ninguém que é a minha criaturada de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Um Bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha d'água dos meus beijus"[36].

[33] JURANDIR, Dalcídio. Eneida entrevista Dalcídio. [Entrevista concedida a Eneida de Morais para o jornal Folha do Norte em 23/10/1960] Asas da Palavra, Belém, v.3, n.4, p. 32-33, jun, 1996[1960]. p.32. Ênfase nossa.

[34] JURANDIR, Dalcídio. Dalcídio Jurandir. O romance paraense. Criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Aristocracia de pé no chão. [Entrevista concedida a Eneida de Moraes]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.49-51, jun, 1996[1962]. p.50. Ênfase nossa.

[35] JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979]. p.29. Ênfase nossa.

[36] JURANDIR, Dalcídio. As 1001 gentes de Dalcídio Jurandir. [Entrevista concedida a João Cândido de Carvalho] A cigarra, São Paulo, Ano 56, n.2, p.100-101, Fev. 1970. p.101. Ênfase nossa.

O leitor, ao pôr os olhos nas poucas entrevistas acima do escritor Dalcídio Jurandir logo perceberá que elas têm a mesma estrutura narrativa e algumas até parecem cópias umas das outras. Tudo isso fica ainda mais intrigante quando descobrimos que o escritor tinha o costume de ler parte de suas falas na maioria dessas entrevistas[37]. O ato de ler revela uma tentativa de unificar a narrativa sobre sua origem social e sua socialização intelectual[38]. Por isso, escrever uma narrativa unificada para essas entrevistas foi algo extremamente consciente. Isso mostra não só a forma como ele queria ser visto pelos outros, mas também a importância dessas experiências sociais no Marajó, nos subúrbios de Belém e depois no interior da Amazônia.

Essa unificação de narrativa se acentua em entrevistas e artigos de jornais na década de 1960, quando o escritor já morava no Rio de Janeiro e tinha publicado a maioria de seus romances como: *Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três Casas e um Rio (1958)* e *Belém do Grão Pará (1960)*. Mas como veremos mais a frente, já demostrava indícios do que se tornaria essa narrativa ainda no início da década de 1930.

Tudo nesta estrutura narrativa valoriza uma origem social e uma socialização no meio das classes populares do Pará: o "menino de beira de rio", "do meio do campo", a juventude nos subúrbios de Belém e o clubinho de "gente de estiva e das oficinas" e de operários. E demarca bem essa origem social e essa socialização entre "amigos nunca intelectuais", numa clara contraposição ao mundo erudito. A própria recusa em explicar a interligação dessa origem social/socialização intelectual com a sua obra romanesca por meio do código social de "um bom intelectual de cátedra alta", como a substituição de palavras como "essência" e

---

[37] Ele faz isto nas entrevistas dada a Haroldo maranhão, Anderson Torres e Pedro Galvão, assim como nas duas dada à Eneida de Moraes. Ver JURANDIR, Dalcídio. Eneida entrevista Dalcídio. [Entrevista concedida a Eneida de Morais para o jornal Folha do Norte em 23/10/1960] Asas da Palavra, Belém, v.3, n.4, p. 32-33, jun, 1996[1960]. _____. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979]. _____. Dalcídio Jurandir. O romance paraense. Criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Aristocracia de pé no chão. [Entrevista concedida a Eneida de Moraes]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.49-51, jun, 1996[1962]. _____. As 1001 gentes de Dalcídio Jurandir. [Entrevista concedida a João Cândido de Carvalho] A cigarra, São Paulo, Ano 56, n.2, p.100-101, Fev. 1970.

[38] Essa unificação revela, o efeito da ilusão biográfica operada pelo escritor sobre sua trajetória, dando a visão de "destinado", desde o seu nascimento, a representar esses meios populares, quando o que temos são os caminhos possíveis abertos na dinâmica do próprio campo de produção cultural. Ou nos termos de Bourdieu: A "[...] ilusão da constância nominal [que] consiste em ignorar que o valor social de posições nominalmente inalterada pode diferir nos diferentes momentos da história própria do campo. É com relação aos estados correspondentes da estrutura do campo que se determinam em cada momento. O sentido e o valor social dos acontecimentos biográficos, entendidos como colocações e deslocamentos nesse espaço ou, mais precisamente, nos estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo, capital econômico e capital simbólico como capital específico de consagração." BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.292.

"virtualidades" por "farinha d'água dos meus beijus"[39], desvela uma construção de sua origem social e socialização em contraposição a idealidade e simbologia das formas artísticas e intelectuais. Ao mesmo tempo, isso remete a uma atualização regional de tais proposições, uma vez que a farinha d'água e os beijus são comidas típicas da Amazônia.

Estes trechos de entrevistas mostram bem como Dalcídio Jurandir constrói para si uma origem social nos meios populares da Amazônia, que ele chama de "aristocracia de pé no chão". E ele faz isso, no entanto, no bojo de uma família branca decadente, por parte de pai e de uma mãe negra e neta de ex-escravos. A forma como mobiliza a origem social da mãe em suas entrevistas é significativa porque mostra como, essa construção sobre sua origem e socialização, será parte importante do seu projeto criador como romancista. A origem social do pai, poucas vezes acionado em suas entrevistas, é negada e apagada de suas narrativas, e a origem social da mãe é colocada, desde o início, como a grande encabeçadora de toda uma imagem de origem "simples" dos meios populares. E essa forma de se construir irá aparecer em seus romances com um aprendizado do personagem Alfredo em contato direto com o solo social e cultural amazônico: o meio popular, a "aristocracia de pé no chão".

2.1 A origem familiar paterna

Em um Blog chamado "Arary"[40] de José Varela Pereira, um sobrinho de Dalcídio Jurandir, encontramos uma narrativa sobre a história familiar do pai do escritor.

> O editor da gazetilha "O Arary" era filho de Raimundo Pereira, voluntário da Pátria, levado na tropa do Pará para a guerra do Paraguai. Na história oral da família consta que o patriarca voltou da guerra trazendo como troféu a pequena imagem de Santa Rita de Cássia, achada no terreno de batalha e a tuberculose que deu cabo a seus dias. Portanto, o soldado Raimundo era bisavô do repórter do fim do mundo que vos fala[41].

[39] Aqui a analogia é que a farinha d'água, elemento regional, é tida como a matéria principal para fazer beijus – variação regional da tapioca, feita a base de farinha d'água–, a sua produção literária. É um alimento bem comum entre as classes mais pobres da Amazônia.

[40] Segundo Varela, o seu Blog chamado "Arary" era "em memória da gazetilha que 'circulou na cidade de Cachoeira do Arari (ilha de Marajó, Estado do Pará) no biênio 1906 / 1907. Fôlha pequena, a 3 colunas. Redigido por Alfredo N. Pereira.' (cf. Carlos Rocque, "Grande Enciclopédia da Amazônia")". Não achamos tal texto, portanto não conseguimos checar a referência bibliográfica dentro desta citação, mas podemos dizer que, certamente, o pai de Dalcídio era um tipografo e uma espécie de jornalista na pequena vila de Cachoeira do Arari no Marajó. Temos referencias de que um pequeno jornal realmente existiu e seu nome era "A gazetinha: órgão político e noticioso". Mas retornaremos a isto mais na frente.

[41] Pereira, J, V. Um certo capitão Alfredo. O Arary. 2008..

Nesse sentido, o avô de Dalcídio por parte do pai era militar. Sabemos, por outras fontes, que o avô do escritor tinha origem portuguesa e chegou a ser condecorado por Dom Pedro II com a medalha *Cavaleiro da Ordem da Rosa*[42], justamente por ser voluntário da pátria pelo Pará na Guerra do Paraguai[43].

Também podemos perceber que, apesar de ser de origem portuguesa, a família não era rica, nem tampouco pobre, mas tinha boas relações com a elite regional. Farias (2018) fez um trabalho sobre a trajetória de Dalcídio Jurandir com ênfase na sua atuação na temática da educação. Ao reconstruir a origem familiar do escritor, Farias encontra possíveis antepassados da família Pereira. Segundo o autor, a família do romancista por parte de pai, é "caracterizada por sua relevância no latifúndio branco, de descendência estrangeira, principalmente dos portugueses no Grão-Pará radicados na Ilha do Marajó"[44]. Como mostra dessa possível descendência, o autor traça a origem dos Pereiras que foram beneficiados pelo aviso de 2 de agosto de 1758 do Marquês de Pombal. Nesse aviso, nomeavam-se novos donos as fazendas dos jesuítas e destituíam-se os frades de sua posse, acusados de não terem os títulos das terras. Na redistribuição, três Pereira foram contemplados: Manoel Joaquim Pereira de Sousa Feio (dono da Fazenda Ananatuba, no lago Arari); Domingues Pereira Moraes (dono da Fazenda São Francisco Xavier, no rio Pororoca) e Francisco Pereira Almeida e Silva (dono da Fazenda Rosário, no rio Pororoca)[45]. Após os dois anos da redistribuição houve uma nova por conta da não prosperidade de algumas fazendas. Os critérios eram os seguintes:

> Em primeiro lugar, pelos oficiais militares e pessoas casadas, vindas do Reino e estabelecidas no Pará; em segundo lugar, pelos oficiais brasileiros e casados; em terceira opção eram merecedoras de terras as pessoas distintas, casadas, residentes no estado que não possuíam bens de raiz competentes[46].

Devido ao histórico militar da família, o autor cogita que talvez a família paterna do escritor possa ter sido contemplada com terras nesse período, haja vista o avô do romancista,

---

[42] NUNES, B Et. al. (Orgs.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. Belém: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006. p.22.
[43] FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. Dalcídio Jurandir e a educação: de letrado provinciano a intelectual nacional. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. P.23.
[44] Idem, Ibid. p.22.
[45] FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. Dalcídio Jurandir e a educação: de letrado... 2018. p.22.
[46] Idem, Ibidem. p.23.

Raimundo Pereira, era um militar que lutou na guerra do Paraguai[47]. Portanto, Alfredo Pereira, pai de Dalcídio, era,

> [...] Descendente de português dos açores, tinha consideráveis influências familiares, a começar pelo pai, militar combatente na batalha Paraguaia e o sargento-mor Domingos Pereira de Moraes, Pereira comtemplado com a *Fazenda São Francisco,* desapropriada da missão dos jesuítas [48].

Alfredo Pereira, pai de Dalcídio, nasceu na vila de Benfica (atual distrito do município de Benevides-PA, na área metropolitana de Belém), em 1859. Depois da morte do pai, ficou sendo o chefe da família e depositário da imagem paraguaia de Santa Rita de Cássia. O jovem iniciou o curso de Direito na faculdade de Direito em Belém, mas diante das circunstâncias econômicas trancou a matrícula, e foi atrás de emprego. A procura por emprego antes do término do curso de Direito, demonstra problemas de ordem financeira[49]. A possibilidade do pai de Dalcídio estudar em Belém revela que a família ainda conseguia bancá-lo na capital, mas a interrupção dos estudos por questões materiais expõe a situação de desclassificação social após a morte do pai.

Depois de largar a faculdade, consegue um emprego na vila de Ponta de Pedras, onde foi nomeado ao cargo de Promotor na Comarca de Cachoeira do Arari aos 18 anos de idade, em 1877[50]. Em 1880, foi nomeado Subdelegado de Polícia em Ponta de Pedras, onde ficou mais três anos. Depois, pediu emprego público ao Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes, um militar influente junto ao governo do Estado, no partido republicano, onde fora nomeado professor do primário em Ponta de Pedra e depois em Muaná. Posteriormente, voltou ao cargo de Promotor na Comarca de Cachoeira do Arari, em 1888. Com a ascensão de Duarte Pinto ao posto de governador do estado, foi nomeado a Capitão Quartel Mestre do Comando Superior da Guarda

---

[47] Soares confirma o aparecimento da família Pereira na distribuição de terras em 1758 (2010. p.44). A autora, ao discorrer sobre as relações sociais e status, afirma o grau de status social dessa família, eles são um dos sobrenomes disputados na relação de "compadrio" (idem.p.166). Relações sociais que eram muito além das ligações sanguíneas. Eram baseadas na horizontalidade de classe geralmente, mas também era utilizada para manutenção de status, ou para assumir filhos ilegítimos. Geralmente, o compadre assumia o sobrenome do padrinho, demonstrando sua filiação ao "pai espiritual". Rendendo-lhes relações sociais com pessoas influentes. Ver Soares, Eliane Cristina Lopes. Família, compadrio e relações de poder no Marajó (séculos XVIII e XIX). 2010. 204 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

[48] FARIAS, Op. cit.: 22.

[49] Informações retiradas de PEREIRA, J, V. Um certo capitão Alfredo....2008. FARIAS, 2018. p.24.

[50] Aqui não se sabe se ele foi nomeado com ou sem diploma. O certo é que a sua rede de relações era eficiente.

Nacional em Ponta de Pedras, em 1891[51]. Provavelmente a conexão da família Pereira e Duarte Pinto se deu pelo pai de Alfredo, devido às suas atividades militares.

Com o auge da Borracha e o início da primeira república, encerra suas atividades em Cachoeira do Arari e é nomeado escriturário da Seção de Demografia da Junta de Higiene em Belém, em 1896. Permaneceu neste cargo por cinco anos, quando, por razões desconhecidas, consegue o cargo de Secretário Efetivo da Intendência Municipal de Cachoeira do Arari. E nessa vila, aos poucos, foi se estabelecendo como advogado municipal, a partir de 1903[52].

Ainda segundo Farias,

> [...] esses novos locais habitados, o exercício de diferentes funções, bem como as novas formações familiares assumidas por Alfredo Nascimento Pereira são atravessadas por consideráveis transformações, políticas, econômicas que o Brasil e em particular a Amazônia passou. Tanto as sucessivas mudanças geográficas quanto suas novas posições e condições trabalhistas e familiares são resultantes, em grande medida, da nova conjuntura advinda da queda do regime monárquico e instauração do governo republicano[53].

Ainda segundo o autor, com a instauração da república, os portugueses presentes na Ilha do Marajó perderam parte de seus privilégios que vinham desde o Brasil colônia, como o acesso quase exclusivo a terra. E essa elite regional seguiu a tendência nacional, ao verem na mão de obra indígena e negra uma inadequação para uma república. Com a abolição, os incentivos aos imigrantes foram fomentados[54].

Com o fim do Império e o início do período conturbado da Primeira República, Alfredo começa a sentir os impactos das mudanças políticas que depuseram Duarte Pinto em favor de Lauro Sodré no governo do Pará. Mas logo consegue outro emprego com a ascensão de Antônio Lemos à Intendência de Belém no auge da exploração da seringueira na região. Essa aproximação se mostra vantajosa, pois esse personagem tinha a fama de favorecer parentes, amigos e aliados com cargos e outras vantagens econômicas[55], e isso possivelmente lhe rendeu o emprego na Seção de Demografia da Junta de Higiene em Belém, em 1896.

---

[51] Informações retiradas de PEREIRA, J, V. Um certo capitão Alfredo....2008. FARIAS, 2018. p.24.
[52] Informações biográficas tiradas de Farias (2018. p.24).
[53] Farias, Op. cit. p.26.
[54] Idem, Ibidem.
[55] Cf. SARGES, Maria de Nazaré, Antônio Lemos e a imprensa: as representações visuais e escritas sobre sua atuação política (1908-1912), História e Parcerias, v. 18, n. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias, 2018; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro, Capoeira, boi-bumbá e política no Pará republicano (1889-1906), Afro-Ásia, n. 32, 2005.

No plano político desse período, a maioria dos membros do Partido Republicano do Pará apoiaram a instauração da República, mas logo começou a surgir alianças, cisões, disputas e tensões no âmbito regional. Os personagens Antônio Lemos e Justo Chermont (também do Partido Republicano Paraense) começaram a se opor ao apoio do presidente do partido, o militar Lauro Sodré, ao presidente da República Prudente de Moraes, que tinha rompido com seu vice, o General Francisco Glicério— ocorrendo uma crise tanto interna ao Partido Republicano do Pará quanto com o Partido Republicano Nacional, que se traduziu em uma relação dramática e contraditória entre o governo estadual e o federal durante os anos de decadência da borracha[56]. Com as disputas, Antônio Lemos torna-se Intendente de Belém numa época em que o comercio da borracha estava entrando em seu período áureo. Já Lauro Sodré, por sua maior influência em nível nacional, ficou com o governo do Estado do Pará[57]. Porém, no fim da primeira década do século XX, a economia da borracha mostra indícios de declínio e começava a perder o monopólio de produção para as plantações da Inglaterra na Malásia, Ceilão e África Tropical[58]. Com a decadência, chegou o fim do governo de Antônio Lemos, o que abala o poderio da segunda maior economia do Brasil naquele período, perdendo apenas para os cafeicultores de São Paulo[59].

No entanto, devemos matizar os efeitos do declínio da economia da borracha na família de Alfredo, uma vez que eram ligados ao latifúndio e ao militarismo, e consequentemente, aos cargos públicos. Nesse sentido, as mudanças políticas foram sentidas mais diretamente pelo núcleo familiar de Alfredo e Margarida Ramos. A derrocada política de seus apoiadores, como Duarte Pinto, e as oportunidades surgidas para as camadas médias com a ascensão de Antônio Lemos à Intendência de Belém, assim como as disputas pelo poder político entre "lauristas" e "lemistas" durante a folia do látex, lhe rendeu perda de capital social. Isso se confirma, pois o pai de Dalcídio, uma década antes da quebra das finanças da região, sai do emprego na Junta de Higiene em Belém, provavelmente mais rentável, e vai para Cachoeira do Arari, onde se tornou Secretario da Intendência Municipal. A volta para uma cidade em Marajó, revela a perda

[56] WEINSTEIN, Barbara, A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920), São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1993.
[57] Cf. CUNHA, Marly Solange Carvalho da, "Matutos" ou astutos? Oligarquia e coronelismo no Pará republicano (1897-1909), Dissertação (Mestrado), "Matutos" ou Astutos? Oligarquia e coronelismo no Pará Republicano – 1897-1909, Belém, 2008.
[58] WEINSTEIN, A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920), p. 26–29.
[59] *Ibid*.

de seu capital financeiro e social, visto que a família era apoiadora do intendente Antônio Lemos, símbolo político deposto junto com a hegemonia do principal produto da economia regional, em 1912[60]. Possivelmente, devido às constantes brigas políticas entre "lauristas" e "lemistas", Alfredo decide assumir um cargo menos valorizado justamente para fugir da instabilidade política que acomete os cargos mais altos da esfera burocrática, muito por conta de estarem próximos ao centro do poder e consequentemente mais vulneráveis às mudanças no equilíbrio de forças dentro da elite regional.

Com o declínio econômico da região, a família de Dalcídio sentiu relativo impacto também com a crise política, com a retirada de Duarte Pinto e Antônio Lemos da cena política regional. Quanto a queda deste, o impacto foi amortecido com a própria retirada de Alfredo dos cargos altos da elite burocrática e indo para um emprego onde estava relativamente protegido dos ditames políticos da elite regional[61].

No entanto, isso não quer dizer que a crise econômica não tenha atingido diretamente parte da família Pereira. Um exemplo distante, mas familiar, é o de Francisco Perez Varella, avô materno de José Varella Pereira, sobrinho de Dalcídio. Segundo Farias, este personagem era,

> [...] Franciscano, um camponês da galícia, imigrante do Pará, era um comerciante mediano da borracha, dono de um memorável igaraté e construtor do barco San Thiago, o que não amenizou sofrer com a quebra econômica sentida também por outros comerciantes de Ponta de Pedras, Muaná e, de certa forma, os comerciantes de cachoeira [62].

---

[60] Acrescenta-se a tal afirmação, as análises de Weinstein (1993) coloca a economia ligada a pecuária no Marajó era mais forte e consolidada que a extração da borracha. Como uma economia sólida, apesar do pequeno crescimento durante o período áureo da exploração da borracha, o efeito da derrocada da economia da borracha foi amortecido para essa classe de criadores de gado, devido a sua consolidação vinda desde o Brasil colônia. Apesar de comercializarem uma borracha de qualidade inferior ao do estado do Acre, o local tinha expressiva extração. E o sujeito mais decadente de todo esse processo no Marajó foram os comerciantes e os sujeitos "destribalizados" durante ciclo dessa economia extrativista: os "caboclos". Ver: ARAÚJO, L. M. de; PACHECO, A. S. Nas margens da Belle Époque amazônica: patrimônio e relações de poder nos Marajós. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, [S. l.], v. 3, n. 2, 2015. WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia...p.292-293. BATISTA, Luciana Marinho. Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquia no Grão-Pará, c. 1850 – c. 1870. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

[61] Isso não quer dizer que a política estava fora da ossada de seu cargo como Secretario da Intendência Municipal, uma vez que o cargo de Intendente e a pessoa que o exercia, era participante ativo nas disputas entre "lauristas" e "lemistas". Mas, certamente, o secretário tinha maior liberdade para ficar do lado de diferentes correntes políticas ou até ser neutro, muito por conta da natureza de seu cargo. Para uma visão dessa disputa nos interiores e como eles sustentaram a base de apoio de Antônio Lemos, ver: CUNHA, "Matutos" ou astutos?..

[62] Farias, Op. Cit. p.28-29.

Os altos e baixos na carreira profissional e pessoal de Alfredo Pereira estiveram sensivelmente ligados aos ditames do equilíbrio instável das mudanças do regime imperial no Brasil e as disputas políticas pelo controle do Estado entre as oligarquias paraense na primeira república. Essas mudanças pareciam atingir de forma dramática sujeitos privilegiados no Brasil império na Ilha do Marajó, a exemplo dos Pereiras, tinham acesso à terra e a cargos públicos. No entanto, seus efeitos eram mais sentidos em núcleos familiares como o da família de Dalcídio, onde o processo de desclassificação social após a morte do pai de Alfredo, acentuado pelas mudanças políticas e econômicas no Pará, os relegou aos estratos médios da sociedade marajoara. Grupos que, nessas circunstâncias, depositavam nas lealdades e nos serviços prestados às oligarquias muitas de suas esperanças de mobilidade e ascensão social.

2.2 Educação e região no seio familiar

No entanto, é preciso caracterizar o pai e a mãe de Dalcídio para que possamos entender as experiências presentes em seu núcleo familiar e como essas disposições cultivadas informam determinado modo de enxergar e se portar no mundo social.

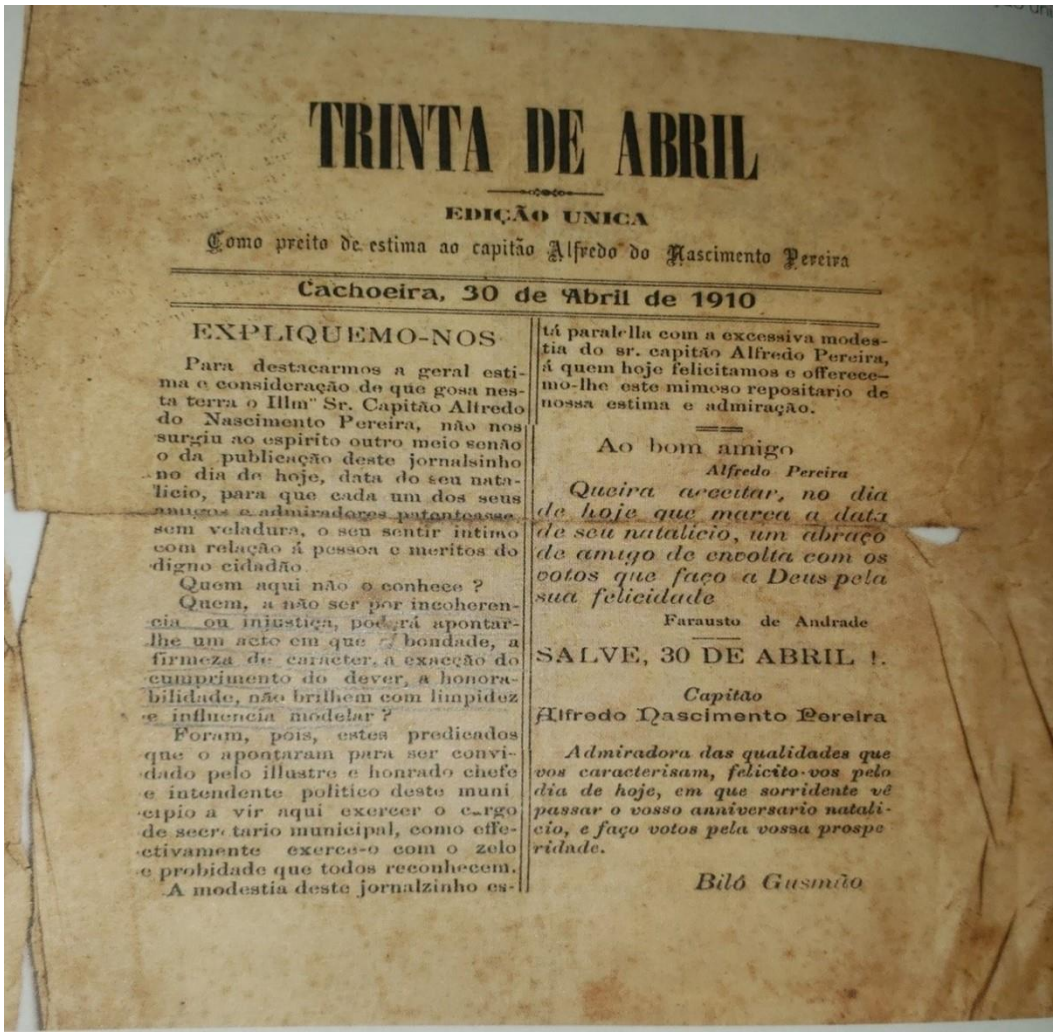
O pai de Dalcídio, Alfredo Nascimento era um

> Homem benquisto, grande leitor e estudioso. Era observado com curiosidade pelos filhos tidos com Dona Margarida [mãe de Dalcídio], que brincavam com sua velha farda da Guarda Nacional e que o viam falar francês, ir de terno, gravata e tamancos para a prefeitura [63].

Como atestam muitas das suas atividades no jornalismo, tipografia, advocacia, funcionalismo público e como professor, podemos perceber que o pai de Dalcídio era um erudito. Na vila de Cachoeira, o então capitão da guarda nacional, secretário da intendência e rábula era conhecido e "benquisto" por sua "bondade", "firmeza de caráter", "exacção do cumprimento do dever" e "honorabilidade", como atesta uma homenagem de amigos e familiares em uma publicação de edição única na pequena Vila de Cachoeira, em 1910:

[63] NUNES, Et. Al., Op. cit. p.26.

Imagem 1 - Homenagem à Alfredo Nascimento



TRINTA DE ABRIL

EDIÇÃO UNICA

Como preito de estima ao capitão Alfredo do Nascimento Pereira

Cachoeira, 30 de Abril de 1910

EXPLIQUEMO-NOS

Para destacarmos a geral estima e consideração de que gosa nesta terra o Illm° Sr. Capitão Alfredo do Nascimento Pereira, não nos surgiu ao espirito outro meio senão o da publicação deste jornalsinho no dia de hoje, data do seu natalicio, para que cada um dos seus amigos e admiradores patenteasse sem veladura, o seu sentir intimo com relação á pessoa e meritos do digno cidadão.

Quem aqui não o conhece ?

Quem, a não ser por incoherencia ou injustiça, poderá apontar-lhe um acto em que a bondade, a firmeza de caracter, a exacção do cumprimento do dever, a honorabilidade, não brilhem com limpidez e influencia modelar ?

Foram, pois, estes predicados que o apontaram para ser convidado pelo illustre e honrado chefe e intendente politico deste municipio a vir aqui exercer o cargo de secretario municipal, como effectivamente exerce-o com o zelo e probidade que todos reconhecem.

A modestia deste jornalzinho está parallella com a excessiva modestia do sr. capitão Alfredo Pereira, á quem hoje felicitamos e offerecemo-lhe este mimoso repositario de nossa estima e admiração.

Ao bom amigo
Alfredo Pereira

Queira acceitar, no dia de hoje que marca a data de seu natalicio, um abraço de amigo de envolta com os votos que faço a Deus pela sua felicidade

Farausto de Andrade

SALVE, 30 DE ABRIL !.

Capitão
Alfredo Nascimento Pereira

Admiradora das qualidades que vos caracterisam, felicito-vos pelo dia de hoje, em que sorridente vê passar o vosso anniversario natalicio, e faço votos pela vossa prosperidade.

Biló Gusmão

Fonte: Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. p.24.

Apesar do bom senso falar que a publicação está superestimando o pai do escritor, é preciso se atentar para a forma como é feito isto. Dalcídio mesmo o via como um "homem de bem", como revela na carta a seguir, escrita por ocasião da morte do pai, em 1948.

> Lodica e Sofia[64],
> Ritacínio me escreveu sobre a morte do papai e sobre tudo. Sua vida deve servir como exemplo de homem de bem. Devemos conservar sua memória, seus livros, sua correspondência. Não deixe que saia daí uma carta, um papel, um livro. Conserve a sala e as estantes como está. Não permita que estranhos entrem para tirar livros, papel etc.[65].

[64] Lodica e Sofia eram irmãs de Dalcídio por parte de pai, vinda da primeira união de Alfredo com uma índia tapuia.

[65] JURANDIR, Dalcídio. [correspondência]. Destinatário: Lodica e Sofia. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1948 Apud: NUNES Et. Al. (Orgs.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia....2006. p.51

A descrição do caráter do pai e a preocupação com os livros, cartas etc., do mesmo, revelam uma pessoa preocupada com a leitura e a "firmeza de caráter". Aliada a essa carta, a edição única do jornal em comemoração ao seu aniversário confirma a imagem do pai de Dalcídio Jurandir como um homem moralmente correto e erudito naquela vila.

Quanto as atividades de Alfredo Pereira no jornalismo, embora encontremos somente um exemplar de um jornal que ele editava, como ele era tipografo, provavelmente ele tenha editado e contribuído para mais jornais. O nome do periódico encontrado é *A gazetinha: Órgão político e noticioso*[66]. Nessa página encontrada, o capitão trata de um dos problemas sociais muito comuns no Brasil no século XX: a falta de escolaridade das crianças na pequena Vila de Cachoeira do Arari. O texto aponta um "estímulo" no povoado em torno da alfabetização das crianças e elogia os "poderes públicos" por esse suposto interesse na educação na pequena vila, o que revela parte de sua ligação com a elite regional. O texto começa com o caso de um natural de Cachoeira do Arari que foi fazer o exame de ingresso na Escola de Aprendizes de Marinheiros e foi reprovado por não saber as "letras do alfabeto". A recusa de inclusão do garoto na escola foi tida pelo pai de Dalcídio como um gesto "louvável e patriótico" pois se todos fizessem igual ao avaliador, o analfabetismo teria sido "restringido". O caso é associado imediatamente a questões econômicas, morais e intelectuais que uma alfabetização escolar pode melhorar.

> Já em edição passada deste periódico, nos ocupamos, censurando, do desamor de inqualificável manifesto por parte daqueles que a quem mais assiste a magna obrigatoriedade de pugnar pela realização de ser instruída a infância. É certo que essa obrigatoriedade é dada aos pais e demais responsáveis, que preferem ver diariamente os filhos e apaniguados a jogarem o botão, a disputarem a teca e a percorrerem as ruas como vendilhões sujos e maltrapilhos, em manifesta infração moral da higiene e também dos interesses econômicos do município, do que fazê-los frequentar uma escola que, graças aos poderes públicos, temos a porta de casa.
> A instrução pública é a causa do povo porque "só ela", disse Antônio da Costa, grave escritor lusitano, "é que pode aperfeiçoar a saúde, a moralidade e o trabalho dos seus filhos a quem lhes permitirá criarem propriedades, fundarem famílias, envelhecerem no remanso da paz e morrerem nos braços da felicidade"[67].

Portanto, a culpa recaí sobre pais e responsáveis, uma vez que o poder público disponibilizava a alfabetização das crianças naquela vila. Duas coisas chamam a atenção nesse

[66] Como citado no início deste Capítulo, o sobrinho de Dalcídio, José Varella, menciona um outro jornal chamado *O Arary*. Ver Pereira, J, V. Um certo capitão Alfredo.. 2008.
[67] PEREIRA, Alfredo. Foi um estímulo. A gazetinha. Marajó. ano. II, n.41, 20 de Junho de 1922. In: NUNES Et. Al. (Orgs,), 2006. p.26.

trecho da reportagem. A primeira é a presença da problemática do aprendizado escolar no texto do pai de Dalcídio. A segunda é uma certa visão de que a educação iria acabar com problemas de saúde, melhorar as condições de higiene, apaziguar a pobreza pois a "instrucção pública" permitiria o emprego futuro, assim como a criação de propriedade e de constituição de famílias, e envelhecer na "paz" e morrer nos "braços da felicidade". Elevaria assim, as capacidades físicas, morais e intelectuais e atenderia aos "interesses econômicos" do município. Mas percebemos também uma contraposição dessa educação por ele apregoada e o ambiente social e cultural a sua volta, pois defende que no lugar dos meninos estarem na rua como "vendilhões sujos e maltrapilhos", seria preferível irem para a escola. Essas crianças que ficavam na rua e não na escola são associadas à questão da falta de higiene. O ponto central que subjaz a esse argumento é o elemento cultural da região, pois, devido aos costumes regionais, determinadas doenças seriam propícias aquele meio.

Muito associada à visão higienista da época, temos aí uma imagem muito comum no início do século XX, que associava a falta de escolaridade e os costumes sociais da região com as doenças locais. Nesse período, a ideia de progresso, modernização e civilização dominava a intelectualidade em nível nacional — engenheiros, médicos e literatos —, tanto que os esforços para modernizar a jovem e atrasada nação brasileira a partir de seu interior eram encampados em várias frentes: econômica, política e cultura[68]. Para vencer este atraso, era preciso estancar a mortalidade infantil no Brasil, que contava com uma alarmante taxa de mortalidade infantil causada principalmente por doenças como malária, tuberculose etc.[69]. Portanto, com essa problemática, o Brasil perdia seus cidadãos e atrasava a modernização. Então, seria preciso uma solução, e as políticas higienistas focalizaram nisso.

> A criança era o foco principal para o estabelecimento dessa nova sociedade, e as políticas públicas começam a ser pensadas para ela. As práticas utilizadas no interior das casas de asilos para crianças tinham um objetivo: transformar a criança pobre, desvalida e órfã em um cidadão útil para a sociedade, principalmente em termos econômicos[70].

[68] NASCIMENTO, J. L. Euclides da Cunha e a estética do cientificismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. MAIA, J. E. M. A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.
[69] PRIORE, Mary Del. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.
[70] ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A política higienista no Pará da belle époque e a proteção à infância pobre em 1912. In: (orgs.) ESTACIO, Marcos André., F; NICIDA, Lucia, Regina. História e educação na Amazônia. Manaus: EDUA; UEA Edições, 2016. p.503.

Portanto, era preciso transformar as crianças em cidadãos úteis para a sociedade em termos econômicos. No Pará, essa ideia foi encampada por vários personagens, dentre eles o médico pediatra Ophir Pinto de Loyola. Em 1912, o médico criou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Pará (Ipai). Loyola realizou várias pesquisas sobre as doenças tropicais que atingiam as crianças da região amazônica. No seu entendimento, as crianças da Amazônia "viviam sem o menor preceito de higiene e com hábitos culturais que prejudicavam o seu desenvolvimento físico e psicológico"[71]. A mesma visão aparece no trecho escrito pelo pai de Dalcídio. Portanto, uma visão de educação marcada pela ideia de vencer o atraso regional. Essas ideias eram bem comuns nas políticas higienistas da Amazônia do início do século XX, como mostra Alves:

> No caso da história social das crianças desvalidas no Pará, como a criação do Ipai resulta de uma política social e educacional, pauta no progresso e nas ideias de civilização e modernidade. Para essa nova sociedade, que tenta superar a ideia de que a Amazônia é terra de índio e que estava à margem da história, como dizia Euclides da Cunha, era preciso transformar as crianças em cidadãos úteis para o desenvolvimento da nação[72].

No entanto, essas ideias ganharam contornos especificamente regionais na Amazônia. Baseadas nas visões encampadas por viajantes, literatos, cronistas e naturalistas, que pintaram a região amazônica enfatizando a natureza exuberante ora como "inferno verde" ora como "paraíso perdido", os cientistas redescobriram a Amazônia no início do século XX. Carlos Chagas e Oswaldo Cruz são alguns deles, que, com seus trabalhos científicos, reificaram esse imaginário sobre a região amazônica[73]. Com o conhecimento médico sobre a saúde/doença e um imaginário social sobre a região, esses dois cientistas repaginaram tal visão. Nela reaparecem as definições das paisagens como monótonas, o mito do "caboclo indolente" e degenerado físico, intelectual e moralmente, assim como o abandono daqueles rincões, homogeneizando a realidade complexa da região. Nesse sentido, essas ideias estavam ligadas

---

[71] Idem, Ibidem.
[72] Ide., Ibid. p.511.
[73] Sobre as missões cientificas do Instituto Oswaldo Cruz à Amazônia ver SCHWEICKARDT, J. C.; LIMA, N. T.. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 14, p. 15–50, dez. 2007. Sobre a interligação entre educação e doença nesse período, ver Alves (2016). Sobre as políticas higienistas da belle époque amazônica ver MIRANDA, C. S. et al.. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 22, n. 2, p. 525–540, abr. 2015. SCHWEICKARDT, J. C.. Alfredo da Matta: um sanitarista na Belle Époque amazônica. In: Élide Rugai Bastos; Renan Freitas Pinto. (Org.). Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2007, v. 1, p. 129-155.

ao repertório cultural que se tinha sobre a ideia da região[74]. Portanto, estas viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz, reinventam o Brasil e a Amazônia pelo prisma da ciência moderna, encontrando nas doenças como a malária a explicação para a condição de atraso que o interior apresentava.

Então, não é sem sentido que Alfredo visse a educação como uma forma de vencer o atraso regional. Portanto, o pai de Dalcídio estaria envolto em uma questão cara a todo pensamento social sobre a região, a possibilidade de modernização daqueles rincões. É possível que essa visão sobre a educação tenha vindo da ocupação de Alfredo Nascimento na posição de escriturário da Seção de Demografia da Junta de Higiene em Belém, em 1896— cidade então tida como centro da implementação da política higienista devido à modernização da cidade[75]—, e das múltiplas ocupações como professor no Marajó. É justamente contra essa visão de educação que o escritor Dalcídio Jurandir vai encampar uma forma de aprendizagem na Amazônia ao escrever o seu Ciclo do Extremo Norte. O romancista ainda vai ter a educação como uma forma de desenvolver a região, mas com base em uma educação diferente. Nessa representação, a cultura não é a causa das doenças, mas sim o sistema econômico de exploração da região[76]. Quase como uma negação desse universo letrado que constitui o universo social do pai, empreende em seus romances e na construção de si em entrevistas e artigos de jornal um outro tipo de aprendizado, intimamente ligado as origens sociais da mãe.

2.3 Das uniões não convencionais do pai

O pai de Dalcídio teve várias companheiras ao longo da vida e, consequentemente, vários filhos dessas uniões. A primeira esposa era uma indígena tapuia[77] que conheceu na escola

[74] SCHWEICKARDT; LIMA, Op. cit. p.39.
[75] MIRANDA, C. S. et al.. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 22, n. 2, p. 525–540, abr. 2015.
[76] Essa proposição ficará mais clara à frente.
[77] Índios já "destribalizados" naquele momento. Eram considerados assim porque vieram de aldeias. Viviam próximos ou em meio a floresta. É uma classificação construída por meio do processo de sequestro e escravidão de indígenas por diretórios e aldeamentos, principalmente religiosos durante o processo de colonização da Amazônia. O termo tupi tapuio/a significa "o que foge de casa". O termo é usado como sinônimo de Caboclo, que em tupi significa "tirado ou precedente do mato". Os dois termos têm fortes conotações negativas que remete o local de incivilizado na escala social: vem da floresta. Além disso, o termo é relacional, isto ficara mais claro a frente. Sobre o termo, ver: SAMPAIO, Teodoro. O Tupi na geografia nacional. 5° Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Nacional/INL, 1987. p.47;152; 324. LIMA, Deborah Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. Novos Cadernos NAEA, [S.l.], v. 2, n. 2, mar. 2009.

onde lecionava em Ponta de Pedras, no Marajó. Seu nome era Antônia da Silva. A indígena morreu ainda no parto, mas conseguiu dar à luz a Rodolpho Antônio Pereira e seu irmão gêmeo natimorto. Rodolfo era o pai de José Varella Pereira, sobrinho de Dalcídio. Dessa relação, Alfredo teve 6 filhos[78].

Com a morte de Antônia, o capitão fica viúvo e casa-se novamente, agora com uma mulher negra chamada Margarida Ramos[79]. Das poucas informações que se tem sobre a sua origem, era filha de Vivência da Conceição e do ex-escravo Florentino Ramos. Margarida era parteira da vila de Cachoeira, costureira e tecelã de redes. Era "muito generosa e querida pelas senhoras de cachoeira"[80]. Era tida pela família como "uma mulher negra valorosa"[81].

Da união de Alfredo e Margarida nascera os filhos, cronologicamente: Flaviano Ramos Pereira[82], Dalcídio Jurandir, Ritacínio Pereira, Alfredina Pereira Rodrigues. O primeiro se tornou jornalista, o segundo, romancista, o terceiro, médico, e a quarta, professora.

Com essas informações, podemos inferir que o capitão da Guarda Nacional tinha preferência por uniões não tradicionais para um homem branco com um certo status social naquela região[83]. Possivelmente, a experiência de desclassificação social imputada à família Pereira, devido a perda do poderio das elites do império e suas lealdades a políticos depostos, assim como o fechamento das possibilidades de concretizar uniões que lhe renderiam posições mais vantajosas na sociedade marajoara, fez com que firmasse casamentos não convencionais. Aliado a esses condicionantes, a extensa família que tinha que sustentar, resultado dos muitos filhos feitos com diferentes esposas, acentuava ainda mais a desclassificação social.

---

[78] Em NUNES Et Al. (Orgs.).2006. p.24, temos a informação que a índia tapuia teve 6 filhos dessa relação. É provável que essa informação seja a correta pois, na homenagem feita no jornal a Alfredo no dia do seu aniversário em 1910, aparece realmente os nomes dos 6 filhos dessa união.

[79] Informações biográficas tiradas de PEREIRA (2008) e NUNES Et. Al. (Orgs.). (2006).

[80] NUNES Et. Al.(Orgs.) Op. Cit. p.24.

[81] Ver: PEREIRA (2008). Devemos desconfiar dessa narrativa de valorização da mãe de Dalcídio naquela sociedade. Retornarei a isto mais à frente.

[82] Outras fontes apontam esse primeiro filho como sendo de outra relação de Margarida. Ver NUNES, Et. Al.(Orgs.), Op. cit. p.23 e FARIAS, Op. Cit.

[83] Segundo Cancela (2006), no Pará do limiar da virada do século XIX para o XX, a preferência dos casamentos entre os grupos populares tem uma tendência a uniões entre a mesma naturalidade, enquanto em famílias mais tradicionais, a relação social de casamento é com base em renda, status, e condição social. Em outras palavras, enquanto nos meios populares o casamento é preferido entre pessoas da mesma naturalidade, no caso das famílias tradicionais, a homogamia de classe é tida como preferencial. Ver também: Soares, Op. Cit..

Nas poucas entrevistas que deu, Dalcídio Jurandir aciona constantemente a origem social da mãe como formadora de seu "caráter" e como uma "influência literária" decisiva em sua vida.

> Minha mãe foi uma verdadeira influência literária para mim justamente pelo que ela me deu de anti-literário, de tão densamente humano, de obscuramente grande em meu destino. Deu-me ela uma aguda consciência de sofrimento que até hoje me alimenta e me faz sempre mais atento às coisas que vejo. Ela veio daquele povo enorme na sua dor e na sua vitalidade. Sinto que sou bem instintivo, como disseram alguns críticos, e isso me vem de minha mãe. Sou talvez mais "bárbaro" do que pensam. Afinal, isso encerra uma qualidade ou pelo menos um traço de caráter[84].

Esta entrevista foi dada na ocasião da premiação do seu primeiro livro no concurso da editora Vecchi e do Jornal Dom Casmurro, em 1940. Ela se insere dentro das polemicas travadas com o então renomado crítico Álvaro Lins. Nela, podemos perceber que o escritor já usava a origem popular da mãe contra um mundo mais erudito. No caso desta entrevista, ela é mobilizada contra uma "arte pela arte". A "influência literária" da mãe foi crucial, segundo o escritor, para ele ter o "anti-literário, de tão densamente humano", "bárbaro", "instintivo". Essas palavras foram utilizadas por Álvaro Lins para descrevê-lo. Como o leitor verá mais adiante, essa forma de se colocar no mundo literário está atrelada a própria forma como o escritor representa a Amazônia: uma representação "rústica" focada nas classes populares. E essa focalidade na origem popular da mãe em contraposição a um mundo erudito do pai, irá se acentuar a partir dos anos 1930 e aparecer nas entrevistas que deu, nos debates travados, nas polêmicas encampadas, nos seus julgamentos estéticos, nos seus romances, na sua militância pelo partido comunista, ou seja, era o significado em meio a qual o escritor levava a sua vida. Nela, podemos perceber que a dualidade entre cultura popular e cultura erudita já estavam presentes desde o seu seio familiar na infância, com a mãe sendo representante da primeira e o pai sendo representante da última. Margarida possivelmente não tinha formação escolar, já Alfredo era considerado um erudito, pois falava francês e versava sobre os variados assuntos, como direito, jornalismo e educação. A essa contraposição, somava-se outras dualidades, pois a relação dos pais era imbricada por raça e classe, como ficará elucidado adiante.

---

[84] JURANDIR, Dalcídio. À margem de uma crítica do Sr, Álvaro Lins sobre "Chove nos campos de Cachoeira". A manhã. Autores e livros: suplemento literário de "A manhã". Rio de Janeiro, Ano II, v.II, n.1, p.14, 11 de Jan. 1941.

2.4 Os “seres da baixa”

Dalcídio Ramos Pereira – ou Dalcídio Jurandir, como ficou conhecido nos meios intelectuais –, nasceu no dia 10 de janeiro de 1909, na Vila de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, no Pará. Ele era o segundo filho de Alfredo Nascimento Pereira e Margarida Ramos.

Com ainda 1 ano de idade, a família de Dalcídio se muda para a Vila de Cachoeira do Arari[85]. Este município já era o mais economicamente desenvolvido da região desde o século XVIII, muito devido aos seus campos aproveitados para a agropecuária e aos seus rios navegáveis que facilitavam a comunicação e o escoamento do gado[86]. Já no século XVIII, o município possuía 36 fazendas, 27 sítios e 1 engenho[87]. A ocupação dos “cabeças de família” contabilizados no censo eram: 34 indivíduos dono de fazendas de gado, seguidos por 17 lavradores e 4 carpinteiros[88]. Quanto à composição das classes, 61 % dos moradores da Ilha do Marajó eram considerados *pobres (*63 cabeças de família*)* e *muito pobres* (10 cabeças de família)[89]. O restante era de *mediana possibilidade*[90] (28 cabeças de família), *ricos* (14 cabeças de família) e de *possibilidade inteira* (2 cabeças de família)[91]. Sobre a composição racial, 71% eram brancos, 15% eram mamelucos, 8% eram índios, 4% eram cafuzos e 2% eram mulatos[92]. Mas esses dados raciais são subnotificados, visto que índios e negros eram excluídos dos censos da época e eram incluídos na categoria de *trabalhador soldada*, mais como forma de controlar o trabalho do que conhecer as suas características gerais[93]. Para se ter a real noção do tamanho do contingente de tais trabalhadores que não eram considerados cabeças de família e não eram contabilizados nos censos, só na Vila de Cachoeira de Arari o número era de 451 indivíduos, contabilizando 579 em toda a ilha do Marajó[94]. Portanto, era uma sociedade extremamente

[85] Dados biográficos tirados de NUNES Et. Al.(Orgs.). 2006.
[86] PEREIRA, Nunes. A ilha do Marajó: Estudo econômico-social. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola em cooperação com a Divisão de Caça e Pesca, do D.N.P.A, 1956. Soares, Eliane Cristina Lopes. Família, compadrio e relações de poder no Marajó (séculos XVIII e XIX). 2010. 204 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. p.54.
[87] Soares, Op. Cit. p.55.
[88] Idem, Ibidem. p.56.
[89] Ide., Ibid. p.65.
[90] *Mediana possibilidade* era uma classe média da época, *possibilidade inteira* era o topo da pirâmide social.
[91]Soares, Op. Cit.
[92] Ide. p.66.
[93] Ide. p.66-68.
[94] Ide.

desigual, com uma grande composição de indivíduos da base da pirâmide social, notadamente negros, caboclos e indígenas.

Dalcídio e sua família moraram nessa vila em um chalé que fora construído para eles. Seu frontispício era em alvenaria, com quatro janelas, e as laterais em madeira acapu. O chalé (Imagem 2) ocupava uma área que alagava nas enchentes e secava na estiagem, comumente chamado de Igapó.

Imagem 2 - Chalé onde Dalcídio morou na infância



Fonte: Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. p.23.

Na foto acima, aparece o chalé que Dalcídio e a família moravam. Nas duas janelas do centro temos os pais de Dalcídio, Alfredo e Margarida; na janela da extremidade esquerda temos o irmão mais novo, Ritacínio; e na direita, Dalcídio. Na porta do chalé, estão as irmãs, Terceolina (a maior) e Alfredinha (a menor, que tinha o apelido de Fifi)[95].

Em uma carta a amiga Maria de Belém Menezes, já no final de sua vida, Dalcídio relembra a convivência neste Chalé, as enchentes e as secas.

[95] NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.23.

> Morei numa casa em cima d'água. Até hoje oiço os peixes e as marrecas e as chuvas enormes. [...] Marajó é ainda terra encantada. O gado Anfíbio. O homem encharcado. Marajó é como um navio: Submerso. Soure - Soures- e Ponta de Pedras estão no teso. Cachoeira se refugia numa terrazinha firme. A parte baixa, onde morei, é tudo enchido[96].

Em uma outra carta a Maria Belém Menezes, na qual comenta o fato de Marajó ser tema de enredo da escola de Samba Portela no carnaval carioca[97], categorizou as pessoas que moram nesses locais como "seres da baixa" e se colocou nessa origem social.

> Rio, 25-9-75
> Maria de Belém
> Marajó na escola de Samba, é a vez da ilha como enredo e como ponto de partida para medir-lhe a pobreza e o abandono que tem lá. As décadas passam e o problema fica, e se agrava, pelo menos é o que o padre nos mostra em suas reportagens. Tudo isso reclama mudanças e reformas. Só fazer de Marajó um enredo pitoresco para desfile carnavalesco é zombar dos vaqueiros e pescadores que penam nas ilhas.
> Me espantei com quase 300 mil pessoas morando (morando?) nas baixadas da cidade. [...]
> Seu pai [Bruno de Menezes] simbolizou as baixas na vila da barca e o apego se fez, carnal, entre o poeta e os seres da baixa. Eu e ele convivemos com essa gente dando-nos consciência e revolta. Fui morador de barraco e sei o que isso diz. O Brasil está partido. A pátria ainda não é a "união de todos". Cadê que se parte o pão, a farinha, o leite, o remédio? Você, que é católica, bem compreende, ou melhor, sente está amargura. Li hoje no Jornal do Brasil, que há dois milhões do que se chama mulher da vida no país, e isso é trágico.
> Mas estou muito sombrio, hoje, o dia nublado, o coração se cobre de fuligem. Me perdoe[98].

Claramente, o nosso escritor vê o mundo dividido entre classes sociais, mas com base na ocupação do território tipicamente marajoara e Amazônico[99]. Com uma reflexão que vai do Marajó, expande-se para a Amazônia em geral e, posteriormente, generaliza para o Brasil, a categoria "baixada" é utilizada como uma forma de divisão de classes, baseada na ocupação do território da região onde reinaria a miséria e o abandono. Essa categoria remete às pessoas pobres e exploradas como vaqueiros e pescadores, depois as prostitutas do Brasil, figuras intimamente ligadas aos estratos populares. Segundo o escritor, sua convivência com esses "seres" fomentou a consciência e a revolta. Vemos claramente o escritor narrar sua

---

[96] JURANDIR, Dalcídio. Carta de Dalcídio Jurandir à Maria de Belém Menezes. 7 de junho de 1975. Perez (1971:116). Epistolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020: 176.

[97] Tratasse do desfile de 1976, em que a escola de Samba produziu um desfile todo inspirado no Marajó, com o enredo chamado *O homem do Pacoval*.

[98] JURANDIR, Dalcídio. Carta de Dalcídio Jurandir à Maria de Belém Menezes. 25 de setembro de 1975. In: FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). Epistolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020: 189.

[99] O autor era um marxista convicto desde os anos 1930. Sobre a sua atuação no marxismo veremos mais à frente.

aprendizagem em íntimo contato com as classes populares. Como um aprendiz, condicionado por meio da observação direta de gente que viveu nos meios populares da Amazônia, o romancista se atrela nessa origem social, no qual remete a "baixada" onde morou com sua família.

Esse modo de classificação não é aleatório. Em um estudo sobre uma comunidade Amazônica publicado em 1953[100], o antropólogo e amigo de Dalcídio[101], Charles Wagley descreveu a diferenciação social em torno do prestígio social dos moradores da seguinte forma:

> 1) Gente de Primeira, ou os "brancos", que formam a classe local mais alta;
> 2) Gente de Segunda, ou os moradores urbanos da classe mais baixa;
> 3) Gente de Sítio, ou os que vivem nas propriedades agrícolas de terra firme; e
> 4) Caboclos da Beira, ou os que vivem em cabanas construídas sobre estacas, nos pântanos das baixadas e nas ilhas alagadiças, e que ganham a vida nas indústrias puramente extrativas[102].

O autor afirma que essas classificações são relacionais e depende da posição social de quem classifica o outro. Por exemplo, *gente de primeira* chama os que estão abaixo delas na hierarquia social de "povo" ou "caboclos"[103]. *Gente de segunda* da vila, chama os que moram na zona rural de "caboclos", termo também reservado aos seringueiros por serem considerados inferiores aos lavradores da agricultura de subsistência. E os seringueiros se sentem ofendidos aos serem chamados de "caboclo", pois não fazem distinção entre eles e os lavradores. Mas a questão racial está sempre presente, como na categoria *Gente de primeira* que é referente ao grupo branco ou como os seringueiros chamando os índios habitantes das cabeceiras dos

---

[100] WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 2° Ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1977.

[101] No prefacio do livro, Warley conta sobre a viagem com Dalcídio para a comunidade que iria pesquisar, em 1945. A companhia de Dalcídio ocorreu devido a seu trabalho no SESP (Serviço especial de Saúde Pública), entidade que tinha cooperação com os EUA, no qual Wagley era chefe e recrutador de mão de obra. Dalcídio escrevia os textos dos programas educativos implementados pelo SESP na Amazônia (WAGLEY, 1977. p.15). O antropólogo conta que Dalcídio o ajudou de certa forma a realizar sua pesquisa: "Em sua primeira- mocidade, Dalcídio vivera em Itá, onde servira como secretário do Prefeito da localidade. Seu profundo conhecimento da vida da cidade e o grande círculo de amigos a que me apresentou, tornaram-me possível aprender mais a respeito de Itá, em um mês, do que o teria conseguido em dois meses sem o seu auxílio. Catete Pinheiro e Dalcídio Jurandir, pela própria formação de suas vidas, muito me ensinaram sobre a Amazônia" (Idem). Provavelmente, de acordo com dados biográficos de Dalcídio, a comunidade é Gurupá, onde Dalcídio trabalhou como secretário da Intendência Municipal.

[102] WAGLEY, 1977. p. 116-117.

[103] Um estigma associado a *caboclos da beira*, descendentes de índios escravizados, que moram nas baixadas em barracas de palhas e tem com ocupação o extrativismo, de coco ou borracha etc. Ver Wagley, 1977. p.119-120.

afluentes do rio Amazonas de "caboclos"[104]. Vinda do passado colonial, da escravidão negra e indígena e da ascendência social portuguesa, a classificação mistura classe, raça, área ocupada, posição da família, educação e ocupação profissional na definição do prestígio[105].

Além disto, como tipo ideal de *gente de primeira*, o autor aponta que essas pessoas têm uma ocupação oposta ao trabalho braçal[106], são de famílias brancas; ocupam o território em áreas secas, moram em casas mobiliadas, tem muitos calçados e possuem uma situação econômica mais ou menos estável por serem funcionários públicos. O oposto desse tipo ideal, de forma gradativa com a não posse dos elementos de prestígio social, são: *gente de segunda, gente de sítio, e caboclos da beirada*[107].

Podemos perceber que as categorias utilizadas pelo escritor na construção de uma origem social popular para si e para os personagens de seus romances remetem a um modelo de ocupação que é próprio da Amazônia e do Marajó, na qual o escritor experimentou na sua infância na Vila de Cachoeira do Arari. É como se quisesse classificar o mundo com base nas coordenadas sociais das pessoas que moram no Igapó. Por exemplo, ao fazer referência constante ao trabalho com o barro quando fala sobre sua a matéria prima romanesca – "venho mergulhado nesse barro", "enterrar o pé mais fundo" – revela a sua quase obsessão (ou compromisso?) com esse mundo social do Igapó. Também observamos que as categorias por ele utilizadas, como a "aristocracia de pé no chão", "seres da baixa", "irmãos de igapó e barranca", nos remete a essas mesmas coordenadas sociais, pois os habitantes dessas regiões atingidas pela sazonalidade das águas não utilizam calçados para andarem no barro, portanto, seria as categorias mais baixas do prestígio social. Portanto, o escritor se ver como parte do mundo social do caboclo.

---

[104] Idem: 117. Nas palavras de WAGLEY: "O 'caboclo' amazônico... só existe no conceito dos grupos de status mais elevado referindo-se aos de status inferior". Op. Cit. p.105. Portanto, é utilizado sempre em relação ao outro que se considera inferior. A autodesignação não existe. Isso ficara mais claro a frente.
[105] Idem. p.118.
[106] Geralmente funcionários públicos que ganhavam razoavelmente bem.
[107] Idem. p.119-125. Essa tese está bem consolidada nos estudos das relações raciais brasileiras, como em Oracy Nogueira, no qual a identificação ou classificação de um indivíduo em relação à cor é um complexo mecanismo de significação social, relativamente "maleável" e "flexível", portanto, relacional de acordo com os elementos de prestígio social, capaz de se modificar conforme a "associação com outras características de status, como grau de instrução, a ocupação e hábitos pessoais, com tendência a se atenuar a cor de indivíduos socialmente bem sucedidos". Ver. NOGUEIRA, Oracy. Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Ed.USP, 1998: p.147. Aqui, o local onde se mora tem uma significação particular no contexto da Amazônia.

Para além de referir-se a um modelo de ocupação, trata-se de um modelo de classificação social com base na ocupação de regiões que alagam ou não durante as estiagens e as cheias. Portanto, os habitantes dessas "baixadas", consideradas como as regiões de várzea na Amazônia, são grupos racializados e pobres (caboclos), e por isso possuem menos prestígio social[108]. Podemos observar que a classificação se estende para incluir as pessoas com moradias precárias e miseráveis do Brasil, como os favelados[109]. Portanto, ao generalizar essa classificação para o resto do Brasil, Dalcídio faz referência a outro tipo de sistema de pensamento. Esta outra visão do mundo social baseia-se em uma leitura marxista de que o Brasil é um país profundamente "partido" em dois, numa nítida visão da sociedade dividida em classes sociais. Essa tradução de classificações ocorre no limiar dos anos 1930. Voltaremos ao pensamento marxista do escritor mais à frente. Por enquanto, é suficiente mostrar como o autor classificava e compreendia a si mesmo e o mundo a sua volta de acordo com as classificações sociais próprias do sistema de prestígio social na Amazônia e como essa classificação opera na construção de seu projeto criador.

Verdadeiro embaralhamento da hierarquia social, a família de Dalcídio possuía elementos de todas as posições sociais daquela sociedade. Certamente, Dalcídio e sua família não estavam entre os *Caboclos da beirada*, nem entre as *Gente de sítio.* É mais provável que

---

[108] WAGLEY, Op. Cit.; LIMA, Op. Cit. Interessante notar que no ensaio *Terra Imatura* (1933) de Alfredo Landislau, conterrâneo de Dalcídio, aparece uma tentativa de superar o estereótipo do mestiço morador dessas "baixadas" da Amazônia. Os estereótipos desses "caboclos", considerados "fracos, indolentes, broncos e alcoólatras" (LANDISLAU, 1933[1923]. p.87), não se confirmavam em toda essa população, como nos caboclos marajoaras, os canoeiros da região do salgado, e outros não explicitados pelo autor. Para o ensaista, os demais, principalmente os do Baixo Amazonas, ilustravam esses estereótipos. Mas, o que interessa para nós é a forma como ele retrata esses mestiços (descendentes de mamelucos e tapuias) ribeirinhos, que em parte confirmam o estereotipo, numa espécie de "idolatria" as águas. Isso ocorre porque, segundo ele, esses "caboclos" descendem de raças inferiores como o malaio e mongólico, e isso justificaria sua suposta preguiça. Em oposição a esse tipo, temos o sertanejo, que tem uma vitalidade descomunal devido a sua vida nos sertões nordestino e, consequentemente, devido ao costume de maior trabalho para a sobrevivência, escolhe o seio da floresta para a sua habitação. Aqui, temos uma teoria racial explicativa da inferioridade racial dos caboclos baseada na ocupação do território amazônico, sendo possível deduzirmos que essa coordenada social era comum nas leituras da época, como ficará claro mais à frente. CF. LANDISLAU. Alfredo. Terra Imatura. 3° Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1933 [1923]. p.86-103. Não estou sugerindo que Dalcídio Jurandir, ao usar essa categorização, tenha uma conotação racista— pois como veremos adiante, ele promove em seus romances uma valorização da identidade dos moradores dessa "baixada" —, entretanto, ele utiliza tal classificação comum de coordenadas sociais.

[109] Em uma das cartas que o escritor envia a Maria de Belém Menezes podemos entrever essa tradução de categorias: "Soube que duzentas mil pessoas em Belém moram nas baixas, são os favelados do norte. Quando acaba a extrema pobreza? Um mínimo de ajuda, de higiene, de chão enxuto, não tem?" (JURANDIR, 19 de Mai. 1975). JURANDIR, Dalcídio. Carta de Dalcídio Jurandir à Maria de Belém Menezes. 19 de maio de 1975. In: FARES; NUNES (Orgs.), Op. Cit. p.73. Essa tradução entre favelados e moradores da "baixa" se concretiza porque no ano em que a carta foi escrita Dalcídio morava no Rio de Janeiro e a formação das favelas já tinha se iniciado.

eles, ganhando prestígio de um lado e perdendo do outro, estivessem no grupo de *gente de segunda* ou *classe baixa da cidade,* pois apesar de seu pai ser secretário da Intendência de Cachoeira do Arari em 1909 e ser branco, a sua família tinha uma dubiedade racial com a presença da mãe negra [110]. Isto esfumaça a narrativa familiar de que ela era considerada uma "negra valorosa" e "benquista" naquela sociedade extremamente excludente[111]. Portanto, é possível que ocorressem no cotidiano interdições e preterimentos direcionados à mãe por causa da raça, principalmente por conta da relação não tradicional mantida com Alfredo.

A própria moradia da família de Dalcídio expõe o seu prestígio social em falso, visto que eles não eram nem pobres extremos e nem ricos:

> [...] Construção essa do tipo senhorial, que, naquele contexto, não correspondia às mais aconchegantes residências, contudo, não simbolizava as penúrias caracterizadas pelas casas de taipa, de palha no Marajó, constituídas em grande número[112].

Portanto, a dubiedade se apresentava na própria arquitetura do chalé, no qual a fachada era de alvenaria, remetendo as casas senhoriais, enquanto o restante era construído em madeira, evocando as palafitas. Essa condição também se refletia no próprio local onde foi construído, implicando certa perda de prestígio por estar em uma área de igapó. Assim, temos um chalé que não era nem uma casa senhorial, nem tampouco uma palafita. No entanto, apesar de Dalcídio Jurandir ter morado na "baixada", os ganhos simbólicos do pai ser branco e funcionário público

---

[110] Wagley descreve um secretário da Intendência Municipal como sendo *gente de primeira*. Mas para analisar a família de Dalcídio, estamos levando em conta o fator raça e local de moradia como elemento de prestígio social, coisas que o próprio autor faz em sua análise. O antropólogo observa uma concentração de indivíduos brancos ou descendentes de brancos em *Gente de Primeira* e uma concentração de negros, indígenas e seus descendentes nas categorias inferiores à *gente de primeira*. E afirma que tal racialização dos grupos, são símbolos das posições sociais. (1977. p.138-152). No tocante a conclusão do Antropólogo, usando a ideia de democracia racial de Freyre, colocando que a raça não seria um impeditivo a ascensão social naquela vila, discordamos veementemente. Os próprios exemplos que ele cita em seus relatos de moças "de primeira" negando uniões matrimoniais com alguém com características negras (como o cabelo "ruim", o nariz largo etc.), assim como a estrutura racial dos grupos de prestígio, demostram contrário. Quanto aos casos de exceção de negros e miscigenados nos grupos de *primeira*, é preciso lembrar que a exceção não configura a confirmação da conclusão do antropólogo. Sobre processos de racialização ver: MILES, Robert; BROWN, Malcolm. *Racism.* London/New York: Routledge, 2003. FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. GUIMARÃES, Antônio Sergio. *Preconceito Racial: Modos, temas e tempos*. In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (orgs). Raça: novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/Edufba, 2008.

[111] Sobre as hierarquias sociais entre o negro, o indígena e o caboclo na Amazônia ver: LIMA, Deborah Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. Novos Cadernos NAEA, [S.l.], v. 2, n. 2, mar. 2009.

[112] FARIAS, Op. Cit. p.32.

proporcionam a sua família uma condição mediana de moradia, apesar do status racial dúbio e do local de moradia.

Dalcídio passou a infância toda neste chalé na Vila de Cachoeira do Arari. Em uma entrevista ao crítico e amigo Renard Perez[113], o escritor descreve sua infância nessa localidade: "Era o menino impaludado, meio só, entre as águas, tome febre, baço doendo, tome chuva"[114]. Perez também relembra como era o cenário e os costumes da região:

> Foi na natureza primitiva de Cachoeira – com seu rio Arari, suas casas palafitas, seus campos molhados – o cenário da infância livre de Dalcídio, na Ilha do Marajó. Naquele pequeno núcleo de pescadores e criadores de gado viveu o escritor até aos treze anos de idade, os pés dentro d'água, a pescar e a curtir malária, a olhar as tarrafeações e pescaria de linha, a colher sementes de bubuia nas enchentes. Também as viagens de remo pelo Arari e pelo Marajoaçu (rio que banha a vizinha Ponta de Pedras onde nasceu), as caminhadas pelo campo e matas, são outros momentos de sua meninice humilde. [...] Naquela sociedade quase primitiva, religião e superstições se entrelaçavam intimamente. Assim, as assombrações e crendices tinham lugar importante para o menino. E se por um lado era afilhado de São José, devoto do Divino e de Nossa Senhora da Conceição, acreditava também na matintaperera e na mãe do fogo, que imprimia pavor às suas noites [115].

Aqui, apesar de ser Perez quem está caracterizando, certamente Dalcídio descreveu sua infância para o entrevistador desta forma, como uma "meninice humilde", que era cristão e ao mesmo tempo acreditava em mitos e lendas advindo da cultura popular do Norte. Muito comum na Amazônia esse sincretismo, é resultado da mistura entre catolicismo, religiões de matriz africanas, pajelanças indígenas e caboclas[116]. Nesse sentido, vemos Dalcídio acionar a origem social em íntimo contato com a natureza e a cultura popular da região. Não é sem significado que Dalcídio expõe Marajó sempre como uma "terra encantada". O que demostra uma certa ligação entre experiência social e narrativa de aprendizagem do próprio escritor.

---

[113] O crítico publicou um livro com entrevistas de vários escritores e críticos contemporâneos como Gilberto Freyre, Otto Maria Carpeaux, Clarice Lispector, Ligia Fagundes Telles, entre outros. O objetivo era colher dados biográficos de tais figuras do meio literário.

[114] PEREZ, R. "Dalcídio Jurandir". *In*: *Escritores Brasileiros Contemporâneos*. 2ª Série. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p.116.

[115] Idem. p.115.

[116] MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995. p.19 _____Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance. In Revista Anthropológicas, ano 11, volume 18, 2007. MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas. 2004.

Porém, o escritor expõe ainda nessa entrevista que sua infância também tem "pontos em comum" com outras infâncias pobres das pequenas cidades do Brasil, como o brincar com o papagaio, jogar bolinha de gude e jogar futebol como meia-direita no Arari Sport Clube[117].

Enquanto passava a infância no Chalé, aprendeu a ler com a mãe, possivelmente nos momentos em que costurava ou voltava do fogão[118]. Depois dela, ele passou por vários mestres-escolas[119]: o prof. Proença, a professora Lucinda, o professor Delgado Leão. Depois de aprender a ler começou a visitar a biblioteca do pai e se tornou um leitor assíduo. Leu *No País das Artes* de Blasco Ibañes, *Cultura dos Campos* de Assis Brasil, O *Dicionário Pratico Ilustrado*, *Camilo*, e iniciou-se na poesia e em Eça de Queiros[120]. Portanto, percebemos que nesse período Dalcídio começou a se aventurar num mundo de leituras mais eruditas ainda na infância, demonstrando uma vida não apenas em contato com a cultura popular da região. Esse interesse possivelmente surgiu devido ao pai ser um erudito.

O importante nessa descrição do escritor sobre as experiências culturais é que a mãe é tida como uma primeira professora, fazendo parte ativa do processo de educação do filho na primeira infância, por exemplo, ensinando-o a ler. Não sabemos se este relato é verdadeiro. O que importa é a centralidade da mãe no processo educativo de Dalcídio em detrimento do pai. O pai sendo letrado, o mais provável seria que ele tivesse ensinado o filho.

Após esses anos de aprendizado em Cachoeira, as necessidades de avanço nos estudos de Dalcídio pareciam se chocar com o sentimento de pouca ou nenhuma educação escolar naquela localidade, como apontado no artigo do pai de Dalcídio, no início da segunda década do século XX[121]. Dalcídio ficou na vila de Cachoeira até 1922, quando foi para Belém com o objetivo de concluir seus estudos.

---

[117] PEREZ. Op. Cit. p.115-116.
[118] Idem.
[119] Geralmente, eram um só professor que ensinava na vila, pois não tinha grupo escolar no interior, somente na capital. Então, esses "mestres-escola" preenchiam a lacuna de educação no interior da Amazônia no início do século XX. Ver (Orgs.) ESTACIO, Marcos André., F; NICIDA, Lucia, Regina. *História e educação na Amazônia*. Manaus: EDUA; UEA Edições, 2016. Mas Farias (2018) alerta sobre a ineficácia de tal ensino, visto o relato no jornal dirigido pelo pai de Dalcídio sobre o menino que foi reprovado para entrar na Escola de Aprendizes a Marinheiros (p.34-35).
[120] Perez Op. Cit. p.116.
[121] FARIAS, Op. Cit. p.36.

A mãe é quem leva Dalcídio para Belém para terminar os estudos. D. Margarida volta para Cachoeira do Arari e permanece até 1931, quando se separa de Alfredo e vai embora para Belém. Na Capital do Estado, descobre um câncer de mama e luta por 4 anos até a sua morte, em 1935[122]. Depois de sua morte, Dalcídio, enlutado e viajando a trabalho, escreve sobre ela para sua esposa, Guiomara.

> [...] Eu não tenho saudades de você porque a minha imaginação me traz a sua presença tão real como você em carne e osso...
> Mamãe, por exemplo, não morreu, vive comigo, idealmente, transubstanciada em pensamento. Toda ela cabe inteira na minha alma. Eu vivo pelo milagre da minha imaginação[123].

Diferença marcante de sentimentos entre a morte da mãe e a morte do pai em 1948. Se na morte do pai o seu sentimento é prático, menos sentimental, focado em duas características do pai: a inviolabilidade da moral e a preocupação com o espólio intelectual, no falecimento da mãe a questão parece ser mais sentimental, tendo o cuidado de relembrá-la. Apesar das cartas terem destinatários diferentes, denotando assim diferentes intimidades entre os correspondentes, as próprias entrevistas do escritor, acentuando a sua mãe como grande "influência literária" para ele ter um faro "anti-literário, de tão densamente humano", "bárbaro", "instintivo", revela o apreço que o escritor tinha pela mãe e sua origem social. Provavelmente, esse apreço se acentuou com ela sendo a sua primeira professora, pois passou mais tempo com o menino na primeira infância devido a divisão sexual do trabalho dentro da família. Além disso, o fato de levá-lo para Belém para terminar os estudos, demonstra certa centralidade da mãe no processo de "feminização" e na tentativa de reconversão de capitais pela via dos estudos. Talvez o divórcio dos pais tenha acentuado ainda mais esse apreço. É de se questionar também se possível conflitos familiares por raça e classe social tenham reforçado a identificação do filho com a mãe. Mas não podemos esquecer que, apesar desse sentimento, tanto no pai quanto na mãe, há disposições sociais para a posterior trajetória de Dalcídio, como as atividades jornalística, erudição do pai e o "anti-literario", "bárbaro" e "instintivo", enfim a cultura popular que a mãe e o seu meio representavam.

[122] Informações retiradas de Nunes Et. Al. Op. Cit. p.30
[123] Jurandir, Dalcídio. [correspondência]. Destinatário: Guiomara Freire. s.l, 28 de setembro de 1935 Apud: Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia....2006. p.51

3 Os anos de desaprendizagem em uma Belém decadente

> Cultura: estudos primários com o professor Chiquinho e Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belém. Estive dois anos no ginásio. Nele desaprendi o que levara do grupo. Quase todos os meus professores me desanimavam. Dinheiro não havia, tive sarampo, curado pela minha segunda mãe Dona Lulu, acabei perdendo os exames do segundo ano e virei vagabundo de subúrbio em Belém, morando na barraquinha de Dona Lulu que me dava comida, luz para escrever versinhos e um sapato de quando em quando[124].

Dalcídio Jurandir deu esta entrevista em 1940, por ocasião de ter ganhado o prêmio no concurso de romances do periódico Dom Casmurro e da editora Vecchi. Tudo neste trecho descreve um processo de abandono da cultura erudita até chegar a virar "vagabundo de subúrbio" em Belém. É baseada realmente numa experiência social do romancista, mas já apresenta a valorização dessas experiências como uma espécie de aprendizado que formou o seu pensamento como escritor e intelectual. Este trecho está inserido dentro da mesma lógica das narrativas presentes no primeiro capítulo, sobre a sua origem social. Ele apresenta uma narrativa sobre a intensificação do contato do escritor na juventude com os meios populares da Amazônia após a desistência do ginásio. Como veremos mais à frente, é possível que essa mesma lógica tenha guiado o abandono dos estudos pelo escritor na juventude e o tenha feito adentrar ainda mais no universo popular de Belém e do Baixo Amazonas, com uma socialização intensa no meio de "amigos nunca intelectuais" como: "operários", "seres da baixada", "irmãos de igapó e barranca" e a "aristocracia de pé no chão". É uma narrativa de abandono progressivo da cultura erudita e aprofundamento em uma socialização no universo popular da Amazônia. Este capítulo demonstra que isto ocorreu, mas também houve um progressivo envolvimento do escritor em redes de sociabilidades intelectuais da capital do estado, aprofundando-se ainda mais no universo erudito.

3.1 Antecedentes históricos de uma cidade "enfeitada"

O naturalista inglês Henry Bates, após passar 11 anos fora de Belém estudando a flora e a fauna no interior do estado[125], descreve sua visão da cidade da seguinte forma:

> As ruas, outrora sem calçamento e cheias de pedras soltas e areia, estavam agora caprichosamente pavimentadas; as casas feitas fora do alinhamento haviam sido

[124] JURANDIR, Dalcídio. Tragedia e comédia de um escritor novo do Norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164, p.3. 31 de Ago. 1940.
[125] O naturalista chegou na Amazônia em 1848 e foi embora em 1856.

> demolidas e substituídas por construções mais uniformes. A maioria das casas velhas e desmanteladas cedera lugar a belos edifícios construídos acima do nível da rua, com extensas e elegantes sacadas no primeiro andar. As grandes praças, outrora verdadeiros lodaçais, tinham sido drenadas, capinadas e plantadas com fileiras de amendoeiras e casuarinas, transformando-se em belos ornamentos para a cidade, ao invés de constituírem um triste espetáculo para os olhos, como ocorria no passado. Minha avenida predileta, a Estrada das Mongubeiras, tinha sido reformada e ligada a várias outras magníficas orladas de árvores que em poucos anos tinham crescido o suficiente para proporcionarem uma agradável sombra; uma delas, denominadas Estrada de São José, tinha sido toda plantada de coqueiros. Sessenta veículos para transporte coletivo, além de cabriolés (muito deles fabricados no Pará) enchiam agora as ruas, contribuindo para aumentar a animação das bonitas praças, ruas e avenidas[126].

O naturalista está descrevendo as primeiras reformas urbanas ocorridas no início do boom da exploração da borracha, na década de 1850. Mais à frente, salienta o tamanho do crescimento da cidade:

> Do outro lado da cidade, perto da velha estrada de acesso aos moinhos de arroz, várias dezenas de trabalhadores, contratados pelo governo, ocupavam-se em abrir através da mata uma larga estrada para veículos até o Maranhão, capital da província vizinha, distante 380 quilômetros do Pará. Isso havia destruído totalmente a quietude do antigo e belo caminho da floresta. [...] os naturalistas, a partir de agora, terão que ir muito mais longe da cidade para encontrar o soberbo cenário da selva virgem, que ficava tão perto em 1848[127].

Da perspectiva do naturalista inglês, essa mudança está dizimando parte do objeto de escrutínio por excelência dos naturalistas que vinham à Amazônia justamente por sua riqueza natural, por isso esse sentimento descritivo, que por vezes pende para um romantismo. O importante a frisar nesse trecho é a modificação causada pela urbanização no tamanho e na fisionomia da cidade. Bates também aponta para o fenômeno de mudança de gosto da população da cidade, mas especificamente seu aburguesamento, "[agora] os paraenses procuravam imitar os costumes das nações do norte da Europa, ao invés da mãe-pátria"[128]. O costume da "mãe-pátria" refere-se ao gosto de Portugal, que imperava como convenção antes do boom da borracha. Essa mudança abrangia desde a adoção de novos costumes às mudanças arquitetônicas da cidade. Até o meio do século XIX, os sobrados e casas térreas portuguesas dominavam a paisagem urbana de Belém. Além delas, existia as chamadas *rocinhas*, a moradia preferida de naturalistas na zona rural. Elas ficavam distantes do centro urbano de Belém e eram

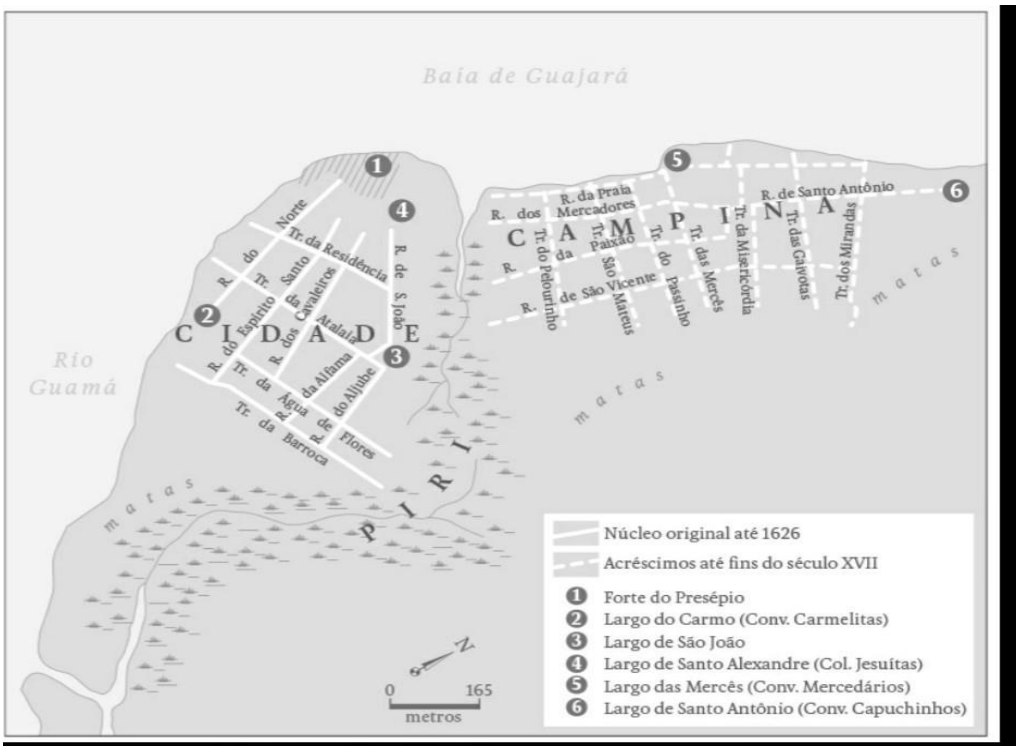
[126] BATES, Henry Walter. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. p.296.
[127] Idem, Ibidem. p.298.
[128] Idem. p.297.

um tipo de propriedade rural, propícia ao calor tropical, atrelada a um espaço de cultivo ou de floresta[129].

Antes do início do século XIX, Belém estava dividida em duas freguesias: a Freguesia da Sé, a mais antiga, conhecida como Cidade, e a Freguesia de Sant'Ana. A capital era composta por esses dois núcleos, a Cidade propriamente dita e a Campina, separados por um alagadiço que dividia Belém em áreas altas e baixas. Esses locais baixos alagavam e, em grande parte eram impróprios para a construção das moradias[130]. As partes baixas, na posterior expansão, foram ocupadas por pessoas com menor poder aquisitivo[131]. Isso demonstra um certo tipo de ocupação do território bem característico da Amazônia, em função dos seus terrenos alagadiços[132]. Sua população era de 12.467 habitantes no início do século XIX[133]. A maioria dessas pessoas viviam na Campina. Na Cidade, localizavam-se as funções administrativas e religiosas da capital[134].

[129] Ver SOARES, Karol Gillet. As Formas de Morar na Belém da Belle Époque (1870 – 1910). 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
[130] Idem. p.25.
[131] Idem.
[132]Ver Wagley (1977). PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: um estudo de geografia urbana. Belém: Universidade Federal do Pará. 1968. p.43-63.
[133] PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: um estudo de geografia urbana... 1968. p.117.
[134] Idem. p.118.

Mapa 1- Mapa da cidade de Belém no século XIX



Fonte: Belém, um estudo de geografia urbana. p.100-101.

Várias partes desse centro inicial de Belém foram aterrados ainda no início do século XIX, como o alagadiço Piri[135]. No início dos anos 1840, devido ao crescimento do comercio da borracha, foram criados a capitania dos portos, dois bancos, o cemitério Soledade e a iluminação a gás líquido[136]. Isso era um sinal do início do boom de urbanização observado por Bates. Com a expansão da cidade, vieram a criação de duas freguesias: Santa Trindade (atual Batista Campos) e Arraial de Nazaré (atual bairro de Nazaré)[137].

Com o relativo crescimento da cidade, era preciso modernizá-la para agregar os financistas, banqueiros e comerciantes que chegavam à capital durante o período de expansão da economia da borracha. E esta economia iria financiar tais reformas modernizadoras que a

[135] Idem.
[136] Idem. p.127.
[137] CANCELA, Cristina. Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém, 1870-1920). Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História daFaculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. p.106.

prefeitura de Belém levaria adiante[138]. De 1858 a 1896, essas reformas ocorreram de maneira lenta e gradual sob a presidência da província de Jeronimo Coelho[139]. Elas abrangiam

> [...] um padrão regular e pré-estabelecido para as áreas de expansão da cidade. Esse plano continha a abertura de vias e quarteirões de maiores dimensões que as existentes, pavimentação e arborização de ruas e praças[140].

Foi, porém, sob a administração de Antônio Lemos que essas reformas urbanas na capital tiveram um acelerado crescimento (1897- 1911)[141]. Inspirado nas reformas urbanas feitas na cidade de Paris por Haussman[142], Lemos implementou uma mudança radical em Belém na virada do século.

> Nesse sentido, para a Intendência Municipal, o projeto para a construção da Belém moderna dividiu-se estrategicamente em três níveis: dois planos para a transformação física e urbana da cidade, no qual o Poder Público expressaria sua representatividade enquanto agente modernizador, evidente nas obras e construções de edifícios públicos; e o outro, expresso pelo progresso introduzido em Belém na implantação de novas tecnologias de serviços urbanos, promovendo melhor conforto para as famílias belenenses. Contudo, houve também um terceiro projeto, de nível físico-social que se caracterizou pela manutenção da Belém moderna, que nada mais foi do que o próprio ordenamento urbano e das regras e posturas condizentes ao comportamento coletivo citadino, em especial em regras para as construções das novas casas [143].

Foram modificados os serviços públicos, os edifícios do poder público, o alargamento e calçamento de vias, o paisagismo baseado na ideologia burguesa do melhoramento vindo da Inglaterra[144], a melhoria dos transportes para o escoamento da produção de borracha, enfim a cidade se aburguesava com a introdução de novos hábitos modernos[145].

---

[138] SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000. p.21.
[139] SOARES, Karol Gillet. As Formas de Morar na Belém da Belle Époque....2008. p.51.
[140] Idem.
[141] Idem; Sarges, Op. Cit.
[142] O plano de Antônio Lemos era o seguinte: "[...] prefigurou a expansão da cidade-orla em um quadriculado mais ou menos regular, que, paralelamente à Estrada de Ferro de Bragança (atual avenida Almirante Barroso), foi vencido pelo curso natural dos alagados, os quais impediram a continuidade da expansão" (Miranda et. al, 2015. p.527). A nossa interpretação é que com a expansão da cidade, nem a economia da borracha conseguiu sustentar tal projeto modernizador. Ver Soares, Op. Cit.
[143] Soares, Op. Cit. p.53-54.
[144] Tendo como base a ideia de "criar" a própria natureza, o "Remodelamento do espaço urbano de Belém a partir de uma profunda admiração pelos jardins ingleses, que apresentavam formas e linhas orgânicas. Mas era um estilo que buscava a domesticação da paisagem selvagem, removendo uma ameaça e um obstáculo à civilidade" (Soares, 2008. p.65). Uma obra e tanto contra a natureza que era considerada selvagem (Idem). Sobre a ideologia do melhoramento no espaço urbano e a ideia de natureza na Inglaterra, ver Williams (1990).
[145] Soares (2008) e Sarges (2000) entre outros.

Com o crescente comercio da borracha e a crescente modernização da cidade vinda desde 1858[146], as levas migratórias, majoritariamente nordestinas, começaram a se fixar em Belém, ao invés de seguir para as áreas longínquas do Acre.

> A rica paisagem urbana de modernidade criava uma falsa noção de esperança, riqueza rápida para os migrantes, em geral de nordestinos, "que foram atraídos pelo grande 'fausto', esperando melhorar de vida [...] que se dedicavam às mais diferentes atividades de trabalhos" [147].

Durante a década de 1860, que precede o grande crescimento do comércio da borracha, Belém contava com 30.000 "almas" em sua área urbana. O número de casas térreas girava em torno de 3.425, às quais somavam-se 400 sobrados e 25 edifícios públicos. Já no período de consolidação da produção gomífera [1870], o número de domicílios e prédios da cidade cresceu mais de 20 vezes[148]. Esse número aumentaria ainda mais com as reformas aceleradas na gestão de Antônio Lemos. Do período entre 1890 e 1907, a taxa de crescimento anual da população era de aproximadamente 25%, e em 1900 a população girava em torno de 95.560, e já próximo de 1910, girava em torno de 150 a 200 mil habitantes em Belém[149].

Com esse aumento populacional, surgiu toda uma população que diversificaria a mão de obra na capital. Surgiria assim, uma nova força de trabalho como, operários, serventes, ajudantes e construtores, que ajudariam na construção e manutenção de obras públicas. Além disso, surgiriam os ofícios característicos do meio urbano daquela época, tais como alfaiates, sapateiros, relojeiros, marceneiros, em sua maioria de origem nordestina[150]. No entanto, a maioria desses imigrantes que formavam essa nova força de trabalho não permanecia no centro de Belém, onde as reformas modernizadoras estavam ocorrendo com maior intensidade.

Num primeiro momento, com as reformas urbanas de Lemos, iniciou-se a especulação imobiliária nos bairros mais antigos como Cidade Velha e Comercio – áreas comerciais ligadas à borracha. Devido a essa especulação, famílias que residiam nesses locais foram forçadas a se mudar para bairros como Nazaré, Umarizal e Batista Campos, onde os lotes eram mais baratos[151]. Já as famílias menos abastadas eram relegadas a bairros periféricos como Pedreira

---

[146] WEINSTEIN, 1993.p. 105.
[147] DIAS, Edinea Mascarenhas. Ilusão do Fausto, Manaus 1890-1920, Manaus: Ed. Valer, 1999. p.49.
[148] CANCELA, Cristina. Casamento e relações familiares na economia da .... 2006. p.51-52.
[149] SOARES, Op. Cit. p.79. Os números divergem um pouco de pesquisador para pesquisador, mas todos giram em torno de 200 mil em 1910. Ver também PENTEADO, Op. Cit. p.139-163.
[150] SARGES, Op. Cit. p.82-150.
[151] Idem. p.84.

ou a formar novos bairros, como o bairro de operários Canudos[152]. A reforma urbana se estendeu do porto em direção a área mais alta de Belém, como Nazaré e Batista Campos, onde se encontravam os maiores símbolos de modernidade da cidade, como cafés à moda parisiense, o Teatro da Paz, cinemas como o Olympia, lojas à moda francesa, enfim, eram os lugares que continham uma das sinergias da vida da elite regional[153]. Portanto, era mais prestigioso morar nesses bairros[154]. No entanto, com o crescimento populacional geral de Belém, as áreas periféricas ao centro moderno foram sendo tomada por novos bairros que não refletia o requinte das áreas centrais da cidade. Esses bairros incluíam o Marco da Légua e o Sousa – local de várias *rocinhas*[155] e vários prédios públicos como o Asilo dos alienados e o Asilo da mendicidade[156]– além de Jurunas, Reduto, Umarizal[157]. Assim, uma nova Belém começava a se formar, que nem mesmo as reformas urbanas intensas da Intendência de Lemos, foi capaz de mitigar, apesar dos esforços.

O importante nessa descrição é que, com a urbanização de Belém, emergiu uma cidade moderna, europeizada e burguesa, cujas soluções arquitetônicas demonstrava o afastamento do solo social da região, como a adoção de materiais vindos da Europa e não da região, assim como os modelos construtivos como o chalé, o palacete etc. Mas também surgiu uma outra cidade na margem dessa Belém moderna, europeizada e burguesa, composta por palhoças, barracas e cortiços, destoando do requinte do centro da cidade. E é nessas áreas periféricas que Dalcídio vai morar, que eram predominantemente habitadas por pessoas pobres e racializadas[158].

3.2 Entre a Paris tropical e a Belém suburbana

Dalcídio chegou em Belém em 1922, quando as transformações urbanas advindas da Bellé Époque Amazônica ainda eram sentidas no nível cultural, porém no econômico já tinha

[152] Idem.
[153] Soares, Op. Cit. p.76.
[154] Idem.
[155] Idem.
[156] Reflete bem os preceitos higienistas de tais reformas urbanas em Belém, nos quais afastavam os doentes e considerados "sujos" da cidade. Ver: MIRANDA, Cybelle Salvador et al. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.525-539.
[157] Soares, Op. Cit. p.73.
[158] Soares, Op. Cit.

entrado em um período de *longa decadência*[159]. Também já demonstrava os excluídos desse processo de embelezamento da cidade, relegados a periferia, como acentuamos anteriormente.

Para que o leitor tenha uma ideia da magnitude dos efeitos da decadência, houve uma drástica queda da população. Em 1912, Belém tinha 275.167 habitantes (sendo a quinta área urbana mais populosa do Brasil no período), já em 1920, dois anos antes da chegada de Dalcídio, a cidade contava com 236.402 habitantes[160]. Além disto, houve um considerável aumento do custo de vida, deterioração da situação das classes e o endividamento do estado[161]. Além do impacto no comércio, que dependia diretamente e indiretamente da economia da borracha.

> Não houve um membro da comunidade comercial do Pará que escapasse à crise totalmente ileso. Com a queda do valor das propriedades de todo o tipo e a população sofrendo um abalo financeiro generalizado, até mesmo os negócios que se relacionavam apenas tangencialmente com a economia extrativa devem ter sentido as repercussões da decadência. Não obstante, poucos membros da elite sofreram como os aviadores [...][162].

Portanto, a cidade parecia um grande paradoxo[163], onde de um lado havia todo um requinte estético que a mundialização da cultura burguesa podia proporcionar e, de outro, totalmente aberrante desse centro transformado pelo iluminismo, estava o seu meio natural, cultural e social. De uma cidade que pretendia a ser a *paris tropical* e de outra, com a lógica de viver de acordo com a cultura local, relegada por essa modernização à pobreza e à miséria. Portanto, na chegada de Dalcídio em Belém, a cidade parecia mais uma bricolagem malfeita. E é a cidade burguesa que irá encantar Dalcídio num primeiro momento e num segundo, o escritor iria se sentir incomodado pelo contraste desta com um subúrbio do populacho. Quase como uma descoberta desse mundo popular e miserável da capital, um aprendizado que o faz conhecer de forma progressiva a cultura e as dificuldades deste estrato social. Em uma entrevista da década de 1960, ele elucida como organiza tais sentimentos nos seus romances:

> Em Belém do Grão-Pará está muito do meu primeiro amor à cidade e um pouco do meu desprezo e enjoo pelo que a enfeita. Utilizei uma expressão, vamos dizer, mais

---

[159] A expressão é de Barbara Weinstein. Ver WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia*: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1993.
[160] Idem. p.268-269. Esses números ainda iam abaixar ainda mais até a década de 1940, quando ia alcançar os números iniciais do século XIX. Ver Peteado, Op. Cit.
[161] WEINSTEIN, Op. Cit. p.268-269.
[162] Idem. p.268.
[163] ACEVEDO, Rosa; CHAVES, Ernani. *IMAGENS DE BELÉM, PARADOXO DA MODERNIDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA*. PAPER DO NAEA, N.56, janeiro 1996.

> limpa, mas aproximadamente adequada ao que tento comunicar. Em Passagens dos Inocentes e O ginasiano, aquele na editora já pronto para publicação e este já na metade, falo da Belém suburbana e assim são cidades diferentes que vejo e imagino[164].

E essa colagem malfeita irá incomodar profundamente Dalcídio em suas atividades como militante do partido comunista, como crítico, literato, jornalista e educador. Como veremos mais adiante, as próprias narrativas sobre a sua aprendizagem apresentam tal efeito dessa colagem malfeita entre o aburguesamento de uma cidade e a cultura local rodeada de pobreza na Amazônia. Mas esse incomodo entre uma cidade aburguesada e a cultura local possivelmente explica o acionamento da própria origem social da mãe do nosso escritor na construção dessas narrativas, pois, como já pontuei, para ele, ela representava essa cultura local excluída desse aburguesamento. E não podemos negar que esta disposição estava presente desde o seio familiar.

Tanto a ação de viajar com a mãe para Belém quanto a rede de relações que é acionada para o pequeno Dalcídio estudar na cidade são consequências diretas da mãe. Por exemplo, ele faz a travessia até a capital com a mãe Margarida, e passa a morar com parentes[165], e depois na "barraquinha" da amiga da mãe: a sua "segunda mãe"[166] Dona Lulu, localizada na rua José Pio, n. 10, bairro Umarizal[167]. Este bairro era menos prestigioso para morar, pois, apesar de ser perto do centro, tinha a marca de ser um local onde operários residiam[168]. Talvez o que tenha levado Dalcídio a morar em barraca em um bairro pobre em Belém seja o processo de desclassificação social pelo qual a família passava, além do empobrecimento generalizado da capital, que pode ter afetado a rede de relações acionada para a estadia nesse período inicial. Dalcídio passa a residir de forma periódica nessa barraca, alternando entre viagens para o interior da Amazônia e a sua viagem ao Rio de Janeiro no ano de 1928. Em uma carta ao amigo Ribamar Moura, possivelmente escrita no início da década de 1930, revela as condições na barraca de D. Lulu:

---

[164] JURANDIR, Dalcídio. Dalcídio Jurandir. O romance paraense. Criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Aristocracia de pé no chão. [Entrevista concedida a Eneida de Moraes]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.49-51, jun, 1996[1962]. (JURANDIR Apud Moraes, 1996. p.51).
[165] Não se tem a informação de quais parentes. É provável que sejam familiares de Major Alfredo. Devido a origem familiar do pai de Dalcídio, possivelmente dariam melhores condições de moradia para Dalcídio.
[166] JURANDIR, 1940. p.1.
[167] Informações tiradas de FARIAS, Op. Cit. p.36.
[168] SOARES, Op. cit. p.196 et. seq.

“nem posso escrever. O casebre é miserável. E a comida da minha boa D. Lulu não me agrada. Só a minha [ilegível] é que me consola. Quero [ilegível], quero vê-la contente”[169].

Portanto, podemos ver que essa rede de relações da mãe mostra justamente um outro lado dessa cidade decadente, o da cultura local e a pobreza a seu redor. Essa afirmação fica ainda mais patente quando descobrimos outras redes de relações com a família da mãe, como, por exemplo, uma prima Magá. “[...] Fico a pensar na minha prima tacacázeira, Magá, que tinha o seu ponto na São Jerônimo, canto com a Ruy Barbosa, mulata de orisa e priprioca, do tucupi e do jambu”[170].

No entanto, Dalcídio, ao atravessar a cidade, também visualizava toda a obra de aburguesamento do Centro de Belém. Por exemplo, ao chegar para estudar em Belém em busca de melhor qualidade de ensino, devido à péssima educação na Vila de Cachoeira, como aponta o já citado artigo do pai, é matriculado na primeira escola republicana do Pará, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco[171]. Em 1925, finalmente consegue o diploma de estudos primários e, nesse mesmo ano, entra para o ginásio no Paes de Carvalho, primeira instituição de ensino secundário no Pará e referência na qualidade de ensino. Por isso, formava a elite econômica, cultural e política paraense durante a Primeira República[172]. Na ida para este colégio, deslocava-se do bairro do Umarizal para o centro de Belém[173]. Possivelmente, nesse deslocamento, Dalcídio passava pela atual Praça da República, onde figuravam os símbolos da modernidade do apogeu da borracha, como o Cine Olympia, o Café da Paz, O teatro da Paz, e o Grande Hotel[174]. Próximo ao colégio, que fica localizado em frente à Praça da Bandeira, figurava ainda o Palacio Antônio Lemos (figura política símbolo das transformações urbanas da Belle Époque) e o Parque Affonso Penna (atual praça Dom Pedro II).

---

[169] Carta de Dalcídio Jurandir à Ribamar Moura. s.l, S.d, Acervo Dalcídio Jurandir. Fundação Casa de Rui Barbosa. Possivelmente, Dalcídio se referia a irmã mais nova, Alfredinha, dado a semelhança da grafia com esse nome e o número de letras, assim como a informação de que é por esse período os irmãos Ritacínio e Alfredinha se mudam para a barraca. Ver NUNES Et. al. Op. Cit. p.29.
[170] JURANDIR, Dalcídio. Cartas de Dalcídio Jurandir a Maria de Belém Menezes, 20 de Ago. 1971. In: Epistolas poéticas...2020. p.43.
[171] PEREZ, Op. Cit. p.116.
[172] Ver ARAÚJO, I. H. T. F. de; ROCHA, G. O. R. da. De “nocivo à educação geral” à “templo do saber”: as transformações no gymnasio paes de carvalho na primeira república. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 16, n. 69, p. 52–75, 2017.
[173] FARIAS, Op. Cit. p.36.
[174] SOARES, Karol Gillet. As formas de morar na Belém da Belle-époque...2008. p.76.

No ginásio, o aproveitamento nos estudos foi somente o *simplesmente*[175]. O seu boletim de 1924-1925 (Anexo I) mostra que, no início, o jovem Dalcídio se esforçou, mas devido ao pouco aproveitamento em matérias como inglês, latim e Conhecimentos do Brasil, e às muitas faltas na metade do 2° ano do ginásio, ele foi desistindo lentamente de frequentar a escola.

Podemos perceber que Dalcídio era muito bom em português, assim como em desenho, e mediano em francês. Conforme a citação do início deste capítulo, para o escritor, todos os seus professores o "desanimavam". Além disto, segundo o escritor, as circunstâncias que também deflagraram no abandono do colégio foram as dificuldades econômicas, a timidez e a doença de sarampo que lhe abateu bem na época das provas[176]. "Era junho de 1926. Tinha capiscado ano e meio de 'humanidades' e assim entrei no mundo, sem nenhuma letra, sem nenhuma aptidão, chocando a juventude no subúrbio"[177]. É nesse período que o escritor vira "vagabundo de subúrbio" até 1928.

No entanto, apesar das dificuldades econômicas, de saúde e da timidez, era como se o mundo erudito lhe entediasse, a ponto de preferir ser "vagabundo de subúrbio". Quase como se o que era falado e ensinado nas escolas e nos livros de autores eruditos não dialogasse com a sua realidade, e por isso o desânimo com tais atividades. Era como se o paradoxo da cidade aburguesada em contraposição à massa populacional empobrecida e à cultura popular local se tencionassem no processo de aprendizagem do escritor, levando ao abandono da escola. Nesse ínterim, "segue lendo *Fausto*, tradução de *Castilho*, sem grandes nervos, lendo sem a sensação com que se deve ler"[178]. Portanto, é nesse período que o escritor tem contato com o pioneiro no gênero romance de formação: Goethe, gênero no qual alguns críticos enquadram a obra de Dalcídio[179].

3.3 As tentativas fracassadas de adentrar o meio literário ou um "artista indigente"

No entanto, de uma forma um tanto quanto contraditória com sua narrativa de processo de desaprendizagem, é também neste espaço de tempo que ele dá início a sua carreira

[175] Os graus de aprovação eram: Com distinção, plenamente e por último, simplesmente. Ver Farias, Op. Cit. p.36.
[176] Perez, Op. Cit. p.116.
[177] Idem, Ibidem. p.116.
[178] JURANDIR, 1932 Apud FARIAS, Op. Cit. p.38. PEREZ, Op. Cit. p.117.
[179] Ver PRESSLER, Gunter Karl. Aprendizagem e fracasso do jovem Alfredo: Dalcídio Jurandir e o romance moderno de formação na Amazônia oriental. Literatura e Sociedade, *[S. l.]*, v. 23, n. 27, p. 158–174, 2018.

jornalística de forma amadora, como um dos diretores da revista *Nova Aurora*[180]. Um periódico mensal, produzido artesanalmente no "bico da pena", no qual um dos diretores era seu irmão mais velho, Flaviano Ramos Pereira (que se tornaria um jornalista em Belém), e o secretário era o desenhista Edgar Alves Ribeiro[181]. Outra revista amadora na qual Dalcídio participou foi a *Belemita*[182], mencionada pelo escritor em uma entrevista em 1941.

> Em Belém fiz uma revista- "Belemita", manuscrita. Como tinha poucos colaboradores resolvia escrever com muitos pseudônimos para dar a impressão de que a revista mantinha em torno de si um verdadeiro movimento...[183].

Nesta revista, já apresentava temas recorrentes em sua posterior obra, como o Marajó e suas classes populares.

Em 1928, Dalcídio pega um navio para o Rio de Janeiro, pagando a passagem lavando pratos dentro do barco. No Rio, viveu sob condições precárias, trabalhou no café e restaurante São Silvestre, na rua Conselheiro Zacarias, no bairro da Saúde, então parte do que atualmente se chama de "pequena África". Depois, trabalhou também como auxiliar de revisão na revista *Fon–Fon*, mas sem remuneração. Com às dificuldades financeiras, ele retornou para Belém, para a barraquinha da Dona Lulu, uma vez que a família enfrentava dificuldades financeiras no Marajó[184].

Na volta, conseguiu o emprego de biscate numa escolinha particular suburbana, mas como o ordenado era mínimo e incerto, continuou em busca por um emprego regular[185]. O escritor descreve como era o seu círculo intelectual nesse período de inseguranças econômicas, profissionais e educacionais que caracteriza os diversos horizontes de possibilidades da jovialidade social:

> Saber ofício, não sabia. Em consequência, lia D'Annuzio, Guerra Junqueiro e um *Fausto* em português, de Castilho, horrível. Conseguia amigos. Por exemplo: o Cicero Batista, guarda sanitário, que me dava jantar, romances de Aluízio de Azevedo e confessara a sua predileção pela *Carne* de Júlio Ribeiro. Havia ainda Josino Viana, professor de História, e em cuja casa reuniam-se jovens, para os quais o mestre lia, em voz alta, poesias de Samain. Dava ele notícias de Baudelaire, e declamava Oliveira Martins, no capítulo sobre o Marco Antônio e a Cleópatra. [...] Levava para a barraca de D. Lulu, onde morava, uns volumezinhos amarelos de Balzac. E ali me deixava

[180] NUNES At. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.29.
[181] Idem. Existe um pedaço da capa dessa revista no Acervo Dalcídio Jurandir na Fundação Casa Rui Barbosa.
[182] Existe também parte de um exemplar desta outra revista no acervo do escritor na Fundação Casa Rui Barbosa.
[183]JURANDIR, 1941b. p.1.
[184] FARIAS, Op. cit. p.39.
[185] Idem.

> ficar, sentindo-me no "incorruptível orgulho de não servir para nada", do verso de Samain[186].

De fato, o professor do colégio Paes de Carvalho, Josino Viana, aparece como uma espécie de aglutinador intelectual dos jovens estudantes que mais tarde se tornariam grandes amigos, como Levi Hall de Moura, Ribamar Moura e o próprio Dalcídio. O professor era admirado por boa parte dos jovens, a ponto de ser considerado um "ídolo da juventude"[187].

Por volta de 1929, sua vida parece equilibrar-se, muito por conta do Dr. Raynero Maroja, amigo de Dalcídio desde Cachoeira do Arari, onde fora promotor público[188]. Em Belém, o promotor emprestava livros clássicos da língua portuguesa– de autores como Fialho, Castilho, Antônio Nobre, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Carneiro Ribeiro etc–, para o jovem escritor. Neste ano, Maroja é nomeado Intendente municipal de Gurupá, no Baixo Amazonas, e emprega Dalcídio como Secretario Tesoureiro da Intendência[189]. O romancista lembra que era

> Uma intendência quebrada [...] O município não rendia nem para pagar os vencimentos do Intendente. Mas, na folha de pagamento, remetida pela Recebedoria de Rendas, de Belém, onde os ralos tributos gurupaenses eram cobrados, tinha isto "Óbolo ao papa: 30$000". E tudo ia em ruína e em saudade daqueles preços da borracha... A certa altura, teve o Intendente um acesso de paludismo e solidão, fugiu para Belém. Ficou o secretário, com seus 150$000 atrasados, lendo um volume roído de Cousin achado nuns papéis velhos da Coletoria Federal, tentando o Racine trazido do ginásio pelo Coletor Estadual. Às tardes, digeria, lento, às quantidades, o Cesar Cantú, encontrado num barracão à beira do Amazonas. O mais era a amizade com o que restava de povo da cidade-tapera. Era o que havia de mais pobre, e mais desamparado no Baixo Amazonas. Por não terem o que de-comer, comiam saúva frita[190].

De fato, a intendência estava quebrada. No estudo de Wagley (1977), a renda de Itá (nome fictício de Gurupá) dependia ainda em 1940 de 50% do extrativismo da borracha[191], e mostrando-se uma comunidade empobrecida e decadente devido à decadência da economia da borracha. Chegou até a ser apelidada de "cidade fantasma" no início da década de 1930[192]. O antropólogo observou prédios e casas em ruínas devido a fuga da população após a crise econômica regional. Ele também observou que das casas aviadoras do tempo da borracha, um

---

[186] PEREZ, Op. cit. p.117.
[187] DAMASCENO, Lourival. Josino Viana. Terra Imatura. Belém. N. 2, v. 1. Mai. 1938. p.5.
[188] PEREZ, Op. Cit.
[189] Idem.
[190] Idem.
[191] Wagley, Op. Cit. p.95.
[192] Idem: 68.

entreposto comercial muito comum na Amazônia, só existia uma ainda sólida e robusta; as outras estavam em decadência ou definhando[193]. Nesse emprego no interior da Amazônia, Dalcídio experimentou de forma mais intensa a característica dessa realidade que aparecerá na sua posterior obra: a decadência do ciclo da borracha. Durante esse período, parece que o escritor se envolve com leituras de natureza erudita com maior interesse, ao mesmo tempo em que mantinha uma "amizade" com os populares da cidade. Nessa época, nas cartas a Ribamar de Moura, já demostrava como estava vendo esse fenômeno e como este já se relacionava com as preocupações de sua produção artística.

> Tenho pensado nos teus primeiros dias em Gurupá, o Josiciano, coletor federal...o Mai, coletor estadual... e os outros da galeria [ilegível] de Balzac...
> E os humildes, os ratos, os parias, os famintos, a borda persa, rastejando na [ilegível], na moda...
> Essa pequena gorkiana que é toda a miséria sob a opulência amazônica, tão rude e tão sugestiva que foi uma das formas de beleza para a minha desilusão, festa barbara dos meus versos e enfim... tudo passou... ando a pensar em coisas mais universais[194].

Vemos aqui que o escritor já utilizava a contraposição entre a miséria e a opulência da modernização naqueles rincões como matéria para a criação artística, e já anunciava a forma de aprendizado que culminaria num processo de "desilusão" sobre a própria realidade amazônica na decadência da economia da borracha. Nesse trecho da carta, também vemos novamente a ideia de contraposição entre ideal e realidade, que guiam constantemente o escritor nas escolhas de seus partidos. Mas o que chama a atenção é a "escolha" da forma para expressar esse sentimento nesse primeiro momento: a poesia.

Realmente, Dalcídio chegou a escrever "'epístolas' de amor"[195] como uma espécie de experimentalismo, "impulso de adolescente", não sendo fiel seguidor de nem uma tradição poética, mas já predominando os versos livres preconizado pelo modernismo[196]. Possivelmente esses poemas são os que estão contidos no manuscrito "Alegoria/Lua tropical", produzidos no início da década de 1930[197], e foram publicados postumamente como *Poemas impetuosos ou o*

---

[193] Idem. p.45-41.
[194] Carta de Dalcídio Jurandir a Ribamar Moura. S.l, (1935?). Acervo Dalcídio Jurandir. Fundação Casa Rui Barbosa.
[195] JURANDIR, 1941b. p.1.
[196] Sobre isto ver: JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa. Poemas organizados por Paulo Nunes. Belém: Paka-Tatu, 2011. p.5.
[197] JURANDIR, Dalcídio. Correspondência de Dalcídio com Maria de Belém Menezes. 1975 (?). In: (orgs.) FARES, J. A; NUNES, P. Epistolas poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Bélem: Editora Paka-Tatu, 2020: p.164.

tempo é o do sempre escoa (2011)[198]. Parece-nos que nos poemas não publicados em vida, especialmente desse manuscrito, ocorre a dispersão por várias temáticas, como a tradição hebraico-cristã, o classicismo greco-latino, a herança africana[199], e a própria composição cultural da sociedade Amazônica. Também aparece uma tendência memorialista direcionada para a infância do escritor na Ilha do Marajó, como aparece nos versos livres do poema *Cidade*[200]. Esse exercício de experimentalismo da juventude parece se confirmar em uma entrevista em que o escritor relembra esse tempo.

> A arte era para mim uma sagrada palavra com letra maiúscula. Um dia que eu não fizesse um soneto era um desalento. O que valia era a quantidade e nunca a qualidade dos sonetos, e isso felizmente era feito em silêncio, e assim passei uma vida de subúrbio na palhoça de D. Santa[201], onde tive os meus grandes sonhos de poeta adolescente entre viagens, aventuras e grandes livros[202].

E realmente, nesse afã de experimentar tudo, fez poemas com diferentes feições e diferentes temáticas que ele próprio vaticinou em um diário: "tento colecionar todos os meus poemas, dar-lhes unidade, feição única etc. Tolice. Devem sair assim, desconexos, impetuosos"[203]. Os próprios poemas demonstram as angústias um tanto românticas do escritor ao tentar colocar qualidade e unidade a esses exercícios criativos. Um exemplo é o poema a seguir, escrito em 1929, então época que o escritor estava em Gurupá e começa a escrever o seu *Chove nos campos de cachoeira* (1941).

Canção do Puro Amor

Minha poesia
Vieste tão cedo me atormentar!
Vieste tão cedo me acariciar...

---

[198] Sobre esse manuscrito ver: JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa..., 2011.
[199] Cf. JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa. Poemas organizados por Paulo Nunes. Belém: Paka-Tatu, 2011. p. 9.
[200] "Desde de Menino vim para a cidade!/Trouxe os meus livros leais,/Debaixo do braço e o ar de matuto/De quem tinha n'alma as raízes/ Das cousas virgens do Marajó.../Na cidade fiquei debaixo das mangueiras/ Os homens não apedrejam as árvores/ As árvores é que/ Apedrejam com os frutos/ A cabeça dos caminhantes/ Para a alegria dos garotos felizes/O Ver-o-Peso está cheio de mastros/No Milagre das velas amazônicas ao sol!". JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa. Poemas organizados por Paulo Nunes. Belém: Paka-Tatu, 2011. p.49.
[201] Aqui não temos certeza se é outra pessoa, ou é a "segunda mãe" de Dalcídio, Dona Lulu.
[202] JURANDIR, Dalcídio. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. *Dom Casmurro*. Ano V, n.230, 13 de Dez. 1941:1
[203] JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa. Poemas organizados por Paulo Nunes. Belém: Paka-Tatu, 2011. p.6.

Ô fiandeira das madrugadas
Que vens cobrir nossos destinos
Com o véu solar da luz nascente!

Minha poesia vem beber
A água humilde do meu pote
O pão feliz da minha mesa pobre
Parte em dois para o repasto...

Como és estranha, discreta e boa
Alegre como uma pastora
Dócil como uma namorada...

Quero embalar-te em minha rede
Quero dormi-te em teus joelhos,
Põe tua mão morena em minha fronte
Arde-me tanto o sonho pela vida!

Dá-me o consolo, dá-me o heroísmo
Para viver e para cantar
Ó submissa, ó toda pura
Vem espigar, Rut serena

Na pobre seara do teu Bozz!
Vem! Chega-te assim, minha enfermeira,
Toma-me os pulsos, irmã poesia!
Deixa ficar manso, bem manso,
Como uma pobre ave ferida
[ilegível] concha de tuas mãos como num ninho
[ilegível]e meu atormentado coração...[204]

O poema é sobre as incertezas do processo criativo, contido na construção da ideia de "gênio"[205]. As incertezas quanto à qualidade dos seus poemas aparecem quando o eu lírico demostra os parcos recursos que tem para oferecer como matéria prima a poesia, especificamente nos versos: "A água humilde do meu pote/O pão feliz da minha mesa pobre". Mas também já demonstra as incertezas quanto à forma de tratamento da matéria pobre de que dispõe. As pistas sobre qual seria essa matéria se explicitam quando ligamos o fato do eu lírico caracterizar a poesia como "morena". Também aparecem em um número da revista *Belemita*, tratando do que seria a sua matéria principal nos seus romances: os estratos sociais pobres da

[204] JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa. Poemas organizados por Paulo Nunes. Belém: Paka-Tatu, 2011. p.100.
[205] Cf. Elias. Op. Cit.

Amazônia, em sua maioria, racializados. Isso, associado às referências do mundo social do escritor, como "pote" e "rede", demonstra que a problemática de como objetivar o mundo social à sua volta já se mostrava presente no fim dos anos 1920.

Tanto que nos poemas publicados no início da década de 1930, quando o escritor começou a publicar seus primeiros poemas em revistas como a *Semana* e *Guajarina*, já percebemos que os versos tocam esse universo social do romancista. Um exemplo é *O mingau da tia Anna (sonho de uma noite de S. João)*, publicado em 1931.

Na barraquinha, neste arraial,
—Que linda noite de Santo Antônio! —
Tia Anna vende mingau gostoso
E cada cuia custa um tostão...
Mingau que é todo um sabor nativo
De um vago e rude enternecimento.
Boa a tia Anna, gordona e velha
Já sofreu tanto... E o padecimento
Torna-se todo nesse trabalho
De encher as cuias, enternecida
Com o sonho ingênuo do seu mingau...

Meu Santo Antônio, meu santo amigo,
Mingau gostoso é o da nhá-tia Anna
Até parece feito no céu,
Pois tem o gosto de uma oração
Que enchesse a boca e purificasse
Todos os erros do coração...

Desce do céu, ó meu Santo Antônio!
Senta-te e bebe, na barraquinha,
Ouvindo a gente do boi cantar,
Bebe o gostoso mingau sagrado
Que faz tia Anna para os devotos
Que sabem crer e sabem amar...

Tu vais pro céu, ó tia Anna, vais...
Tua barraquinha é como uma igreja
Onde, no ofício do teu mingau,
Tu te preparas pra salvação...
Velha tia Anna, que Gloria a tua!
Nossa "senhora da tradição"![206]

[206] JURANDIR, Dalcídio. O mingau da tia Anna (sonho de uma noite de S. João). A semana, Belém, v.13, n.690, 14 de novembro de 1931..

Aqui, o poema já apresenta uma experimentação com a linguagem coloquial do povo, assim como já era produzido na versificação livre. A imagem da tia Anna parece bem familiar ao eu-lírico. Ela representa a figura de uma vendedora de comidas típicas da Amazônia — igual à prima do escritor chamada Magá, que era tacacázeira. O produto vendido é o mingau, que remete ao "sabor nativo". A vendedora é apresentada como sofredora por seu "ofício", sendo o centro dessa espécie de prece para uma santa curiosa, a "nossa senhora da tradição". Esse epíteto só pode ser entendido se nos atentarmos à figura dos santos. O santo Antônio é convidado a beber o "mingau sagrado" na barraca da tia Anna e assistir o boi-bumbá. Nesse processo, o poema deixa sugestivo que o santo iria se humanizar, pois estava na presença de outra deusa, onde a sua oferta para fiéis era o mingau. Sua igreja é sua barraca, onde ela seria a "nossa 'senhora da tradição'". A interpretação, nesse sentido, fica assim: há a visão da vendedora como uma santa e ao mesmo tempo sofredora devido a seu ofício, que seria uma continuação de uma "tradição", ou seja, uma cultura no qual seus representantes remetem diretamente à origem social e à cultura popular da mãe de Dalcídio. Como se apontasse para o conhecimento da cultura popular como um processo de humanização.

Nesse período, Dalcídio já tinha se aproximado das doutrinas de esquerda, pois se considerava um "anarquista sem ser dinamiteiro", um escritor que buscava representar "coisa tão humanas", como o "sofrimento de toda aquela gente animada pelo sopro de sua inspiração"[207]. Portanto, essa espécie de glorificação do ofício de uma representante da cultura popular ocorre porque, nesse período, além de já ter ideias de esquerda, Dalcídio estava ligado de forma intima ao universo social da mãe. Ainda estava morando com a sua "segunda mãe", D. Lulu, junto com os irmãos mais novos, Ritacínio e Alfredina[208], provavelmente trazidos para Belém por Margarida Ramos. Como os dois irmãos eram da mesma mãe, e pela extensão familiar sustentada financeiramente pelo pai de Dalcídio, é possível que ela tenha tido a inciativa de levar os filhos e investir tempo e dinheiro na educação deles na capital. A possibilidade fica ainda mais evidente quando descobrimos que, no ano de 1931, ano do poema, os pais de Dalcídio se separam e Margarida se muda para Belém, onde foi morar numa casa

[207] MOURA, Ribamar de. Carta ao amigo Dalcídio. Belém, 18 de março de 1931. Acervo da casa de Cultura Dalcídio Jurandir.
[208] Cf. NUNES, B.; PEREIRA, R.; PEREIRA, S., R (Orgs). Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia. Belém: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006. P.31.

alugada por Dalcídio, na qual moravam ele, os irmãos e a mãe[209]. Nesse sentido, é possível que a crise na relação dos pais foi um dos fatores para o acionamento da rede de relações da mãe para a moradia dos filhos na capital. Portanto, não é de se espantar o protagonismo feminino de origem popular em seus poemas. Soma-se a esses fatores a descoberta da doença da mãe que, nesse mesmo ano de publicação do poema, foi surpreendida com um câncer de mama[210]. A doença possivelmente fez Dalcídio e os irmãos se sentirem com medo e temerosos de perder a mãe, então protagonista na reconversão entre os capitais sociais e escolar. Não é de se espantar essa afeição desmedida que os filhos nutriam por ela, pois, são os únicos que assinavam o nome da mãe, das três esposas do major[211], mostrado assim uma espécie de orgulho por serem filhos dela. É possível que os filhos das outras duas mães tivessem escolhido não assinar o nome materno como uma tentativa de "burlar"[212] os efeitos negativos da racialização.

Nesse mesmo ano, Dalcídio tira seu Certificado de Reservista. Nesse certificado é denunciado a racialização de Dalcídio Jurandir em Belém no limiar dos anos 1931. Sua cor é considerada "morena", seu cabelo é descrito como "preto e crespo", a cor de seus olhos é "pretos", a boca "regular" e o nariz "chato"[213]. Possivelmente, "morena" seja a forma como a maior parte das pessoas daquela sociedade o viam e possivelmente ele também, dado esses poemas de juventude que chama a poesia de "morena". Mas a despeito de assinar o sobrenome da mãe, talvez "moreno" seja uma forma de atenuação da raça. Isso fica claro quando nos referimos a utilização de categorias como "moreno" naquele período, que era utilizada como forma de incorporação dos "mestiços mais claros" ao grupo "branco", uma vez que como mostra Oracy Nogueira, ascensão social e branqueamento são duas faces da mesma moeda, devido ao nosso passado escravista e a especificidade do racismo atrelada ao fenótipo, a cor

---

[209] Idem.p.31.
[210]Idem.
[211] PEREIRA, José Varella, José Varella: Amazônia cabocla de Dalcídio Jurandir. Vermelho, 2009.
212 O termo "burla", vem da reflexão de Heloisa Pontes sobre a história social do teatro brasileiro, onde desvela os mecanismos de atrizes femininas na tentativa de "burlar" o gênero e os seus constrangimentos. O teatro, como na própria vida social de sujeitos limiares, que jogam com a dubiedade entre categorias sociais distintas, permite que agentes transitem entre a incorporação de certas propriedades corporais ou não, como no caso das atrizes em tela, o ato de representar pessoas mais velhas ou papeis masculinos suspendia os constrangimentos do gênero. Cf. PONTES, Heloisa. A burla do gênero: Cacilda Becker, a Mary Stuart de Pirassununga, Tempo Social. Vol. 16, n°1, junho de 2004. Sobre essa perspectiva aplicada a racialização, ver: ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. O intelectual "feiticeiro": Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. 228 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Sobre a contraposição entre ser negro e escritor: Cf. GATES, Henry. Louis. Branco como eu. Serrote, IMS.
[213] JURANDIR, Dalcídio. Certificado de reservista. Belém, 1931. Acervo DJ-PIT, Documento Pessoal. Fundação Casa de Rui Barbosa.

branca é associada a ascensão social e a pessoa com "traços negróides" são preteridas desses espaços com maior status[214]. Portanto a cor era atenuada para pessoas que tinham um maior status[215]. No caso da Amazônia, em um estudo sobre as narrativas de descendente de imigrantes negros barbadianos, essa tese se confirma, uma vez que a descrição de pessoas descendentes desses imigrantes com maior escolaridade e trabalhos opostos ao braçal eram feitas como "morenos"[216]. Portanto, não é de se admirar que Dalcídio se via como "moreno" no limiar da década de 1930. Uma vez que já escrevia para jornais diversos, no limiar dessa década e, portanto, se via como um escritor, uma pessoa com um certo status[217].

No entanto, conforme os anos 1930 avançam, percebemos os versos pendendo para uma acentuação na temática racial, começando a focalizar o que ele acreditava ser a formação da sociedade brasileira, a "clássica mistura das três raças", o branco, o negro e o indígena[218], ou seja, a chave da mestiçagem. Mas essa pontualidade, vinha com uma valorização dos elementos culturais do negro e do indígena. Um desses poemas que foi publicado na década de 1930, foi *Yayá*, primeiro na Revista *Semana*, depois, como um "equívoco" na ontologia *Literatura Paraense* (1922) de Eustáquio de Azevedo[219].

Teu corpo é a clara mistura (A)
De quebranto e de Beleza, (B)
De ciúme e de ternura (A)

---

[214] ORACY, Nogueira. Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp, 1998.p.67.
[215] Idem, Ibidem. p.146-147.
[216] LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. Ingleses pretos, barbadianos negros, brasileiros morenos?: identidades e memórias (Belém, séculos XX e XXI). 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
[217] Importante identificarmos que isso não é uma caraterística somente da Amazônia ou São Paulo, mas também se fazia presente em Salvador entre as elites de cor, como atestado por Thales de Azevedo, onde a etiqueta estabelecia múltiplas formas de tratamento para dar conta das elites de cor, como chamar de "moreno", "parda", "mestiço" etc, uma pessoa de classe mais alta e "preto" para as classes mais baixas. Thales de Azevedo, As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social. Salvador: EdUFBA/EGBA, 1996. p.33-36.
[218] JURANDIR, Dalcídio. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. *Dom Casmurro*. Ano V, n.230, 13 de Dez. 1941.p.1. Esse envolvimento com a temática racial será esclarecido mais à frente.
[219] Não tivemos até o momento acesso ao exemplar desse poema na revista nem dessa ontologia. Quanto ao autor desta ontologia, era um conhecido poeta, crítico "ressentido" pelo insucesso literário fora da província — como o exemplar bem-sucedido de sua geração, José Veríssimo, que deixou a sua "terra" e foi fazer sucesso no Brasil como um todo—, se voltou a "compilar e sistematizar" a produção literária regional. Possivelmente, o verso de Dalcídio foi adicionado por Eustáquio nas outras edições, visto que não aparece o nome de Dalcídio na primeira Edição. Sobre essas informações e o caráter de acréscimo de poetas nas edições das ontologias literárias de Eustaquio de Azevedo, ver QUEIROZ, 2018. p.65-109. Mas a confirmação dessa informação aparece nas duas citações a seguir. JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre es... 2011. p.5. MENEZES, Maria de Belém. Correspondência de Maria de Belém Menezes a Dalcídio Jurandir. Belém, 06 de setembro de 1972. In: Epistolas Poéticas...2020. p.71. É possível que Eustáquio incluiu Dalcídio Jurandir na Ontologia porque já o conhecia ele da redação da revista *A semana*, onde aquele assinava com o curioso pseudônimo Jacques Rolla.

De pecado e da tristeza (B)

Fica mais doce a canção(C)
Que dizes como um afago, (D)
Resumo da Encantação (C)
Das pedras verdes do lago...(D)

Guardas na alma enfeitiçada (A)
A água lustral dos pajés (E)
- Como uma noite encantada, (A)
As boiunas e os apés (E)

Yayá- teu nome, recorda (A)
Batucada no terreiro...(B)
Casa Grande que acorda (A)
No São João mandingueiro. (B)

Tens da nhá preta e da Índia (G)
E do luso em ansiedade, (F)
A intrepidez e o carinho, (G)
O encantamento e a saudade. (F)

És do Mucambo e do terreiro, (B)
Triplo e naus na aventura...(A)
A senhora da Conquista (A)
E a Santa do cativeiro... (B)

A Terra, as águas e o Sol (H)
Tudo resumes então, (C)
Porque és toda uma oração (C)
Que se diz vendo o arrebol! (H)

Sim, Yayá, foste benzida (A)
Com a melhor das bendições, (I)
Com sangue eterno da vida (A)
Que se extrai dos corações...(I)

És Yayá- Legionária. (A)
Na tua coroação, (C)
És a saudade mais linda(A)
Que ficou de S. João...(C)[220]

A temática é a formação racial e cultural da sociedade brasileira, uma problemática que muda de paradigma com o culturalismo bem no limiar da década de 1930[221]. O poema tem

[220] JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre es... 2011. p.87-88.
[221] Isso ficará claro na trajetória de Dalcídio mais na frente.

claras referências à obra de Gilberto Freyre, *Casa grande e Senzala* (1933). No entanto, ainda há uma clara tentativa de metrificação e rima no poema acima. Se, por um lado, a abordagem do assunto é diferenciada, por outro, a forma de dizer ainda é apegada às formas acadêmicas em voga na poesia. Também há uma valorização da nossa mestiçagem e até mesmo um endeusamento dos elementos populares já presente em poemas como *O mingau da Tia Anna* — "e a santa do cativeiro". Além disso, há uma clara caracterização cultural do caboclo e do negro, em detrimento do elemento branco, como a palavra "encantação", que remete à simbologia dos "encantos"[222] da cultura cabocla, "terreiro", com a cultura negra e "são João mandingueiro" em referência à cultura popular da região. Cultura popular na qual Dalcídio Jurandir era versado, uma vez que o bairro onde ficou foi o Umarizal, era onde se concentrava a maioria da população pobre da capital, cuja composição racial era eminentemente cabocla e negra[223]. Sendo assim, ele estaria próximo da matéria prima que valoriza em seus poemas. Mas, ao mesmo tempo, começa a percebê-la pela chave da mestiçagem, devido à mudança que o culturalismo e principalmente a obra de Gilberto Freyre introduziam.

No entanto, mesmo transitando por várias formas de poesia, sua produção não foi bem recebida por alguns críticos. Pela inovação da temática e pelo experimentalismo, o escritor foi criticado por quem fazia poesia em moldes acadêmicos. O romancista explicita que, Eustaquio de Azevedo ao inclui-lo "na sua antologia como poeta", "ficou a má fama"[224]. Um desses críticos foi Remígio Fernandez, professor de latim no Ginásio Paes de Carvalho e membro da Academia Paraense de Letras[225]. O acadêmico avaliou que, embora a poesia de Dalcídio apresentasse "sonetos claros e profundos", eram "desandados no ergotismo de um delírio

[222] De acordo com Raymundo Heraldo Maués (2005), "os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se 'encantaram'. Seu corpo não sofre morte material, é levado inteiro para o mundo espiritual que não tem equivalência ao mundo espiritual cristão, mas um reino ou cidade subaquática ou lugares encantados dentro das matas. MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. In: Estud. Av. vol.19 n.53 São Paulo Jan./Apr. 2005, p. 259-274. Os encantados podem ser gente ou não, e tem o poder de transformação entre um corpo animal e um corpo humano, que é o meio pelo qual se manifestam e estabelecem comunicação com as pessoas. O boto; os alimentos "reimosos"; a mãe do mato; mãe dos igarapés e a lenda da cobra grande fazem parte desse imaginário riquíssimo. Cf. GALVÃO, Eduardo. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, antropologia n. 15, 1953.

[223]Cf. LEAL, Luís Augusto Pinheiro. CAPOEIRA, BOI-BUMBÁ E POLÍTICA NO PARÁ REPUBLICANO (1889-1906). Afro-Ásia, Salvador, n.32, 2005. p.241-269, 258.

[224] JURANDIR, Dalcídio. Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre es... 2011. p.5.

[225] Cf. QUEIROZ, José Francisco da Silva. Futurosos e futuristas: uma história pelo avesso da arte moderna no Pará. Orientador: Gunter Karl Pressler, 2018. 515 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2018. Programa de Pós-Graduação em Letras. p.210.

nebuloso, incompreensivo por excesso de subjetivismo"[226]. O amigo das reuniões na casa de Josino Viana, Ribamar de Moura, também opinou. Nas palavras do amigo, apesar de nesse período Dalcídio fazer "versos que atordoam pela exuberância escachoante formando-se excessivos e confusos"[227], o jovem poeta ainda se mostrava um "artista indigente", mas já atingira a "plenitude de estilo" daqueles "poetas magníficos" da estirpe de Max Nordau, um "iniciado", "congenitamente moderno"[228]. A percepção de Dalcídio como um "artista indigente" era uma colocação sobre o pouco acúmulo de capital cultural, social e político naquele início dos anos 1930, pois só iria entrar para a vida cultural do Pará com a participação no jornal *O Estado do Pará* e na revista *Terra Imatura*, a partir do meio da década de 1930.

Essa dificuldade de inserção no campo cultural foi por conta de uma produção que ainda se espelhava em moldes acadêmicos e freava parte das produções de iniciantes, em um local onde a vida cultural se mostrava menos adensada que em outros centros mais dinâmicos. Uma tradução dessa experiência é a situação a que se expunha, ocupando-se entre variados bicos e um emprego nesse período, viajando constantemente para o interior. Essa situação era uma forma de compensar o pouco capital escolar, mobilizando sua rede de relações na procura por um emprego regular.

Essa dificuldade se evidencia pelas interdições de críticos que ocupavam posições centrais dentro de um espaço social no qual ainda defendiam formas "passadistas" de fazer poesia. A crítica de Remigio Fernandez é uma delas. A escrita de poemas como "impulso de adolescente" e a publicação de alguns neste período inicial de sua carreira, rendendo-lhe até uma coletânea publicada postumamente, demonstra que ele almejava um dia fazer sucesso como poeta. Provavelmente, a pouca escolaridade e as sanções negativas que lhe renderam a "má fama", aliadas à concorrência para entrar nesse gênero, o levaram a explorar novas possibilidades advindas da mudança da hierarquia dos gêneros nos anos 1930.

[226] Cf. JURANDIR, Dalcídio. Cartas ao amigo Ribamar [Moura]. 1929. Acervo da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir.
[227] JURANDIR, Dalcídio. Cartas ao amigo Ribamar [Moura]. s/d. Acervo da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir.
[228] JURANDIR, Dalcídio. Cartas ao amigo Ribamar [Moura]. 1932. Acervo da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir.

4 “Geração peixe frito”: entre os “donos do assunto” e o modernismo

Só podemos entender a trajetória e o projeto criador de Dalcídio Jurandir se nos voltarmos para a situação do campo de produção simbólica dos anos 1930, época em que suas duas primeiras obras foram escritas. A década de 1930 é um período de mudanças significativas no campo de produção cultural. No entanto, só podemos entender essas mudanças no plano da cultura, se nos voltarmos para as transformações no plano político e social pelas quais a sociedade brasileira passava.

A mudança na relação de forças no campo da política no ano de 1930, com o fim da hegemonia da política do “café com leite” e a posterior abertura pela disputa do poder por outras facções políticas das províncias, criou um ambiente propício para a rotinização de alguns elementos do programa que a primeira geração modernista de 1922 havia se proposto[229]. As mudanças na esfera da política se refratavam no plano de produção simbólica, demostrando no plano cultural as alterações políticas da sociedade brasileira. Assim como no plano político, a mudança abriu brechas para outras facções disputarem o poder, no simbólico não foi diferente, pois abriu brechas para o surgimento de novos escritores.

Essa homologia nos faz perceber uma série de estratégias de ganho simbólico adotadas pelos novos criadores. Temáticas e estilos até então muito arriscados se transformam em móveis de luta por uma melhor posição no campo literário. Se a poesia e a crítica literária eram gêneros mais prestigiados e mais rentáveis intelectualmente até década de 1930, por outro lado, o gênero do romance começava a ganhar dignidade devido às mudanças no mercado editorial, pois se torna um gênero de maior aceitação e de comercialização mais segura, em parte pelo sucesso da literatura de ficção entre os extratos médios da sociedade. Uma camada social que se fortalecia como público consumidor, devido à sua expansão por conta da valorização do setor terciário e a expansão do número de portadores de diplomas de ensino superior advindo das reformas educacionais, primeiro no nível estadual, depois em nível federal ao longo da década de 1930[230].

Devido à transformação dos padrões do gosto dos setores médios e às novas oportunidades surgidas com as mudanças no setor editorial, agentes excluídos ou alijados do

[229]CANDIDO, Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. p.181-182.
[230]Cf. MICELI, Sergio. Intelectuais à Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p.154-159.

campo de produção simbólica até então foram impelidos a adentrar nesse mundo social com maiores chances de conquistar posições sociais mais vantajosas, movidos por disposições de uma posição social em decadência.

Por conseguinte, essas mudanças refletiram-se na adoção dos modelos forjados na década de 1920 pelo modernismo. Se, na década de 1920, o modernismo não conseguiu se livrar totalmente do ainda predominante estilo formal e acadêmico (lembrando que a forma utilizada pelos modernistas era ainda a poesia), na década de 1930 as linhas gerais do modernismo começam a rotinizar-se. Segundo Antônio Candido:

> A incorporação das inovações formais e temáticas do Modernismo ocorreu em dois níveis: um nível específico, no qual elas foram adotadas, alterando essencialmente a fisionomia da obra; e um nível genérico, no qual elas estimulavam a rejeição dos velhos padrões. Graças a isto, no decênio de 1930 o inconformismo e o anticonvencionalismo se tornaram um direito, não uma transgressão, fato notório mesmo nos que ignoravam, repeliam ou passavam longe do Modernismo[231].

Portanto, é nesse momento que a carreira profissional de romancista se torna possível e a "escolha" pelo romance parece razoável para esses novos agentes marcados pela desclassificação social[232]. Esses novos agentes, em sua maioria, vinham de regiões periféricas do campo de produção cultural e, além de terem características sociais típicas, como as experiências negativas da desclassificação social de sua família, tinham, por isso, uma trajetória escolar precária compensada pelo autodidatismo[233].

Contudo, devido ao período de intensa concorrência ideológica e intelectual entre diversas organizações políticas, não era de se estranhar que o romance se torna uma forma de objetivar seus anseios literários, políticos e pessoais. O romance tornou-se um importante instrumento na luta ideológica e na interpretação do mundo social: os grupos de esquerda definiam os romancistas envolvidos com a Igreja Católica de autores de romances "introspectivos" ou "psicológicos", enquanto os do campo político da direita ou espiritualistas classificavam as obras dos militantes de esquerda de romances políticos, numa clara desvalorização dessa produção, associando-a a propaganda e a proselitismo[234]. Portanto, não podemos descartar a utilização do romance como instrumento na luta política mais ampla, mas

---

[231] CANDIDO, Antônio. A educação pela noite e outros ensaios.... p.186.
[232] MICELI, Sergio. Intelectuais à Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras... p.141-194.
[233] Miceli. Ibidem. p.160-165.
[234] Idem, Ibidem. Cf. CANDIDO, Antônio. Op. Cit.

também como uma estratégia para conquistar posições menos marginais no próprio campo de produção simbólica.

No caso da Amazônia, houve uma intensa mobilização em torno da propagação do modernismo naqueles rincões e, como consequência, surgiram novas obras com características marcantes da nova arte [235]. Se na década de 1920 o movimento de renovação na Amazônia ficava ainda inscrito como potencialidade e não como realização no âmbito do romance, com as produções dos romances de tese na década de 1930 no Brasil, a criação romanesca sobre a região buscaria retratar a Amazônia dentro dos novos parâmetros de fatura literária[236]. Os principais romances publicados nesse período focalizaram o gênero do romance social que então estava sendo praticado e consagrado no campo literário[237]. Nessa esteira, os escritores disputavam por posições mais vantajosas no campo literário, utilizando a ideia de região[238] Amazônica como um trunfo no campo literário brasileiro[239]. Nessa disputa, ocorre uma redefinição da representação da região, em muito tributária da influência do romance social sobre a própria ideia que se tinha sobre a Amazônia[240]. De uma apropriação anterior da região focada na natureza, volta-se para um elemento esquecido daquele meio: o homem[241].

Só podemos imaginar o ponto de vista de Dalcídio se nos voltarmos para esses determinantes do espaço social, assim como para as coordenadas sociais desse espaço. Esse é o objetivo desse capítulo, traçar as principais linhas de força que Dalcídio vislumbrava ao adentrar no meio literário, bem como o seu senso de investimento. Em outras palavras, examinar a forma de inserção que lhe renderá melhores lucros simbólicos, de acordo com suas disposições, ou seja, as suas estratégias utilizadas nesse momento.

---

[235] Cf. FIGUEIREDO, A, M. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 2001. 315 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
[236] PAIVA, M. O papagaio e o fonógrafo: a Amazônia nos prosadores de ficção (1908-1931). Amazonas: EDUA – Editora da universidade Federal do Amazonas. 2010. p.211.
[237] Idem, Ibidem.
[238] Sobre a ideia de Região, ver: BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação; elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Bertrand/Difel, 1989. p. 107-32.
[239] PAIVA. Op. Cit.
[240] Idem, Ibidem.
[241] Idem, Ibidem.

4.1 Dalcídio Jurandir e a adaptação do ensino ao ambiente

Dalcídio foi demitido da Secretaria da Intendência de Gurupá devido às mudanças de governo que ocorreram no Brasil e no Pará na década de 1930, após a derrota da elite mineira e paulista. "Novamente desempregado, novamente nômade"[242], ele viaja pela região das Ilhas, passa por Porto de Moz e depois segue para Baquiá Branco (perto de Gurupá), onde seria caixeiro no barracão do amigo Pais Barreto. "Media madeira, pesava borracha, tomava banho na cabeça do trapiche. E mais esta e aquela festinha de estirão, uns dias de febre..."[243]. Além de desempenhar a função de caixeiro, Dalcídio começa a ensinar as "letras" aos filhos do comerciante.

No ano de 1931, Dalcídio já tinha pronto um volume de contos chamado *Rés do Chão*[244], além do primeiro manuscrito de *Chove nos Campos de Cachoeira*, "no qual registrava lembranças da vila onde passará a infância"[245].

Apesar do revés em sua vida profissional, essa fase é marcada por uma intensa iniciação literária. Ele escreve versos, faz descrição sobre a paisagem, e lê obras como *As mil e Uma Noites, Meu Tio Benjamim, o Malho,* além de cartas e brochuras "intelectualizadíssimas" sobre Hamlet e Krishnamurti, enviadas pelo amigo Ribamar de Moura[246]. Após essa viagem pelo interior da Amazônia, retorna a Belém para a barraquinha de D. Lulu, na travessa Curuçá, no Umarizal. E nesse interim, fica sem emprego e "encharca-se de subúrbio e vagabundagem"[247].

Nas cartas desse período, Dalcídio já demonstrava incertezas entre ser romancista e ser funcionário público.

> O dr. Maroja Neto me levou a presença do Interventor. Prometeu este que me arranjaria um lugar. Vou buscar a realização da promessa. [...] Eu ando com uma discreta dúvida sobre mim mesmo. O meu sonho é ser um maravilhoso prosador e parece que não o serei nunca[248].

---

[242] PEREZ, Op. cit.p.118
[243] Idem, Ibidem.
[244] Alguns pesquisadores cogitam ser o manifesto *Alegoria*. Mas achamos ser um manuscrito perdido mesmo. O próprio nome já indicava a sua filosofia de aproximação com a realidade local, tão presente no gênero do conto. Ver: Candido, Antônio. "A vida ao Rés-do-chão". In: Para Gostar de Ler: crônicas. Vol. 5. São Paulo: Àtica editora. 2008. p.89-99
[245] Idem, ibidem.
[246] Idem, Ibid.
[247] Idem, Ibidem.
[248] JURANDIR, Dalcídio. Carta ao amigo Ribamar de Moura. 1932. In: Nunes, Et. Al. Op. Cit. p.177.

Essa incerteza decorre da mudança dos horizontes de possibilidades que se mostravam com a revolução de 1930. Com as mudanças políticas em nível nacional, houve uma troca de governo no estado do Pará na década de 1930, proporcionando aos intelectuais espaços nas franjas do estado[249]. E os apoiadores da "revolução" ganhariam cargos em funções administrativas. Um desses indivíduos foi o desembargador Rainero Maroja Neto, amigo de Dalcídio desde Cachoeira do Arari, onde foi desembargador. Com a ascensão de Magalhães Barata como Interventor, torna-se presidente do Tribunal Superior de Justiça do Estado e membro do Instituto Histórico e Geográfico[250]. E é pela intermediação dele que Dalcídio consegue, em 1931, uma função de auxiliar no Gabinete da Interventoria Federal do Estado, com o ordenado de 250$000[251]. Um salário razoável para a época. Possivelmente, foi nesses encontros com o interventor que conheceu o romancista modernista Abguar de Bastos, então Chefe de Gabinete do Interventor Federal Magalhães Barata[252] e socio do Instituto histórico e Geográfico do Pará[253].

No entanto, Dalcídio já era considerado um escritor no início dos anos 1930, apesar de "indigente". Sua primeira aparição na imprensa paraense ocorreu na revista *Guajarina*, noticiando a volta do "escritor" Dalcídio Jurandir de Gurupá, já em 1929[254]. E já em 1932, assinava a coluna "baixo-falante" no jornal *Crítica*, de propriedade de João Malato, que também era dono do *O Imparcial*,[255] onde Dalcídio também contribuía com seus escritos.

Nesse interim, começa a ganhar espaço com sua atividade jornalística, escrevendo também para jornais e revistas como *O estado do Pará, A semana, Pará Ilustrado e Guajarina.* Demonstrando assim certa rede de relações no meio jornalístico.

---

[249] Ver MAIA, Maíra Oliveira. Jogos políticos na terra imatura. As experiências políticas dos modernistas paraenses –1930-1945. 2009. Dissertação (Mestrado em história social). Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
[250] Cf. FREITAS, Iza Vanessa Pedroso de. O patronato das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937). 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Programa de Pós-Graduação em História. N.p.
[251] FARIAS, Op. Cit. p. 52-53.
[252] QUEIROZ, Op. Cit.p.190.
[253] Cf. FREITAS, Iza Vanessa Pedroso de. O patronato das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937). 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Programa de Pós-Graduação em História. N.p.
[254] QUEIROZ, 2018.p.2.
[255] Idem, Ibidem.

Porém, além dessas atividades, o escritor gosta de enfatizar que "não deixa o subúrbio", onde participava como orador oficial dos clubinhos de futebol como "O Legionário" e o "Uberabinha". Ao mesmo tempo, ele se envolve nas festas juninas e nos programas de encerramento das escolinhas particulares, "ensinando recitativos, perpetrando versos para cordões, íntimo das diretorias dos bois bumbás"[256]. Essa é uma forma dele se resguardar contra algo que ele considera intolerável: o afastamento do intelectual do meio das massas e da cultura popular. É uma precaução contra o perigo do idealismo nas formas artísticas e do pensamento que permeia as atividades intelectuais. No entanto, ele participa com atividades mais intelectuais nesse mundo de escolas, Clubes de futebol e festas da cultura popular.

No entanto, esse envolvimento quase sem fronteiras exatas entre a atuação para-folclórica e a vida literária era muito comum na região. Por exemplo, ainda na sua infância, Dalcídio teve contato com as revistas de teatro de costumes paraenses, que começaram a se popularizar na década de 1900 e perduraram até a década de 1940. Uma delas é a "Tacacá", citada diretamente pelo escritor em uma carta: "tomara que encontrem o texto de Tacacá, a revista que minha mãe e meu pai viram em Belém e do qual falavam na varanda diante do menino que fui"[257]. A peça fazia parte do chamado teatro de revista, herdeiro do teatro mambembe português, misturavam teatro e circo, além de fazerem comédia de costumes[258]. Como era tradição no Pará, esse teatro apresentava suas peças no Natal, durante a época Nazarena (Cirio de Nossa Senhora de Nazaré), nos Festejos Juninos, Carnaval e Quaresma. Essa peça especifica rodou no Teatro Chalet, o mais movimentado da época Nazarena. Ela foi escrita por Euclides Farias e teve música composta por Cincinato Ferreira de Souza. Dirigida por Máximo Gil, a peça obteve grande sucesso em sua estreia em 1903, sendo encenada 94 vezes naquele ano em Belém. Chegou até mesmo a ser apresentada em São Luís e depois em várias cidades nordestinas[259]. Esse tipo de revista de costumes paraenses teve seu ápice após o declínio da exploração da borracha em 1912, pois as grandes companhias de teatro ocidentais que visitavam a Amazônia por causa da alta rentabilidade advinda dos lucros da borracha agora

[256] PEREZ. Op. Cit.
[257] JURANDIR, Dalcídio. 29 de Out. de 1972. Correspondência de Dalcídio Jurandir a Maria de Belém Menezes. In: FARES; NUNES (Orgs.), Op. Cit.
[258] Sobre o crescimento do teatro de revistas depois da quebra da economia da borracha ver: SALLES. Vicente. Épocas do Teatro no Grão-Pará Ou Apresentação do Teatro de Época. Tomo 2. Belém: Editora da UFPA, 1994.
[259] Informações tiradas de SALLES, 1994. p.395-396.

direcionavam-se para locais mais rentáveis[260]. A partir daí, surgiu um teatro regional que focava nos costumes da região, incentivados e incentivando o aparecimento de uma cena do teatro no Pará[261]. Grande parte da geração que iria propagar o modernismo naquelas planícies estava envolvida com esse teatro de costumes. Um exemplo é o de Tó Texeira, compositor musical da peça "Sei lá si é" na década de 1930, assim como o amigo de Dalcídio, Levi Hall de Moura, além de De Campos Ribeiro e Jacques Flores, que praticavam a crítica ao teatro de revista, e Ernani Vieira, autor de "Rainha do Mar"[262]. Até um apoiador dessa geração, mas crítico ao modernismo, como Eustaquio de Azevedo, escreveu peças como o monólogo "Minha boneca"[263]. Portanto, nesse período, a composição de letras de músicas e peças para esse teatro de costumes era bem comum entre os literatos da região. Não é à toa que essa cena teatral se desenvolveu em íntima relação com períodos de festas populares do Norte, como o Cirio, festas juninas, carnaval etc.[264]. Talvez se valendo da experiência da escrita de poemas, que foi feito eminentemente para serem cantados, eles almejavam atuar em ambos os campos de criação artística.

No início da década de 1930, Dalcídio passaria por vários empregos públicos. Em 1932, por exemplo, solicita transferência para o Setor de Arquivismo da Interventoria do Estado. Depois de assumido esse cargo, pede transferência para a Secretaria de Polícia Civil, ficando como 2° Oficial de Polícia[265].

No entanto, em 1933, a educação parece ser o centro das suas atenções novamente. Entretanto, como ocorreu nos outros empregos públicos, o escritor pede transferência para outra repartição. Desta vez para 2° Oficial da diretoria de Educação e Ensino. Passados cinco meses como Auxiliar da Diretoria, foi promovido a 1° Oficial[266].

Os múltiplos empregos na esfera burocrática e a posterior mudança para a seara do ensino revelam a dificuldade de se inserir em posições mais rentáveis por conta de seu capital escolar precário, adquirido com muito esforço pelo autodidatismo. Lançando-se a diferentes frente de riscos, Dalcídio aproveita as possibilidades abertas pela amizade com Maroja. Ele

[260] Idem, Ibidem. p.301.
[261] Idem, Ibidem.
[262] Idem, Ibidem. p.403-404; 446;474.
[263] Idem. Ibidem. p.446.
[264] Idem, Ibidem. p.465
[265] Farias, Op. Cit. p. 54.
[266] Idem, Ibidem. p. 57.

parece ser um exemplo daqueles escritores que, não podendo se livrar das posições subalternas características da "cozinha" da produção cultural, investem seus parcos rendimentos em ramos de produção cultural cuja rentabilidade era ainda incerta, como o ramo da educação. Area beneficiada pelos novos postos de trabalho dentro dos aparelhos do estado devido às sucessivas reformas educacionais, exigindo, por isso, poucas qualificações[267]. Seu envolvimento com a educação e os debates em torno da Escola Nova nesse período, demonstra a tentativa de concentração de seus investimentos nessa área.

Por exemplo, em 1934, torna-se Secretario da *Escola: Revista do Professorado do Pará.* O periódico era bimestral, circulou entre os anos de 1934 e 1936 em Belém do Pará. Tinha o objetivo de adequar a pedagogia paraense aos padrões de outros centros brasileiros mais desenvolvidos do Brasil e do mundo em geral. Na prática, era uma forma de organizar os educadores do Pará[268].

Nela, Dalcídio parece concordar com as ações do governo do Pará e de Vargas no campo da educação, então em rápida expansão. Mas logo se percebe que essa concordância tem uma camada de significação muito mais profunda para ele. Vejamos. No número 3, de 1934, da revista, Dalcídio escreve um texto sobre a implantação, pelo governo do Pará, do ensino rural. Nele, Dalcídio afirma que as autoridades estão começando a entender o "verdadeiro senso rural das escolas do interior".

> O governo criou o curso de piscicultura nas escolas do Salgado. Salgado é a zona dos peixes, vigilengas, mar alto, caboclama experimentada no cano do leme, no lanço das redes, ao sabor das trovoadas no perigo das grandes pescarias.
> Com este ato o Governo vai compreendendo o verdadeiro senso rural das escolas no interior. A adaptação do ensino rural ao ambiente em que se acha localizado, criando os "centros de interesse" no meio e nas tendências, é, em suma, o ideal de ruralismo porque tanto se bate o bom senso dos nossos sociólogos e dos que veem a solução do problema nacional na fixação definitiva das nossas populações rurais.
> Hoje mais do que nunca devemos encaminhar o nosso povo a fixar a sua realidade dentro do meio em que nasceu e trabalha, educando-se na sua própria atmosfera de atividades.
> A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior "centro de interesse" da curuminzada escolar. Acabou se a velharia didática, desfez-se o nevoeiro dos áridos programas, tudo se transforma em um núcleo vital, em colmeia inteligente e criadora, esboçando-se, promissoramente, a tão sonhada educação infantil do nosso caboclo.
> Os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência. A piscicultura é o próprio curso das escolas do Salgado. O peixe vem do mar, dos rios, dos igarapés, das tapagens, dos lagos, dos balsebos. É um ramo maravilhoso de observações, de

[267] Miceli. Op. Cit. p.232.
[268] Idem, Ibidem. p.65.

> interesses, de sugestões fecundas. A água é um centro de interesse. O peixe encaminha o interesse a história natural. A notícia da rede hidrográfica da região desenvolve-se até levar o menino a geografia. Eis porque o governo com esse ato realiza uma das mais notáveis reformas em nosso ensino rural [....][269].

No texto do escritor, temos uma defesa do ensino nas escolas estarem ligados ao "centro de interesse" da população local. Sua argumentação se desenvolve no sentido que o curso de piscicultura nas escolas da região do Salgado, no Pará, atendia a tais interesses, pois "a água é um centro de interesse" do caboclo, ou seja, estaria ligado à própria "ambiência" do sujeito. No entanto, o autor reconhece que, para se concretizar esse tipo de educação para essas regiões, ainda falta dinheiro, pois o "estado luta com dificuldades imensas" e, além disso, o foco ainda é a saúde e a "instrução" geral da população. Mas à diante, o escritor chama essas escolas de "Escolas-típicas" e faz quase uma profecia otimista, dizendo que logo toda a região do Marajó e Baixo Amazonas possuíram as suas, e assim o sistema de ensino rural seria integrado. Portanto, o pensamento do escritor vai na direção de que cada região teria as suas "escolas-típicas", ligadas aos "centros de interesses" específicos do grupo social predominante na localidade, pois "os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência".

Para o escritor, a educação nesses moldes seria uma forma de mitigar o problema da falta de integração, fixação e desenvolvimento das populações do interior do Brasil– uma problemática bem comum na primeira república e nos idos anos de 1930[270]. Ele argumenta que, devido ao "abandono" dessa parte do país, a civilização brasileira seria só de "fachada".

> A sociedade dos Amigos de Alberto Torres enviou a Diretoria de educação folhetos livros programas, numa propaganda intensa pelo ensino rural. Os amigos de Alberto Torres estão correspondendo aquele infatigável pensamento do claro e sereno ideólogo da organização nacional. Alberto Torres via o perigo da nossa civilização de fachada. Apontava o abandono das nossas populações agrícolas. Euclides em "Os sertões" lança o seu libelo memorável. Não há economia sem fixação de trabalho. A não ser no sul favorecido pelo Governo Federal, que custeava as imigrações, amparava a lavoura e criava o ensino, não há no Brasil uma estrutura de trabalho rural, de riqueza equilibrada, que possa garantir a vitalidade de nossos bons costumes políticos e sociais. Além da enormidade territorial, o deserto, a deficiente dos transportes, temos o cangaço, as endemias, os latifúndios, os "patrões", o que dá o velho aspecto rudimentar a nossa sociedade rural. Dizia Alberto Torres que faltava direção mental ao Brasil.

---

[269] JURANDIR, Dalcídio. O problema do ensino rural: o curso de piscicultura no Pará. Escola: Revista do Professorado do Pará. v.1, n.3, agosto de 1934. p.35-36.
[270] Ver Bosi, Alfred. O pensamento autoritário no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001. Epub.

Quanto ao problema econômico falta-nos direção rural[271].

Na visão do escritor, além do "abandono" do interior do Brasil, ele seria prejudicado justamente pela falta de interesse do Governo Federal, que favorecia, amparava e financiava uma formação social mais equilibrada no sul. Aqui, a imagem geográfica que o escritor utiliza é a de um sertão/interior atrasado e um litoral desenvolvido, pensamento muito difundido durante a Primeira República, no qual Euclides teve sua parcela de contribuição[272]. No entanto, esse litoral é específico do sul, numa clara junção do norte e nordeste como regiões abandonadas.

Interessante, nesse sentido, é Dalcídio adotar o pensamento de um percursor do pensamento autoritário, como Alberto Torres[273], para criticar uma civilização brasileira de "fachada" – já no início dos anos 1930, ele professava o comunismo. Mas o pensamento de Alberto torres cumpria uma função bem especifica nos significados de vida de Dalcídio.

Torres é tido como um dos primeiros a vencer o "nacionalismo naturalista" por um nacionalismo voltado para a temática político-social, pois no lugar de exaltar a nossa exuberante natureza, tomava-a como um dado do problema, considerando a influência do meio na formação social[274]. Criticava o artificialismo da implementação das ideologias liberais no Brasil, assim como o domínio econômico dos monopólios e corporações internacionais, além de defender a volta do trabalhador urbano migrante ao meio rural por meio de concessão de terras[275]. Além disto, defendia a revisão da constituição de 1891, para dar mais autonomia as províncias, dadas as suas peculiaridades regionais[276]. Portanto, podemos perceber que Dalcídio empresta dele a ideia de atraso do meio rural e a necessidade de desenvolvê-lo a partir das peculiaridades regionais. A ideia de uma sociedade de "fachada", contribui para que Dalcídio veja uma a Belém enfeitada, assim como repensar a sua posição em relação ao tipo de progresso desenvolvido na Amazônia. Mas também parece ressoar a sua experiência social de falta de

[271]JURANDIR, Dalcídio. Op. Cit.
[272] MAIA, João Marcelo Ehlert, A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.
[273] Bosi, Alfred. O pensamento autoritário no Brasil...pos.24.
[274] Idem, Ibidem. pos.24.
[275] Idem, Ibidem. pos.24-25.
[276] Idem, Ibidem. pos.25-26

educação formal na sua infância no meio rural na pequena vila de Cachoeira, o que o fez mudar para a capital.

Portanto, além de Dalcídio debater a problemática da educação com base no desenvolvimento nacional, ele também discutia a questão em termos regionais. A adoção da educação centrada no conceito de "centro de interesse", do pedagogo belga Jean-Ovide Decroly, revela uma certa preocupação com as realidades regionais, em especial em relação a Amazônia. No mesmo número da revista *Escola* de 1934, a professora Emilia Loureiro explica os "princípios" de aplicação desse modelo de aprendizagem.

> O pensamento de Decroly é um sopro forte que abala ainda hoje a família didática. Adotar o seu método é pretender antepor o amor a verdade ao instinto de conservação, refletido pela escola tradicional.
> Na opinião do mestre, as fórmulas [de aprendizagem] devem ser pessoas, deduzidas na prática e do estudo consciente e metódico da vida da infância.
> A característica do sistema é o interesse espontâneo, ou provocado.
> O contato com as coisas estimula os sentidos das crianças e as impele a agir e a pensar. "Nada há na inteligência que não passasse primeiro pelos sentidos" (Locke). A criança vê, observa, inquire. Procede a experimentações, faz trabalhos comparativos, tira deduções e conclui.
> Desse Labor, orientado pelo mestre, surge uma série crescente de conhecimentos, que terão aplicação na vida prática.
> Predomina na escola decrolyana o exercício de associação de ideias. E, "não fora a tarefa coordenadora do mestre, a imaginação pueril do aluno, ao sabor do capricho próprio, não se deteria fácil em coisas proveitosas" (Abner de Moura).
> "A criança sobra energia, vitalidade que merece canalizada para que se não disperse na indisciplina" (do mesmo autor).
> Decroly desenvolve o "centro de interesses" em três fases: -observação, associação e expressão, ampliando a segunda com os exercícios de tecnologia e de associação de causas e efeitos. Explana essas fases em "passos formais", processo desprezado pela Escola Nova Brasileira, que oferece a lição como um todo – na opinião do emérito preceptor – separando-a apenas por um mero "expediente didático", em situação total, atividade da classe e globalização[277].

Podemos perceber que é uma pedagogia nova que se contrapõe à tradicional. Além disto, os sentidos parecem ser a base para a construção do saber, que, por meio da observação das coisas sensíveis, começa a fazer experimentações, comparações, deduções e então conclui. É por meio dessas diretrizes que o "centro de interesses" é desenvolvido por meio da observação, associação e da expressão. E a autora ainda critica a "Escola Nova Brasileira" por não desenvolver esses "passos formais" na aplicação dos propósitos didáticos do "centro de interesse".

[277] LOUREIRO, Emilia Henderson. Centro de Interesses. Escola: Revista do Professorado do Pará. v.1, n.3, agosto de 1934. p.49-50.

Segundo Fernandes, a aplicação dessa pedagogia nos anos 1930 era baseada na "ênfase dada ao cotidiano com a finalidade de criar situações que despertassem a aprendizagem – os Centros de Interesse"[278]. Por isso, a criança era treinada para as exigências sociais mais próximas, como as suas necessidades – de qualquer ordem, física, mental – e o conhecimento do meio em que vive –meio humano, familiar, escolar, social, animal e vegetal[279]. Nesse sentido, a aula era dividida em atividades que primeiro focasse na observação, em seguida na associação e, depois, na expressão[280].

A pedagogia de Decroly fazia parte do movimento renovador da educação promovido pela Escola Nova na década de 1930, e a discussão da professora Emília fazia parte das múltiplas disputas entre as correntes dentro da Escola Nova. Segundo Coelho, esse *método ativo* da pedagogia foi um boom de renovação da educação no Pará.

> As experiências realizadas nos grupos escolares de Belém, aliadas aos vários ensaios da escola nova em todo o Brasil, motivaram e restauraram as esperanças na "caminhada ao lado dos realizadores do maior problema da humanidade – a educação", única obra capaz de alcançar a "dinâmica do progresso da pátria". Legado dos estudos de Montaigne, no século XVI, para quem o ensino deve proceder da observação e da experiência, de Bacon, que considera no ensino a importância da substituição da abstração e da palavra pelo estudo concreto da realidade; de Comenius; de Rosseau; de Pestalozzi; de Herbat; de Froebel, que considerava que o desenvolvimento da aprendizagem da criança está no agir, criar, inventar; o método ativo proporcionou uma maneira de organizar programas de ensino pela graduação dos conteúdos, partindo do mais fácil para o mais difícil, do mais próximo para o mais distante, do concreto para o abstrato, o estimulo à observação do meio e o recurso da experiência, presentes na escola fundamental até os dias atuais[281].

Era um terreno fértil para Dalcídio ressignificar sua própria experiência nos meios populares, em íntimo contato com o solo social da região, pois a pedagogia servia para respaldar esta narrativa de aprendizagem. E isso parece se acentuar ao longo da década de 1930.

Ele escreve ainda outros textos para essa revista, nos quais esse mesmo modo de aprendizagem é acentuado, como o que critica a mudança ortográfica, pois isso prejudicaria o ensino da ortografia por muitos anos[282]. Em 1935, publica uma resenha do livro *A Educação soviética na Rússia*: *ensaios de pedagogia marxista*, de Seman Fridman, publicado pela

---

[278] FERNANDES, Juliana Chiarini Balbino. Os centros de interesse lidos em manuais do ensino primário: Há saberes aritméticos? Dialogia, São Paulo, n. 38,:1-10, e19503, maio/ago. 2021. p.5.
[279] Idem, Ibidem.
[280] Idem, Ibidem.
[281] COELHO, Maricilde Oliveira. A escola primária no Estado do Pará (1920 - 1940). 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
[282] JURANDIR, Dalcídio. Encarte. Escola: Revista do Professorado do Pará. v.1, n.3, agosto de 1934. p.70.

Andersen Editores, justamente uma editora pequena que ajudou a divulgar o socialismo no Brasil, além de publicar romancistas da geração de 1930 como *Menino de Engenho* de José Lins do Rego e *Terra de Icamiaba* do amigo de Dalcídio, Abguar de Bastos. Essa resenha é o sinal da intensificação na vida do escritor dos debates políticos do marxismo nos anos 1930.

Num desses artigos publicados na revista *Escola*, Dalcídio critica o catecismo como método de aprendizagem. Nesta crítica, ressoam os mesmos preceitos de aprendizagem em torno dos "centros de interesses" regionais.

> Todos nós sabemos que os modernos processos educativos não comportam mais os inúteis e vagos métodos de catecismo entre os alunos. Todos os mestres querem dar a criança a lição da própria vida e para isso só um método eficiente e humano é capaz de atingir os profundos objetivos da educação moderna. As crianças nada aproveitarão do catecismo. *O que elas aprendem é a vida, o espetáculo de egoísmo e da miséria nas ruas e nos lares, a realidade em todos os seus aspectos de mentira, vicio e opressão.*
> A criança deixa a escola e, ao encontrar a realidade que a envolve e brutaliza, vê o tremendo antagonismo entre o ensino e a vida.
> Só o exemplo edifica, dizia o tal masinado Conselheiro Accacio... e eu pergunto: onde o exemplo para a edificação moral das novas gerações?
> Quanto ao ensino religioso o que se vae ensinar é o preconceito de luta religiosa entre as crianças. É um processo de mil e um obstáculos à educação livre que, no conceito de Delacroly é a base da disciplina consciente e fecunda.[283]

Temos o argumento de que o catecismo não ensina a vida, pois há uma separação entre seu ensino e a realidade. Além de apenas ensinar as mentiras, vícios e opressão, o catecismo, ao focar somente o dever, transforma a educação em "um processo policial"[284]. Além disso, o catecismo nas escolas poderia desenvolver preconceito religioso, já que os católicos, por serem maioria, poderiam impor seu dogma, perpetuando assim uma neblina sobre as contradições sociais e transformando-se em uma luta de classes[285]. Aqui, podemos observar a mistura entre Marxismo e Educação feita por Dalcídio, acentuada ao longo das suas contribuições da revista. Esses dois componentes teóricos vão se entrelaçando cada vez mais, em um processo de amadurecimento dessa associação, acompanhando o acirramento do debate político em nível nacional nos anos 1930.

No entanto, podemos perceber que as dicotomias entre vida e ensino no pensamento do escritor remetem a categorias de aproximação e não aproximação do real, quase como numa

[283] JURANDIR, Dalcídio. Sem título. Escola: Revista do professorado do Pará. v.1, n.5. setembro de 1935. p.30-31. Ênfase nossa.
[284] Idem, Ibidem.
[285] Idem, Ibidem.

reta, onde o ponto o inicial é o ideal e o final é a realidade. Por exemplo, na sua última contribuição à revista em 1935, intitulada *Educação e Liberdade*, temos mais claro o arranjo entre educação e Marxismo que dá a tônica ao seu entendimento da realidade, ou da "vida".

Nesse texto, Dalcídio discorre sobre a educação, mas também sobre o conceito de liberdade, que, na concepção do autor, são a mesma coisa. Liberdade seria, segundo o romancista, "conhecer a necessidade". A necessidade é histórica, e, na época de Dalcídio era a "miséria, da fome, da pauperização das massas e da proletarização das populações urbanas e rurais". Nesse sentido, para se alcançar a liberdade por meio da educação, é preciso ter "consciência de liberdade", que é ter "consciência de suas trágicas e imediatas necessidades". E uma forma de se conhecer a necessidade é não "manter o antagonismo entre a escola e o meio, a educação e a vida". Não acontecendo isto, a cultura se adaptaria ao progresso, mas não o progresso baseado no espírito do lucro, que é baseado na lei de oferta e procura dos mercados, limitante da cultura, a inteligência, o trabalho e a expansão criadora, assim como cria superprodução e subconsumo[286]. Com isto, temos a aplicação da lei de oferta e procura à esfera da cultura que, segundo o autor, cria "supercultura intelectual de meia dúzia e a ignorância total de milhões de criaturas". Para Dalcídio, a ideia de progresso corrente na sua época era ou uma lei de inercia social ou um desequilíbrio que produz sistemas sociais baseados em teorias falsas, como o racismo. Aqui, a ligação entre racismo e progresso se mostra revelador de como Dalcídio via a racialização, mas também o próprio progresso. Se, por um lado, havia a ideia muito comum até o início do século XX de que o negro e o indígena eram um empecilho para o progresso da nação, por outro, no pensamento do escritor paraense, esses elementos raciais não eram um entrave à nossa modernização. Pois, neste texto, ele prega um outro tipo de progresso, tendo como base a "unidade crescente de valores humanos a serviço da humanidade"[287].

Nesse sentido, para o romancista, a criança teria que ter contato com a "realidade brutal". Já a disciplina presente nas escolas seria uma forma de "hipocrisia e de tirania disfarçada em hinos, discursos, demonstrações patrióticas". Além disso, por causa dessa separação entre vida e ensino, "fazem decepcionar a criança mais tarde quando chegar a idade

[286] JURANDIR, Dalcídio. Educação e Liberdade. Escola: Revista do professorado do Pará. v.1, n.5. Setembro de 1935. p.41-43.
[287] Idem, Ibidem.

oportuna e começar a sofrer a contingência de trabalhar para não morrer de fome"[288]. Aqui, Dalcídio parece recuperar a sua experiência social de desilusão com a escola e a posterior desistência dela na Belém da Belle Époque, assim como todas as experiências na busca de trabalho pela capital e pelo interior do estado. Em suma, sua narrativa de desaprendizagem de uma cultura erudita que o aproximava cada vez mais do solo social da Amazônia, pois a "miragem para a criança é recalque mais tarde, é a decepção corrosiva do caráter e de todos os bons impulsos juvenis"[289].

Além disso, no mesmo texto, o romancista alerta que o trabalho alienou o homem a tal ponto que ele exerce uma "função antissocial sem nenhuma significação educativa", tornando-se uma forma de pauperização devido à não compensação da "necessidade vital" do trabalhador. Essa necessidade vital é "um objeto de interesses comuns, a essência mesma da cultura, o laço da solidariedade, a base dos centros de interesse e o surto das renovações civilizadoras da humanidade"[290]. Fazer isso, segundo o escritor, seria o "retorno do homem ao próprio homem". E, por meio da educação livre, sem a separação entre educação e realidade, ocorreria a humanização do homem, mas o homem sem os fetichismos e terrores cósmicos. É uma forma de se aproximar do real em detrimento das idealizações.

O jargão marxista aí é nítido: fetichismo do homem, da mercadoria, do trabalho, "consciência de liberdade", "laços de solidariedade", "interesses comuns", etc. Todos esses termos remetem ao debate de Marx com os jovens hegelianos, sintetizado pelo movimento filosófico de retorno ao homem histórico, que se expressa no filósofo alemão na seguinte frase: "se eleva da terra ao céu", demarcando justamente a contraposição à filosofia idealista de Hegel[291]. Mas, para Dalcídio, o jargão marxista serve para encaminhar a argumentação no sentido de que, se existe um ensino separado da realidade, existe alienação e fetichismo, e por isso, a aprendizagem não separada da vida levaria o indivíduo à "consciência de liberdade".

---

[288] Idem, Ibidem.
[289] Idem, Ibidem.
[290] Idem, Ibidem.
[291] "Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida". KARL, Marx; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007. p. 94.

Nitidamente, é uma pedagogia voltada para um horizonte de transformações da ordem burguesa, no qual o homem se desvencilharia de idealizações de si mesmo e de coisas ao seu redor para ter uma noção mais realista sobre a sua própria condição.

Portanto, a adoção dessas teorias se deu em função de, além de estarem pairando no ar, desempenharem um papel na construção da narrativa de aprendizagem na cultura popular na trajetória do escritor, iniciada no começo da década de 1930. Mas não é sem sentido que o escritor tenha publicado o poema "Tempo de Menino", no qual descreve a aprendizagem de um eu lírico entre a cultura popular e a erudita, justamente na revista *Escola*.

TEMPO DE MENINO

Asa de garça
Passou por cima de minha cabeça ao entardecer...
Chuva encheu a lagoa.

Me lembro de Cachoeira
Ao entardecer, no tempo do inverno
O quintal da casa, cheio d'água,
Para minha alegria de menino levado,
Doidinho pela água como filhote de pato brabo.
Alegria de brincar com meus navios de miriti
E de espantar as sardinhas.
Me lembro das piaçocas,
Das marrecas,
Dos tuiuiús passando muito alto.
Indo embora para os lagos desconhecidos.
Me lembro daquele moinho de vento
Parado no meio das águas.
Montarias levando meninos para as escolas.
O velho Mané Leão, surdo e trôpego,
Subia a torre da igreja para bater a ave-maria.
Gaviões, colhereiras, marrecas, piaçocas, tuiuiús
Passavam por cima da igreja...
Eu não pensava nos reinos encantados
Que há nos livros caros dos meninos ricos
(quando que eu conhecia os contos de Perrault)
Sabia histórias que a Sabina, cria da casa, me contava,
Pensava nas canoinhas de miriti bubuiando nas águas,
Nos matupiris que comiam os miolos do pão,
Nos cabelos verdes da mãe d'água, nos choques dos puraqués,
No ronco dos jacarés, nos sucurijus que podiam vir buscar a gente
Quando estivesse descuidada, tomando banho no quintal da casa...
(Quando eu pensava nas fábulas de La Fontaine).
Eu tinha a Sabina, cria da casa,

Para me ensinar a linguagem dos bichos marajoaras.
E me mirava horas e horas, no espelho das águas,
E quando o vento vinha arrepiando as águas,
O meu retrato se arrepiava também, se desmontava,
[perdia,
O sério de um retrato bem tirado
Para ser uma criatura que o vento bolia
Nos espelhos das águas...

Não vejo mais nenhuma asa de garça...
Não vejo mais nenhuma paisagem de água e mururé
[em volta de mim

Infância, tempo de menino,
Sucuriju te levou p'ro fundo das águas
Com todas histórias de Sabina
As canoinhas de miriti, os cabelos da mãe d'água
O acalanto da rede no balanço bom demais que
[mamãe me fazia...
É por isso com meu velho dicionário
Leio os contos de Perrault
E compreendo a fala dos bichos de La Fontaine.

Este poema demonstra perfeitamente como Dalcídio Jurandir articula, ao longo da década de 1930, sua experiência social e sua socialização intelectual na construção de uma narrativa de desilusão com a cultura erudita, e vai se aproximando da cultura popular da região. E isso será essencial na construção de seus romances e na narrativa que ele encampa sobre sua própria trajetória. Em um tom altamente memorialista, o eu-lírico descreve um processo de aprendizagem que vai de uma infância em contato com a natureza e cultura amazônica a um envolvimento maior com a cultura erudita na vida adulta. Nessa infância, o contato mais direto é com um sistema de pensamento da cultura popular local, por meio da qual ele "sabia histórias que a Sabina, cria da casa" contava. Mas, para o eu-lírico, na sua infância o contato era exclusivo com esse sistema de pensamento, que logo demarca a quem o domina: os pobres. Porém, delimita também quem domina a cultura erudita: os ricos. Em uma clara divisão de classes sociais, o eu-lírico estabelece homologias entre a cultura popular e os pobres, e a cultura erudita e os ricos: "Eu não pensava nos reinos encantados que há nos livros caros dos meninos ricos (quando que eu conhecia os contos de Perrault)". Essa visão será uma constante no pensamento do autor a partir desse momento, visto que, como pontuei anteriormente, ele aplica a teoria de Marx à esfera da cultura. Já na fase adulta, o eu lírico não tem mais contato com a cultura popular, o contato agora é com a alta cultura. "É por isso com meu velho dicionário/Leio os contos de Perrault/ E compreendo a fala dos bichos de La Fontaine". Numa alusão ao

aprendizado de códigos sociais, que na infância era o domínio da cultura popular, ele se volta a outro: o da cultura erudita. "Infância, tempo de menino,/Sucuriju te levou p'ro fundo das águas/Com todas histórias de Sabina" [..]. Com a infância finda, parece que o autor se distancia, espacialmente e temporalmente, da cultura popular. E parece indicar que essa cultura popular já não existe mais e que, dada as devidas proporções, essa distância o fez mergulhar na cultura erudita, se alheando da cultura popular da região. No entanto, podemos observar que, no nível formal, o escritor utiliza lendas da cultura popular da Amazônia para explicar o processo de aprendizagem descrito pelo eu-lírico, assim como não tenta seguir uma forma acadêmica de fazer poesia, pois a versificação é livre, apesar das rimas.

Essa aproximação com a cultura erudita, mas refundida com o popular, demonstra o envolvimento de Dalcídio com intelectuais modernistas paraenses. Tanto que ele dividia as páginas da revista *Escola* com alguns nomes do modernismo paraense. Um distinto membro da Associação dos Novos e diretor da extinta revista modernista *Belém nova,* Paulo de Oliveira, aparecia com um texto apoiando Gandhi na sua obra de "fé patriótica" sobre a independência da Índia, considerada por ele como um "símbolo eterno da burguesia [que] se desmorona ante ao riso desse desdentado descendente dos brahmanes"[292]. Outro membro distinto da Associação dos Novos e um dos diretores da *Belém Nova* que aparecia nessas páginas da revista é Bruno de Menezes com seu poema *Auriverde Pendão,* uma espécie de poema nacionalista[293]. Também figuravam entre os colaboradores amigos próximos de Dalcídio, como Ribamar de Moura, que exaltava a liberdade em contraposição à exploração e dominação do outro com seu texto *Uma nova pedagogia religiosa para os nossos filhos*[294].

Portanto, desde o início da década de 1930, Dalcídio já circulava entre os intelectuais modernistas da capital e era considerado um dos representantes da "ala moça dos intelectuais paraenses"[295]. Uma corruptela para chamá-lo de adepto da renovação literária[296]. Prova disso são suas colaborações para *O estado do Pará,* um jornal tido como propagador de "ideias jovens"[297].

---

[292] DE OLIVEIRA, Paulo. O sorriso de Gandhi. Escola.v.1,n.3.Ago. 1934.
[293] MENEZES, Bruno de. Ariverde Pendão. Escola. V.1, n.4. Mai. De 1935.
[294] MOURA, Ribamar. Uma nova pedagogia religiosa para os nossos filhos. Escola. V.1, n.4. Mai. De 1935.
[295] O secretário da ESCOLA. Escola. V.1, n.3, Ago. 1934.p.116.
[296] Isso ficará mais claro a frente.
[297] QUEIROZ, 2018.p.54.

Essa acentuação da mistura de marxismo e educação nos textos de Dalcídio não é aleatória; é o sinal do maior engajamento do escritor nos debates políticos da época. Uma vez que a Aliança Nacional Libertadora, movimento de esquerda, também fazia parte dos movimentos de renovação na educação, com sua ânsia nacionalista de formar cidadãos para escolher melhor os seus dirigentes, apostava na implementação e difusão da instrução elementar e do voto secreto[298].

Prova de que o marxismo e as teorias da Escola Nova estavam interligados é a adesão de Dalcídio à Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935, num texto em defesa dessa organização chamado *A Um Mystico Integralista,* publicado n'*O Estado do Pará*. Neste texto, o autor diz que, em um país com 40 milhões de habitantes, cheio de "bocas famintas, multidões espoliadas, proletários iludidos, camponeses reduzidos a extrema miséria como o escravo de gleba"[299], a Aliança Nacional surge como um alento para essas pessoas e é, antes de tudo, uma "necessidade histórica" imposta pela evolução política do Brasil[300].

Neste mesmo ano, publica uma crônica no mesmo jornal com o título *A mascará integralista.* Nela, Dalcídio se coloca como defensor da Aliança Nacional Libertadora e aponta que o integralismo é uma "confusão mística e plinista, bagaço do mussolinismo e hitlerismo" uma bricolagem mal-feita de "arianismo selvagem" da Alemanha[301]. Além disto, critica o maior enfoque da raça no fascismo à brasileira, pois, sobre todos os demais condicionantes históricos, "o primado racial" impera. Portanto, segundo o escritor, para o integralismo "a raça é que manda e que cria os complexos econômicos e superestruturas que forma a sociedade"[302]. Aqui apresenta-se um maior interesse de Dalcídio pela questão racial que vai se acentuando à medida do transcurso da década de 1930, muito por conta dos debates sobre raça no contexto brasileiro, mas também como resquícios dos debates sobre a guerra que se processava na Europa e o fortalecimento do movimento Integralista no Brasil.

Depois do fechamento da ANL, Dalcídio toma parte ativa no movimento. E os protestos saem dos jornais e revistas e chegam às ruas. "Vai falar no Largo da Pólvora, sobe nos caixões

---

[298] Cf. CANDIDO. Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. Op. Cit. p.182.
[299] JURANDIR, Dalcídio. Um Mystico Integralista. O Estado do Pará. Belém, 4 de julho de 1935. Acervo de Obras Raras da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Centur-Pa.
[300] Idem, Ibidem.
[301] JURANDIR, Dalcídio. A mascará integralista. O Estado do Pará. Belém, julho de 1935. Acervo de Obras Raras da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Centur-Pa.
[302] Idem, Ibidem.

de comício no subúrbio"[303]. Os irmãos de Dalcídio, Ritacínio e Alfredinha, também compartilhavam os preceitos esquerdistas; a última levava bilhetes dos irmãos para outros revolucionários[304]. Em 1936, ele e o irmão são presos por suas ideias esquerdistas. Na prisão, aproveitou para ler *Dom Quixote*. É solto dois meses depois. Mas, após o início da campanha contra o fascismo, iria ser preso novamente em 1937, por três meses[305]. Até nesta situação, o escritor prefere os meios populares.

> Acabei gramando xadrez comum, o mesmo xadrez onde os ladrões de galinha e porristas passam vinte e quatro horas. Nele passei três meses, apenas porque a infâmia dos camisas verdes chegava a tudo naquele tempo. Me ficava bem, aliás, estar em companhia daquela pobre gente em vez de estar na companhia dos autores da infâmia[306].

O marxismo serviu como uma forma de adentrar ainda mais nos meios populares, como já vinha fazendo dentro dos debates da Escola Nova. Essa interligação que propicia a aproximação do intelectual com as massas, o contato mais direto, serviu como uma forma de aprendizado ainda mais radical com os populares e seus problemas sociais na Amazônia. Além de cumprir a função de estabilizar a origem social de Dalcídio no meio popular. "Sou daqueles de lá, sempre fiz questão de não arredar pé da minha origem e para isso, ou melhor para enterrar mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão"[307].

No plano pessoal, Dalcídio passava por uma montanha de emoções, assim como no plano político. Também é nessa década – 1935– que se casa com a datilografa Guiomarina Luzia Freire. Já em 1936, nasce o primeiro filho do casal, Alfredo Freire Pereira, mas, em 1937, ele falece. Depois, nasceu o filho João Sergio freire Pereira. Em cartas da prisão, em 1937, Dalcídio reafirma o seu ideal de aprendizagem em relação ao filho:

> Então João Sergio é doido pela rua, não? Ainda bem. A rua é o mar alto das cidades, é o rio onde corre a vida mais intensa e onde se acolhe na experiência dos homens, a perfídia, a estupidez, e a miséria dos homens...
> Mas a rua para João Sergio não vem dos homens, vem das coisas que sabem ser mais humanas, vem das arvores e das pedras, do sol, do céu, que parece ondular em cor e em ritmos de asa, indiferente, sobre a cabeça dos homens...[308].

---

[303] PEREZ, Op. Cit. p.119.
[304] NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.31.
[305] PEREZ, Op. Cit. p.119.
[306] JURANDIR, Dalcídio. Tragédia e comédia de um escritor novo do norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164, p.3. 31 de Ago. 1940.
[307] JURANDIR, 1996[1960]. p.50.
[308] Carta de Jurandir à Guiomarina Freire, 1937. in: NUNES Et. Al. (Orgs.). 2006. p.35.

A descrição da rua descamba no estético e no ético, nas coisas "mais humanas", no caso as partes boas dos homens, que o ligam à natureza, mas não no sentido naturalista e sim no sentido de não alienação. Aqui há uma nova ideia de natureza, uma objetiva, com suas próprias leis, enquanto os homens se distanciam dela e, consequentemente, se degeneram, tornam-se perfídias, estúpidos e miseráveis. É ideia de que os homens estariam se distanciando dessa ordem natural e se alienando em relação a ela; e ao voltarem para ela, estariam melhor protegidos contra as injunções desse distanciamento da natureza[309].

Também é nessa década que perde a mãe, vítima de um câncer, em 1935. Curiosamente, é nesse período a acentuação de suas atividades como militante entorno da educação, do marxismo e da literatura, assim como, é nesse período que reafirma a origem social da mãe. E isso se deve em parte à constituição de família, aos acirramentos dos debates políticos, mas também as oportunidades surgidas nos quadros abertos no jornalismo e no estamento burocrático médio do estado, que serviam como válvula de escape para aspirantes a literatos com formação escolar precária, os quais ainda não conseguiam melhores posições no campo literário brasileiro.

4.2 Dalcídio Jurandir e a "geração do peixe frito"

> O que aprendi de literatura vem da minha vida, da minha terra onde vivo, do povo de onde venho. Não tenho história literária. Nem mesmo posso fixar alguns episódios mais interessantes acerca das influências literárias que sofri. Tudo isso é muito convencional, muito indefinido. Não fiz ainda uma verdadeira carreira literária para expor quais as influências que ela sofreu e os rumos que vem tomando. Nem comecei sequer a escrever um romance que seja a minha maturidade, o meu encarniçado desejo de melhor explicar ou descobrir o que a vida deixou em mim. As influências literárias devem ficar em nós quase sem a gente saber. Penso que elas se revelam à proporção que o nosso encontro com a vida se faça mais sério, mais doloroso e mais fecundo[310].

O trecho da entrevista mostra a evasão de Dalcídio ao contar sobre a sua socialização intelectual no período de juventude. Nele, podemos perceber a mesma estrutura narrativa de aprendizagem em íntimo contato com o solo social da Amazônia. Como o leitor verá mais

[309] Cf. WILIAMS, Raymond. Ideias sobre a natureza. In: Cultura e materialismo. São Paulo: Editora Unesp.2011. p.89-114

[310] JURANDIR, Dalcídio. À margem de uma crítica do sr. Álvaro Lins. Jornal do Commercio, Recife, 30 de Nov. 1941. Cf._____. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. *Dom Casmurro*. Ano V, n.230, p.. 13 de Dez. 1941.

adiante, é uma forma de se colocar como um intelectual com a característica de "simplicidade" dos meios populares.

***

Não se pode compreender o ponto de vista de Dalcídio no limiar dos anos 1930 sem nos atentarmos para as condições materiais e simbólicas presentes no momento de seu ingresso efetivo na vida literária como representante da "ala moça dos intelectuais paraenses".

Dalcídio adentrou na vida literária em um limbo entre a primeira e a segunda geração do modernismo paraense. Tendo adentrado na vida literária somente nos anos 1930, a despeito das tentativas fracassadas de ingressar nesse meio no final dos anos 1920, ele iria se coadunar com distintos membros dessas duas gerações do modernismo naqueles rincões.

Coube a primeira geração, em 1920, a façanha de introduzir o modernismo naqueles rincões Amazônicos. Essa geração, se formou da seguinte maneira: no ano de 1921, na capital, existiam dois grupos que já discutiam um certo "artificialismo" das obras publicadas na capital do Pará. Um deles se reuniam no Largo da Pólvora, no terraço do Grande Hotel, centro da vida da elite regional. Esse grupo logo ficou conhecido como "Academia ao Ar Livre" e era composto por Theodoro Braga, Abguar de Bastos, Clovis Gusmão, Edgar Proença, Orlando de Moraes, Sant'Anna Marques e, às vezes, era frequentado pelo jovem Nunes Pereira[311]. Raul Bopp, o autor de *Cobra Norato*, que estudara Direito na época e depois se tornou professor no Ginásio Paes de Carvalho na capital paraense, registra a movimentação dessa Academia em suas memórias.

> À noite, no terraço do Grande Hotel, debaixo de copas [de] mangueiras, reuniam-se. os grupos habituais. O círculo de conhecidos ia se alargando. Emendava-se, às vezes, com outras rodas. Vinham o Braquinha, o Proença, o Orlando, Clovis Gusmão, o Abguar Bastos, Sant'Anna Marques, às vezes o Nunes Pereira. Discutia se de tudo. Entrava em comentários, notadamente no campo literário. Em geral, os modos de ver, nesses assuntos, arrematavam-se em blaques. Mas, dessas conversas, de calor comunicativo, ficava sempre um resíduo de bom senso, que assinalava o pesado artificialismo em coisas que se publicavam. Publicava-se uma poesia chorona e sem graça, com alguns reflexos líricos. Apareceu, uma vez, um soneto de Bruges, a morta,

[311] Cf. COELHO, M. O. Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos, 1946-1952. 2003. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003. Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. FIGUEIREDO, A, M. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 2001. 315 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. QUEIROZ, José Francisco da Silva. Futurosos e futuristas: uma história pelo avesso da arte moderna no Pará. 2018. 515 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2018. Programa de Pós-Graduação em Letras.

> sacudida na sua quietude medieval, por um poeta goiano. O intelectualismo sem direção, tinha efeitos estéreis. O jornal local inseria nas suas colunas um longo ensaio sobre o Preciosismo. Que tinha nós a ver com o famoso hotel de Ramboilet, já bastante ridicularizado no seu tempo? Essa anarquia literária, em mistura com figurinos antiquados, dava lugar a comentários satíricos do grupo[312].

Theodoro Braga já era pintor famoso de quadros históricos e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Edgar Proença era membro da Associação de Imprensa do Pará e redator da revista *A semana*, Orlando Moraes era poeta, Abguar de Bastos[313] já publicava poemas e colaborava com jornais, Clovis de Gusmão era estudante e publicava poemas em vários jornais, Sant'Anna Marques era secretário da redação do jornal *O estado do Pará*, Nunes Pereira era Manuel Nunes Pereira[314], e já escrevia para jornais locais[315]. Para se ter uma ideia do ânimo que imperava nessa roda, o integrante do grupo Raul Bopp conta como a renovação literária imprimia um clima de pesquisa sobre o folclore e elementos telúricos da região.

> Fazia-se o inventário folclórico das coisas do Amazonas, com um ânimo de renovação. Passava-se em revista os contos da onça, histórias do "aí me acuda", casos de assombração. Descobriam-se no fundo de cada lenda, aspectos sensatos de jurisprudência indígenas, (sobre a caça parida, a época da desova etc.). Para dar ideia da dureza do acapu, por exemplo, diziam que as árvores, 100 anos depois de ser cortada, sentiu pela primeira vez, uma ferroadinha na casca. Então exclamou: - ai que me cortaram! Dessas conversas, e, rodas que não tinham outro objetivo que o de simples prazer de estar juntos, fui sedimentando conhecimentos fragmentários sobre a Amazônia. Aprendi, também, em minhas viagens de canoas, a sentir intensamente

[312] BOPP, 1968, p.121-122 Apud QUEIROZ, Op. Cit. p. 58.

[313] Abguar Bastos nasceu em Belém em 1902. Terminou os estudos primários e secundários em Belém em 1921, quando ingressou na Faculdade de Direito em Manaus, formando-se em 1925. Começou a trabalhar como bancário em Belém e, depois foi para o posto de secretário da prefeitura da cidade de Coari, no Interior do Amazonas; em seguida, assumiu interinamente o cargo de prefeito. Entre os anos de 1926-1928 foi tabelião em um cartório. Torna-se, em 1929, o redator de debates da Assembleia Legislativa do Amazonas. Cf. PAIVA. Op. Cit. p.317-318. Possivelmente, foi por conta de seu envolvimento com esses cargos políticos ou ligados à política que se firmou entre a elite regional.

[314] Manuel Nunes Pereira nasceu em São Luís, em 26 de junho de 1892 e faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de fevereiro de 1985, aos 92 anos. Era filho de mãe negra e pai branco. Nos primeiros anos de implantação da República, a família de Nunes se mudou para Belém, atraídos pela promessa de enriquecimento com o período áureo de extração do "ouro negro". Seus primeiros anos de estudo foram feitos no Rio de Janeiro (Petrópolis), de onde voltou para Belém com 13 anos. Terminou seus estudos no colégio Paes de Carvalho e ainda jovem viajou para o Amazonas visando trabalhar como veterinário. Morou em Belém por muito tempo, assim como em Manaus e no Rio. Teve intensa participação nos estudos afro-brasileiros e na etnologia indígena. Foi um dos pioneiros a tratar da presença negra na Amazônia com o trabalho apresentado em 1937 no I congresso do negro brasileiro. Escreveu trabalhos consagrados como *A Casa das Minas: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns, do panteão Daomeano, no Estado do Maranhão* (1950), *Moronguetá* (1967), B*aíra e suas experiências* (1940); *Ensaio de etnologia amazônica* (1940); *Curt Nimendaju (síntese de uma vida e de uma obra)* (1946), *Os índios Maués* (1954); e *Panorama da alimentação indígena* (1964). Cf. LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. "Nossos intelectuais e os chefes de mandinga": repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951). (Tese de doutorado). Salvador: Programa multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos. 2011. p. 179-181.

[315] Cf. QUEIROZ, Op. Cit. p.58-59.

> esse ambiente, onde casos do fabulário indígena se misturavam com episódios da vida quotidiana. O magicismo andava de mãos dadas com fenômenos da natureza[316].

Um outro grupo que se reunia nas barracas do mercado do Ver-o-Peso, apresentava uma feição mais boêmia e popular. O nome dado ao grupo foi "Academia do peixe Frito", como alusão a origem modesta desses intelectuais o tira-gosto que acompanhava os encontros[317]. Passaram em algum momento por essa "Academia": Bruno de Menezes[318], De Campos Ribeiro[319], Ernani Vieira[320], Muniz Barreto[321], Arlindo Ribeiro de Castro, Lindolfo Mesquita[322], Sandoval Lage[323], Abguar Soriano de Oliveira Bastos (Abguar de Bastos), Jaques Flores[324], Sant'anna Marques e Tó Teixeira[325].

---

[316] BOPP, 1968: 222 Apud QUEIROZ, Op. Cit. p.59.
[317] FIGUEIREDO. Op. Cit.p.219.
[318] Bruno de Menezes (1893-1963) nasceu em Belém e morreu em Manaus. Tinha ascendência negra, assim como Dalcídio, Nunes Pereira e Tó Texeira. Foi um literato importante no desenvolvimento das ideias modernistas no Pará, com a criação da revista Belém Nova, onde eram lançados diversos manifestos modernistas de intelectuais da região (inclusive o mais famoso de Abguar de Bastos, "FLAMI-N'-ASSÚ"). Desenvolveu também uma literatura negra na região. Formou-se apenas no primário e, ainda menino, foi trabalhar como aprendiz de encadernador na oficina de Tó Teixeira, violinista negro famoso em Belém. Esse trabalho o manteve em contato com os livros, que passou a estudar por conta própria. Tornou-se funcionário público, atuando no Tesouro do Estado, na Secretaria de Agricultura e, depois, no Departamento Estadual de Cooperativismo. Escreveu livros de poesias como, *Crucifixo* (1920), *Bailando o Luar* (1924), Batuque (1931), entre outros, e romances como *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954). Cf. FIGUEIREDO, 2001; LEAL, Op. Cit.
[319] José Sampaio de Campos Ribeiro nasceu em 1901, em São Luís-Maranhão. Aos 5 anos de idade se muda para Belém onde fincou raízes. Iniciou sua carreira literária e jornalística em 1921, no Jornal A Província do Pará. Foi um participante ativo da Academia do "Peixe frito" e depois na "Associação dos Novos". Publicou livros de poesia como *Em louvor do Heroísmo e da Bravura* (1924), *Gostosa Belém de outrora* (1966) e *Horas da tarde* (1970) além das conferências como *Graça Aranha e o Modernismo no Pará* (1973). Foi Membro da Academia Paraense de Letras desde 1937 até a sua morte (1980).
[320] A única informação biográfica conhecida sobre este personagem é que era paraense e publicou *Passaporte dos navegantes* (1923). QUEIROZ, Op. Cit. p.276.
[321] Publicou um livro de poesias chamado *Legenda* (1925). QUEIROZ, Op. Cit. p.278.
[322] Era Paraense, filho de imigrantes cearenses de origem modesta, tinha um senso de humor cômico. Na época de reunião desses grupos, estava na casa dos 20 anos. Nos anos 1920 já escrevia na Folha do Norte. Cf. FIGUEIREDO, Op. Cit. p.256.
[323] Não encontramos informações biográficos, apenas que era paraense. A informação conhecida é que publicou um livro de poesias chamada *Lenda da Garça Branca* (1924) e *Mulheres de Época* (1927). Cf QUEIROZ, Op. Cit. p.484.
[324] Jaques Flores, pseudônimo de Luiz Teixeira Gomes, nasceu em 10 de julho de 1889, em Belém e morreu em 12 de dezembro de 1962 na mesma cidade. Iniciou sua vida de trabalho como tipógrafo e encadernador. A partir desta função, desenvolveu, como autodidata, habilidades para o mundo das letras. Em 1926, foi indicado pelo governador Dionísio Bentes para trabalhar como agente da polícia civil, função que ocupou até o fim de sua vida. Paralelamente ao trabalho policial escreveu diversos sonetos e crônicas, cujos maiores destaques são dados à *Berimbau e gaita* (1925), *Cuia Pitinga* (1936) e *Panela de Barro* (1947). Cf. LEAL, Op. Cit.
[325] COELHO, M. O. Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos, 1946-1952. 2003. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003. Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. FIGUEIREDO, A, M. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 2001. 315 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. p.221-230.

O nome desta "academia", assim como o local onde se encontravam geralmente, o mercado do Ver-o-Peso, é uma marcação simbólica de seu projeto literário mais próximo da cultura popular da região. Esse grupo não era fechado, não era incomum ter integrantes do grupo da "Academia ao Ar Livre" saindo com esse outro grupo em noitadas suburbanas pela periferia de Belém e vice e versa[326], fato explicativo da aparição de Abguar e Sant'Anna Marques nos dois grupos. Mas, de alguma forma, os integrantes da "Academia do Peixe Frito" buscavam se diferenciar do grupo que se reunia no Terraço do Grande Hotel, mais abastados economicamente. Em uma mistura de anarquismo, marxismo e compromisso moral com os problemas da região, tinham uma visão mais popular e engajada da vida literária[327] . O líder da "academia do Peixe frito", Bruno de Menezes, desde seu envolvimento no universo anarquista da capital, era um crítico aos encontros dessa outra academia que reunia intelectuais na sofisticação dos cafés à moda parisiense[328]. Isso demonstra o espírito crítico desse grupo ao ilusório glamour parisiense da capital paraense, resquício da Belle Époque na Amazônia. Mas isto não impediu a união desses dois grupos em 1921, numa frente ampla apregoando o modernismo no Pará em torno da revista *Belém Nova*[329].

Esse novo grupo formado foi denominado *Associação dos Novos* e foi apelidado de "Vândalos do Apocalipse" em consonância com o novo credo dos jovens revoltosos[330]. Mas, de fato, antes mesmo do surgimento da revista *Belém Nova*, em 1923, alguns desses "vândalos" já possuíam espaço em jornais, como na *Folha do Norte* por intermédio de Severino Silva, Carlos Nascimento e Eustáquio de Azevedo— os "jacarés sagrados" —, no *O Estado do Pará* com a ajuda de Sant'Anna Marques, e já tinham uma coluna no *A Provincia do Pará* intitulada *Coluna dos Novos*, na qual publicavam poemas, crônicas e intrigas[331].

No entanto, só podemos entender essas alianças entre literatos acadêmicos e modernistas se nos atentarmos para o fato do círculo social pequeno desses intelectuais. Essa constatação se confirma quando olhamos as instituições as quais se relacionavam. A maioria deles estavam ligados, de forma direta ou indireta, a espaços como a imprensa, os Institutos

[326] FIGUEIREDO. Op. Cit. p.220.
[327] FIGUEIREDO, Op. cit. p.220.
[328] Idem, Ibidem.
[329] Idem, Ibidem.
[330] FIGUEIREDO. Op. Cit. p.220-221.
[331] FIGUEIREDO. Op. Cit. p.221.

Científicos, os Grupos Escolares, as Faculdades Livres etc. Notadamente, três instituições se destacam, O Ginásio Paes de Carvalho, onde lecionavam Remígio Fernandez (o crítico de Dalcídio e professor de Latim), Ignácio Moura (professor de Matemática) e Carlos Nascimento (professor de Português); o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, onde eram membros Severino Silva, o próprio Ignácio Moura, Theodoro Braga, Eustáquio de Azevedo e outros; e, claro, a imprensa, onde eles dominavam também as páginas dos principais jornais.

Portanto, "ser funcionário, aluno, ou membro de algum desses centros e disseminadores de cultura significava travar relações com figuras que tinham influência em vários núcleos da elite erudita paraense"[332]. Não é à toa que, até as suas idas para outras cidades mais rentáveis (simbólico e materialmente), Oswaldo Orico, Peregrino Junior e Martins Napoleão, figurassem com sucesso como jovens literatos entre esses "jacarés sagrados"[333]. O mesmo ocorreu com Raul Bopp, que foi estudante do Ginásio Paes de Carvalho e se enturmou rapidamente entre os intelectuais desses rincões; e Abguar de Bastos, que possivelmente estudou nesse mesmo Ginásio, visto ser a instituição escolar da elite paraense, e participou como membro da redação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará[334].

Portanto, isso mostra o que muitos pesquisadores já observaram sobre o modernismo e os círculos intelectuais do Pará: o tom conciliador existente entre as diversas gerações de intelectuais paraenses[335]. Para um círculo social pequeno e difícil de adentrar, sem as coordenadas sociais desse emaranhado "jogo social" que é a legitimação intelectual, as renovações da arte foram lidas como positivas para o movimento cultural daqueles rincões, ainda visto como incivilizado, como atesta Figueiredo na esfera do patronato das letras na capital do Pará.

> [...] As novas propostas estéticas e outras experimentações no campo das artes nunca foram levados muito em conta pelo mecenato paraense, que apreendia e recepcionava toda essa movimentação literária quase sempre como um sinal de civilidade e

[332] QUEIROZ, 2018. p.210.
[333] QUEIROZ, Op. Cit. p.209.
[334] Sobre a participação de Abguar no IHGP, ver: FREITAS, Iza Vanessa Pedroso de. O patronato das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937). 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Programa de Pós-Graduação em História. N.p.
[335] FIGUEIREDO. Op. Cit. QUEIROZ. Op. Cit. COELHO. Op. Cit.

> progresso na educação, procurando incorporar tal sucesso como parte de suas realizações administrativas[336].

Exemplificativo dessa recepção era a relação do líder desse movimento, Bruno de Menezes, com o governador Souza Castro, que possibilitou a impressão da revista *Belém Nova* nas gráficas do Instituto Lauro Sodré[337].

A revista *Belém Nova* circulou entre os anos de 1923 e 1929. Na primeira fase da revista, sobre a liderança de Bruno, saíram vários manifestos em favor da renovação artística e a palavra de ordem era o "mundanismo"[338]. Na segunda fase, já por conta da crise política do Governo de Souza Castro e à aproximação desses intelectuais com seu governo, Bruno de Menezes foi retirado do comando da redação porque parte do grupo (Paulo Oliveira, Abguar de Bastos, Clovis Gusmão e Lindolfo Mesquita) buscavam uma aproximação ainda mais intensa com o governo, o que ele não apoiava[339].

Já era um sinal do início das disputas internas do grupo. Se, por um lado, no início dos anos 1920, tanto Abguar quanto Bruno tinham uma relação de respeito e ódio às figuras que defendiam as formas clássicas de fazer poesia (porque faziam parte da "poesia regional"), como o político e bibliotecário Severino Silva, o professor de Latim Remígio Fernandez e até Eustaquio de Azevedo[340], por outro, já no ano seguinte à união do grupo, começa a surgir diferenças entre os dois, basta analisar as diferentes propostas entre os manifestos publicados pelos dois cabeças do movimento[341]. Essas diferenças irão se aprofundar ainda mais no decorrer da década de 1920. Se, por um lado, a tentativa de fazer uma "Arte Nova" em substituição dos modelos estrangeiros fez muitos escolherem a via do regionalismo, buscando a autenticidade da literatura local, por outro, restava a dúvida sobre como essa autenticidade se firmaria[342]. Existiam duas propostas divergentes nos diversos manifestos apresentados nas páginas da *Belém Nova* no final da década de 1920: Bruno de Menezes defendia que a literatura da Amazônia devia fazer intercâmbio com o eixo Rio-São Paulo, justamente porque eles

---

[336] FIGUEIREDO. Op. Cit. p.222.
[337] FIGUEIREDO. Op. Cit.: 223. QUEIROZ. Op. Cit. p.254
[338] FIGUEIREDO. Op. Cit. p.225.
[339] FIGUEIREDO. Op. Cit. p.224.
[340] SILVA, W. R. P; SOUZA, T. G. Memórias do modernismo paraense: Considerações sobre as condições de produção literária na Belém modernista. Revista Memento, v.2, n.2, 2011:192. FIGUEIREDO. Op. Cit. QUEIROZ. Op, Cit.
[341] QUEIROZ. Op. Cit. FIGUEIREDO, Aldrin. De pinceis e letras: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920. Revista Territórios e Fronteiras, *[S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 130–155, 2016.
[342] FIGUEIREDO. 2001. p.196.

aprenderam a valorizar a literatura regional, enquanto Abguar de Bastos propunha que os estados do "Norte"[343] estreitassem relações para concorrer com os valores sulistas, pois estes propositalmente esqueciam do Norte[344].

Nesse processo, sugiram as intrigas internas desses literatos (além das externas), e as sátiras foram utilizadas muitas vezes como instrumento para a própria autocritica do grupo, sendo usadas chacotas aos símbolos da modernidade então apregoados na chegada do futurismo na Amazônia[345]. Um desses símbolos era a chegada do automóvel e os empreendimentos da Ford Company na Amazônia[346]. Com isso, eles fundam uma nova forma de ver o momento histórico, pois os modernistas na Amazônia eram desconfiados de um passado de glórias da república e puseram em xeque as ideias de liberdade, o modelo de progresso, crescimento e modernização, e isso foi uma fagulha para posições anti-imperialistas entre esses intelectuais, que se traduzia em uma crítica à forma como a Amazônia era entregue ao estrangeiro[347], principalmente aos magnatas norte-americanos. Isso demonstra a clara posição crítica de modernistas paraenses a forma como se implementava a modernização naqueles rincões, onde se apresentava, como contradição de todo aquele requinte, a existência de toda uma população de explorados, miseráveis, pobres etc. Aqui, a problemática da modernização daqueles rincões, verdadeiro *topos* em torno da qual o pensamento da Amazônia tem se mobilizado[348], se mostra presente.

Enquanto isso, no passar dos anos 1920 para 1930, surgiram uma série de publicações que focalizavam os grupos populares pela veia do folclore e pelos costumes da região. Notadamente, os livros de poemas *A Lenda da Garça Branca* (1924) de Sandoval Lage, *Batuque* (1931) de Bruno de Menezes, *Berimbau e a Gaita* (1925) e *Cuia Pitanga* (1931) de Jacques Flores, *Terra Verde* (1929) de Eneida de Moraes[349] e o romance *A Amazônia que*

[343] No contexto, o termo tem acepção da união do Norte e Nordeste.
[344] FIGUEIREDO, 2016. p.146.
[345] FIGUEIREDO, 2001. p.255.
[346] Idem, Ibidem.
[347] Idem, Ibidem. p.216–217.
[348] PAIVA, Marco Aurelio coelho de, O papagaio e o fonógrafo: a Amazônia nos prosadores de ficção (1908-1931), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
[349] Eneida Vila Boas Costa (Morais é sobrenome do marido) nasceu na cidade de Belém, em 1904, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1971. Colaborou em jornais e revistas de Belém, publicando crônicas e poesias. Mudou-se para

ninguém sabe (1930) de Abguar Bastos. Em paralelo a esse movimento, ainda imperava toda uma tradição de representação da região focalizada na natureza[350]. Contudo, havia outros que focalizavam o caboclo na chave negativa ainda, como incivilizado, mudo, inapto para o trabalho, indolente, governado pela natureza e tendo nela o explicativo das mazelas sociais, mas já com uma tentativa de positivá-la. Notadamente, *Na Planície Amazônica* (1926) do estreante Raimundo de Moraes, *Terra Imatura* (1925) de Alfredo Landislau, e *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará* (1930) de José Carvalho. Este último, por exemplo, coloca o caboclo como "mais simples", "mais primitivo" e "menos complicado" que o cearense, este sendo "mais complexo", "mais variado" e "mais multiforme"[351]. Aqui, a visão do caboclo, apesar de ser lida numa escala evolutiva como menor que o cearense, ele é descrito como "manso", "calmo", com "ambições e necessidades", "frio", "suspicaz", "discreto" e "religioso"[352]. Portanto, há uma tentativa de positivar a sua identidade. Essa visão possivelmente veio da experiência do escritor com o processo de modernização de um mundo rural como a cidade de Crato, no Ceará, dado que o escritor nasceu na região e experienciou os "engenhos do Cariri", ficando na região até ir para a Amazônia exercer a função de tabelião. Prova disso é a explicação do livro para o estacionamento evolutivo do caboclo.

> Ali [Ceará], como em todo meio-norte, a caldeação foi mais intensa; fato devido às facilidades do povoamento e comunicação com as antigas capitais e centros populosos.[...] À grande extensão do território, quase despovoado; às dificuldades de comunicação entre os centros populosos, comunicação feita a remos e à vela, na grande vastidão dos rios; sem estradas por terras; a incúria dos governos em chamar as malocas para o convívio social, além de outras causas, são os fatores principais do estacionamento aludido[353].

Portanto, a própria razão da posição do caboclo na escala evolutiva residia na sua origem social em uma aristocracia decadente e a experiência do escritor com a urbanização da região

---

o Rio de Janeiro, em 1930. Ingressou no Partido Comunista. Presa por questões políticas, em 1936, foi companheira de prisão de Graciliano Ramos, que a menciona em *Memórias do cárcere*. Trabalhou como repórter, cronista, tradutora, articulista política. Nos anos 50, residiu em Paris, enviando colaborações para o Diário Carioca. Em 1954, criou no Rio de Janeiro o famoso "Baile do Pierrô", frequentado por artistas e intelectuais. Livros: *Terra verde* (poesia, 1929); *Quarteirão* (conto, 1936); *Paris e outros sonhos* (crônica memorialista); *Sujinho da terra* (literatura infantil, 1953); *Cão da madrugada* (crônica, 1954); *Alguns personagens* (reportagem, 1954); *Aruanda* (crônica, 1957), entre outros. CF. COELHO. Op. Cit. p.69.

[350] PAIVA, Marco Aurélio C. de. Péricles Moraes e as representações literárias da Amazônia. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 4, p. 11-29, 2013.

[351]CARVALHO, José, O matuto cearense e o caboclo do Pará, Belém: Oficinas gráficas Jornal de Belém, 1930, p. 1.

[352] *Ibid*., p. 3.

[353] *Ibid*., p. 1.

de Crato no Ceará, que via o processo com maus olhos. Segundo o autor, as estatísticas do Ceará, em processo de urbanização, eram "monstruosas", dado o elevado número de crimes e de loucos. Diferente do "meio" do caboclo, onde não se observam homicídios por meses e nem há loucos. Portanto, o folclorista ver no caboclo a imagem de boa índole, apesar de seu estacionamento evolutivo.

Após o fechamento da revista *Belém Nova* em 1929, os intelectuais desse grupo da Associação dos Novos se espalharam por várias redações de jornais e revistas, como A *Semana*, *O Estado do Pará*, *Folha do Norte* e *A província do Pará*.

No período posterior ao fechamento da revista, do início até o final da década de 1930, ocorreu um "desfalecimento" da vida literária local por conta da "esterilidade editorial" no campo das revistas literárias e das publicações de livros[354]. Isso se verifica pela própria distribuição espacial de gráficas no território brasileiro do período, que, com uma forte concentração no Centro-Sul, monopolizava 59% das publicações nos estados de São Paulo, Rio e Minas[355]. No caso das editoras, ocorre o mesmo: 61% delas estavam nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul[356].

Não é sem sentido que Dalcídio ainda almejasse uma ida para o Rio de Janeiro. Numa carta do final da década de 1930, escreveu: "Não perdi o desejo de ir ao Rio"[357]. Talvez sua vontade de ir para o Rio se devesse ao fato de que já tinha dois romances que desejava publicar, mas as condições materiais de produção literária do Pará o impediam. Além de suas aspirações pelo sucesso literário.

Dalcídio Jurandir se inseriu na vida intelectual de Belém nessa espécie de limbo literário, sofrendo todas as angústias comuns a um conjunto de jovens intelectuais que tinham novas aspirações trazidas pela geração anterior. Lembrando que Dalcídio já tinha a primeira versão de *Chove nos Campos de Cachoeira* e alguns capítulos de "Marinatambalo" (*Marajó*) no início da década de 1930[358]. Essa geração foi chamada de "remediada", e os seus integrantes

[354] COELHO. Op. Cit. p.32.
[355] MICELI. Op. Cit. p.151.
[356] Idem, Ibidem.
[357] JURANDIR, Dalcídio. Carta a Nunes Pereira. 1938?. In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.40.
[358] NUNES Et. Al. (Orgs). Op. Cit. p.30.

eram Ruy Guilherme Barata[359], Adalcinda Camarão[360], Aloysio Chaves, Daniel Queima Coelho de Sousa, Francisco Paulo Mendes[361], Machado Coelho, Mário Couto, Stélio Maroja, entre outros[362]. Parte desses integrantes vão ser incluídos na geração "novíssima", que iniciou suas atividades na década de 1940[363].

Como ressaltei anteriormente, Dalcídio já tinha algumas publicações de poemas em revistas como *A semana*, *Guajarina*, *Pará Ilustrado e Escola* no início dos anos 1930. Na *A semana,* já apareciam colaboradores como Jacques Flores e Bruno de Menezes, Edgar Proença, Paulo Oliveira, Ernani Vieira, nomes da Associação dos Novos[364], então debandados com o fim da revista *Belém Nova*, em 1929. Na revista *Escola*, também aparece um poema de Bruno de

[359] Ruy Guilherme Paranatinga Barata nasceu em 25 de junho de 1920, em Santarém - Pará, cidade localizada às margens do rio Tapajós, filho de Alarico de Barros Barata e Maria Paranatinga Barata. Veio para Belém aos 10 anos de idade a fim de estudar o ginásio. A família mudou-se para Óbidos, outra cidade do Baixo-Amazonas. Cursou as duas primeiras séries no internato do Colégio Moderno e, as três últimas, no Instituto Nossa Senhora de Nazaré - colégio religioso dirigido pelos Irmãos Maristas. Estudou ainda no Colégio Estadual "Paes de Carvalho". Neste colégio, juntamente com outros dois colegas, Cleó Bernardo e Carlos Eduardo da Rocha, fundou a revista literária e política Terra Imatura. Formou-se pela Faculdade de Direito do Pará, em 1943. Exerceu o jornalismo profissional. Trabalhou no jornal Folha do Norte. E dirigiu nos anos 60, o Suplemento literário de A Província do Pará. Elegeu-se deputado estadual pelo Partido Social Progressista, em duas legislaturas, de 1947 a 1954. Lecionou Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Em 1964 foi preso e demitido do cartório em trabalhava e aposentado, compulsoriamente, do magistério superior. Com a anistia foi readmitido como professor da Universidade Federal do Pará. Morreu em São Paulo, no dia 23 de abril de 1990, onde foi fazer uma cirurgia. Foi sepultado em Belém. Livros: Anjo dos Abismos (poesia, 1943); A Linha imaginária (poesia, 1951); Antilogia (poesia, 2000). COELHO. Op. Cit. p.79-80.

[360] Adalcinda Magno Camarão Luxardo nasceu em Muaná (Marajó), 18 de julho de 1914, e morreu em Belém, 17 de janeiro de 2005. Era esposa de Libero Luxardo, então introdutor de um cinema regional. Tinha participação ativa nas revistas, A semana, *Guajarina*, e *Terra Imatura*. Entre 1956 e 1959, fez mestrado em Educação e Linguística na American University e The Catholic University of America, em Washington. Adalcinda passou quarenta e quatro anos de sua vida nos EUA com o marido, dentro do qual exerceu atividades como: lecionar Língua Portuguesa para os habitantes na Sanz School e na La Case Academy of Languages entre 1957 e 1960, na American University entre 1974 e 1975, na Graduate School of the Agriculture Department entre 1966 a 1977 e, na Arlington Adult Education entre 1986 e 1988. Além disso, entre 1974 e 1975, ensinou português para assistentes dos presidentes Richard Nixon e Gerald Ford na Casa Branca, além de ajudar a fundar o Departamento de Português na Georgetown University (Washington, D.C.), na qual lecionou literatura brasileira e de literatura portuguesa até 1965. Foi membra da Academia Paraense de Letras desde 1956. Publicou Poemas como: *Despetalei a rosa* (1941), *Vidência* (1943), *Baladas de Monte Alegre: poemas* (1949), *Entre espelhos e estrelas: poema*s (1953), *Caminho do vento: poemas* (1968), *Folhas, poesias* (1978), *A sombra das cerejeiras: poesia* (1989), *Antologia poética* (1995), *Memória* (19??). Além disso, publicou estudos de Folclore, compôs músicas...

[361] Francisco Paulo do Nascimento Mendes (1910 –1999), professor de Literatura Brasileira e Portuguesa, trabalhou como redator da revista *Terra Imatura* (1938 –1942), em Belém, dirigida e fundada pelos irmãos Cléo e Sylvio Braga. Chegou a orientar o suplemento literário da *Folha do Norte*, em outubro de 1948, na ausência de Haroldo Maranhão, e colaborou com artigos e ensaios na revista *Encontro* (1948). Cf. COELHO. Op. Cit. p.35.

[362] COELHO. Op. Cit. p.32.

[363] Idem. Ibidem.

[364] FLORES, Jacques. Espírito de caboclo. A Semana. v.11, n.578. Jun. 1929. Os colaboradores do jornal. A Semana. V.13, n.659, 1931. VIEIRA, Ernani. Flaminassu. A semana. V.9, n.515 1928. FLORES, Jaques. Poema. A semana. V.13, n(?). 1932.

Menezes[365]. Portanto, esses intelectuais da geração mais "remediada", já tinham contato com os intelectuais da primeira geração do modernismo Amazônico nas redações e nas páginas das revistas. No entanto, é possível que, em um nível íntimo, esses intelectuais das duas gerações tivessem contatos, dado o círculo pequeno de intelectuais. Nas noitadas suburbanas dessa primeira geração modernista no bairro do Umarizal, como conta De Campos Ribeiro, jovens literatos "bem-nascidos", "moços e mocinhas talentosas do bairro" e "gente do interior", entre eles Dalcídio Jurandir, tinham contato. Vale lembrar que o Umarizal foi onde Dalcídio morou por muito tempo. Na lembrança desse distinto membro da "Academia do Peixe Frito", Dalcídio ainda era um iniciante e já apresentava sua personalidade introvertida. Nas palavras de Campos, ele era "um caboclinho de ar ingênuo, meio bisonho [...]. O rapaz tinha nome de gente do interior, viera de Cachoeira: Dalcídio"[366]. Portanto, as duas gerações do modernismo paraense possivelmente tiveram contato em um nível íntimo.

Tanto que, quando criaram a sua revista *Terra Imatura (1938-1942)*, a maioria dos nomes desses "vândalos" aparecem como colaboradores. A revista foi criada pelos irmãos Cleo Bernado[367] e Sylvio Braga e era uma revista mensal ligada às artes e à cultura. O redator-chefe da revista era José Maria Mendes Pereira, e teve como redatores Alberto Soares do Valle Guimarães, Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Carlos Eduardo da Rocha, Daniel Coelho de Souza, Dalcídio Jurandir, Francisco Paulo Mendes, Fernando José Leão, Flávio de Carvalho, José Augusto Telles, Juracy Reis da Costa, Luís Faria, Machado Coelho, Mário Couto, Mário Augusto da Rocha, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Stélio Maroja e Solerno Moreira Filho[368].

No primeiro número da revista, os editores explicam que ela começou com o nome "Revista do Estudante", mas ainda estava ligada a jovens estudantes. Debaixo do título está explicitando se tratar de um "mensário independente dos estudantes do Pará". Além disso, no artigo da primeira página, convocam os estudantes da região a se juntarem com a revista. Ainda

[365] MENEZES, Bruno. AuriVerde pendão. Escola, v.1, n.4. Mai. 1935.
[366] De Campos Ribeiro, 2005, p.115 Apud COSTA, Antônio Maurício D. da, Pianos, Violões e Batuques: caminhos da invenção artística e folclórica da música negra na Amazônia paraense (1923-1940), História (São Paulo), v. 37, p. e2018035, 2018, p. 5.
[367] Cléo Bernardo de Macambira Braga nasceu em Belém. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará, lecionou nesta mesma universidade e no Colégio Moderno. Jornalista, cronista, poeta e parlamentar estadual pelo Partido Socialista Brasileiro. Foi soldado voluntário da Força Expedicionária Brasileira. Cf. COELHO. Op. Cit. p.73.
[368] COELHO. Op. Cit. p.73.

nesse mesmo artigo, temos a explicação sobre o nome da revista: trata-se de uma homenagem ao ensaio *Terra Imatura,* do escritor Alfredo Landislau, "que em vida, entre lagrimas e soluços, cantou os mistérios da Terra Imatura, tornando-se o poeta encantado da planície"[369]. Logo no início desse ensaio, o autor anuncia a filiação à tradição de representação da região. Nas páginas iniciais, temos duas citações, a de Euclides da Cunha e outra de Alberto Rangel. A de Euclides versa sobre a descrição geológica da Amazônia, no qual afirma que a natureza confirma o "traço grandioso" daquele habitat. A de Rangel incide sobre a tese de que a obra da civilização seria implantada na região no futuro pelas "raças superiores". A tese do ensaio aborda a problemática da modernização na Amazônia e se traduz na seguinte explicação: por possuir uma natureza grandiosa e dadivosa e por ter raças inferiores, aliada à falta de assistência dos governos do "sul", permanecia o traço incivilizado e atrasado. A linguagem é ostentatória, cheia de adjetivações grandiosas, semelhante a tradição de representação da região. Também as imagens da região não fogem da régua do topoi: aparece uma natureza opulenta e dadivosa, que, por sua vez, influencia a psicologia do caboclo, tornando-o indolente e preguiçoso, fazendo tudo pelo mínimo esforço. Por isso, ele não penetra nas matas e resolve construir sua barraca perto de rios, sendo, por isso, um elemento passivo na modernização. Já o sertanejo, por conta do habitat de onde veio, o sertão, precisa de muito trabalho para sobreviver. Por isso, prefere os ramos da agricultura de subsistência, abandonando as áreas improprias das beiras dos rios e lagos e adentrando a floresta. Aqui, ele se mostra como o elemento ativo. Mas, mesmo assim, ainda é vencido pela natureza. Poucos têm notado a tentativa de focalizar o elemento humano nesse ensaio, notadamente o caboclo e o imigrante nordestino. Aparece predominantemente uma descrição minuciosa de seus costumes, alimentação e psicologia, mas a natureza ainda se faz presente e determina a vida dos habitantes daqueles rincões. A novidade trazida pelo livro é a tentativa de não generalizar todos os caboclos como seres indolentes. Se, para o autor, os caboclos do Baixo Amazonas confirmam a tese dos naturalistas do caboclo ser indolente, preguiçoso e tartamudo, os "mestiços" do "Salgado" e do Marajó desmentem esse fato[370]. Portanto, ele desvencilha parcialmente o mito do caboclo como inapto para a civilização.

[369] TERRA Imatura. N.2.v.1. Mai. 1938. p.2.
[370] LANDISLAU. Op. Cit. Se pegarmos a recepção desse livro, concluiremos a mesma coisa. A grande recepção transcrita no final da 3° edição do livro, atesta o fato dessa recepção ter sido em nível nacional. Tanto que impressionou até modernistas paraenses como Paulo Oliveira.

O próprio Dalcídio revelou em uma carta que seus primeiros "espantos de juventude" foram ao ler o *Terra Imatura*, do cearense radicado no Pará, Alfredo Landislau,

> que escreveu notáveis páginas sobre a terra e o homem na Amazônia. Todos nós, do Pará, devemos a ele pelo que nos deu de amor à Amazônia e de fraternal interesse pelo caboclo que ele viu e frequentou nas beiragens e rios[371].

Então, não é sem sentido que a revista tenta focalizar o homem amazônico, pois toda essa geração já tinha rotinizado uma série de inovações trazidas pelos modernistas da primeira geração na Amazônia. Cléo Bernado expõe isso em um quase-manifesto publicado no número 10 da revista em 1939.

> Terra Imatura é uma realidade. A sua evolução foi sensível. Um exemplo: as nossas três magnificas conferências realizadas. Daniel Coelho de Souza falou sobre Tobias como poucos. Machado Coelho disse do outro de Assis o que era necessário. Josué de Castro expressou como mestre- a hora da cultura no entrechoque de opressão e liberdade, dentro do reflexo biológico de criação.
> E assim, no nosso meio quase alheio às vibrações da inteligência- vai se notando um levantar de forças, uma revolução intima pelo sentido mais amplo e positivo do saber e do pensamento, num bem-estar da mocidade quer rumos para o seu caminhar claro, vigoroso, insatisfeito, sequioso de direção...
> O nosso século se afastou da dialética verbalista e metafísica pelo princípio sociológico e real dos fatos na ação espiritual dos homens nas sociedades.
> Por isso, procuramos compreender o viver dos homens fechados, indiferentes. Ninguém toque: tabú... e não descobrimos uma réstea sequer para o nosso entendimento, pois eles continuam a imaginar que se constrói vão agindo e pensando objetivamente, contrariando a própria naturalidade espontânea, pragmática da vida moderna.
> É preciso que haja a correspondência do sentimento, da emoção, da cultura, da existência integral e profunda na compreensão sincera das coletividades, para que haja a expressão singular e magnifica do bem comum.
> Assim, é justo que se brande por um outra Amazônia de homens mais amazônicos- que compreendam com Huxley o recuo e o avanço do eu social, olhando o meio não como paisagem dos olhos e sim do espírito, a motivar a mudança melhor e mais humana da natureza pelo aproveitamento preciso das forças orgânicas naturais, facilitando a segurança fundamental do interesse honesto do grupo humano, administrado por uma ordem econômica social que fosse assegurada pela justiça equitativa das possibilidades.
> Esta sim- seria a poesia da Amazônia. A poesia da realidade seu boto, cobra grande e extasiamento, onde o caboclo viveria a unidade histórica do seu destino verdadeiro e anti-fantasista, vigorado pelo homem de visão da Capital ou do Interior, que deixava de ser pintura de classe, de categoria, medalhão, obra de fachada, para ser monumento público, estrada larga, saúde, economia orientada, por um futuro mais promissor, mais nosso.
> Terra Imatura realizando com independência moral e equilíbrio intelectual- o anseio da nova Amazônia- tem sido o contrário de muitas revistas: Amazônica em todas as suas manifestações. Não pelo motivo da terra. Mas pela alma da sua juventude que se volta para si, para si mesma, vivendo com a gleba a afinidade cientifica da influência

[371] JURANDIR, Dalcídio. Carta a Maria de Belém Menezes. 3 de janeiro de 1973. In: FARES, NUNES (Orgs.). Op. Cit. Epistolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Belém: Paka-Tatu. 2020. p.83.

> recíproca. Como as águas impossíveis do Amazonas que avança, desprezando o enclausuramento doentio dos isolamentos, nós vamos nos divorciando do dogmatismo-moda da idade como documento- porque na nossa revista há lugar para todos, com uma condição: ter sempre espírito moço.
> Agora, o ideal do momento é outro. Percepção de vida é outro. A tempera da atualidade divorcia-se da arte que precisava espaço e tempo para o domínio da terra. não existe quadrados, só existe infinitos. 'A Tecnica é hoje universal'[372].

Peço desculpas pela citação longa, mas, como o leitor percebeu, consolida-se aqui uma vertente que focalizaria e positivaria o elemento humano daqueles rincões, notadamente o caboclo. Isso, porém, não ocorre sem o diálogo com toda uma tradição de representação. Que é repaginada pela primeira geração de modernistas[373] e estabilizada por essa geração em torno da revista *Terra Imatura*. E Dalcídio tem uma contribuição importante nesse quesito, uma vez que ele participou ativamente dessa geração na década de 1930.

Portanto, essa revista plasmava um clima intelectual propício para tais mudanças de representação. E isso se traduziu em obras folclóricas, romances e em poesias. Notadamente, o clima de polarização política dos anos 1930, as múltiplas reformas educacionais baseadas na Escola Nova[374], e o surgimento do culturalismo como nova forma de interpretação da formação social brasileira, além da rotinização do modernismo.

Por exemplo, ainda na prisão em 1937, Dalcídio lia vários estudos sobre a cultura afro-brasileira e indígena, além de romances regionalistas, católicos e russos, que eram trazidos pela esposa, seu irmão Flaviano Pereira e o amigo Gentil Puget. Isso plasma a própria estrutura do campo intelectual desse período de intensa polarização ideológica. Nas cartas, podemos ler o título dos livros e o ritmo de leitura.

> Vai Mundos Morto – que consegui ler por alto e *Mixuangos* que não li. Vê se achas o *Comedor de Opió*, deve estar na estante velha. Manda dizer ao Flaviano procurar com Gentil Puget os livros *Negro Brasileiro e Religiões Negr*as que preciso estudar aqui. Não sei onde está *Os Corumbás*. Parece que tenho aí[375].
> Guiomara – Os livros que recebi um é de Nicolai Gogol – e outro do nosso Dostoiewsky. Deste já lemos na A novela – as etapas da loucura – no livro tem o título Nietótchka- o nome da filha do músico louco. Quando te mandar creio que deves ler. A gente sempre se deixa empolgar pela paixão que é sem limites em Dostoiewsky.

[372] BERNADO, Cleo. Agora. Terra Imatura. n.10, v.2. Set. 1939.
[373] Que era não apenas Novos na literatura, mas "era novos também politicamente, e uma nova leitura de história associado a condição da região no presente". FIGUEIREDO, 2001. p.193.
[374] CANDIDO. Op. Cit. MICELI. Op. Cit.
[375] JURANDIR, Dalcídio. Carta de Jurandir à Guiomarina Freire, 1937. in: NUNES et. al. (Orgs.), Op. Cit. p.34.

> Acabei de ler a novela de Gogol que achei magnifica. Gogol é da mesma linhagem dos Tostoi, Gorki, Dostoiewsky[376].

O primeiro título refere-se ao primeiro volume da *Tragedia Burguesa* do escritor católico Octávio de Faria. O segundo é de Valdomiro Silvera, autor regionalista que trabalhava com a linguagem do Caboclo do interior de São Paulo. O terceiro e o último trata-se do livro *Negro Brasileiro: etnografia e psicanálise* (1934) de Artur Ramos e *Religiões Negras/Negros Bantos* (1937) de Édson Carneiro. Além de que, Dalcídio já tinha contato com a obra *Casa Grande E Senzala* (1937) de Gilberto Freyre, como tentei argumentar no primeiro e segundo capítulo. Portanto, o culturalismo estava no horizonte de possibilidades de Dalcídio. Não é sem sentido que parte dos intelectuais em atividade no Pará nos anos 1930, inclusive ele, participaram ativamente na defesa das práticas religiosas ligadas às populações afro-paraenses, ainda marcados de certo evolucionismo racial, chegando até a fazer um manifesto a favor da liberdade religiosa no contexto de repressão do Estado Novo aos cultos afro-brasileiros[377].

No final dessa década, Dalcídio também centralizou seus esforços na área da música. Ele escrevia letras de músicas para amigos dessa geração, como Gentil Guget. Em 1937, Dalcídio e Puget escreveram de forma intensa, tanto que suas composições chegaram até no Teatro da Paz, em Belém. No programa da apresentação, interpretada por Celeste Camarão[378], aparecem criações da dupla como: "Bumbás da minha terra" (sobre motivos dos Bumbá de Belém), "Cantiga da Minha Terra" (Açaí, sobre um tema popular da terra), "Tacacá" (bebida típica que as mulatas do Pará preparam do tucupi com folhas de jambu, goma, tapioca e camarão, e é servida em cuia preta), "Cantiga do Pregão da Cidade" (sobre um motivo popular da rua), "Ver-o-Peso" (cena descritiva de uma paisagem característica da cidade), entre outras[379]. As músicas chegaram a vários lugares, como os salões da UNE no Rio, e foram

---

[376]JURANDIR, Dalcídio. Carta de Jurandir à Guiomarina Freire, 1937. in: NUNES et. Al. (Orgs.). Op. cit. p.34.

[377] Sobre essa atuação de Dalcídio na questão racial e dos intelectuais do período e suas ligações com os movimentos negros do período, ver: Leal, Luiz Augusto Pinheiro. "Nossos intelectuais e os chefes de mandinga": repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951). (Tese de doutorado). Salvador: Programa multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos. 2011. Sobre a política contraditória do estado novo em relação a cultura afro-brasileira nesse período, ver: REIS, Letícia Vidor de Souza. Negros e brancos no jogo da capoeira: a invenção da tradição. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1993. _____. A aquarela do Brasil: a mestiçagem e a construção nacional do samba e da capoeira. São Paulo, mimeo. 1994.

[378] Celeste Camarão é irmã de Aldacínda Camarão. Nasceu em Muaná, no Marajó. Era poeta, cantora, escritora e jornalista. Escreveu livros como "Louvações ao Mosqueiro e Outros Escritos" e "É Tempo de Saudade".

[379] O recital apresenta mais músicas como: "Chorinho do Canoeiro"(motivo típico do interior do estado), "Cantiga dos negros cativos"(sobre um tema dos tempos da escravatura), "Festança" (sobre um motivo mineiro colido por Mario de Andrade), "Minha Terra caboquinha", (hino de exaltação a Amazônia). Cf. SALLES, Vicente. Dalcídio Jurandir, contador de estórias. NUNES Et. Al. (Org.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Provi...2006. p.235

incorporadas à peça *Aruanda*, encenada pela Companhia de Teatro Experimental do Negro, porém Dalcídio nunca ganhou crédito por suas letras[380].

Não é sem sentido que já na década de 1930, Gentil Puget ia despontar com um dos representantes legítimos da Música Paraense, rivalizando com a figura central de Waldermar Henrique. Também não é aleatório que o processo de constituição da Música Popular Paraense se consolida com a atuação de personagens como: Ruy Barata, participante da *Terra Imatura*; De campos Ribeiro, da "Academia do Peixe Frito". Da mesma forma, não é casual a escolha do caboclo e o carimbó como representações legítimas de uma regionalidade Amazônica nessa MPB[381]. Portanto, essa mudança de representação da Amazônia, assim como a positivação da identidade do caboclo, está intimamente ligada às mudanças ocorridas na década de 1930.

Essa mudança ocorreu nos mais diversos campos: na literatura, música e até no cinema. Não é sem significado que Adalcínda Caramão, então colaboradora da *Terra Imatura*, casou-se com o implementador do cinema regional na Amazônia, Líbero Luxardo. Nos seus filmes, destacavam-se personagens caboclos e elementos considerados identitários da cultura paraense amazônica, como o Carimbó, o terreiro, o boi bumbá, o Círio de Nazaré, o mercado do Ver-o-Peso, os banhos de cheiro, o estilo de vida do caboclo[382]. Em um depoimento, Líbero Luxardo deixa transparecer sua relação com essa geração.

> [...] Em verdade, eu vim aqui para fazer cinema. Quando se realizou o I Congresso de Medicina (1939), eu fui convidado para fazer um documentário. Vim para passar 20 dias.

---

[380] Idem, Ibidem.

[381] Sobre a relação dessas gerações do modernismo paraense e a constituição de uma música popular regional ver: COSTA, Tony Leão da. Música do Norte: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da "MPB" no Pará (anos 1960 e 1970). 2008. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. COSTA, Tony Leão da, Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbó no Pará, ArtCultura, v. 12, n. 20, 2010; COSTA, Antonio Maurício Dias da, A Produção da "Música Cabocla": a polifonia formadora do Carimbó nas representações de literatos, jornalistas e folcloristas no Pará (1900-1960), História (São Paulo), v. 34, p. 241–273, 2015; COSTA, Antonio Maurício Dias da, A questão do popular na música da Amazônia paraense da primeira metade do século XX, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 63, p. 86–102, 2016; COSTA, Pianos, Violões e Batuques.

[382] Talvez o filme de Luxardo que se mostre mais emparelhado com o programa dessas gerações de mudança de representação seja o filme Marajó, Barreira do Mar, mas essa preocupação já se apresenta em Brutos Inocentes (1972) e Um dia Qualquer (1962) que tem sempre a preocupação com a identidade Amazônica. Cf. CASTRO NETO, Advaldo. O cinema ficcional de Líbero Luxardo. 2013. Orientador: Joel Cardoso da Silva. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

> Depois conheci gente como Bruno de Menezes, Jaques Flores, Osvaldo Viana, enfim uma porção de indivíduos fabulosos (Garibaldi Brazil, Cléo Bernado), um grupo de rapazes intelectuais e fui me apaixonando pelas coisas da terra.
> Uma ocasião, o Flaviano Pereira, que trabalhou na *Provincia*, convidou-me para ir assistir a festa do Cirio de Soure. Nesta ocasião, eu conheci o homem da Amazônia. Paulista é um pouco aventureiro e eu achei que podia ser útil a essa gente. Então, comecei a escrever, a fazer reportagem sobre eles, e já sonhando fazer um filme sobre eles.
> A Amazônia me ensinou uma coisa que o paulista não tem: o paulista é muito senhor de si e a Amazônia me ensinou uma profunda humildade e uma vontade de servir e de ajudar essa gente que é extraordinária. Eu considero o homem da Amazônia um homem extraordinário, mas que (pelo menos naquela época) não tinha nenhum amparo, nenhum estímulo e vivia como as próprias coisas da natureza. Então, o que a Amazônia me ensinou, de fato, foi amá-la. Eu amo profundamente a Amazônia[383].

A atividade dessas gerações se mostra de forma ativa nas produções do cineasta. Flaviano Pereira, irmão mais velho de Dalcídio, que levou Luxardo para Soure, aparece como ator no filme *Em Um dia qualquer*; as músicas de boi bumbás do filme são escritas por Bruno de Menezes; outras músicas da trilha sonora são de Waldemar Henrique e de Ruy Barata.

Portanto, a interligação entre essas duas gerações, mediada pelas mudanças no plano cultural, como o surgimento das interpretações do culturalismo e do marxismo, alavancou a mudança de representação que já vinha se processando desde o limiar dos anos 1920. Não parece ser aleatório que Dalcídio mantinha uma amizade frutífera com o antropólogo Nunes Pereira, autor de *A casa das Minas*. O mesmo Nunes que se reunia com o grupo da "Academia ao Ar Livre" no Terraço do Grande Hotel. No final dos anos 1930, o antropólogo descendente de negros do Maranhão, desbanca como um dos pioneiros no estudo dos negros na Amazônia, já em um contato assíduo com o campo de estudos Afro-brasileiros, tudo documentado em cartas dele para Artur Ramos[384]. Em uma carta de Dalcídio para Nunes Pereira, ele deixa entrever a influência do amigo no seu pensamento ao comentar sobre o livro *Bahira.*

> Grande alegria ao receber Bahira. Bem sabes que me senti autor dele. O sobreparto é mesmo certo. Me senti como incorporado às experiências do grande deus. De qualquer forma, devo a ti que eu me descobrisse mais e tivesse os meus sentimentos mais profundos a respeito da Amazônia[385].

E continua falando sobre a postura do amigo no trato da sua carreira. "Gostei porque não falaste de tua vida literária citando Anatole e acreditando na gloria quando o que a gente

[383] LUXARDO. Libero. Entrevista a Lucio Flávio. s.l, s.d. In: FARES, NUNES (Orgs.). Epistolas Poéticas....p.54.
[384] LEAL. Op. Cit. p.187.
[385] JURANDIR, Dalcídio. Carta de Dalcídio Jurandir à Manuel Nunes Pereira. S.d, s.l. In: NUNES Et. Al. .(Orgs.). Op. Cit. p.77.

vê, como disse Manuel Bandeira, é o beco"[386]. Como demonstrado até agora, ao contrário de sua narrativa de aprendizagem que se coloca entre "amigos nunca intelectuais", as fontes demonstram Dalcídio envolto em um clima intelectual intenso já no início da década de 1930. E a forma como os programas dessas gerações influenciou o seu espírito é demonstrado nessa carta que revela sua obsessão em iniciar as narrativas sobre a sua vida literária não por referencias eruditas externas, mas sim com referências à cultura brasileira e amazônica. O próprio movimento de descida do ideal à realidade da representação amazônica, alavancado nesse período, fez com que a sua narrativa em torno de sua origem e socialização intelectual pendesse para a valorização da origem social da mãe e a sua formação cultural entre "amigos nunca intelectuais".

Josué Montello, ao relembrar a época que foi morar no Pará, conta a sua história com Dalcídio Jurandir na capital do estado e demonstra o repertório cultural do escritor.

> Aos 18 anos, quando saí de São Luís, todo o meu rico guarda roupa se resumia nessa fatiota de casimira azul e noutro de linho branco, para os dias de festas maiores. E foi de azul-marinho que fui encontrar-me com Dalcídio Jurandir. Num café da Rua João Alfredo, perto do relógio do Ver-o-Peso. Quando dei com ele, sentado à minha espera, tive a impressão de que pertencíamos ao mesmo colégio: eu, de azul; ele, de azul.
> Com essa concordância no indumento, começou a nossa amizade. Oito anos mais velho do que eu, dispunha ele de uma experiência mais rica, que iria influir no meu espírito. A literatura populista, que então se difundia em traduções correntes, eu a li, então a seu conselho. Muitos de seus livros vieram ter às minhas mãos, no meu pequeno quarto de pensão da Praça Saldanha Marinho. Mas a atenção de Dalcídio não se limitava a essa literatura de protesto, que tinha em Gorki a figura paradigmática: também o puro gosto das letras, como obra de arte, coexistia em sua sensibilidade culta. Enquanto eu me orientava no sentido da palavra pela palavra, já Dalcídio tinha a concepção horaciana da palavra como instrumento, e instrumento de ação política, sem prejuízo de seus valores estéticos.
> Ainda devo ter, nalgum canto da estante, no Rio ou em Petrópolis, o exemplar de Souvernirs d'Enfance, de Renan, encadernado em percalina creme, editado pela casa Nelson, de Paris, que Dalcídio me deu em Belém[387].

E a cultura erudita de Dalcídio parece impressionar o autor de *Os Tambores de São Luís* (1975).

> Embora fosse diferente a nossa concepção do mundo e da vida, pude entender-me perfeitamente com Dalcídio, e a virtude dele: sabia ser extremamente polido, com um

[386] Idem, Ibidem.
[387] MONTELLO, Josué. Dalcídio Jurandir. Jornal do Brasil, 26 de jun. 1979. 1° caderno. In: NUNES Et. Al (Orgs.). Op. Cit. p.215.

> requinte de educação que me impressionou. O caboclo magro, criado na ilha do Marajó em contato com a vida primitiva, nascera exemplarmente civilizado[388].

Montello deixa transparecer que se espantou não por ele ser educado, mas por ser caboclo e ser "exemplarmente civilizado". Aqui, temos a mobilização da ideia tradicional do caboclo. E essa visão não estava separada da representação de região, que via o caboclo como um ser indolente, preguiçoso, passivo, tartamudo etc., antes fazia parte dela. E obras como *Terra Imatura* (1925), *O matuto Cearense e o Caboclo Paraense* (1930), *Inferno Verde* (1908), *Deserdados* (1920), *Puçanga* (1929), cada uma com suas especificidades, ainda reforçavam essa ideia do caboclo como passivo e impotente diante da natureza exuberante, sendo estas as causas da sua incivilidade[389].

Se, no início da década de 1930, Dalcídio era considerado "moreno", no final dela, ele é descrito como "caboclo". As duas classificações têm a característica de serem mobilizadas em função da plasticidade e facilidade que os mestiços têm em incorporar outras características raciais e sociais na sociedade brasileira[390], principalmente ocupando posições dominadas por brancos, como a prestigiosa posição de escritor, como demonstrei no capítulo anterior. Mas, como mostra Wagley, caboclo não está ligada diretamente à raça, no entanto, não foge dela. Antes, é uma atribuição dada pelo outro antropológico sobre seu diferente no contexto amazônico e, portanto, tem uma conotação extremamente negativa. Daí a observação de wagley e outros pesquisadores de que ninguém se designa caboclo, pois este é sempre o outro[391]. Pela forma descrita por Montello, ele tinha esse lado negativo na cabeça, uma vez que fica perplexo do "caboclo" ser "extremamente civilizado".

Curiosamente, essa mudança de designação ocorre bem na década em que se tenta positivar a identidade cabocla na mudança de representação da região. Talvez a mudança na representação empreendida por essas gerações modernistas, informou a mudança da identidade social de Dalcídio, que lia sua pertença racial na chave da mestiçagem.

---

[388] Idem, Ibidem.
[389] Cf. PAIVA. 2010.
[390] Ver: ROCHA, Elaine Pereira. Antes índio que negro. Dimensões. N.18, 2006.
[391] WAGLEY. Op. Cit. CF. RODRIGUES, Carmem Isabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. Novos Cadernos NAEA. v. 9, n. 1, p. 119-130, jun. 2006.

A sua sociabilidade durante a década de 1930 entre os intelectuais da chamada Associação dos Novos foi intensa nas páginas e redações dos jornais, apesar de ser mais novo que essa geração. Mas também foi intensa sua socialização com a geração mais "remediada".

No entanto, porque ele se coloca nessa "geração do peixe frito"? Acredito que, mesmo com a união dos grupos da "Academia do Peixe Frito" e da "Academia ao Ar Livre", e a sua posterior nomeação como "Associação dos Novos", o primeiro nome adequava-se melhor ao próprio projeto a que esses intelectuais se propunham como programa dessas gerações, explicativo das múltiplas menções em biografias. Tanto que se tornou folclorizada e ressignificada e, no início da década de 1940, apareceu como autodenominação dos intelectuais envolvidos com a mudança da representação da região, justamente com a publicação do romance de Dalcídio.

Na revista *Dom Casmurro*, essa academia é descrita como ainda reunida e ativa defendendo os "explorados" da região. Esses intelectuais criticam os literatos que esquecem a "miséria do caboclo", e se juntam com os exploradores daquela terra e "fazem da Amazônia os retratos mais esdrúxulos"[392]. Eles se colocavam como mais próximos de uma "responsabilidade junto ao destino da terra e do homem da Amazônia"[393].

Não é por acaso que, na ocasião de ser agraciado com o Prêmio Vecchi- Dom Casmurro, Dalcídio escreve um texto para o periódico *Dom Casmurro* que deixa entrever a importância dessa academia nas letras paraenses e na própria vida e obra do escritor.

> Ah! É notável a influência do peixe frito na literatura paraense! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-o-peso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não deixa o almoço comprado em casa. Ao chegar ao meio-dia. O pobre, se tem a felicidade de haver arranjado dois mil-réis, leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito, conheço bem esse drama[394].

Portanto, mesmo após a união dos dois grupos e a vinda da geração mais "remediada" da *Terra Imatura*, os literatos de Belém, alinhados com o modernismo, continuaram a se

[392] SOUZA, R. A Academia do Peixe Frito. Dom Casmurro, Ano IV, n. 174 , p.2, 9 de Nov. 1940. Cf. PEREIRA, C. S. et al.. Belém e a Academia do Peixe Frito: fisiognomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 14, n. 3, p. 1025–1044, set. 2019.
[393] SOUZA, R. A Academia do Peixe Frito. Dom Casmurro, Ano IV, n. 174 , p.2, 9 de Nov. 1940.
[394] JURANDIR, Dalcídio. Tragedia e comédia de um escritor novo do norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164, p.3. 31 de Ago. 1940.

autodenominar como a "geração peixe frito" como uma forma de apontar o insulamento e as dificuldades estruturais do meio literário no Pará, experimentado por essas duas gerações[395].

No entanto, o que também se processava tanto na geração dos Novos quando na geração "remediada" era a mudança de representação da Amazônia, de uma focalização na natureza – rendendo-lhe epítetos como Inferno Verde e Paraiso Perdido– para outra preocupada com os problemas sociais da região, focalizada no homem e em íntimo contato com solo social da Amazônia. Cansados dos "quadros esdrúxulos" produzidos por intelectuais não modernistas da "terra" e de intelectuais alienígenas a essas paragens, produziram interpretações pontuando a relação de exploração que o homem sofria na Amazônia ao longo de sua história.

Só podemos entender essa mudança se observarmos como esses literatos foram influenciados pelas aspirações modernistas, pelo socialismo, anarquismo/comunismo, culturalismo e pelos caminhos possíveis do romance de 1930, que focaliza os problemas sociais. Nas palavras de Paiva:

> Comparativamente àqueles autores das décadas de 1900/1920 (como Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Carlos Vasconcelos, Raimundo Moraes), o tom excessivo de uma linguagem verde que até então predominava cedeu frente a um enfoque mais aproximado do conjunto de atores sociais regionais e às respectivas atividades produtivos por eles desenvolvidas ou delas alijadas. A politização extremada do campo político ocorrido ao longo da década de 1930 e o respectivo choque entre "visões de mundo" antagônicas a permear o campo intelectual exerceram uma importante influência sobre as distintas e variadas obras literárias. O tema da exploração da população local, fosse estrangeiro, fosse por grupos sociais específicos, a necessária reação nativa via a instauração de um processo revolucionário (notoriamente com Abguar de Bastos em *Terra de Icamiaba* e, de modo ainda mais enfático, com Francisco Galvão em *Terra de ninguém*) e o enfoque no próprio sistema de organização da produção regional como verdadeiro algoz dos segmentos sociais mais rebaixados (como em *A selva* de Ferreira de Castro) transformaram-se em eixos centrais das principais narrativas literárias então produzidas ao longo desse período.
> Não que a temática da exploração estivesse ausente naqueles autores do começo do século. Os textos de Euclides da Cunha relativos à Amazônia já indicam essa constatação. Mas a distinção de abordagem do tema é flagrante entre um período e outro. Antes a natureza se fazia presente não só na argumentação e caracterização dos diferentes entrechos das narrativas, mas também se constituía na própria base do entendimento dos infortúnios e mazelas sociais detectadas. Já no período seguinte, e apesar da natureza ainda se fazer presente, ela deixa de ser o elemento central de explicação da dominação entre os estratos sociais desiguais. Juntamente com a crescente compreensão da especificidade dos processos sociais e políticos envolvidos nessa espinhosa questão da exploração, também ocorreu uma maior autonomia do próprio campo de produção simbólica, provocando, como consequência, uma

[395] SILVA, W. R. P; SOUZA, T. G. Memórias do modernismo paraense: Considerações sobre as condições de produção literária na Belém modernista. Revista Memento, v.2, n.2, 2011.

> alteração significativa do modo de representação da região frente ao quadro mais amplo da nação[396].

De fato, Paiva coloca Abguar como o grande marco de ruptura na tradição de representação da Amazônia. Abguar confirma essa mudança na ideia de região Amazônia ao dar uma entrevista já na década de 1980. Segue a entrevista:

> Apesar de eu ter lançado um manifesto aderindo ao movimento de São Paulo, o movimento Pau Brasil, achando que deveríamos nos voltar para a Amazônia, para as coisas da Amazônia, para o homem da Amazônia e nos libertarmos um pouco do fabulário, daquela coisa em que a paisagem, a natureza objetiva, a paisagem florística dominava mais o romance do que propriamente o homem e o próprio Ferreira de Castro é um dos que se deliciam muito, dar relevo a paisagem, como Euclides Fez também, como Rangel fez também, e o homem era um pouco abandonado na sua situação de explorado, como o seringueiro, como o castanheiro, como o pescador, como o índio, etc etc. E este manifesto mostrava a necessidade de nos voltarmos para este aspecto. Consequentemente a esse manifesto é que eu escrevi *Terra de Icamiaba*[397].

De fato, o *Terra de Icamiaba* de Abguar de Bastos desloca a natureza para segundo plano nas explicações sobre as mazelas sociais. Isso fica claro no discurso do personagem Bepe no final do romance, quando adentra a selva com os populares em busca da utópica terra de Icamiaba, e deixa transparecer que os empecilhos para a implementação da modernidade na selva não estão na natureza, mas sim no social.

> Então Bepe olhou a multidão e falou para ela:
> - Eu nada quero para mim. A felicidade alheia faço-a minha e só ela é um conforto. Vamos vencer milhares de léguas; as rosas-dos-ventos girarão nos seus pontos cardeais, tantas vezes os nossos olhos as interroguem com aflição. Sei que muitos temores e dúvidas procurarão seduzir a confiança que está nesses corpos e nestas almas. Sei que o silêncio amadurecerá pensamentos importunos. Mas as surpresas não farão recuar os homens que me acompanham, porque sabem eles o quão terrível é este labirinto de rios e selvas, onde a vida é improdutiva, o amor bárbaro, a piedade é falsa e o sorriso inglório. Onde o homem se acaba antes de compreender o colorido das coisas. Onde o trabalho vibra sem recompensa, o dia se estagna sem curso e as vozes a amolecem sem remédio, tal a vertigem da solidão. Tudo é farto, exuberante, alegórico mesmo. No entanto, todos os esforços são anônimos, todas as lutas são impessoais, todas as atribulações nascem e desaparecem, como relâmpagos na treva. Você homem, derruba a cachoeira, fende o rio, torce a floresta, come a praga, bebe o veneno, quebra os cornos dos bichos ferozes. Você carrega a família às costas e atravessa torrentes; desarvora as palafitas e escora os barrancos; entra no peito dos repiquetes e espreme as caudais nos desfiladeiros; engole moléstias piores que raio; desalaga os pântanos, devora com os passos andejos os caminhos apertados. Onde há um buraco você faz uma cidade. Onde há uma barreira de mato puro, amanhã é picada, depois é chão limpo, por onde a civilização vai passar. Você homem, faz tudo isso. Contudo ninguém o conhece, você morre na miséria. Você desanima, some-se e o seu

[396] PAIVA, 2010. p.44-45.
[397] BASTOS, Abguar. Entrevista ao Museu da Imagem e do Som, em 19/08/1981 [Entrevista de Abguar Bastos parte 1/2] at. | Acervo MIS, 1981.

> nome fica perdido por aí, como os ventos, A terra é cada vez maior e mais bonita. O estrangeiro cada vez mais vai caçoando de você. Ora! Um dia, quando estas paragens mudarem de panorama e tudo for um esplendor, palavra, ninguém falará nos obscuros pioneiros que fizeram a obra gigantesca da exploração, Acordemos, Vamos para mais longe e façamos nos mesmos, a nossa história[398].

Nesse sentido, os entraves à implementação da modernização naqueles rincões se apresentam na exploração e no esquecimento da população regional[399]. Mas essa preocupação não estava presente só em Bastos. Como já demonstrei, Bruno de Menezes, como líder do grupo, escrevia para revista como *Terra Imatura* e *Escola*, revistas onde Dalcídio também escrevia. Em uma entrevista de Bruno dada à *Terra Imatura* em 1939, podemos perceber tal preocupação com essa mudança de representação da Amazônia. O entrevistador Mario Couto, amigo de Dalcídio e de Bruno, logo tenta caracterizar o tipo de literato que Menezes é:

> Bruno não possui um gabinete especial, com estantes cheias de volumes bem encadernados, com uma secretaria arrumadíssima, para me receber. Peguei o Bruno na Central, nos abancamos ali mesmo[400].

Podemos perceber a preocupação com uma descrição de um intelectual mais próximo da realidade, e não confinado no seu gabinete excluído do mundo. Isto mostra o quanto essa preocupação era generalizada entre os intelectuais desta primeira e segunda geração modernista. Nesta entrevista, o autor discorre sobre o tipo de poesia que ele julga ser o programa dessas gerações na década de 1930:

> - A poesia que estamos perpetrando tem que descer a multidão. Temos que fazer poesia para o povo. A elite lê poemas em francês... (Aqui a elite sofreu um pedaço, mas não fui absolutamente o culpado).
> - Eu não aceito poesia com caráter exclusivamente amazônico, apesar de já ter feito poeminhas falando em iáras, botos e outras bobagens. Assim como o sentido da paisagem, porque entendo que a paisagem já está escrita, feita, está em si própria, não [há] necessidade de nos ocuparmos com ela. O que nos interessa é o homem dentro dela. [...]
> - Precisamos acabar com essa literaturazinha de livros de lenda, feitos em gabinetes, cheios de verbalismo. Não há mais tempo para "nefelibatismo amazônico". O homem, o ambiente, o porquê ainda é considerado um intruso...- Abre-se em elogios para o "safra" de Abguar de Bastos e para o "Selva" de Ferreira de Castro. Estamos perfeitamente de acordo.
> - Não consegui me adaptar à poesia de "Toda a América" de Ronald de Carvalho. Não havia ainda ali o Brasil, havia sim um Brasil alegórico. Não se encontra o sentido da raça[401].

---

[398] BASTOS, Abguar. Terra de Icamiaba: romance da Amazônia. 3. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997. p.165-166.
[399] A respeito desta interpretação sobre a obra de Bastos, ver: PAIVA, Op. Cit.
[400] MENEZES, Bruno de. Conversa com Bruno de Menezes. Terra Imatura, v.2, n.11, n.p, 1939.
[401] MENEZES, Bruno de. Conversa com Bruno de Menezes. *Terra Imatura*, v.2, n.11, n.p, 1939.

É evidente a conexão estabelecida pelo escritor entre o "verbalismo" da tradição de representação, concentrada em elementos regionais, preocupada com o mítico e a paisagem amazônica, produzida nos confinamentos dos "gabinetes", e o que ele se refere como "poesia para o povo", próxima da "multidão" e do homem amazônico. No argumento do autor, o "nefelibatismo"[402] dessa tradição naturalista denuncia a falta de conhecimento sobre a própria realidade amazônica, uma vez que essa "literaturazinha" era produzida em ambientes isolados, distantes das ruas, da "multidão" e do "povo" da região. Essa era considerada elitista por esse grupo de intelectuais. Tanto que o escritor classifica os autores paraenses desse período com base nessa premissa, de aproximação com essa realidade ou não.

> De Campos Ribeiro é um insatisfeito com o ambiente íntimo. Canta porque esse é o seu destino. Nasceu para isto e pronto. Carlos Eduardo da Rocha faz uma poesia de tese social, bem orientada. A poesia de Dulcinéia Paraense é mais intelectual do que propriamente poesia a que me refiro: poesia coletiva[403].

É nítida a régua de separação entre aqueles que se aproximavam da cultura popular e aqueles distantes dela, tão presente dessa tradição naturalista de representação da Amazônia. Uma contraposição que tem preceitos baseados no erudito em contraposição ao popular, na qual colocava a tradição naturalista como portadora do erudito, e era tida como coisa a ser vencida por esses intelectuais.

Em poemas de Bruno de Menezes do início da década de 1940, percebemos a preocupação em focalizar a representação no homem e não na natureza. No poema "Ficou tudo na paisagem", observamos tal posicionamento.

Meus olhos cansados de paisagem
são hoje do homem que a terra não quer
Boiunas e botos, cavalos marinhos
o grande mistério do mundo imaturo
não valem o homem que a terra assombra
As águas barrentas
os bichos com medo das cobras possantes
as garças cismando à beira dos mangues
as flores dos lagos, orquídeas da mata,
não servem ao homem que a febre acabou,
ficou na paisagem o nosso passado,
o tempo perdido com tanto rimário

[402] Essa palavra deriva de "nefelibata", que significa: que ou quem vive nas nuvens. Denominação representativa do próprio programa a que essas gerações modernistas se propunham.
[403] MENEZES, Bruno de. Conversa com Bruno de Menezes. *Terra Imatura*, v.2, n.11, n.p, 1939.

louvando Amazonas e muiraquitãs...
Agora que o tempo da inercia vai longe,
voltemos ao homem escravo na terra,
que espera o futuro mas não despertou![404]

E Menezes leva a cabo essa premissa com a escrita de romances e novelas como *Cadunga* (1954) e *Maria Dagmar* (1950) e em poemas. O primeiro trata da saga das migrações nordestinas na zona Bragantina, e o segundo trata do destino de uma moça religiosa que se transforma em prostituta e é desumanizada por causa das dificuldades econômicas em uma Belém decadente nos anos pós-ciclo da borracha. Também focaliza a cultura e a vivência afro-paraense já em poemas do final da década de 1920. Se observamos o livro *Terra Verde* (1929) de Eneida de Moraes, também perceberemos essa mudança de representação.

No entanto, nada deixa mais claro as coordenadas das posições sociais no campo intelectual voltado para a temática da Amazônia do que um artigo publicado na *Terra Imatura* por Peregrino Junior, outro envolvido com a temática. Nele, o escritor radicado no Rio objetiva as coordenadas do campo social.

> [...] Existe nos nossos círculos literários e científicos, uma casta singularmente divertida: a dos donos dos assuntos. São certos sujeitos que tendo publicado livros ou simples artigos sobre determinadas questões, acabam convencidos de que só eles, no mundo, entendem tais coisas. Alguns vão mais longe: acham que só eles podem tratar das matérias em que se especializaram, e ficam zangadíssimos se algum intruso inadvertidamente penetra na sua seara...[...] Com a Amazônia deu-se coisa idêntica. O latifúndio amazônico que pertencera inicialmente a Euclides da Cunha, passara depois às mãos do sr. Alberto Rangel. Em seguida, veio o sr. Raimundo Morais, que era da terra, e tomou conta dele. E de tal forma que, uma vez, na véspera de publicar 'Pussanga', contando eu ao saudoso mestre Alberto de Oliveira que ia dar um livro sobre a Amazônia, o velho e grande poeta cofiou os bigodes com espanto e solenidade: -Mas, Peregrino, você tem coragem de escrever sobre a Amazônia depois de Raimundo Morais!
> Não me ofendi com a objeção: limitei-me a sorrir e publiquei 'Pussanga'. Depois, Vocês sabem o que houve: dividi em lotes o vasto latifúndio da Planície Amazônica. E como a terra era bela e grande, chegou muita gente: Cruls, Ferreira de Castro, Abguar Bastos, Araujo Lima, Raul Bopp, Francisco Galvão, Lauro Palhano, Aurelio Pinheiro e tantos outros. Morais, de resto, já estava instalado no lugar, ficou com o melhor lote- o melhor e o maior, com toda justiça[405].

No texto, podemos quase sentir as sanções negativas que "os donos do assunto", por suas posições dominantes nesse campo, infringiam aos aspirantes a escritores na temática da Amazônia. Claro que Peregrino se coloca como um gladiador ao desafiar o dono do

[404] MENEZES, Bruno. Ficou tudo na Paisagem. *Terra Imatura*. n.13, v.3, n.p, 1940.
[405] JUNIOR, Peregrino. Contra os latifundiários. Terra Imatura, Belém: [s.n]. N.10, v.2, setembro, 1939.

"latifúndio". No entanto, é mais uma estratégia dos escritores para fazer genealogias intelectuais, se colocando como fundadores e legítimos na temática. Por isso, devemos ter em mente que a invenção do regional é consequência direta das estratégias dos agentes de se firmar enquanto escritores. As posições importantes incluem a dominância de Raimundo Moraes na temática no início de 1930, que lhe rendeu até uma entrada na Academia Brasileira de Letras, e a aposta de Abguar, despontando como um representante legítimo de uma literatura regional da Amazônia nos anos 1930.

Dalcídio tinha em mente essas posições. Tanto que o amigo de Dalcídio, Josué Montello, mostra como ele tinha claro isso. Escrevendo em 1979, após a morte do autor, ele comenta as aspirações de Dalcídio na década de 1930.

> Já ele [Dalcídio] tinha então, no mais refinado grau, a consciência do seu ofício. Conhecendo bem os mestres da língua portuguesa, não queria seguir-lhes o caminho. Ele pretendia ser, no estilo, na expressão, no modo de construir a página literária, o oposto de seu conterrâneo Raimundo de Moraes, que ocupava todos os domingos, em Belém, o rodapé da primeira página do Estado do Pará, falando de homens, bichos e coisas da Amazônia numa forma que se aparentava à de Euclides da Cunha[406].

Portanto, Dalcídio e os membros das duas gerações modernistas (a "geração peixe frito") queriam superar a tradição naturalista de representação da região, no qual Raimundo Moraes era o representante mais sinuoso do período. No entanto, isto não era apenas uma preocupação localizada entre alguns membros da "Academia do Peixe Frito", mas também era uma preocupação que encontrava eco entre alguns intelectuais de Manaus da década de 1930.

Segundo Munaro, esses intelectuais como Aurélio Pinheiro, Anísio Jobim, Araújo Lima, Carlos Mesquita, Ramayana Chevalier e Arthur Reis estavam negociando a identidade da região Amazônica junto às caracterizações frequentes daquelas paragens, como inferno e paraíso. Da mesma forma, estavam negociando a filiação dessa identidade no projeto de "nação brasileira". E esse movimento começou na década de 1920, quando "gradativamente se sobrepõe à descrição exaustiva da natureza, sob a forma habitual edênica ou infernal, o enfoque do homem tipicamente regional, resultado de todos os séculos de colonização e miscigenação"[407]. A negociação desses literatos de apresentar o caboclo como protagonista, em meio a uma terra saqueada, fraudada e esquecida, é mais bem caracterizada pela expressão que Munaro

[406] MONTELLO, Op. cit. p.215.
[407] MUNARO, L. F. NEM INFERNO, NEM PARAÍSO: esfera pública e a construção de um conceito de Amazônia (1930-1937). Revista Observatório, v. 5, n. 4, p. 412-437, 1 jul. 2019. p.425.

emprestou de Araújo Lima – "nem inferno, nem paraíso". Não é difícil ver um Artur Reis nas páginas da *Terra Imatura*, ou até menções a revista *Redenção* e vários outros personagens que se envolveram nessa mesma empreitada em Manaus[408].

Dalcídio teve a sua socialização intelectual no meio desses literatos da "geração do Peixe Frito", que lhe renderam amizades, troca de favores e intercâmbios intelectuais em um debate ainda incipiente sobre o papel do homem na representação Amazônica. As críticas que diferiu na polêmica contra Álvaro Lins visavam uma tentativa de legitimar sua forma de ver a Amazônia, de forma rustica, popular, e em uma linguagem que não soava "retorico e gramatical", como na tradição de Euclides da Cunha. No meio dessa controvérsia, o romancista deixou entrever a sinergia que essas gerações deixaram em sua visão sobre a região, representada em íntimo contato com o solo social da região. Por exemplo. Ao falar sobre a rusticidade de seu *Chove nos Campos de Cachoeira*, revela os diálogos travados diretamente com os romances inaugurais dessa mudança de representação: notadamente *A selva* de Ferreira de Castro, que retrata o drama do seringueiro ainda enfatizando a natureza como o grande personagem, e os romances de Abguar Bastos, especialmente o *Terra de Icamiaba*, onde se abre a possibilidade para a reação do próprio elemento humano nativo: o caboclo, anteriormente visto como indolente, tartamudo, passivo e impotente ante a uma natureza exuberante e dadivosa.

> A rusticidade de "Chove nos campos de Cachoeira" é um dos motivos para eu querer tanto a meu livro. Me lembro daquele prefácio de Carlota Bronte em "Morro dos Ventos Uivantes". Julgar um romance com um gosto que não faz concessões a tudo que lhe vai ferir a serenidade é fácil. A rusticidade do meu livro é a rusticidade mesma da terra e do homem na Amazônia. Também não quero dizer que "Chove nos campos de Cachoeira" seja um romance da Amazônia, fixando de maneira geral os aspectos e os dramas mais evidentes do mundo amazônico. Neste ponto basta lembrar "A Selva", de Ferreira de Castro, "La voragine", de Eustasio Riveira, "D. Bárbara de calelegos" e os romances poderosos de Abguar Bastos[409].

Podemos perceber a admiração que Dalcídio tinha com os romances de Abguar, reconhecendo neles o elemento de contraposição a tradição naturalista. Portanto, o autor

[408] Mas essa mudança não se deu sem embates, pois determinados críticos e literários ainda utilizavam as categorias da tradição naturalista, como Péricles de Moraes e Raimundo Moraes. Ver Paiva. A crítica nas margens. Péricles Morais e as representações literárias da Amazônia. Novos Cadernos NAEA, [S.l.], v. 18, n. 3, dez. 2015.
[409] JURANDIR, Dalcídio. À margem de uma crítica do sr. Álvaro Lins. Jornal do Commercio, Recife, 30 de Nov. 1941. p.12.

confirma ainda o seu diálogo com o projeto dessas duas gerações modernistas que negociavam a visão tradicional da região naquele período.

De uma maneira ou de outra, só podemos entender a fatura das obras e a trajetória de Dalcídio Jurandir, se nos remetermos ao tecido social próprio dessa mudança de representação da Amazônia, perpetrada por essas duas gerações, e às possibilidades abertas pela mudança política ao se refratar no campo de produção simbólica do período, então em processo de autonomização. Isso resultou em disputas cada vez mais acirradas com os novos agentes que a valorização do romance ajudaria a entrar no "jogo", resultando em disputas internas e externas a cada região pelo monopólio legitimo de definição das identidades regionais. Só podemos entender essa mudança de representação se nos focarmos na ideia de que a invenção da região é consequência direta das estratégias dos agentes no "jogo social" da definição da identidade social.

4.3 "Baixa espécie, baixa sociedade, baixa literatura": cultura popular, luta de classes e representação da região

Conforme apresentado no primeiro capítulo, Dalcídio usa as classificações baseadas no modo de ocupação territorial típica da Amazônia para pensar a sua origem social e classificar o mundo ao seu redor. A partir de 1930, essa visão do escritor intensifica-se devido ao seu envolvimento com as duas gerações modernistas do Pará. Isso informa determinada maneira como ele percebe a cultura popular em contraposição à cultura letrada, bem como a classe social a que cada uma pertence. Com isso, o escritor vai delineando o que seria a cultura popular para ele. Não podemos entender essa forma de ver o mundo social sem nos remetermos à sua origem e à sua socialização entre os intelectuais das duas gerações do modernismo no Pará e os debates então travados sobre o elemento humano daquela região por esses literatos, assim como ao debate sobre a formação nacional perpetrados pelo culturalismo. Aliando a visão de região dessas gerações, que tinha como programa a descida do "nefelibatismo" da tradição de representação da Amazônia para o "povo" amazônico, ele ressignifica sua origem social e a própria forma que via aqueles rincões.

Essa abordagem se torna evidente quando lemos as crônicas que escreveu para *O estado do Pará* entre os anos de 1938 e 1941. Nessas crônicas, há a defesa da cultura popular em detrimento de uma cultura erudita, assim como um delineamento da própria cultura popular da

região. Por exemplo, na crônica *Tomei bença da mãe baiana*, publicada em 25 de novembro de 1938, Dalcídio fala da sua ligação com o samba.

> Não digo que nasci do morro porque não nasci no Rio de Janeiro. Pulei do chão de Ponta de Pedras, me criei em Cachoeira e ainda menino vim me atolar nas baixas dos subúrbios de Belém. Do subúrbio não sai mais. Daí está a minha mentalidade suburbana, de pé no chão, jogando pedra em tanta árvore ramalhuda e sem fruto… Sim não sou do morro, sou da baixa. Da baixa no sentido totalitário da palavra… Baixa espécie, baixa sociedade, baixa literatura[410].

Embora ele afirme ter "alma de sambista de morro", podemos perceber que Dalcídio demarca claramente a sua origem social, utilizando dicotomias como "baixa" e "morro". Apesar de as duas classificações estarem inseridas no mesmo universo social considerada por ele de cultura popular, coloca como coisas diferentes, pois diferencia as origens sociais populares de sua região e do Rio. E, devido a sua origem na "baixa" - categoria que remete ao modo de ocupação territorial em áreas que alagam-, tem uma "mentalidade suburbana, de pé no chão". Ou seja, não se afastou do elemento "povo", tão defendida pelas duas gerações modernistas do Pará. Mas, apesar de o samba ser do morro, ele existe no Pará e faz parte da cultura popular do "povo".

O samba é da cultura popular porque é o som do morro e o local onde se efetiva, o barracão, é onde reina a "simplicidade e humildade" do homem do "povo", que luta diariamente para sobreviver às dificuldades materiais da vida. No entanto, o autor vai delineando quem detém a cultura popular ao definir a classe social dos que a praticam. Se o samba é a expressão do "povo" simples que trabalha para vencer as dificuldades da vida, o tango seria o gênero típico da classe burguesa, com sua "hipocrisia" e "histerismos".

> E nele[samba] apalpo, nele me encontro com o elemento povo, a substância povo. O samba não é como o tango, enervante com histerismo sintéticos, hipocrisias estilizadas, o ar de cassino e transatlântico. O tango é feminino pretensioso e difícil, sofre uma curiosa espécie de inversão. O samba é masculino, macho, é a mulataria braba, ali no batente, pisando firme na roda, direto e múltiplo, com a sua agressividade sexual e o seu à vontade para toda gente. O samba é do barracão e o tango é do music-hall. Há uma luta de classe entre o tango e o samba[411].

Podemos logo identificar que o escritor via o samba e o tango como personificações de uma luta de classes. No entanto, a dicotomia funciona como uma clara valorização do popular, em uma premissa moral de que o "povo" contido no samba estaria mais próximo da realidade,

---

[410] JURANDIR, Dalcídio. Tomei bença da Mãe Baiana. O estado do Pará, Nov. 1938. p.1-2.
[411] Idem, Ibidem.

dado as dificuldades materiais desse gênero racializado, que ele coloca como mulato. O pobre é retratado com uma sensibilidade e caráter humilde, simples, lutador e íntegro, enquanto os ricos são pretensiosos, hipócritas e histéricos. É quase como se o pobre estivesse em um polo positivo e o rico estaria num polo negativo. Sendo o pobre mais próximo da realidade, o rico seria o elemento mais próximo do ideal; as próprias palavras tentam descrever o que se aproxima ou não da realidade. Por exemplo, as palavras referentes ao gênero da elite têm um tom de taxação de falso, assim como o seu requinte: "histerismos sintéticos", "hipocrisias estilizadas", o "ar de cassino e transatlântico", enquanto as palavras descritivas do pobre e do seu gênero são próximas em referência ao que é verdadeiro e até simples: "a substância povo", "direto e múltiplo", "agressividade sexual" e o "seu à vontade para toda gente". Como apontou Barbosa, o autor entende o mundo em uma série de pares de oposições dicotômicas: culto/popular, ricos/pobres[412]. Eu acrescentaria mais uma: ideal e realidade. Suas crônicas além de remeterem a essas dicotomias apontadas por Barbosa, apresentam um claro preceito moral sobre a proximidade com o "povo" e a cultura popular, em contraste com o que se afasta deles. O primeiro é bem-quisto pelo autor, enquanto o segundo malvisto. É interessante notar o caráter conflitivo que a cultura tem para Dalcídio Jurandir, onde poucos detém o conhecimento erudito e muitos não possuem. Sendo a cultura popular pouco valorizada, segundo sua visão. Como pontuado anteriormente, o autor aplica a teoria de Marx à esfera da cultura, e por isso, a coloca como um meio de produção. Portanto, devido à própria estrutura de produção cultural desigual, poucos dominam a cultura erudita, enquanto muitos estavam alijadas dela.

Apesar dessa desigualdade de domínio, a própria cultura popular seria uma forma válida, devido a sua proximidade com a realidade. Ainda na mesma crônica, o escritor insere um tom de que o povo, "a substância povo" presente no samba, o fez perder algumas "imbecilidades" e problemas do cotidiano.

> Entrei no Curuzu, grave e importante como um medalhão. Tinha no bolso dois mil réis fintados a um amigo e uma porção de pedrinhas pontiagudas dentro dos nervos. O samba então me tirou a imbecilidade, extrai todas as pedrinhas, me fez esquecer todas os meus cadáveres, os amigos que contam para todo mundo as nossas misérias porque caímos na desgraça de lhe pedir cinco mil emprestados[413].

[412] BARBOSA, Tayana Andreza de Sousa. Dalcídio Jurandir: um cronista de O Estado do Pará e de Diretrizes. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2014. Programa de Pós-Graduação em Letras.
[413] JURANDIR. Op. Cit.

Logo percebemos que estamos diante de uma narrativa de aprendizagem nos meios populares. Quando entrou no samba na Curuzu, estava "grave e importante como um medalhão", cheio de "imbecilidades" e com "pedrinhas pontiagudas dentro dos nervos", mas o ritmo do samba tira esses problemas que o eu-lírico possui e o faz esquecer os seus "cadáveres". A ida ao samba é como uma descida ao "povo" e uma reconexão com este elemento pela igualdade de condições sociais de seus brincantes. É como se a cultura popular fosse a mais democrática possível. A alusão à figura do intelectual "medalhão" remete à própria postura que esses intelectuais modernistas da Amazônia criticavam. Por ser um tipo de intelectual investido de importância social, afastado do "povo" pelo seu repertório erudito, fazia sua produção sem nem ao menos ter contato direto com o objeto de sua escrita. Importante assinalar que, em parte, essa postura de "medalhão" vinha de uma crença de que fazer uma boa descrição da região precisava, obrigatoriamente, remeter aos estudos de naturalistas e cientistas. Essa premissa estava posta desde Euclides da Cunha, no qual arrolava que, pela natureza tumultuária (e pouco estável) da Amazônia, essa região só seria desvendada se usassem a ciência a fim de exercer o controle da interpretação sobre o elemento natural daqueles rincões. Portanto, o discurso artístico seria um aliado da cientificidade na elevação da dignidade do tema, proposta seguida à risca por Euclides[414].

No entanto, por outro lado, a crônica aponta uma espécie de identificação do eu-lírico com a origem social e racial das pessoas que frequentam o samba, assim como já aponta a identificação do escritor com a "baixa sociedade". Um exemplo é o contato do eu-lírico com duas personagens, a Mãe Baiana e D. Raquel. A primeira era candomblecista, a segunda era católica, mas ambas eram unidas pela alegria e pelo amor ao samba. Mãe Baiana vendia caruru nas festas da Curuzu e abençoava os frequentadores do samba, e D. Raquel era a dona do barracão onde ocorriam as festas e devota fervorosa que fez até promessa pela vitória da revolução de 1932. Vemos que, na imaginação do autor, o "povo" seria unido pela cultura popular, apesar de suas diferenças.

Podemos perceber que, embora a diferença religiosa seja colocada desde o princípio entre as duas personagens, a tolerância religiosa é posta como questão de fundo. Isso fica ainda mais intrigante quando olhamos a atuação de Dalcídio no final da década de 1930, quando

[414] PAIVA, 2010.

milita em torno da liberdade religiosa no contexto de repressão do governo Vargas às religiões e práticas afro-brasileiras[415]. Mas o eu-lírico não está a se identificar com os personagens no nível religioso, mas sim com a origem pobre, negra e cabocla.

> Bancamos terroristas e fui de novo render as minhas homenagens a D. Raquel e ficar humilde e lírico diante da misteriosa beleza africana de Mãe Baiana. Sinto que ela é tia de minha mãe preta, neta de escrava de Ponta de Pedras, vejo os meus tios pretos, barqueiros e seringalistas, toda a minha mulataria que mora nas baixas, nos lagos nos sítios, entre caboclos, arpoando tambaqui, batalhando na estiva, encoivando e caçando com o meu amigo Angelin[416].

Nesse sentido, o próprio contato com a Mãe baiana o faz relembrar sua origem social, racial e socialização no Marajó entre caboclos. Logo percebemos que ele não relembra a origem social do Pai, mas sim da mãe, a "minha mulataria que mora nas baixas". Nesse processo de identificação social e racial com a família da mãe, esquece e eclipsa o mundo erudito e branco do pai. É a primeira vez que temos um apontamento direto de Dalcídio com relação à sua origem social nesse período, muito por conta dos debates raciais então encampados pelo culturalismo. No entanto, a categoria "baixa" o ajuda a contextualizar as populações majoritárias que moram nesses locais: os caboclos.

Além da música, Dalcídio também escreveu crônicas sobre o teatro de rua, como em: *Boi e teatro, São João Evêm, Jorací Camargo e o teatro dos estudantes* e *Chaminé* e *O pai Francisco*. Todas essas crônicas foram publicadas em 1941 e tratam do Boi Bumbá, um festejo muito tradicional no período de São João na região Norte do Brasil. Nelas, podemos conhecer todo um imaginário popular por trás das representações. No entanto, o autor acentua na crônica *Boi e teatro* que, com a introdução de elementos industriais na cultura popular do teatro de rua, o seu "caráter" e o "tom legítimo de sua tradição" estariam se descaracterizando.

> Com o rádio, os arraiais à luz elétrica etc., o Boi Bumbá vai perdendo o caráter, o tom legítimo de sua tradição e de festa do povo. Festa de previdência, dos tempos vagarosos, festa cheirando ainda a casa grande e senzala, sobrevivência de um Brasil rural e patriarcal. Mas há tempo ainda de se tirar do bumba meu boi os temas vigorosos para um teatro de multidão, de originalidade solta e primitiva. os motivos poéticos. O sentido fetichista e religioso. O inconsciente social ou melhor a paisagem psicológica que há em toda toada, em toda velha comédia, em toda a movimentação dos brincantes do boi, tudo isso daria teatro[417].

---

[415] LEAL, Op. Cit.
[416] JURANDIR. Op. Cit. p.2.
[417] JURANDIR, Dalcídio. Boi e teatro. O estado do Pará. Jun. 1941. p.3.

Essa é uma das vezes em que Dalcídio faz referência direta ao pensamento de Gilberto Freyre. No entanto, como podemos perceber nas crônicas, o que está patente da interpretação de Freyre no escritor paraense é a ideia da existência de uma cultura e ela seria o "caráter" singular da região[418]. Mas as aproximações ficam por aí, pois Dalcídio é um revolucionário convicto e difere muito da exaltação de um passado rural patriarcal. O mais importante disso tudo é a forma como Dalcídio pretende preservar o que está se esvaindo na sua visão.

Uma dessas formas de preservar a cultura popular seria por meio da transposição desse teatro de rua para a representação cênica, que tiraria "temas vigorosos", "motivos poéticos" e a "paisagem psicológica" da festa popular do bumba meu boi, por exemplo. No entanto, preservação e criação estão juntos no pensamento do autor, aparecendo sutilmente nessa operação. Ao recolher os "temas", "motivos" e a "paisagem psicológica" na festa popular ele estaria preservando o "caráter", mas ao implementá-lo no teatro, a coisa aparece mais como invenção, criação e expressão, evidenciando o seu próprio papel social como romancista. Por exemplo, na mesma crônica, o autor sugere um plano de apresentação para o teatro do Boi Bumbá:

> Por exemplo: - O amo do boi (senhor português, branco, fazendeiro, dono patriarcal, proprietário do boi e dos campos) manda chamar os índios para perseguir e prender Pai Francisco, O negro que furtou o boi. Os índios surgem e são batizados e principiam a caça ao negro para servir ao senhor. Dá-se o encontro. O negro fala que nunca se pode dar com caboclo e os caboclos apodam de negro etc. Isso que aqui digo muito apressadamente numa crônica oferece, no curral do boi em torno do tema, na boca dos personagens, uma significação bem expressiva[419].

Na busca pela retirada de "significação expressiva" da cultura popular, preservar-se-ia todo um imaginário, mas não na forma de reflexo. Na crônica, Dalcídio, sinaliza que tipos sociais cada personagem pode assumir na representação. A Mãe Catirina tem o mistério e a força da mulata, assim como cor e o rebolado das raízes africanas. Assumindo a exata posição entre ternura e sensualidade, a personagem conseguiria atingir "poderes de personagem iguais as mulheres de Goethe e Shakespeare"[420]. Podemos afirmar que há uma ambição de elevar a cultura popular no teatro ao patamar da expressividade da cultura erudita, mas aproveitando o

[418] Sobre a ideia de tradição, cultura e do culturalismo de Boas em Freyre, ver: DOS SANTOS, R. Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 14, n. 2, 2012.
[419] JURANDIR, Dalcídio. Boi e teatro…. 1941. p.3.
[420] Idem, Ibidem.

rico folclore da região como matéria para a criação da obra artística. Numa criação que é inspirado no "povo" para o proveito do próprio "povo".

Essa preocupação com a preservação do "caráter" e da tradição da cultura popular regional se mostra bastante frequente ainda no final da vida do escritor, quando ele já morava no Rio de Janeiro. Em cartas a Maria de Belém Menezes, revela que os recortes de jornais, notícias sobre a Amazônia, produção literária da região e até remédios e comidas regionais enviados pela amiga seriam uma forma de recompor o seu "frágil ser paraense"[421]. Nelas, podemos perceber que ele reclama da saudade de sua "terra" e, quase como temendo a descaracterização de si próprio, empreende uma intensa e duradoura correspondência com a filha de Bruno de Menezes. Numa dessas cartas, comentando sobre o carnaval daquele ano, teme a descaracterização da cidade de Belém.

> Então o carnaval de Belém pegou fogo? Ainda bem que se faz fé na tradição e humanidade dos folguedos, preservando a cidade. Temo pela descaracterização de Belém condenada a uma urbe desumana, poluída, igual a qualquer cidade. Esse progresso desigual faz robot, não cria almas. Aumenta a riqueza e multiplica a necessidade[422].

No entanto, logo percebemos que se trata de uma descaracterização da cultura popular devido ao progresso da técnica, do capitalismo e da civilização naqueles rincões, nos quais "aumenta a riqueza e multiplica a necessidade". Comentando sobre um naufrágio de um navio em Soure - que o escritor tinha como um meio de transporte de gente pobre, em contraste com o táxi aéreo, típico dos ricos nesse período - deixa entrever o pessimismo que tinha em relação ao progresso.

> Eu, pobre, bem-aventurado, espero que o navio de Soure volte a navegar. E que a floresta Amazônica seja protegida, e os índios também, e que o progresso não corra tanto a ponto de nos tornar, mais depressa, mais infelizes e mais duramente iludidos de que somos civilizados por bem servidos pela técnica...[423]

Aqui vemos a ideia de ilusão causada pelo progresso, pois, apesar de fazer avançar a técnica, pode também descaracterizar o "caráter" regional da cultura popular e aumentar a

---

[421] JURANDIR, Dalcídio. carta de Dalcídio à Maria de Belém Menezes. 1975. In: FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020. p.170.
[422] JURANDIR, Dalcídio. carta de Dalcídio à Maria de Belém Menezes. 13 de maio de 1973. In: FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). Epístolas Poéticas:..., 2020. p.131.
[423] JURANDIR, Dalcídio. carta de Dalcídio à Maria de Belém Menezes. 21 de dezembro de 1972. In: FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). Epístolas Poéticas:..., 2020. p.77.

exploração. Portanto, é a exploração, a desigualdade e a técnica empreendida pelo progresso que fazem o "caráter" regional mudar. Como uma luta de classes, o progresso destrói a cultura popular e enriquece uma pequena classe burguesa, enquanto o pobre que é portador da cultura popular, fica na miséria. Essa crítica incide sobre a própria forma como a modernização foi implementada na Amazônia e aparece num comentário sobre um simples rótulo de palmito de açaí enviado pela filha de Bruno de Menezes.

> O rótulo, em inglês e francês, do palmito de açaí, mostra que a civilização do enlatado entrou definitivamente em nossa selva. Vamos comer palmito em inglês e francês e abandonaremos a bárbara bebida de nossos avós. O rótulo é o símbolo do desmatamento da Amazônia, entregue agora, às serrarias de madeira, às pastagens, aos magnatas americanos. O pajé some, o açaí some, o navio de Soure vai fundo.
> É o meu temor essa civilização do saque, da derrubada, do palmito. O "reino do Jari" é um exemplo. A floresta amazônica está indefesa. O que se quer é arrancar lucros imediatos, é o progresso urgente e inumano, é o enriquecimento a qualquer preço. E haja coração de palmito nos rótulos de consumo[424].

O escritor tinha essa percepção sobre o progresso porque ele percebia a história econômica da Amazônia como um total fracasso. Para ele, era uma "economia flutuante com base na indústria extrativa e na aventura comercial"[425] e, por isso, não era "racional" e "científica", e isso implicava em "processos de espoliação" sucessivos da região, sem melhorar a vida da população[426].

Entretanto, constata-se que a descaracterização da cultura popular, devido ao avanço da modernização, emerge como um embate entre o "povo" e a elitização e comercialização de sua cultura no pensamento de Dalcídio. Comentando o carnaval do Rio de 1973 na mesma carta, ele deixa transparecer essa preposição.

> Quanto ao carnaval, o daqui foi grande graças ao povo que enfrenta o comercio, o turismo e a granfinagem, as odiles e os gringos da arquibancada. O Salgueiro fez uma gloriosa evocação de Eneida. Foi bom. O povo redime[427].

[424] JURANDIR, Dalcídio. carta de Dalcídio à Maria de Belém Menezes.4 de Março de 1973. In: FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). Epístolas Poéticas:..., 2020. p.92
[425] JURANDIR, Dalcídio. A seca no sertão e as inundações na Amazônia. Diretrizes, 1942.p.11-26.
[426] JURANDIR, Dalcídio. A Amazônia e a safra dos mortos. Diretrizes, 1942. p.15-17.
[427] JURANDIR, Dalcídio. carta de Dalcídio à Maria de Belém Menezes.4 de Março de 1973. In: Epistolas Poeticas...

Para o escritor, esse processo de perda de "caráter" da cultura popular já estaria em uma fase mais avançada no Rio de Janeiro, enquanto em Belém ainda estaria de forma incipiente. Isso fica evidente numa carta na qual ele comenta sobre o São João no Rio e no Pará.

> S. João não tem mais no Rio. Raro se falar. Um e outro lugar, há um vago rumor junino. Os balões sumiram. Espero que isso não se passe em Belém. Me lembro do cheiro e da fogueira na cidade. Segui bois e cordões na noite encantada. Comi maniçoba no arraial. Tive namorada no boi e nos pássaros. Violei a regra de passar fogueira, passando com as fiteiras de compadre, de padrinho. Pecado![428]

Ao analisar as correspondências do escritor durante os últimos estágios de sua vida e as crônicas escritas no final da década de 1930 e início de 1940, torna-se evidente que a preocupação com a descaracterização da cultura popular se intensifica. Isso pode ser atribuído, primeiramente, ao seu envolvimento com a "geração peixe frito", que valorizava e positivava a cultura popular. Além disso, os debates empreendidos pelos folcloristas, que temiam o desaparecimento e descaracterização dessa cultura devido aos avanços da modernização do estado brasileiro, também contribuíram. Em segundo lugar, a sua experiência em uma realidade mais complexa, com crescente urbanização e incipiente industrialização como na cidade do Rio de Janeiro, fez com que ele sentisse com maior intensidade as mudanças em curso. Aliado a isso, a distância de sua terra natal também propiciou o temor de uma mudança do "caráter" de sua região.

É com base no apelo à descaracterização da cultura popular que o escritor constrói em seus romances e na narrativa sobre a sua trajetória, um aprendizado em íntimo contato com o "caráter" da região. Esse processo associa a cultura popular ao "efêmero", ao "instante" e à "realidade". Portanto, cultura popular, realidade e "povo" são quase sinônimos no pensamento do escritor, contrastando com categorias opostas como cultura erudita, ideal e elite.

Como tentamos demostrar, essas disposições sociais estão presentes desde o seio familiar de Dalcídio: com a dubiedade entre um mundo erudito e popular, branco e preto, pobres e ricos; e na sua experiência com uma Amazônia decadente e sua socialização intelectual. Essas experiências encontram terreno fértil para a sua ressignificação como aprendizado na cultura

[428] JURANDIR, Dalcídio. carta de Dalcídio à Maria de Belém Menezes. 16 de Junho de 1973. In: FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). Epístolas Poéticas:..., 2020. p.104.

popular, influenciada pelos debates da Escola Nova, marxismo, culturalismo e mudança na representação da região durante a primeira e segunda geração modernista da Amazônia.

5 Um "índio sutil" na capital da república

Só podemos entender os motivos dos reveses simbólicos na trajetória de Dalcídio quando morou no Rio, se nos atentarmos para a forma como ele se insere dentro desse campo literário e as formas como se dão suas apostas de investimento, pois, como assinala Bourdieu, "a carreira de escritor, no interior de um campo literário, é sempre uma aposta e um investimento sem vitória garantida ou rendimentos certos"[429]. Além disso, temos que nos perguntarmos sistematicamente: quais características distinguem Dalcídio negativamente? Quais as propriedades de sua posição como um escritor mestiço vindo da Amazônia?

5.1 Um romance segue para o concurso

Como venho assinalando desde o primeiro capítulo, Dalcídio possuía dois romances inéditos no final de 1939. *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) teve sua primeira versão concluída em 1929, enquanto *Marajó* (1947) foi terminado em 1939, quando Dalcídio já trabalhava na Secretaria de Recenseamento do Estado[430]. A não publicação dos dois romances pode ser explicada pela "esterilidade editorial" que o Pará vinha sofrendo. Mario Couto, então integrante da geração "remediada", conta a história da confecção de *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941).

> Falo a verdade, se eu pretende-se voltar aquela casinha do subúrbio, lá pros lados do São João do Bruno, não atinaria mais o caminho. Sei, apenas, que era um lugar muito calmo e que nessa manhã pairava no ar uma paz imensa. Sei que fui lá em companhia de Dalcídio Jurandir. Estava deserta a casa, Dalcídio chamou por alguém, mas não recebeu resposta. Entramos. Vi-me sentado na humilde salinha. Dalcídio trouxe dos fundos um caixote cheio de papeis. Era as suas primeiras produções literárias, sonetos, sobretudo, muitos sonetos, e um romance incrível, manuscrito, uma preocupação de estilo coelhonetiano. Lemos alguns trechos, gozando o excesso, o exagero de literatura. A anos que estava escrito e Dalcídio falou que ia aproveitá-lo, remodelá-lo, os personagens se tornariam vivos, botaria uma outra sinceridade no livro, ia transformá-lo radicalmente. Achei difícil a tarefa. Tempos depois, em Salvaterra, encontrei-o trabalhando no romance. E enquanto ficava por lá, entregue aos serviços de Inspetor Escolar, me escrevia sempre falando da elaboração de "Chove", que se

[429] BOURDIEU, Pierre. As regras da arte...1996a. p.256.
430 NUNES Et. Al (Orgs.). Dalcídio Jurandir: romancista da província...2006. p.30.

> estava processando vagamente. Nessa época, "Marinatambalo" [Marajó] estava pronto, havia sido enviado para Marciel Filho, um nosso amigo de São Paulo[431].

Nesse período, em que mostra a primeira versão para Couto, Dalcídio morava em São João do Bruno, atual bairro do Telegrafo[432], periferia da capital do Pará. Esse relato revela que a primeira versão seguia ainda a diretriz do "estilo coelhonetiano" de Coelho Neto, então tido como tipo ideal dos acadêmicos e inspiração de toda uma geração de escritores da Amazônia[433]. As risadas entre os dois amigos, "gozando o excesso", "o exagero de literatura", demostram as linhas de força de um campo literário já rotinizado com o programa do modernismo Amazônico. De fato, ele confirma que já possuía uma versão pronta do romance vindo "das alturas de 1929", feita como uma tentativa de "literatura desenfreada e uma pretensão a fazer estilo, que era um espetáculo"[434].

Portanto, o relato de Couto confirma a adoção do programa do modernismo amazônico por Dalcídio no início dos anos 1930, período de intensa atividade política e literária. Mas também explicita que a "esterilidade editorial" não era favorável para publicação de romances na região, conforme era percebida por ele. Prova disso é o envio do romance Marinantambalo para o amigo Abguar Bastos tentar publicar em São Paulo[435].

Quando *Chove* foi terminado, Dalcídio, Paulo Mendes, Mario Couto e Stelio Maroja decidiram mandar o romance para o primeiro concurso da editora Vecchi e o periódico *Dom Casmurro* no Rio[436]. A esposa de Dalcídio passa o romance a limpo, e os amigos dele fizeram uma vaquinha para o envio do romance pelos correios, enquanto Maciel Filho e Abguar Bastos enviam Marintambalo também para o mesmo concurso, sem que ele soubesse[437]. Quem participou da vaquinha para o envio do romance *Chove* ao concurso foram Paulo Mendes, Stélio Maroja, Barandier da Cunha, Oswaldo Viana, Jorge Malcher etc.[438].

---

[431] COUTO, Mário. Um romance segue para o concurso. *Dom casmurro*. Rio de Janeiro, Ano IV, n.172, 26 de Out. 1940. p.6.
[432] O bairro ficou conhecido assim porque foi criado em torno de uma fazenda com o nome São João do Bruno.
[433] Cf. Paiva. Op.Cit. p.102.
[434] JURANDIR, Dalcídio. Tragedia e comédia de um escritor novo do norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164. 31 de Ago. 1940. p.3.
[435] Em 1939, realmente aparece um anúncio de publicação do romance pela Editora Rumo de São Paulo, mas ele só será publicado em 1947, por outra editora. Anúncio de Missunga pela Editora Rumo. Terra Imatura. n.11, v.2. Nov. 1939.
[436] COUTO. Op. Cit.
[437] Idem, Ibidem. ALMEIDA, 2022. JURANDIR. Op. Cit.
[438] JURANDIR. Op. Cit.

O periódico *Dom Casmurro* circulou de 1937 a 1947 e foi criado por Brício de Abreu[439] e Álvaro Moreira[440]. O jornal foi criado com o intuito de ser neutro em termos de política e se colocava como um "refúgio aos intelectuais"[441]. No início, o jornal teve um período de oposição ao Estado Novo, chegando até ser chamado de jornal "francês" e "comunista", mas a oposição foi minguando e tomando ares amistosos, revelando aproximações com o regime varguista. Em 1940, o jornal tinha vinte e seis mil leitores, e quase quatro mil assinantes[442].

Já a Editora Vecchi, teve seu início em 1913 e foi criada por descendentes de italianos no Brasil. Eles começaram suas atividades como livreiros, mas logo passaram a importar livros e, em 1927, começaram a publicar traduções de livros estrangeiros[443]. Seu foco principal era em revistas e literatura infanto-juvenil na década de 1930. No entanto, tiveram uma abertura relativa para a publicação de escritores brasileiros da geração de 1930 como, Omer mont'Alegre, José Cândido de Carvalho, entre outros[444]. Na década de 1940, com o afã de descobrir novos autores, a editora promoveu um concurso em parceria com o jornal *Dom Casmurro* em 1940, para publicar o romance vencedor e o ganhador do segundo lugar, na coleção "Novos Autores Brasileiros"[445]. Isso fazia parte de um grande movimento, em que a literatura de ficção, no final da década de 1930 e início de 1940, teve um elevado índice de editoração devido à expansão de leitores das camadas médias, que demandavam por obras de mero entretenimento –como romances policiais, livros de aventuras, biografias romanceadas, livros infantis e romances de amor. Os romances nacionais, nessa fatia de ficção, representavam

[439] Luís Leopoldo Brício de Abreu (1903-incerto, entre 1968-1970), foi um jornalista, crítico, tradutor e dramaturgo do Rio Grande do Sul. Viveu no Rio de Janeiro durante muito tempo, da década de 1920 até a sua morte. Foi um assíduo colaborador de jornais como O País, Boa Noite, A Razão, A Tribuna, Diário da Noite, O Jornal, O Cruzeiro, além de ser o fundador do jornal Dom Casmurro, em 1937, assim como a Comoedia, revista mensal de teatro, música, cinema e rádio (1946-1950). Estreou na ficção em 1919 com a peça Experiência, além de escrever poesias, como Evangelho de ternura (1921), novela, como A mais forte (1922). Ver De Luca (2013).
[440] Álvaro Moreira (1888–1964) foi um dramaturgo, escritor e jornalista do Rio Grande do Sul. Foi para o Rio de Janeiro em 1910, onde se formou em Direito. Ganhou notoriedade como poeta simbolista e era ligado revista Fon Fon, onde era contista. Junto com a sua esposa, Eugenia Álvaro Moreira, tentaram implementar o modernismo no teatro, com o chamado Teatro de Brinquedo (1927). Ver De Luca (2013) e Prado (1988).
[441] ALMEIDA, 2022. p.18-19.
[442] ALMEIDA, 2022. p.19.
[443] Bem ao gosto das disposições sociais dos agentes de 1930 no ramo editorial, que tinham algumas afinidades com o mercado de importação e comercialização e começaram o movimento de "substituição importações" no "boom" do livro (MICELI, 2001, p.141-158).
[444] BUENO, L. Uma história do romance de 1930. São Paulo: EDUSP, 2006.
[445] ALMEIDA. Op. Cit.

38% dos títulos contra 62 % de traduções, e a Editora Vecchi era uma das seis editoras de grande porte que cobriam 13% do mercado[446].

O "grande concurso" foi idealizado por Jorge Amado, então redator-chefe do jornal *Dom Casmurro* em 1939, com o objetivo de "laurear especialmente os escritores novos, dando a estes, a oportunidade de publicar as suas produções inéditas", bem como promover a "propaganda e valorização das letras e dos literatos brasileiros"[447]. A escolha do júri previa uma problemática de injustiça de julgamento, pois os organizadores acreditavam que, para uma "crítica justa", o júri precisava ser "interestadual". Também,

> [...] como por imaginarmos que a maioria dos romances, dadas as novas correntes de ficção se cingiriam ao documentário regional, e somente escritores afeiçoados à vida no interior brasileiro teriam razões verdadeiras para entender e julgar os livros desses gêneros[448].

O corpo do júri era composto, num primeiro momento, por Brício de Abreu (como presidente do júri e diretor do *Dom Casmurro*), Érico Veríssimo, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Wilson de A. Lousada, Jorge Amado (pela redação do *Dom Casmurro*) e Omer Mont'Alegre (como representante pela Vecchi-Editora). Por uma série de percalços, alguns dos membros do júri tiveram que deixar a banca julgadora. Primeiro foi Jorge Amado, que por razões de ser perseguido politicamente deixou a redação do *Dom Casmurro* (um dos patrocinadores do concurso), e consequentemente saiu da banca, sendo substituído por Álvaro Moreyra, um dos redatores-chefes do jornal carioca. Depois foi Graciliano Ramos, que se ausentou por motivos de saúde, sendo substituído por Raquel de Queiroz na banca Julgadora. O terceiro a sair foi Érico Veríssimo, que se ausentou da comissão para terminar seu livro *Saga*. Esta vaga não foi preenchida por outra pessoa, porque o jornal *Dom Casmurro* considerava a atitude "um elogio sincero" ao trabalho do escritor na comissão do concurso[449]. E Oswald de Andrade, que acompanhou o concurso quase até o final, delegou seu poder de julgamento a Eugênia Álvaro Moreyra[450], por razões de compartilharem o mesmo "ponto de vista". O

---

[446] MICELI, 2001. p.141-158.
[447] DOM CASMURRO, 1940, p.7 Apud Almeida, 2022. p.20.
[448] Idem, Ibidem.
[449] Idem, Ibidem.
[450] Eugênia Álvaro Moreyra (1898-1948), foi uma líder feminista, jornalista, atriz, diretora teatral e esposa de Alvaro moreyra, então redator chefe do Dom Casmurro. Ela e o esposo foram importantes na história do teatro brasileiro, por fundar a primeira tentativa de introduzir o modernismo no teatro, com o chamado "teatro de brinquedo" (Ver Almeida, 2007 e Prado, 1988).

resultado do concurso foi um empate entre *Chove nos Campos de Cachoeira* de Dalcídio Jurandir e *Ciranda* de Clóvis Ramalhete. Brício de Abreu então submeteu os romances a um novo escrutínio do júri, e todos que estavam na sala (Eugênia Álvaro Moreyra, Álvaro Moreyra, Omer Mont'Alegre e Brício) decidiram dar o prêmio a *Chove*[451]. O prêmio para o vencedor do concurso, era cinco contos de réis, a edição de 5.200 exemplares (200 para a publicidade e 50 para o autor), e cinco contos de réis em publicidade nas páginas do *Dom Casmurro* (isso explica em parte a grande publicidade de Dalcídio e de seu livro nas páginas do jornal).

Dalcídio recebeu o prêmio no Pará em 1941, mas, devido ao Interventor do Estado, José Malcher, dar-lhe um "segundo prêmio" – passagens e ajuda de custo para ficar dois meses no Rio– viajou para a capital da república. Nesse período, demonstra em cartas certa indecisão sobre permanecer na cidade.

> Não acho que posso arranjar alguma coisa aqui. Só se eu fizesse concessões ao meu temperamento. Se eu fosses somente tu e os dois, era possível, eu podia ficar mais tempo e cavaria porque aqui é que posso me situar no ponto de vista literário[...][452].

Portanto, o romancista já sabia que, se permanecesse no Rio, teria maiores chances de se firmar como literato. Isso faz sentido, se levarmos em conta a vida cultural mais dinâmica da capital da república em comparação com a de Belém do Pará, que, além de ser menos adensada, passava também por uma fase de "esterilidade editorial".

Como parte da grande publicidade concedida ao ganhador do concurso, principalmente nas páginas do *Dom Casmurro*, começaram a ser publicados textos sobre o escritor vencedor do prêmio. A publicidade foi tamanha que até as pessoas na rua o reconheciam, como conta uma matéria do *Dom Casmurro*:

> E o ônibus se arrastava pachorrentamente pela avenida fora. Bufando vapor na frente e turibulolando, incenso de gasolina por trás.
> Até que finalmente constatei que era de fato Dalcídio Jurandir, aquele passageiro.
> Foi instantâneo, o percebimento.
> Dalcídio acabava de tirar do bolso, um número de *Dom Casmurro*.
> Sei bem, que muita gente de cabeça nordestina lê o *Dom Casmurro*, porém, não sei por que esta foi para mim a carteira de identidade de Dalcídio Jurandir.
> Perguntei de chofre:
> — O senhor é o Dalcídio, o escritor paraense?

[451] ABREU, 1940. p.1 Apud ALMEIDA, 2022. p.20.
[452] JURANDIR, Dalcídio. Carta a esposa [Guiomara Freire] 3 de Dez. 1941. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.50.

> E Dalcídio confirmou, ia para a estação do Méier e como também era este o meu itinerário, viemos conversando ora sobre *Chove nos Campos de Cachoeira*, ora sobre o Raul de Leoni. E muitos outros assuntos, como se já fossemos antigos conhecidos[453].

O reconhecimento de Dalcídio por meio do jornal *Dom Casmurro* revela uma proposição e uma confusão. A primeira é o fato de o admirador de Dalcídio apreciar o público do *Dom Casmurro* como "gente de cabeça nordestina". Isso demonstra a parcela do público leitor do jornal, que então abrigava parte dos romancistas da geração de 1930, dominada por nordestinos, como atesta a composição da comissão do prêmio ganho por Dalcídio. A segunda é a confusão entre a origem do público do *Dom Casmurro* e a origem do escritor. Foi por causa de uma equivalência entre os nordestinos e o Pará que o romancista premiado foi reconhecido. Portanto, percebemos a dominância dos nordestinos no romance de 1930, além de demonstrar como a região de origem de Dalcídio permanecia ainda uma incógnita na cabeça do cidadão médio de uma cidade tida como civilizada como o Rio de Janeiro.

No entanto, essa incógnita não estava apenas no leitor do período; os próprios textos da publicidade também apresentavam o escritor e sua origem de forma misteriosa. Um desses textos foi o de Brício de Abreu, então diretor do periódico, que descreveu Dalcídio com base em boatos ouvidos da seguinte forma: "[...] um rapaz desconhecido completamente, que vive em Belém, do Pará, que nunca veio ao Rio e que, segundo me dizem é muito jovem e índio-marajoara, natural da Ilha do Marajó[...]" [454]. Esse desconhecimento de Dalcídio existia apenas na capital da república, pois ele já era bastante conhecido nos meios intelectuais de Belém nos anos 1930. Além disso, Brício, para dar um ar ainda mais exótico ao escritor, afirma que ele nunca tinha ido ao Rio. Se o leitor já se familiarizou com a trajetória de Dalcídio, lembrará de sua viagem à capital da República em 1928. Mas o mais interessante é a atribuição racial dada ao escritor, como se ele fosse "índio".

Todas essas questões – a classificação dele como indígena e a ideia de que ele nunca foi ao Rio – imprimiam à imagem do escritor certa aura de exótico e mistério. Todas essas imagens estão associadas à ideia que se tinha da região amazônica no centro civilizado, como o Rio de Janeiro, informadas por uma tradição de representação daquelas paragens. Se, na Amazônia,

---

[453] Foi assim que conheci Dalcídio Jurandir. Dom Casmurro, ano V, n.230. 13 de dezembro de 1941. p.6.
[454] ABREU, Brício.O final do nosso concurso de romance. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, Ano IV, n.160, 3 de Ago. 1940. p.1. Possivelmente, quem deu essa informação foi Clovis Gusmão, que participou das movimentações modernistas no Pará e, na época do prêmio, colaborava no Dom Casmurro e morava no Rio. Clovis provavelmente conheceu Dalcídio em Belém.

acontecia uma mudança de representação, de focalização da natureza para a acentuação do elemento humano, na capital da república essas discussões tinham pouca aderência. Não é sem sentido que Abguar Bastos colocou o primeiro título de seu romance de estreia como *A Amazônia que ninguém sabe* e depois trocou para *Terra de Icamiaba.* No entanto, essa aura de exótico, tanto em relação à sua raça quanto à sua região de origem, despertava no leitor médio do Rio certa curiosidade sobre o seu romance e sobre o seu autor, pois, como comentei anteriormente, a região amazônica era uma incógnita para esse leitor distante.

Por exemplo, em uma crônica escrita em 1940 por Abguar de Bastos, escritor e amigo de Dalcídio Jurandir, pode-se vislumbrar essas caracterizações baseadas na tradição de representação sendo colocadas em prática:

> Uma vez subí a favela. Com Henrique Pongetti, quando este escreveu "Favela dos meus amores" para Carmen Santos filmar. Não me interessava a história do Samba, mas sim observar o ponto em que estacionava a civilização da favela. Antes, em 1933, eu fora um dos guias de Pongetti em Belém do Pará, rumo às terras dos índios. As notícias que esse meu amigo tinha eram estas: Belém é uma cidade característica, porque os índios passeiam de tangas nas ruas da cidade. Ele não acreditou, tanto que foi preparado para se afundar nos rios e varar florestas. Efetivamente, o turista se decepciona quando não vê índio sentado no terraço do Grande Hotel, assim como o que vem ao Rio estranha não ver onça passeando na esplanada do Castelo. O clima africano ainda seduz o viajante. Esse clima de selvagens alegorias e rudez desbravamentos do tempo de Livingstone. O turista tem razão. Quem não n'a tem é a propaganda[455].

Essa era a caracterização corrente sobre a região: índios andando no centro da cidade, modernizada na Belle époque Amazônica. Nessa tradição, o único elemento humano notado por esse imaginário era o indígena selvagem e bravio ao homem branco. Nessa representação, estão implícitas as noções de bárbaro e civilizado. Nem Mário de Andrade escapou dessas noções comumente utilizadas para caracterizar a região. Preparando-se para sua viagem à Amazônia em 1927, o autor escreveu em seu diário:

> São Paulo, 7 de maio de 1927— Partida de São Paulo. Comprei para viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio…. Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés, formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala[456].

[455] BASTOS. Abguar. Pessoal que está de cima. Anuário Brasileiro de Literatura. 4 Ed. 1940. p.231-232.
[456] ANDRADE, Mário. O turista aprendiz. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p.51.

"As reminiscências de leituras" mencionada por Mário são os naturalistas do século XVII e XVIII e alguns escritores brasileiros que retraduziram as representações da Amazônia herdadas dos naturalistas, como Carlos Chagas e Euclides da Cunha[457].

Quando Dalcídio chegou no Rio, teve que lidar com essas imagens em torno de sua identidade social no nível pessoal e regional. Por exemplo, mobiliza, às vezes, nas entrevistas que concedia, a sua socialização quando a Amazônia era pintada como uma terra sem cultura, muito presente nessa representação tradicional da região. Em uma entrevista publicada, logo após ganhar o Prêmio, ele aciona essa socialização para responder uma gafe de um escritor húngaro.

> Comecei a escrever no "Estado do Pará" em 1930. O "Estado do Pará" é o jornal dos moços do Pará. Um jornal muito querido. Toda nova e novíssima geração literária do Pará giram em torno do "Estado". Tenho sempre falado nos muitos valores que há nessas gerações paraenses. Não cito nomes agora. Não são literatos provincianos, ingênuos, incultos, deslumbrados com o Rio. Há muita cultura, muita inquietação intelectual, muita compreensão entre os escritores e pensadores que eu conheço no Pará. É que o Pará ainda não foi conhecido como merece. Um escritor Húngaro, agora, me perguntou se havia livraria em Belém do Pará e achou espantoso que eu lesse Mauriac no original... Tudo isso é desculpável. Ainda não se conhece bem a Amazônia. Da Amazônia vem lenda no seu pior sentido e a impressão que é um mundo de bichões, um inferno verde... Muito se estuda e pensa na Amazônia. Em todos os ramos da ciência podemos encontrar legítimos valores. Há de nascer da Amazônia uma literatura e uma cultura estranhas, mas que serão na literatura e no pensamento brasileiro uma grande força, um poderoso caráter[458].

A gafe do escritor húngaro levou Dalcídio mobilizar a sua socialização intelectual como forma de contrapor a visão com a qual foi recebido – uma visão naturalista da região bem comum, que enfatiza a natureza em detrimento da cultura local. O elemento humano diverso da região era desconhecido devido a essa tradição naturalista que foca a natureza da região. Imagens como Inferno Verde ou Paraiso Perdido fazem parte desse repertorio naturalista[459].

---

[457] Cf. BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 57, p. 15-50, 2013. Cf. SCHWEICKARDT, J; LIMA, N. T. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910 – 1913). História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, vol. 14 (suplemento), 2007.

[458] JURANDIR, Dalcídio. Tragedia e comédia de um escritor novo do norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164. 31 de Ago. 1940. p.3.

[459] VER: GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994. HARDMAN, F, F. A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009. NASCIMENTO, J. L. Euclides da Cunha e a estética do cientificismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. QUEIROZ, J. F. S. Amazônia: Inferno verde ou Paraíso perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha. NOVA REVISTA AMAZÔNICA, Bragança, v. 03, p. 11-32, 2017.

No entanto, apesar da classificação racial de Dalcídio ser informada por essa tradição, ele entendia a sua racialização nos termos da mestiçagem.

> Sou Marajoara. Meu pai neto de português e minha mãe neta de escrava doméstica, vindo talvez da Bahia ou do Maranhão. Tenho sangue de índio também. Sou a clássica mistura das três raças ou de "três culturas"[460].

Essa é a única entrevista na qual o escritor fala da origem do pai. É interessante notar que Dalcídio se utiliza da premissa mais difundida do culturalismo nos anos 1930, onde se propunha vasculhar os resquícios do passado colonial, buscando determinar as contribuições de cada um desses elementos, os quais, embora deixem o conceito de raça em suspenso, são racializados e caracterizados socialmente na sua influência na cultura nacional[461]. Não é sem sentido que Dalcídio cita "três culturas" ao mesmo tempo que "raça", quase corrigindo a si mesmo. Mas o mais interessante nessa entrevista é que Dalcídio coloca como uma das suas descendências como indígena. Ele não tinha sangue indígena, como conta a própria reconstrução de sua origem familiar. Só podemos entender essa inclusão se nos voltarmos para uma identidade social então positivada pelas gerações modernistas de literatos da Amazônia da qual Dalcídio fazia parte. E temos algumas pistas dessa confusão racial.

Numa entrevista, publicada ainda como ressonância da publicidade do livro, fala de um encontro com uma escritora que nem lhe deu atenção.

> Foi nessa época que tive a honra de ser apresentado a uma senhora Nene Macagi[462] que apareceu escritora em Belém, pirangando os moles do Pará, até com a prefeitura de Soure. Essa senhora não me deu importância, primeiro porque eu, caboclinho, estava de macacão e tamanco; segundo porque a dita senhora era uma escritora[463].

---

[460] JURANDIR, Dalcídio. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. *Dom Casmurro*. Ano V, n.230. 13 de Dez. 1941:1.

[461] A leitura desse período é que houve uma mudança na chave de entendimento da questão racial no brasil, de substituição da raça pela cultura: "a religiosidade brasileira deixou de ser entendida como manifestação da inferioridade dos negros, e por meio dela se criticou o próprio conceito de raça substituindo-o pelo de cultura". Cf. SILVA, Vagner Gonçalves, "Religiões afro-brasileiras: construção e legitimidade de um campo do saber acadêmico (1900-1960)". Revista USP. n°55, setembro/novembro 2002. p.89.

[462] Trata-se da escritora Nenê Macaggi (Paranaguá-1913-Boa Vista-2003). Era filha do italiano Narciso Macaggi e da paulista de origem portuguesa Maria de Paiva. Mudou-se para o Rio ainda muito cedo e começou a sua carreira em periódicos como *Jornal do Brasi*l, *Jornal de Notícias* e hebdomadários como A *Carioca*, *O Malho* e *A Seleta*. Se muda para Manaus em 1940 e torna-se delegada no Serviço de Proteção aos Índios (antigo SPI, hoje a FUNAI). Depois se muda para Boa Vista, onde permanece até a sua morte. Publicou obras como *Chica Banana* (1938), *Água Parada, Contos de Dor e Sangue* (1940), *A Mulher do Garimpo*, *Conto de Amor*, *Conto de Dor* (1970), *Exaltação ao Verde* (1980), entre outros.

[463] JURANDIR, Dalcídio. Tragedia e comédia de um escritor novo do norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164. 31 de Ago. 1940. p.3.

Aqui temos a primeira vez que Dalcídio se coloca como caboclo. Logo vemos que, apesar do escritor se auto identificar assim, ele expõe as marcas do preconceito ligado a essa identidade social. A falta de atenção dessa escritora para com ele se deve tanto à sua origem como caboclo quanto ao fato de ela ser uma escritora. Provavelmente, ela se achava superior, dado as imagens negativas do caboclo, como ser indolente, preguiçoso, passivo, tartamudo etc., portanto, considerado incivilizado.

Nesse sentido, podemos entender por que Dalcídio insere uma origem indígena, pois a categoria social "caboclo" está intimamente associada aos descendentes dos povos indígenas. Nas palavras de Lima-Ayres,

> [...] A categoria caboclo é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo; no uso acadêmico, refere-se aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica, também classificados como camponeses (...) no sentido coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que incluem dimensões geográficas, raciais e de classe (...) na região amazônica o termo é também empregado como categoria relacional; o termo identifica uma categoria de pessoas que se encontra em uma posição social inferior em relação ao locutor (...) os parâmetros desta classificação coloquial incluem a qualidade rural, descendência indígena e "não civilizada" (analfabeta e rústica) que contrastam com as qualidades urbana, branca, civilizada (...). Como categoria relacional, não há um grupo fixo identificado como caboclo; o termo pode ser aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica. O uso coloquial do termo leva à suposição de que existe uma população concreta que pode ser imediatamente identificada como cabocla e carrega a identidade de caboclo[464].

A própria etimologia da palavra caboclo, como "o que vem da floresta", está ligada ao processo violento perpetrado contra os indígenas durante a catequização e escravidão. No entanto, isso não equivale ao branqueamento de indivíduos negros com certo status, como ocorre com utilização da categoria "morena". Aqui, a pertença de Dalcídio é objeto de manipulação política por ele próprio. Identificar-se como "caboclo" fazia sentido para um membro de uma geração que tentava positivar essa categoria, mas ao mesmo tempo é uma forma de lidar com as imagens tradicionais de representação da região, que moldavam percepções de sua própria identidade racial e social[465].

---

[464] LIMA-AYRES, 1999. p.5-7 Apud RODRIGUES, 2006. p.122.

[465] Nas lutas simbólicas sabermos que, o "valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo", pois "sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a ideia que eles têm deles próprios, todo o impensado pela qual eles se constituem como 'nós' por oposição a 'eles', aos 'outros' e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. E isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca a identidade" (BOURDIEU, 1986. p.124).

Se a sua identidade era colocada como objeto de manipulação pelas visões tradicionais da região, a recepção ao seu romance também era. Em relação aos trunfos e defeitos de *Chove nos campos de Cachoeira*, o crítico Ernesto Cergueira publicou uma crítica ao livro no *Jornal do Brasil*, em 7 de setembro de 1941. Na visão crítica de Cergueira, apesar de classificar o livro como "estonteante", seu argumento liga os defeitos do livro ao caráter tumultuário da natureza amazônica. Segundo Cergueira, Dalcídio teria criado personagens de "ficção fantasmagories" e usado "fantasia, exagero, caricatura, imaginação delirante", mas também "tem lances admiráveis, observações felizes, desenhos nítidos, quadros de intensa verdade". A causa dessa "ficção fantasmagories" seria a própria ideia que o crítico tinha da região Amazônica.

> O autor na imensa baía do Amazonas, na região mais jovem do planeta, como afirmam geólogos, ali os "rios moços", da classificação de Davis[466], ainda não tem álveo certo. Correm violentos, tumultuários, variando de leito, correndo os barrancos em fundas erosões, que lança as torrentes, turva as árvores, ramos, folhagens, velhos troncos carcomidos… O estilo do livro participa da natureza, do ambiente em que o autor tem vivido. Precisa ser decantado, filtrado, para expurgar os detritos, da torrente sem leito definitivo. Isso virá com o tempo. E o limite à imaginação, à tendência de caricaturar, de tornar irreais os personagens e as cenas[467].

Quase o mesmo argumento é repetido por um artigo publicado em 1941 pelo crítico Álvaro Lins[468]. Em uma crítica publicada em 27 de setembro de 1941, no jornal *Correio da*

---

[466] Se trata de William Moris Davis (1850–1934), geografo, geólogo e meteorologista americano. Foi professor em geografia em Universidades como, Harvard, Stanford, Berkeley. Publicou livros como "Os rios e vales da Pensilvânia" (1889) e sua sequência, "Os rios e vales do norte de Nova Jersey, com notas sobre a classificação dos rios em geral" (1890). Euclides da Cunha o cita em *A Margem da História* para falar justamente do caráter tumultuário, desordenado da natureza Amazônica.

[467]CERGUEIRA, Ernesto. Chove nos campos de Cachoeira - Dalcídio Jurandir - Vecchi - 1941. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, n.211, 7 de Set. 1941. p.3.

468 Álvaro Lins (1912-1970) foi um crítico e jornalista, nasceu em Caruaru, Pernambuco e morreu no Rio de Janeiro. Em 1931, matricula-se na Faculdade de Direito do Recife, e como não tinha condições de pagar a faculdade, apresenta "atestado de pobreza" para não pagar os três primeiros anos da faculdade. Ao terminar o curso de Direito em 1936, casou-se com D. Heloisa de Barros Lins e viaja um mês pelo Rio, custeada pela herança do avô de 35 contos. A cidade causou uma boa impressão no jovem crítico, que segundo ele, não chegou a se repetir nem conhecendo as "maiores cidades da Europa". Escreveu o livro História Literária de Eça de Queiroz, em 1939, por encomenda de José Olympio com a mediação de José Condé, amigo de juventude. O livro tornou-se um verdadeiro sucesso (tanto entre os intelectuais do Rio, quanto de Recife). De um dia para o outro se torna "famoso" no meio literário, se mudando para o Rio com os direitos autorais de seu livro de sucesso. Escreveu no Jornal Correio da Manhã, então o Jornal mais prestigiado do Rio de Janeiro, na Coluna "Itinerários" falava sobre generalidades da crítica. Além disso, começa a publicar uma série de livros com as suas críticas literárias tecidas no Correio da Manhã. Foi também presidente da Associação Brasileira de Escritores (1948-1949). Passa no concurso para Catedrático de Literatura no Colégio Pedro II, com a tese A técnica do Romance de Marcel Proust, depois publicada em livro. Candidata à cadeira número 17 da Academia Brasileira de Letras, sendo eleito por unanimidade em 1956. Em 1959, viaja para Lisboa como Embaixador, a pedido de Kubitschek. Escreveu um livro

Manhã, ele tece alguns comentários sobre o concurso e os romances vencedores. Fazendo referência à crítica artística de Baudelaire, na qual todo romance tem um elemento de "moda", um elemento social de seu "tempo", mas as grandes obras se destacam por possuírem também elementos que "transcendem o tempo", "elementos espirituais, estéticos, permanentes". Esses últimos elementos separam e definem o que pode ser chamado de arte. Álvaro Lins sente nos dois romances premiados, *Chove nos campos de Cachoeira* e *Ciranda* de Clóvis Ramalhete, "o caráter de literatura efêmera, transitória, acidental", que nem chegaram a ter uma duração porque não "apresentam originalidade" suficiente para terem a duração de uma "moda". Para ele, o livro de Dalcídio revelaria "indícios de um romancista", "um romancista da mais absoluta inconsciência literária, na mais absoluta ignorância de sua arte". Ele seria um "escritor ainda primário, todo instintivo, um orador às avessas do romance"[469]. No entanto, teria uma "força espiritual" no romance que deveria ser observada, "uma força ainda bárbara e caótica". A explicação de Álvaro Lins para essa "anarquia espiritual" é a seguinte:

> Aliás, todo o romance Chove nos campos de Cachoeira revela uma espécie de anarquia espiritual que pode conduzir a uma grande criação literária, mas que também pode a nada conduzir, extinguindo-se nos próprios estertores. É uma anarquia que resulta, por sua vez, de uma espécie de tirania do meio sobre a personalidade do autor. Uma tirania que se exerce em todas as direções: na linguagem, no assunto, na realização romanesca. O ambiente exterior é um círculo fechado dentro do qual o romancista se movimenta sem a capacidade ou sem a intenção de ultrapassá-lo. Trata-se de uma limitação que é a do personagem principal, mas que acaba por incidir sobre o próprio romancista[470].

Baseado em uma crítica que leva em conta "elementos exteriores" e "elementos espirituais", segundo Álvaro Lins, a não "realização literária" de *Chove* causa uma "anarquia espiritual". Essa "anarquia" é devida a uma espécie de "tirania do meio", que limita o escritor a alcançar esse equilíbrio entre os "elementos espirituais" e os "elementos exteriores", característica própria dos grandes romances e da "realização literária". De uma forma ou de outra, o que Lins estava analisando era como o romance privilegiava o documento, ao invés da

---

com base nessa experiência, Missão em Portugal, que se tornou um best-seller do ano de 1960. Ganhou inclusive o "Prêmio Jabuti-A Personalidade Literária do Ano". Foi membro da Academia das Ciências de Lisboa. Publicou livros como, Roteiro Literário do Brasil e de Portugal (1956, 2 vols.) (em colaboração com Aurélio Buarque de Holanda), Literatura e Vida literária (1963), Os mortos de Sobrecasaca (1963) entre muitos outros. Ver Perez. 1971, p. 19-34.

[469] Álvaro Lins. Romances de concursos. Correio da manhã, coluna de Crítica literária. Rio de Janeiro, Ano XLI, n.14.287, 27 de Set, 1941. p.10

[470] Álvaro Lins. Romances de concursos. Correio da manhã, coluna de Crítica literária. Rio de Janeiro, Ano XLI, n.14.287, 27 de Set, 1941. p.10.

forma. A falta desse equilíbrio, de "elementos espirituais" e "elementos exteriores", teria legado ao romance nenhum "valor literário". Outro defeito do livro está na sensação de espera de um desfecho que não acontece. Por causa disso, o livro seria dominado pela monotonia, que se traduz em repetições desnecessárias de "motivos" e "situações". Além disso, existiria o "mau gosto das expressões" por conta da utilização do vocábulo popular mau utilizado pelo escritor. O ponto positivo seria, segundo o crítico, o "monólogo", a "introspecção", a "análise psicológica". No entanto, veio descritivo de Dalcídio seria outro ponto negativo, pois ele seria acusado de querer "tudo contar", como um cientista em busca da realidade primeira.

O crítico Paulo Fleming, também teceu suas opiniões sobre *Chove*. Em outubro de 1941, ano de publicação do livro, publicou um artigo no jornal *Gazeta de Notícias*. Seu juízo é que o livro é bom, mas contém muitos defeitos no nível moral, pois se passa num plano de extrema "baixeza moral". Além disso, o escritor usaria em excesso um "realismo grosseiro, as vezes com verdadeiro requinte de mau gosto"[471]. Para o crítico, o erro de Dalcídio foi que ele

> Escreveu um livro que sem ser conclusões materialistas é, de fato de um materialismo absoluto, repito mais uma vez, com passagens de extraordinário mau gosto. A ausência das coisas do espírito, da fé, mesmo sob seus aspectos primários, é quase completa na obra que "Dom Casmurro" premiou. E não será fora de propósito observar que o A. parece ter tido a preocupação de ridicularizar, tornar grotescas, todas as coisas relacionadas com a fé cristã cuja influência, na formação da mentalidade brasileira, notadamente do que ela tem de bom, talvez seja muito maior do que o romancista premiado supõe[472].

As opiniões do crítico da *Gazeta de Notícias* parecem plasmar a dualidade política dos anos 1930 e 1940, que se refratava no campo de produção simbólica entre materialistas e espiritualistas católicos, no qual o romance parecia ser instrumento das disputas entre as duas tendências. Os grupos de esquerda definiam os romancistas envolvidos com a Igreja Católica como autores de romances "introspectivos" ou "psicológicos", enquanto os do campo político da direita ou espiritualistas classificavam as obras dos militantes de esquerda de romances políticos, numa clara desvalorização dessa produção que ligavam à propaganda e ao proselitismo[473]. Portanto, não podemos descartar a utilização do romance como meio de luta política mais ampla, mas também como instrumento de disputas para galgar posições menos

[471] FLEMING, Paulo. "Chove nos Campos de Cachoeira". Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, Ano 67, n. 244, 19 de Out. 1941. p.2
[472] Idem, Ibidem.
[473] MICELI. Op. Cit. Cf. CANDIDO, Antônio. Op. Cit.

marginais no próprio campo de produção simbólica. Notadamente, os romances regionalistas do Nordeste eram representantes dessa tendência materialista, objetificando o mundo social, enquanto os romances dos escritores ligados à igreja católica por meio da revista *A ordem,* como Alceu Amoroso Lima e outros, representavam a verve da busca da "alma humana", reificando a forma artística e o espiritualismo, focando em técnicas de introspecção dos personagens e dilemas morais na maioria deles. E essa "baixeza moral" reclamada pelo crítico de Dalcídio explicava a visão negativa do romance para o crítico. No entanto, o elogio se direciona justamente para o desenho dos personagens, que conseguiu "penetrar profundamente nos tipos curiosos". Interessante notar que o delineamento desses personagens é feito justamente pela técnica de introspecção, tão apregoadas pelos espiritualistas. Tanto que chega à conclusão idêntica à de Álvaro Lins, afirmando haver talento no romancista paraense, apesar dos traços negativos do romance.

A questão é que, apesar de Fleming acusar Dalcídio de ser materialista, faltava a descrição das paisagens e ambientes no romance. Tocando nesse ponto, ele afirma:

> De início, devo dizer que o livro não tem, praticamente- espaço, em outras palavras, é falho em paisagens e no ambiente. E isso é espantoso, levando o fato de ter sido escrito em meio a uma paisagem tão característica e, portanto, que deveria se impor ao romancista. Cachoeira é um nome e nada mais. E a própria casa do Major Alberto não chega a surgir nitidamente em face da imaginação do leitor[474].

Essa observação se apresentava porque o crítico estava acostumado com as representações tradicionais da região, que focalizavam a paisagem e a utilizavam para explicar todo o entrecho e a caracterização dos personagens, algo negado pela própria geração de Dalcídio. A recepção crítica de Dalcídio no Rio não fugiu a essa percepção informada pela ideia de representação tradicional da Amazônia, mesmo nas avaliações mais positivas[475].

No entanto, também houve críticas que conseguiam ver o "drama humano" do livro, ou seja, o social. Isso demonstra a recepção do lado dos materialistas. Por exemplo, Francisco Ayres[476], em uma crítica publicada no *Dom Casmurro*, leu o romance como uma "obra

[474] Idem, Ibidem.
[475] ALMEIDA, 2022.
[476] Francisco Ayres (1889-1966), nascido em Viçosa, Ceará. Foi poeta, escritor, crítico e jornalista. Escreveu livros como *Canto dos Ventos*, entre outros. Foi membro da Academia Paraibana de Letras. Em uma varredura minuciosa no acervo da biblioteca nacional e em livros sobre críticos do período, não encontramos mais informações do crítico.

profundamente humana, lançada por quem soube dar a vida e colorido aos tipos que criou, à paisagem e às ideias"[477], mas também revela

> A dramaticidade que perpassa desnuda e viva, pelas suas páginas não condensa apenas o panorama de sofrimentos de um recanto do Brasil, embora o incorpore pelos costumes e paisagem, mas sim, o grande drama do mundo em que vivemos[478].

Apesar disso, ainda lê o romance na chave da natureza como explicativa de todo aquele drama social.

> Eu vejo nessa figura central do romance o contraste entre o homem desamparado e o meio que o circunscreve asfixia e reduz. Cedo percebeu que era prisioneiro e também sonhou como o evadido do Castelo de If fugir de sua prisão, atirando-se ao mar alto, pronto para as grandes coisas que ia fazer[479].

Entretanto, não veremos críticas muito negativas nas páginas do Dom Casmurro, muito por conta de o próprio jornal ser o patrocinador do concurso. Prova disso é que o vencedor teve ampla publicidade nas páginas do jornal, incluindo a realização de um concurso das melhores críticas ao romance. Isso se observa tanto na crítica de Cleo Bernardo[480], que compara o romancista a Graciliano Ramos, quanto na crítica de Omer Mont'Alegre[481] e na do amigo de Dalcídio, Mario Couto. Este último talvez tenha sido o único capaz de entrever o significado da tomada de posição de Dalcídio em *Chove*, pois eles são da mesma geração da revista *Terra Imatura*, além de serem amigos íntimos. Para ele, o romancista estava fazendo uma "experimentação",

> Pois o autor não se apegou a face exterior, a feitura, apegou-se ao lado interno, a substância. Saturou-se do "profundo vital" que tira o homem da limitação do meio para mergulhá-lo no universal. Cachoeira deixou de ser, assim, um burgosinho medíocre, dentro do Pará, sem alma e sem história, para transforma-se em no grande mundo, estranho a nós, cheio de paixões e tumultos, de análises psicológicas e complexos individuais, por onde erram as sombras de Freud e Proust... o próprio Dalcídio, quem sabe?- expectador e ator da comédia. Saí do romance para a vida ou entra da vida para o romance no meio daquele "pandemônio", fruto da indiferença humana e da serenidade divina[482].

---

[477] AYRES, Francisco. Chove nos campos de Cachoeira. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, Ano V , n.218, 20 de Set. 1941. p.6.
[478] Idem, Ibidem.
[479] Idem, Ibidem.
[480]BERNARDO, Cléo. Chove nos campos de Cachoeira. *Dom casmurro*. Rio de Janeiro. Ano V, n.230, 18 de Dez. 1941. p.11.
[481] Omer Mont'Alegre, *Dalcídio Jurandir: um romancista da província.* Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.165, 7 de set. 1940. p.3.
[482] COELHO, Machado. Chove nos campos de Cachoeira. *Dom casmurro*. Rio de Janeiro, Ano V, n. 224, 1 de Nov. 1941. p.6.

Aqui vemos a concretização do programa ao qual as duas gerações de modernistas paraenses se dedicaram: focalizar o elemento humano em detrimento da natureza em suas produções. No entanto, essa concretização só ocorreria com a possibilidade que o romance de 1930 abriria. A acentuação da preocupação com os "problemas" sociais nessa geração de romancistas, que queriam objetivar suas regiões com um olhar materialista, no sentido de descrever e denunciar, apesar de muitas vezes resultar em um desleixo com o lado formal, objetivou os dominados nos sistemas de produção[483].

A confirmação de ligação da geração de Dalcídio com o programa da geração de 1930 encontra-se em uma carta de Mario Couto para Dalcídio, publicada no Pará após o romancista ser premiado no Rio.

> Fiquei satisfeito, caboclo, ao saber que teu romance *Chove nos Campos de Cachoeira* havia sido premiado no Concurso Dom Casmurro e Vecchi Editora. Notabilíssima vitória. Resposta a vários senhores velhinhos que vivem ainda tentando escutar as estrelas e acreditam ainda que entre as pombas e os sonhos existe apenas uma pequena diferença. Senhores que estão mortos, irremediavelmente mortos, mas que fazem uma força estupida para viver. Porém, já não existe sol para eles. Os lugares estão todos ocupados. Não há mais vagas. Então eles gritam, gesticulam, falam alto, berram. Vingam-se dizendo que somos cretinos, analfabetos, somos uns pobres diabos, que nem ao menos as virgulas sabem colocar direito. Porém tu mandas, com grande sacrifício, um romance, para o concurso, e, entre sessenta concorrentes, pegas dez contos de réis. Eu imagino a cara desses cavalheiros quando souberem a notícia. No mínimo, dirão que o prêmio não tem valor algum porque não era da Academia de Letras. Tadinhos! Mal eles calculam, mal lhes passa pela cachola que a academia premiou um livro de poemas que eles, se conhecessem, atacariam novamente. Um livro cuja substância, é tudo que se pode dizer contra o espírito acadêmico: A túnica inconsútil, de Jorge de Lima. Sinal que a academia começa a criar juízo. Mas deixamos de lado esses senhores, deixemo-los sossegados lendo a ilustração brasileira. Me dirijo a ti em nome dos novíssimos da literatura paraense. Novíssimos sem cultura, mas que não vivem apregoados aos que possuem. Porque são, antes de mais nada, honestos. Honestos e sinceros. Duma sinceridade que mete medo. Somos taxados de demolidores, quando, muito pelo contrário, nós estamos construindo coisa nova, e mais sólida. Não lemos mais Coelho Neto nem voltaremos a reler Anatole de France. Estaremos sempre contigo. Firmes. Não nascemos para gabinetes, nem para ostentar poses graves. O resto deixemos por conta do tempo[484].

A menção a Coelho Neto é significativa porque demonstra a própria dinâmica do campo literário do momento, no qual a geração de 1930 se sentia emponderada para consolidar os ditames da primeira geração modernista. Assim, podemos entrever a significação, para essa

[483] Cf. Candido. Op. Cit. :197.
[484] COUTO, Mario. Bilhete a Dalcídio Jurandir. A Semana. 3 de Agosto de 1940. In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Dalcídio Jurandir: Romancista da Provincia...2006: 46-47.

geração literária do Pará, de uma premiação no "Sul" concedendo um prêmio a um livro de um escritor de sua região e geração.

O romance *Chove nos campos de Cachoeira* é narrado, em sua maioria, por meio de um discurso indireto e indireto livre, com um narrador em terceira pessoa. *Chove* possui duas temporalidades narrativas: o tempo de narração da decadência do personagem principal e o tempo das divagações psicológicas/rememorações dos personagens, que podem recuar ou avançar no tempo. Nesses entrelaçamentos de tempos, de recuos e avanços espaciais e temporais, o leitor pode ficar confuso com a cronologia do romance. No entanto, cria-se uma visão da trajetória dos personagens.

A "ação" do romance se desenrola numa "vilazinha quase morta", Cachoeira do Arari, na ilha do Marajó. O romance tem um ritmo lento, devido às divagações e rememorações dos personagens, o que levou o crítico Álvaro Lins a observar a "monotonia" no livro.

Chove nos campos de Cachoeira conta a história da decadência física e moral de Eutanázio e dos desejos do menino mestiço Alfredo. Eutanázio, um homem de quarenta anos, é angustiado com uma "misteriosa moléstia" e por uma paixão não correspondida por Irene. Seu nome remete à Eutanásia, que é um procedimento que proporciona uma morte indolor e rápida a um paciente terminal. No entanto, isso não ocorre no romance, pois o personagem tem uma morte lenta. Eutanázio é um homem "entulhado pela náusea de si mesmo" desde criança. Ao contrair "a moléstia misteriosa" da prostituta Felícia e ao sofrer pelo amor não correspondido por Irene, o levam a submeter-se a decadências físicas e morais. Sua trajetória é uma auto-aniquilação lenta. Ele contraiu a "moléstia misteriosa", provavelmente sífilis, em uma noite em que, consumido pela "náusea de si", foi até a barraca de Felícia, após se submeter a humilhação diária de ir até a casa de Irene.

E mesmo percebendo que a prostituta não estava bem de saúde, Eutanázio tem relações sexuais com ela como uma espécie de "castigo" por sua humilhação diária de ir à casa de Irene, uma forma de corromper-se ainda mais. Felícia, uma personagem que aparece em várias dinâmicas das relações sociais – como com Dr. Campos, juiz substituto da pequena Vila, que é tão cristão quanto dionisíaco, e um bebedor inveterado de cervejas, bolinador de prostitutas e moças da vila, assim como é anticomunista convicto –, é uma mulher miserável que mora numa

barraca e "cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome"[485].

Irene, por sua vez, é uma cabocla que tem um riso de escárnio para Eutanázio: "ele é a pedra de amolar onde ela afina a sua perversidade ainda cega como o fio das facas novas"[486]. É neta do Seu Cristóvão com Dona Dejanira. É uma família economicamente decadente, na qual as brigas e as fofocas que acontecem na casa destes personagens giram em torno de emoções e sentimentos relativas ao dinheiro, como a inveja de pessoas em melhores condições materiais, infelicidade com casamentos, situação econômica atual, etc. Uma das passagens em que isso aparece é em um diálogo com Eutanázio e D. Dejanira, na qual o primeiro ouve as lamentações das dificuldades financeiras da segunda.

> Sou uma senhora muito infeliz, seu Eutanázio. Não passo bem. Como essa carne de todo dia. Eu, eu passava muito bem... Hoje, vivo roendo ossos. [...] E olhe que no meu tempo na fazenda, quanta carne gorda comi de espeto. Miúdo se comia por extravagância... [487].

Podemos ver que, além de mostrar um lado decadente financeiramente da família, com a falta de comida, eles também rememoram os tempos em que as coisas eram melhores, visto que, no tempo presente da narrativa, a situação é descrita como "fome eterna". No passado, Seu Cristóvão era dono de uma fazenda que foi vendida a pedido de Dona Dejanira e agora é Administrador do mercado da Vila de Cachoeira. Eutanázio é ligado à família economicamente decadente de Irene por causa de sua paixão não correspondida por ela. A família de Irene, percebendo que Eutanázio estava apaixonado e não conseguia se afastar da casa do Seu Cristóvão – desse "pandemônio", como era chamada a moradia da família, onde imperava fofocas e "escândalos" –, explorava o sentimento que o quarentão tinha por Irene, para conseguir benefícios econômicos. Justamente por isso, a família decadente queria ocultar o escárnio de Irene por Eutanázio.

Para prover os benefícios econômicos à família decadente, o personagem chega a roubar dinheiro que um barqueiro mandou entregar à prostituta Felícia por serviços prestados. Essa mesma dinâmica é mantida nas tavernas da vila, onde ele se aproveita do nome do Pai, Major

[485] JURANDIR, D. Chove nos campos de cachoeira. 8ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.pos.78-79.
[486] Idem. pos.33.
[487] Idem. pos.41.

Alberto, Secretário da Intendência da pequena vila, para se endividar pedindo produtos fiados, como na taverna de Ezequias, um comerciante endividado e hipocondríaco.

Como o oposto de Eutanázio e como um personagem coadjuvante na narrativa, temos seu irmão mais novo, Alfredo, um menino "contemplativo e melancólico". Junto de seu caroço de tucumã, com propriedades mágicas para o menino, vive "a história do faz de conta". O caroço, na imaginação do menino, faz com que ele realize o sonho de estudar na capital, ora Belém, ora no Rio de Janeiro; pensa em soluções para os problemas de sua vida, de sua família, de Cachoeira e até do Brasil; como planejar maneiras de mudar a fisionomia dos campos alagadiços de Cachoeira do Arari para parecerem com os campos da Holanda, um problema que seu pai coloca no decorrer da narrativa; ou mesmo formas "de parecer menino diferente do que era"[488], visto que era filho de mãe negra (D. Amélia) e pai branco (Major Alberto), um menino "feridento" e doente de impaludismo. No entanto, o garoto não queria ser confundido com os meninos caboclos da rua, pois "tinha um ar de menino branco" (pos.70), e sente embaraço toda vez em que tocam nesse embaralhamento racial de sua casa, pois tinha vergonha de a mãe ser negra. Essa confusão entre vergonha e remoço dessa confusão racial fica claro na conversa que ele tem com esses caboclos:

> -Vou te comer de espeto.
> -Se como então um passarinho desse ?
> - Se come. E no espeto. Não sabe o que é bom. Pra que tenho mea baladêra? Tu não gosta?
> - Eu não.
> - O que tu perde. És um branco...
> - Tua boca é doce para dizer isso...que sou um branco. Alfredo não queria ser moreno mas se ofendia quando o chamavam de branco. Achava uma cachoada de moleque. [...]
> No entanto, Henrique não estava caçoando. Para ele tão natural que Alfredo parecesse branco. Não mora num chalé de madeira, assoalhado e alto? Era filho do Major Alberto, tinha sapatos. Alfredo não comia passarinho balado. Quantas vezes Henrique não matou a fome com um passarinho de espeto?[489]

No entanto, ao longo da narrativa, fica claro que as famílias brancas decadentes, como a de D. Dejanira, reconheciam ele e a mãe como negros – D. Dejanira se sente injustiçada por ela estar passando fome enquanto "aquela preta", D. Amélia, se fartava com as comidas no chalé.

[488] Idem. pos.43.
[489] Idem. pos.55-57.

Por meio do seu caroço de tucumã, o menino Alfredo se entrega ao sonho de conhecer "a cidade de Siá Rosália", personagem que viaja constantemente à Belém às custas de um polêmico montepio, que causa muita fofoca na pequena vila, porque foi dado por um servidor público no seu leito de morte a Rosália. O motivo pelo qual ele queria conhecer "a cidade de Siá Rosália" (referência à Belém) era que Rosália lhe trazia senhas de passagens de bonde.

> Eram vermelho-claras com as letras verdes. Embevecia-se olhando as senhas que siá Rosália lhe dava como se elas lhe contassem a maravilha dos bondes mágicos correndo pelos fios elétricos. Então a cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos[490].

A modernidade da cidade, fruto dos lucros do comércio do auge da extração da borracha, encantava o menino, que, em sua imaginação parecia muito mais reino de sonho do que realidade. No entanto, ao relembrar a ida com seus pais à Belém quando era mais jovem, lembra que "a cidade não se parecia com a que siá Rosália lhe contava quando vinha de Belém":

> O enjoo do sabão, aquele cozido que a velha Ciana fazia, sebento e branco, a gordura e as bochechas do seu Ulisses, o grunhido da velha, as chinelas de Gualdina, a doença de Sevico, ficavam na barraca escura e má onde nem se podia ver os bondes, as lojas, nem a macaca do Museu. Voltou para Cachoeira sem ter visto a cidade de siá Rosália, nem a cidade de seus pais que viam teatro, cinema e muitos bondes[491].

O confronto com essa dura realidade não o faz se desprender da "história do faz de conta" do caroço de tucumã, nessa imagética de uma realidade que quase não existe. Pelo contrário, ele se apega ainda mais "aos caroços de tucumã que joga na palma da mão"[492]. Nesse sentido, é o oposto de Eutanázio, que não se motiva por uma fantasia; até porque já viveu em Belém e está em Cachoeira por puro "vício", como denominou seu pai a sua teimosia de querer ficar na pequena vila e suas andanças até a casa do Seu Cristóvão por obsessão dirigida a Irene. Com suas andanças na chuva e a "misteriosa moléstia", Eutanázio vai entrando cada vez mais em decadência por causa da doença e de sua obsessão por Irene. Ele se submete a atos cada vez mais imorais, como roubar a prostituta Felícia e "envenenar" as cartas de amor de dois caboclos analfabetos, por inveja da "inocência" deles.

Já Alfredo, com o seu mágico caroço de tucumã, dá asas à imaginação e se entrega ao sonho, como uma forma de fugir daquela realidade difícil. Com suas idas à casa do seu

[490] Idem. pos.64
[491] Idem. pos.64.
[492] Idem. pos.56.

Cristóvão, Eutanázio descobre que Irene está grávida de Resendinho, que mora em Belém, e fica imaginando se ele a abandonaria e se ela o aceitaria depois disto.

No final do livro, ela aparece grávida de Resendinho no leito de morte de Eutanázio, mas já não é a mesma Irene que o humilhava e desprezava constantemente.

> Desejou passar a mão naquele ventre que crescia vagaroso como a enchente, com a chuva que estava caindo sobre os campos. Desejaria beijá-lo. Estava vendo ali a Criação, a Gênesis, a Vida. Havia nela qualquer coisa de satisfeito, de profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra nenhuma de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. Era como a terra no inverno. Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas. Por isso ela já humilhava-o de maneira diferente. [...] Irene estava bela com a sua gravidez de terra inundada[493].

Vemos aí claramente uma analogia entre a chuva que enche os campos do Marajó e a gravidez de Irene (é renascimento, e não em forma de decadência). Isso significando que, embora o tom de decadência domine o presente, a resolução dos problemas da região é apresentada como uma esperança para o futuro, devido à comparação de Irene a "terra" e a gravidez com um renascimento. No entanto, a analogia termina por aí. Ela tem função de comparação e não de determinação, como argumenta os críticos, que viam a decadência como causada pela natureza.

O romance apresenta uma estrutura dualística. Os dois personagens principais aparecem na narrativa como um espelho invertido: de um lado, Alfredo mobiliza um passado idealizado, por meio da imaginação guiada pelo "mágico" caroço de tucumã; e de outro, Eutanázio mobiliza um presente econômico e socialmente decadente, alimentado por meio de sua obsessão por Irene e sua vontade de degradação. Consequentemente, suas relações sociais os inclinam para o lado que eles representam: decadência no presente para Eutanázio e um passado idealizado para Alfredo. É por meio da família economicamente decadente de Irene que Eutanázio se entrega ainda mais à degradação na narrativa, como ao contrair a "moléstia misteriosa" que o mata no final do romance, ao roubar o dinheiro de Felícia para suprir as necessidades econômicas da família decadente, e ao recusar-se a tratar a doença, continuando suas andanças na chuva até a casa da amada.

Por outro lado, Alfredo mobiliza um passado idealizado, que bem serve à imaginação ainda infantil. Sua imaginação é calcada em relações sociais com a "Siá Rosália", sua amiga de

[493] Idem. pos.201.

infância; com o pai Major Alberto, que era um "filósofo" e vivia mergulhado em seus catálogos falando que a engenharia holandesa poderia salvar Cachoeira dos seus constantes alagamentos; e com D. Amélia, que queria levar o filho para estudar em Belém. Podemos então indicar que a estrutura do romance é dualista, que organiza e rege as dinâmicas das relações sociais do entrecho.

Essa crítica à modernização na região se objetiva na própria estrutura de Chove. O romance possui duas temporalidades, que são representadas de forma assimétricas e de forma complexa, com uma ênfase maior em Eutanázio do que em Alfredo. Dalcídio faz do tempo nesse romance um dos principais eixos que orienta a representação da Amazônia.

> Se, para fins de análise, divide-se tal eixo em tempo material e tempo idealizado, subdividindo-se cada qual em passado e presente, nota-se que tais unidades mantêm uma relação assimétrica, de vez que o elemento correspondente ao passado idealizado recebe pouca atenção. Uma vez que o assunto principal de Jurandir é a vida entre as camadas sociais mais pobres, o tempo material é o tempo da narração dos eventos ou descrição dos estados associados com uma realidade econômica difícil[494].

Nesse sentido, Eutanázio estaria próximo do tempo material, enquanto Alfredo se aproxima de um tempo idealizado. As relações estabelecidas por Eutanázio são baseadas na decadência do tempo presente, enquanto Alfredo estabelece relações com um passado idealizado, buscando uma fuga por meio dos símbolos da modernidade presentes na decadência. Essa definição não é estanque, visto que, no presente, existem esses símbolos da modernidade. No entanto, há uma predominância da decadência no tempo presente em detrimento do passado idealizado, que a todo instante é posto à prova no confronto com a realidade, utilizando-se do recurso da ironia.

É principalmente pelas andanças e divagações psicológicas no presente de Eutanázio que conhecemos a vila de Cachoeira e sua decadência: a família decadente do Seu Cristovão, a prostituta Felícia, o comerciante endividado e hipocondríaco Ezequias, Domingão e sua esposa D. Emiliana, que viviam assombrados por um passado de fartura. Já por Alfredo, conhecemos o tempo idealizado. É o caroço de tucumã que o faz resolver os problemas de Cachoeira e do Brasil, como ouvia de seu pai, ao mesmo tempo em que deseja estudar ora em Belém, ora no Rio de Janeiro. São Siá Rosália e os símbolos da modernidade em Belém, sobreviventes da belle Époque; é Major Alberto e suas divagações nos catálogos, que lhe levam a cogitar a

[494] MALIGO, Pedro, Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir, Revista USP, n. 13, p. 48–57, 1992, p. 50.

engenharia holandesa como solução para os alagamentos na pequena vila. Toda estrutura narrativa do romance é uma crítica a experiência moderna da Amazônia. Isso fica claro no personagem do Dr. Ramiro Lustrosa ("homem moderno e liberal"), que, comprando pequenas fazendas e cercando os campos de Cachoeira, denomina o novo empreendimento como "Bem Comum"– ironia, pois, ao cercar os campos, proibiu os moradores até de pegar lenha. Como uma obra de "patriotismo e desprendimento", ela se torna um símbolo de "civilização que enfim chegava na pessoa do Dr. Lustrosa". A ironia do autor é uma forma de criticar o modo como a modernidade penetrou naqueles rincões. No final do romance, quando Irene aparece gravida no leito de morte de Eutanázio, isso é uma espécie de demonstração de força dos moradores decadentes frente à exploração dos recursos causados pela modernização da Amazônia. A gravidez da cabocla, sendo fruto de uma relação com um moço de Belém, portanto, um estrangeiro urbano, e o equacionamento entre a "terra" e as pessoas que lá vivem, coloca a força daquela gente em meio à decadência após a derrocada da exploração da borracha.

> Estava vendo ali a Criação, a Gênesis, a Vida. Havia nela qualquer coisa de satisfeito, de profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra nenhuma de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. Era como a terra no inverno. Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas[495].

Não é o equacionamento da tradição naturalista, no qual se colocava em luta o homem e a natureza, e em que a natureza sempre vencia, topoí do porquê a Amazônia era tida como avessa à civilização. Claro que a natureza aparece, no entanto, no romance Chove, ela representa estados de espírito e sentimentos dos personagens[496], rompendo com a tradição de representação da região que tinha a natureza como causa dos infortúnios sociais. O período de chuvas e a acentuação das divagações dos personagens no romance são a prova disso. A chuva torna-se, assim, uma forma de representar a acentuação das angústias dos personagens, como as andanças de Eutanázio e os medos de Alfredo. Em Dalcídio, a causa da decadência passa a ser as relações de exploração.

É provável que o autor tenha escolhido a técnica de introspecção em seu primeiro romance, como uma forma de fugir a essa tradição que privilegiava a natureza como empecilho a modernização na Amazônia. No entanto, a técnica é muito utilizada e mal-empregada, fazendo com que pensemos ter pulado páginas. Por isso, o ritmo lento do romance. Talvez a própria

[495] JURANDIR. 2019. Pos.233-234.
[496] Acerca dessa interpretação ver: MALIGO, Ruínas idílicas.

reformulação do romance, de um estilo "coelhoetiano" ao programa da geração de 1930, tenha sido mal executada. Além dessa técnica, os caboclos aparecem positivados no romance. Os caboclos "inocentes" aparem felizes, e a gravidez de Irene demonstra a resistência desse elemento, tanto em relação a natureza, quanto em relação a espoliação de elementos estrangeiros aquele meio.

No entanto, além do romance, a militância em torno da dignidade da literatura regional da Amazônia não foi aceita sem críticas no Rio de Janeiro. O que parecia perturbar ainda mais parte da crítica era o fato de Dalcídio publicar um depoimento sobre as condições materiais da produção literária na Amazônia, incorporado como prefácio em seu livro. Por exemplo, na mesma crítica publicada sobre o romance em 1941, Álvaro Lins critica a inclusão do documento "anti-literário" e escrito em uma "linguagem terra-a-terra".

> Parece-me que foi uma crueldade desnecessária juntar ao volume a entrevista que o sr. Dalcídio Jurandir enviou para o jornal Dom Casmurro logo depois do resultado do concurso. Não sei de documento mais anti-literário e mais insensato que esse em que um autor vem contar as suas intimidades pessoais numa linguagem terra-a-terra. Estaria tentado a falar em ridículo se não estivesse certo de que ingenuidade é que é a palavra mais exata para explicar uma confissão daquela natureza. Essa entrevista, agora ligada ao volume, poderá justificar o gesto de um leitor irritado atirando o romance para um depósito de inutilidades. Mas a entrevista não representa o romance do sr. Dalcídio Jurandir, embora explique os seus defeitos mais consideráveis. Explica realmente um autor mais ou menos ingênuo, quase infantil em vários aspectos, provinciano em todos os sentidos (no bom e no mau sentido), muito sincero, muito espontâneo, muito natural[497].

Aqui, o provincianismo e a ingenuidade do depoimento, embora não seja um reflexo de muitos dos defeitos do romance, parecem explicar a maioria deles. No entanto, o crítico Álvaro Lins não foi o único a ter essa mesma opinião, apesar de ser o primeiro. O próprio crítico Paulo Fleming aponta que, por o escritor ser um "nome desconhecido, vindo do extremo norte do país como participante de um concurso literário da capital" e ter ganhado o concurso com o "fruto do próprio esforço individual, sem pistolões, sem influências", foi criado um "clima de simpatia", "de boa vontade"[498] para com o vencedor. No entanto, ao ler o prefácio, esse "clima de simpatia" se dissipou.

> Não resta a menor dúvida de que Dalcídio Jurandir está redondamente enganado. A ideia que, segundo me parece, ele tem dos meios literários do Brasil e das tendências

[497] LINS. Op. Cit.
[498] FLEMING, Paulo. "Chove nos Campos de Cachoeira". Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, Ano 67, n. 244, 19 de Out. 1941. p.2.

> atuais de nossas letras não corresponde, absolutamente, à verdade. Só um erro nesse sentido justifica a linguagem chula do estranho e inútil prefácio. Creio que o A. de "Chove nos campos de Cachoeira" pensou ser a aristocracia da inteligência brasileira formada pela turma de escritores daqui que rezam na mesma cartilha, isto é, gostam de dizer as coisas na linguagem e no estilo terra-a-terra, com a falsa simplicidade, usada no prefácio a que estou me referindo. [...] Dalcídio Jurandir se enganou redondamente escrevendo algumas páginas destinadas ao agrado de certo grupinho que principalmente pelas páginas de "Dom Casmurro" lança mão do mesmo tipo de literatura rastejante. O seu engano foi duplo.
> Primeiro, devido ao fato de pensar que essa turma representa o máximo dentro do cenário intelectual brasileiro, quando, na verdade, estamos diante de um mínimo no total significado do vocábulo. O que essa turminha representa, ou melhor, o que vários dos componentes dessa turminha representam, são as ideias avançadas… em desacordo com os sentimentos e ideais do povo brasileiro e, também, com as leis do governo brasileiro.
> Segundo, porque, Dalcídio Jurandir talvez não saiba que muitos dos chulistas das nossas letras, só fazem chulismo para chamar atenção e em certas e determinadas ocasiões. Que, notadamente, os chulistas de valor (não nego a existência de chulistas de valor; de grande valor, mesmo), quando pensam estar escrevendo para a posteridade, mudam de tom[499].

Não resta dúvida de que os "chulistas" citados por Fleming se referem a Jorge Amado (então chefe da Redação do *Dom Casmurro* na primeira fase e idealizador do concurso), Brício de Abreu e Álvaro Moreyra (diretores do periódico), além de vários outros colaboradores do periódico. Portanto, o crítico está se referindo a toda uma geração do Nordeste do romance de 1930, pois os romancistas desta região tinham bom trânsito na redação do *Dom Casmurro* no início década de 1940, como constatado pelos integrantes do júri do concurso: Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Erico Verissimo etc. Isso demonstra mais uma das tensões entre espiritualistas e materialistas que permeavam o campo intelectual do período.

No entanto, qual é a questão levantada por Dalcídio nesse prefácio que provocou tanto esses críticos? É necessário retomar esse depoimento para obter uma contextualização da contenda. Com o título sugestivo de "Tragedia e comédia de um escritor novo do Norte"[500], o texto demonstra não só as penúrias materiais de produção literária na Amazônia, mas também a falta de reconhecimento intelectual dos literatos do Norte no centro cultural.

No depoimento, Dalcídio expõe que fez a primeira versão de Chove em 1929 e a reescreveu em 1939. Nesse ano de reescrita, ele se mudou para Salvaterra- Marajó, "por medida de economia". Nesse lugar, estava exercendo as atividades de inspetor escolar, uma função que

[499] FLEMING. Op. Cit.
[500]JURANDIR, Dalcídio. Tragedia e comédia de um escritor novo do Norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164. 31 de Ago. 1940. p.3.

ninguém queria assumir devido à "febre, chuva", "atoleiros" e às "montarias" necessárias para chegar às escolas do interior. Mesmo com o trabalho, além de lidar com o atraso do pagamento do salário, ele ganhava somente "365$000" réis por mês, que sustentava a família em Belém e servia para pagar as dívidas adquiridas com a compra da máquina de escrever. Saiu de Salvaterra com dois romances, mas com uma dívida de 200 mil réis. Além disso, conta como foi feita a arrecadação para enviar o romance ao concurso no Rio. Ao abordar a situação material, Dalcídio expõe a falta de legitimidade dos intelectuais do Norte no campo artístico nacional. Repetirei a citação deste depoimento para maior entendimento.

> Aparece uma turminha de malandros metidos a literatos, cantoras etc., e caem em cheio em cima do governo sangrando o tesouro. Os da terra ficam no Peixe frito.
> Ah! É notável a influência do peixe frito na literatura paraense! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-o-peso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não deixa o almoço comprado em casa. Ao chegar ao meio-dia. O pobre, se tem a felicidade de haver arranjado dois mil-réis, leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito, conheço bem esse drama. Sempre fui um empregadinho público como me chamou certo imortal (da Academia de Letras do Pará), morando numa Barraca na São João, com família e perseguido pelos camisas verdes. [...] E a vida do chamado intelectual da província é mais trágica do que se pensa. Bancamos bobos de rei, mas de graça. A não ser a honra dum convite para uma qualquer chateação literária e mais nada. O resto é peixe frito.
> Agora com a geração mais nova aparecem moços que, felizmente, vieram de famílias mais remediadas. Mesmo assim estão fechados na província, isolados, boicotados, negados[501].

De fato, eram essas mesmas condições expostas por Dalcídio nas duas gerações do modernismo paraense. Se, por um lado, as condições materiais de produção literária eram precárias para os "novos", as da geração dos "novíssimos" —surgida na década de 1930 e consolidada em 1940— eram melhores, mas a condição de "insulamento" (a marginalidade frente ao centro cultural) era compartilhada por ambas as gerações. E essa situação fazia com que a maioria dos literatos da região migrasse para o eixo Rio-São Paulo, como Abguar de Bastos, Dalcídio Jurandir, Oswaldo Orico, Eneida de Morais, Peregrino Junior, entre outros[502]. Foi a exposição da penúria material e o "insulamento" dos intelectuais do Norte que enfurecia os críticos, pois expunha as relações de força das lutas simbólicas por definição da própria identidade regional da Amazônia. Mostra, por isso, os agentes legitimados e legitimadores dessa identidade.

[501] Idem. Ibidem.
[502] Cf. SILVA; SOUZA. 2011.

Dalcídio não ficou feliz com as críticas que focavam no prefácio e o interligavam aos defeitos do romance. José Montello, amigo de Dalcídio, expõe uma situação presenciada por ele que evidencia o descontentamento com a crítica de Lins.

> Recordo-me de que Dalcídio, no encontro que tivemos logo a seguir, na calçada do Café Amarelinho, na Cinelândia, à saída da redação do Dom Casmurro, não aceitou de bom sombra O "informe" e "bárbaro" do reparo do seu crítico. Se bem me lembro, ensaiou contestá-lo de público, pouco depois, num artigo de jornal[503].

Não é sem motivo que Dalcídio respondeu justamente a Álvaro Lins. Já na década de 1940, Lins era o crítico mais ativo e respeitado, devido ao seu aclamado *História literária de Eça de Queiroz* e as suas conexões com o mundo político[504]. Ele tinha uma visão intermediaria de crítica e, nas disputas políticas, se posicionava como um socialista democrático, apesar de ter sido seduzido pelo integralismo na juventude[505]. De fato, Dalcídio escreveu uma resposta ao crítico. O texto do romancista paraense foi publicado duas vezes: a primeira no *Jornal do Commercio* de Recife, em 30 de novembro de 1941, e a segunda no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, em 11 de Janeiro de 1942. Nas Palavras de Dalcídio:

> O sr. Álvaro Lins, ao falar da entrevista publicada no volume de *Chove nos campos de Cachoeira*, considerou-a um documento antiliterário escrito numa linguagem terra-a-terra. Minhas simplórias confissões quase que o levam a qualificá-las de ridículas. Reconheço que a minha entrevista nada representa do ponto de vista absolutamente literário. Pode ser mesmo um alarmante sintoma de pobreza de ideias, de sentimentos, de degeneração da língua, enfim, um sintoma de provincianismo que, em vez de se ostentar retórico e gramatical, aparece metido em linguagem terra-a-terra como se isso fosse um achado propício para o melhor efeito que todos os provincianos desejam na capital da República. Penso apenas que tentei fazer da entrevista um depoimento e mais nada. Um diretíssimo depoimento, como uma carta que se escreve. E para esclarecer melhor não seria em nome da própria literatura, da literatura como

---

[503] MONTELLO. Josué. Dalcídio Jurandir. Jornal do Brasil. 26 Jun. 1979. 1° caderno. In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.215.

[504] O amigo de longa data, Jorge Amado coloca, após a publicação de *História literária de Eça de Queiroz*, em um artigo de jornal em 1940, que o surgimento do crítico católico se tratava "da revelação de um crítico, crítico da maior importância, exatamente no momento em que a nossa literatura sofre de uma crise nesse particular. Por todos esses motivos a estreia, em volume, de Álvaro Lins é motivo de alegria para inteligência brasileira". AMADO, Jorge. Eça sempre vivo. Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano III, n. 139, 2 de Mar. 1940. p1. José Cândido de Carvalho, já na década de 1970, falando sobre o aparecimento de Dalcídio como romancista, confirma a supremacia de Álvaro Lins na crítica literária: "e nesse ninho de celebridades com o arguto Álvaro Lins dando cartas na crítica, veio cair o moço de Marajó". CARVALHO, José Cândido de. As 1001 gentes de Dalcídio Jurandir. A cigarra, São Paulo, Ano 56, n.2, p.100-101, Fev. 1970. p.101. Não era de se espantar, visto que onde Álvaro Lins tecia as suas críticas era no "grande matutino do Rio" naquela época, o jornal *Correio da Manhã*, onde substituiu o lugar de Humberto de Campos na crítica do jornal, após a sua morte. Além de estar gozando de relativo prestígio como crítico após a publicação de seu livro sobre Eça de Queiroz. Ver: PEREZ. Op. Cit. p.26. Sobre a trajetória de Lins ver: TEIXEIRA, F. W.. "UM POLÍTICO NO MUNDO DAS LETRAS". LITERATURA E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE ÁLVARO LINS. Revista de História (São Paulo), n. 181, 2022.

[505] Cf. TEXEIRA. Op. Cit.

> corrompida nas ideias e nos sentimentos de hoje, em nome do que ela pode dar ainda de verídico e espiritual que foi feita essa entrevista? Ao longo de toda a história literária ou da vida literária, esses depoimentos aparecem inevitavelmente. Não são da moda literária atual. Felizmente o Sr. Álvaro Lins chegou a entender nessa atitude qualquer coisa de simples, espontâneo e natural. E a culpa da entrevista teria partido de mim ou dos problemas tão sujos e antiliterários que nos envolvem?
> Sinto aliás uma virtude literária na minha entrevista: a humildade. A linguagem terra-a-terra não está assim tão vazia de sentido porque sugere essa virtude tão inesperada e aparentemente desnecessária. Porque nessas alturas do nosso meio intelectual a linguagem literária perdeu muito de sua dignidade interior, de sua autonomia, de sua consciência mesma. O seu estilo, a sua forma, aparecem envenenadas e entorpecem. As palavras sofrem dessa contaminação que pode muito bem condenar um estilo e matar todo sentido de uma obra. De maneira quase geral, a linguagem literária se acha a serviço do que há de pior, de podre, de caduco, de mentiroso nas ideias, nos sentimentos, nas intenções. Essa linguagem que tanto reclamam, tanto falam, talvez seja muito mais desrespeitada pelo que a louvam ou dela se aproveitam do que pelos que surgem, ingênuos e infantis no seu primitivismo literário. Essa linguagem precisa antes ser limpa nas pequenas ideias, das baixíssimas intenções dos mesquinhos sentimentos que a desmoralizam e desumanizam; do conforto, da estagnada quietude dos que a exibem com grande tato e tão bem-estar literário.
> A crueldade que o sr. Álvaro Lins achou no gesto que incorporou a entrevista ao meu romance foi para mim de um inesperado sabor e, como provinciano, estou ingenuamente orgulhoso dela. Entre uma virtude que pode parecer primária, quase ridícula, e a atitude dos que vivem magnificamente mascarados e protegidos pelos tranquilos e sutis revestimentos artísticos ou espirituais, prefiro aquela, muito mais consciente muito mais pronta a errar e a mudar, porém, muito mais pronta a compreender e fixar, ainda que rudemente, o humano e o essencial que há dentro de nós[506].

Dalcídio apropria-se de algumas das categorias críticas de classificação de seu romance e dele – como "simples, espontâneo e natural", "antiliterário", "infantil e ingênuo", "provinciano" – e tenta positivá-las. Para ele, é melhor ser todas essas categorias do que ser "mascarados e protegidos pelos tranquilos e sutis revestimentos artísticos ou espirituais". Temos que levar em conta o posicionamento de Dalcídio no campo literário para entender essa premissa. O escritor estava em uma posição marginal e apostava na superação de uma tradição de representação da Amazonia que apregoava uma linguagem muito rebuscada, focada na natureza.

Portanto, essa contenda literária demonstra as disputas em torno do que é a obra de arte e o artista. Enquanto Dalcídio defende um programa com menos "revestimentos artísticos e espirituais", pois só assim os escritores podiam "fixar, ainda que rudemente, o humano e o essencial que há dentro de nós", o crítico Lins apregoa que a especificidade da obra de arte é

[506] JURANDIR, Dalcídio. À margem de uma crítica do Sr, Álvaro Lins sobre "Chove nos campos de Cachoeira". A manhã. Autores e livros: suplemento literário de "A manhã". Rio de Janeiro, Ano II, v.II, n.1, 11 de Jan. 1942. p.14.

justamente a presença desses "elementos espirituais", ou mais especificamente, a presença em equilíbrio tanto dos elementos "espirituais" quanto dos "exteriores". O pomo da discórdia girava em torno da forma e do conteúdo na arte. O que fica dessa resposta é a exposição das disputas de definição de arte, assim como a base objetiva e material dessas lutas por classificação, objetivadas quando essas disputas vêm à tona.

No entanto, Dalcídio ainda não tinha capital simbólico suficiente para esse combate com o crítico Álvaro Lins. Como lembram os críticos, ele era um nome completamente "desconhecido" na capital da República até o prêmio, não tinha ligações com o governo, nem ao menos tinha logrado cargos no aparelho do estado. Ou seja, não tinha uma rede de relações extensa no Rio. Álvaro Lins nem respondeu à crítica de Dalcídio à sua crítica, demonstrando a pouca importância dada para ele. Possivelmente, alguns escritores acharam isso um tiro no pé. Tanto que o episódio é lembrado por Josué Montello e José Carvalho[507].

No entanto, Dalcídio acatava as críticas de seus adversários. Ele sabia que seu romance faltava no quesito forma literária; o apontamento feito por Lins, como "informe" e "bárbaro" lhe incomodava, não porque era mentira, mas porque ele ouvia os críticos e almejava ter sucesso literário. Também sabia que dependia de sua estada no Rio para se firmar na carreira de escritor. Isso fica claro em uma carta desse período.

> Meu romance *Chove*...é muito informe. Falta métier, mas trabalho de romancista. Mas eu o deixo assim mesmo. Foi um o primeiro e escrito com sinceridade e lagrimas. [...] Acontece que não posso sacrificar a qualidade que devo ainda imprimir a algumas páginas; se o tempo der, muito bem, se não, paciência. Tenho que aceitar o adiantamento da publicação. Não sabes como necessito ocupar-me dos meus romances. O trabalho do jornal me interrompe o fio da concentração que devo ter para a elaboração dos capítulos. Preciso escrever, escrever, é parte da minha carne, de minhas vísceras e nervos[508].

Interessante é a pausa antes de mencionar a palavra que o crítico Álvaro Lins usou para definir o seu primeiro romance. Quase como se ela fosse arrancada com muita força de seu pensamento. Como se, ao escrever, sentia dores no qual ficava remoendo.

---

[507] MONTELLO. Op. Cit. CARVALHO. Op. Cit.
[508] JURANDIR, Dalcídio. Carta a destinatário desconhecido. NUNES Et. Al. Op. Cit. p.178.

No entanto, Dalcídio enfrentava dificuldades de se estabelecer no Rio, mesmo depois da publicação de *Chove*. Isso se devia a seus "escrúpulos" e à sua timidez. Em uma carta de 1942, ele expõe seus sentimentos e as dificuldades de se inserir no mundo jornalístico da capital.

> Aqui depende muito de sorte, de chance e não de talento ou caráter. Não me sinto disposto a abdicar dos meus escrúpulos e mesmo essa timidez que me tira muita força para ir em frente. Julgo-me incapaz para lutar com tenacidade na vida real. Não é falta de coragem, é que os competidores e os obstáculos são tão ignóbeis, tão repugnante que me fazem recuar. Os acontecimentos terríveis do mundo aumentam as dificuldades e me fazem crer que não estamos aptos a esperar coisa melhor. Aqui no Rio valem os líberos. Para vencer (ter um bom êxito material) é preciso ser de uma razoável indignidade. Minha vocação, ou melhor, meu ofício é de uma desgraçada inutilidade. Serve para obter empregos ou prestígio através de tudo que for baixo e cretino. Tenho medo de dispersar todas as minhas forças de imaginação e de pensamento que tanto reservo aos meus romances - este plano que está em mim como sangue - trabalhando no afã de ganhar pelos artigos escritos. Ainda não tenho jornal para escrever. *Casmurro* foi aquilo. *Diretrizes* é jornal para reportagens. Preciso de jornal onde escrever variados assuntos. [...] Fiz no *Estado* dois [artigos] que ele não me pagou. [...] Estou sem dinheiro. Vou entregar um artigo no *Vamos Ler* que me pode dar 75. [...] Mande Dizer quanto tem para ver o que se faz. De mim nada se pode esperar ainda porque nada tenho. [...] Você não tinha quinhentos mil-réis guardados para a gravidez? Se tivesse era mesmo para o parto e me tranquiliza mais[...][509].

De fato, ao chegar no Rio, encontrou-se com antigos amigos de Belém, como Clovis Gusmão e Josué Montello. Este último notou a sua timidez ao ganhar o prêmio: "Dalcídio, com o ruído dos jornais em torno do seu nome e de seu livro, não alterava o seu feitio de homem da província, tímido, calado, mas de olhar agudamente atento ao mundo que o cercava"[510]. Talvez isso tenha reforçado sua imagem de exótico nos círculos intelectuais do Rio, o que lhe rendeu a imagem de um quase "índio", quase confirmando a visão tradicional do caboclo como um ser tartamudo. Também devemos pontuar o fato de não se sentir à vontade no Rio.

> "Ele era assim, desconfiado em relação ao novo meio social, como o da então capital da República, onde foi viver. Rapaz pobre e modesto, não se sentia à vontade naquele meio, embora tivesse, em geral, uma acolhida simpática"[511].

Por isso, no final da década de 1940, essa percepção sobre a sua personalidade encaixava-se na imagem sugerida pelo seu próprio apelido. Agora, não mais como um "índio" de fato, mas como um "índio sutil". O escritor aparece com o apelido "índio sutil" na coluna "Arquivos Implacáveis" de João Condé. Esse colunista menciona que, por sugestão de Gilberto

---

[509] JURANDIR. Dalcídio. Carta a sua esposa [Guiomara Freire]. 1942. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.50.
[510] MONTELLO. Op. Cit. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.216.
[511] CASTRO. Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro. In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.200.

Freyre, resolveu expor os apelidos dos intelectuais atuantes no Rio de Janeiro[512]. Segundo o amigo Moacir Werneck de Castro, o apelido foi dado por José Lins do Rego[513].

Realmente, sua timidez lhe trouxe dificuldades para conseguir emprego na capital. Nos anos de 1941 e 1942, teve poucos textos publicados em jornais e revistas da capital. Dos poucos que publicou, aparecem somente em *A manhã* com a resposta a Álvaro Lins e em textos sobre a Ilha de Marajó e crítica literária em *Diretrizes*, *Cultura Política, Carioca* e *Leitura*[514]. No entanto, a parceria com as revistas *Diretrizes* e *Leitura* parece ter se consolidado em 1942.

Diretrizes era dirigida por Samuel Wainer e era focada em um público mais amplo, pois era quase um jornal. Tinha uma linha editorial contrária ao nazifascismo nesse período e acolhia boa parte de intelectuais de esquerda que se opunham à ofensiva da Alemanha na guerra, como José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Miranda, e Guilherme Figueiredo, entre outros, como Moacyr Werneck de Castro (que se tornaria amigo de Dalcídio), o então comunista Carlos Lacerda e outros integrantes do Partido Comunista. Samuel Wainer convidou vários escritores para integrar a redação, como Graciliano Ramos, Astrogildo Pereira (outro amigo do nosso escritor), Adalgiza Nery, Jorge Amado (que se torna amigo íntimo de Dalcídio), Octávio Malta, e Rachel de Queiróz[515]. Nela, Dalcídio escreveria comentários sobre o mundo político, literário e faria reportagens e entrevistas.

Nesse período, Dalcídio já demonstrava sua inclinação para colaborar com revistas de cunho mais à esquerda do espectro político, que tinham intimas ligações com o romance social de 1930. A aproximação de Dalcídio com a revista *Leitura* também pode ser interpretada como um sinal dessa tendência, visto que a revista tinha uma linha editorial de aproximação da arte com o povo. Em uma tentativa pedagógica, além de ensinar os códigos artísticos, procuravam imprimir a imagem dos artistas como homens do "povo", com uma arte intimamente ligada a esse elemento. As palavras usadas para descrever os escritores e suas obras cumpriam essa função. A "sinceridade" e "verdade" de um livro ou escritor, pretendiam ser o elo entre o

---

[512] CONDÉ, José. Apelidos. A Manhã (Rio), Letras e Artes - Suplemento Literário, 21 de novembro de 1948. p.8.
[513] CASTRO. Op. Cit. p.204.
[514] Cf. PANTOJA, Edilson. Arqueologia Dalcídiana. Blog do Edilson Pantoja. 2020..
515 Cf. FERRARI. Danilo Wenseslau. DIRETRIZES: A PRIMEIRA AVENTURA DE SAMUEL WAINER. A Revista Histórica. N.31.2008. Cf. ROUCHOU, J. R. Samuel Wainer: a luta pela liberdade de expressão em Diretrizes (1938-1944). Revista Territórios e Fronteiras, *[S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 200–216, 2016.

escritor e o povo, entre a literatura e o grande público[516]. Não é sem sentido que parte dos romancistas do Nordeste estavam nas páginas da revista, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge de Lima, entre outros[517]. É justamente assim que Dalcídio via a produção romanesca, algo claro na polêmica com Álvaro Lins. Nessa revista, ele escreveu sobre o mundo cultural do momento.

Essa tendência a uma veia mais politizada do escritor já se manifesta em 1942, quando ele assina um manifesto contra o fascismo[518]. Por conta de sua ligação com essas revistas mais à esquerda, com interligações com o romance social, sua situação financeira melhora, e começa a ganhar dinheiro graças ao clima intelectual desse período de intensa radicalização política dos espectros ideológicos. Tanto que sua esposa, seus dois filhos e os dois irmãos dela se mudam para o Rio nesse período.

No entanto, o que Dalcídio também parece expor na carta citada é a sua recusa em conseguir trabalho na burocracia estatal nesse período. Esse era o caminho seguido por vários intelectuais dessa geração, pois, além de oferecer empregos devido ao processo de expansão e especialização das carreiras na burocracia estatal, com a cooptação massiva do governo autoritário Varguista, o domínio da cultura se tornou um "negócio oficial" sob esse regime, controlando a produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico, rendendo consideráveis ganhos simbólicos a quem percorresse esse caminho[519]. Moacir Werneck de Castro, em um depoimento, demonstra essa negativa de Dalcídio: "[Ele] sempre viveu pobremente, ganhando a vida como jornalista. Resistia à tentação comum de arranjar um emprego público, como era a regra e não seria difícil conseguir"[520]. Isso demonstra a oposição do escritor em ser cooptado pelo regime autoritário de Vargas, revelando uma integridade moral parecida com a de seu pai no exercício do cargo de secretário da Intendência de Cachoeira.

A despeito dessa explicação, a situação de Dalcídio se agravava por outros elementos sociais. A formação escolar precária, por conta de sua origem social em franca decadência e aprofundada ainda mais pela crise familiar, o impedia de adentrar nos postos mais

---

[516] Cf. DOCE, Claudia Rio. Literatura e política cultural pelas páginas de Leitura. revista ieb. n54, set./mar, 2012. p. 67-86.
[517] Idem, Ibidem.
[518] Em defesa do Brasil e da liberdade dos povos. O Radical, 11 de junho de 1942. p.4.
[519] Cf. Miceli. Op. Cit. p.195.
[520] CASTRO, Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.200.

especializados. Além disso, o fato de ele não ter relações de amizade com as frações políticas então vitoriosas da revolução de 1930 no Pará– como o amigo Abguar de Bastos, que lhe rendeu cargos, uma carreira política e um bom trânsito entre os intelectuais do centro cultural–, pesava na balança. Ademais, pesava o fato de ele só conseguir empregos públicos na "cozinha" da produção cultural, devido a amizade com Maroja Neto, que lhe proporcionou contatos no meio intelectual e possibilitou a sua entrada na vida jornalística. A ida para o Rio significou renunciar ao emprego público e, ao se recusar a ser cooptar com o governo, retirou suas chances de obter maiores ganhos simbólicos no mercado intelectual. Não menos importante é a representação tradicional da Amazônia, plasmada na forma de apreciação e recepção de sua obra e de sua identidade, assim como a posição marginal no momento de inserção do escritor nos círculos literários do Rio.

No entanto, de modo paradoxal, sobrevive no Rio graças a sua ligação com periódicos marcadamente direcionados à esquerda e alinhados com representantes do romance social, que lhe renderam relações sociais significativas.

5.2 A tentativa de diferenciação

No entanto, outro romance de Dalcídio também chegou ao pódio do "grande concurso" em terceiro lugar. O romance foi o "Marinatambalo", então nome de *Marajó* (1947). O processo de fatura do romance até a sua versão final é importante para percebemos a filiação desse romance às diretrizes implementadas por Abguar de Bastos e, ao mesmo tempo, a tentativa de diferenciação de Dalcídio em relação a ele. Também é importante para percebemos as sanções negativas que Dalcídio vinha sofrendo desde a sua chegada no Rio por ser um escritor "provinciano em todos os sentidos".

O caminho do livro pode ser observado em um bilhete de Dalcídio a José Condé, então dono da famosa coluna "Arquivos Implacáveis", na qual escrevia notícias inéditas do mundo literário. Escreve Dalcídio:

> Meu caro Condé:
> A primeira página de *Marajó* foi escrita no Pará, em 1932. Não modifiquei, daí em diante, as suas primeiras palavras. Só em 1934, avancei em alguns capítulos. Parei por causa de várias ocupações, falta de ambiente, falta de confiança na vocação literária, sobretudo necessidade de viver. Graças ao meu amigo Nunes Pereira, velho hospede dos índios e íntimo dos peixes Amazônicos, e que descobriu o romance nas velhas páginas manuscritas, animei-me a terminar o livro. No mesmo ano, em 1939, escrevi *Chove nos campos de Cachoeira*. Os dois originais vieram para um concurso no Rio. *Marajó*, que tinha outro nome, perdeu para *Chove nos campos de Cachoeira*.

> Já no Rio, recolhi de uma editora paraense os originais do romance e pensei em reescrevê-lo. Mas só em 1945 e 46 pude ter tempo de passá-lo a limpo, meio desalentado e quase certo de seu malogro.
> Por fim, José Olympio quis editar o livro. Antes pensei em mostrar a um amigo, a uma pessoa que me pudesse dar uma opinião leal sobre o romance.
> Como sei que você vai publicar essa nota, quero aqui agradecer, de público, o estímulo que me deu Lucia Miguel Pereira, a quem confiei na leitura dos originais. Fez ela duas observações, a primeira acerca de uma repetição desnecessária sobre foliões e a segunda de que o capítulo final destoava do conjunto do romance. Realmente, eu andava desconfiado deste capítulo e achei justas as observações de Lucia Miguel Pereira. Tirei a repetição e o capítulo.
> Marajó, livro de mocidade, parece ser um romance de transição na minha luta para fixar alguns episódios da vida amazônica. Foi um treino de mão, um exercício literário pelo qual entrei no caminho de outros romances, "bárbaros", como gostam de dizer, com certa razão, os nossos críticos [521].

A exclusão do capítulo final desta versão nos faz questionar o motivo de tal ação, a despeito dos motivos de fatura literária, visto que nossas "escolhas" não se dão em um vácuo social. O motivo da perda de *Marajó* para *Chove nos campos de Cachoeira* no Concurso da Vecchi-Dom Casmurro ajuda a elucidar o porquê de tal "escolha". Nas palavras do crítico e membro da comissão do concurso Omer Mont'Alegre, os critérios que nortearam a premiação do romance vencedor foram as seguintes:

> Marinatambalo trazia a marca de um grande preconceito do romance feito apenas com o pensamento da província: e este preconceito localiza-se justamente no final: este era torcido para servir ao autor para ridicularizar um confrade mais velho. Todo o exaustivo trabalho de quase quatrocentas laudas, para mim, foi eliminado ali [...]. E entre ele, com este defeito, e Chove nos campos de Cachoeira, preferi este aqui: mais novo, na sua confecção, se bem que o autor confesse que as notas são antigas. [...] Houve a decantação e o bom ficou acima, sobrenadou[522].

Podemos entrever o motivo do decaimento dos pontos do romance *Marajó* no concurso: a ridicularização de um "confrade mais velho" no último capítulo. Não temos acesso a esse último capítulo dessa versão do livro. Possivelmente, este confrade mais velho, seria um nome conhecido do meio literário nacional, pois até um crítico do Eixo Rio-São Paulo, como Omer Mont'Alegre, reconheceu a suposta ridicularização do "confrade mais velho". Toda essa explicação é plausível, considerando que quem enviou o romance para o concurso foi um regionalista da Amazônia bem conhecido, tanto na Amazônia como no centro cultural brasileiro: Abguar de Bastos[523]. A confirmação dessa ligação entre o remetente do livro e a

---

[521] CONDÉ, João. Marajó- Dalcídio Jurandir. Letras e Artes: Suplemento de A Manhã. Na coluna "Arquivos implacáveis". Rio de Janeiro, Ano. 3°, n.98, 22 de Ago. 1948. p.8.
[522] MONT'ALEGRE, O. Dalcídio Jurandir: um romancista da província. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.165, 7 de set. 1940. p.3
[523] NUNES Et. Al (Orgs.). Op. Cit. p.42.

mensagem contida nele, de uma possível postura combativa em relação aos cânones do modernismo do Eixo Rio-São Paulo, encontra-se em uma carta escrita por Abguar para Dalcídio, logo após este ganhar o prêmio. Na correspondência, eles discutiam os detalhes sobre onde e quando o romance "Missunga" (outro antigo nome da obra) seria publicado.

> [...] Agora: tanto Maciel, como Omer, como eu próprio, achamos que o final de "Missunga não corresponde a gravidade da obra". A sátira dirigida a certos tabus só interessa ao provincianismo literário, não alcança, no caso, o âmbito que a obra desde o princípio requer [...] Defesa há muito do seu ponto de vista aí. Não aqui. Portanto, se quiser sai assim mesmo, mas não tenha dúvida de que a crítica irá perturbar o seu sucesso, só isso. Digo-lhe: Missunga só não tirou 1° lugar só por isso[524].

Eis o conselho de um escritor com experiência com o jogo de legitimação literária. Tendo inclusive que trocar o nome do seu primeiro livro – de *A Amazônia que ninguém sabe* para *Terra de Icamiaba* – para ele ser lido como menos agressivo e ser aceito pela crítica [525]. Abguar tinha um projeto de um regionalismo combativo ao centro cultural Rio - São Paulo, que via na figura de Mario de Andrade e em seu projeto o símbolo a ser combatido e negado. O escritor acusa Mário de representar o Brasil com um excesso de simbolização que causa uma certa "palidez" à brasilidade. Como uma forma de se contrapor, tenta alcançar essa brasilidade e regionalidade, em intima relação com o "solo social" da Amazônia[526]. A característica do herói de *Terra de Icamiaba* é o oposto por excelência de Macunaíma. Bepe tem um caráter rígido e fixo, tanto racialmente como moralmente e é transplantado integralmente do mito para o romance, de uma forma que não acontece com a caracterização de Macunaíma. Ao revés da trajetória de Macunaíma, Bepe se alia aos estratos mais excluídos da sociedade (negros, indígenas, caboclos) e viaja em direção à selva, e não em direção à cidade. Além disso, ele aponta para a utopia e não tenta demonstrar uma realidade já existente, como em *Macunaíma*. A oposição entre o entrecho de *Macunaíma* e o *Terra de Icamiaba*, assim como o desenho de seus heróis, mostra as dinâmicas e embates a serem travados em busca de reconhecimento no

[524] BASTOS, Abguar. Carta à Dalcídio Jurandir. 10 de Agos. 1940. Acervo Dalcídio Jurandir, Cartas pessoais. Fundação Casa Rui Barbosa.
[525] PAIVA, 2010. p.330.
[526]PAIVA, Marco Aurelio coelho de, Um outro herói modernista, Tempo Social, v. 20, n. 2, p. 175–196, 2008. Além de apresentar um argumento contrário ao romance/rapsódia *Macunaíma* de Mario de Andrade, no entrecho do romance *Terra de Icamiaba (1931)*, também fez parodias em *Safra* (1937) com a viagem que Mario fez a Amazônia, fazendo referências diretas em seus romances ao nome do escritor paulista no sentido de ridicularizar a sua ligação com a elite paulista e o desconhecimento do modernista naqueles rincões.

âmbito do campo literário do período, entre regionalistas amazônicos e modernistas do centro cultural[527].

Apesar de compartilhar a visão regionalista de Abguar de Bastos, Dalcídio se diferencia na resolução final dos problemas da região em *Terra de Icamiaba*. Essa diferença se torna clara em uma crítica de Dalcídio ao romance *Safra*, de Bastos.

> [Safra é] mais simples, mais humano, mais em contato com a terra e o seu povo. Nos outros romances Abguar sublimava mais as paixões e a realidade. Uma arte que fazia questão de mostrar estilo. Tudo estava bem feito, bem pensado, mas não estava bem ao contato do corpo do sangue, da tabatinga, dos bichos, e dos homens, no drama da terra. Safra revela um romancista que se preocupa com a humanidade e não com a pura criação dum romance. O artista cresceu porque se humanizou. *O sonho, ou melhor, o ideal de sua arte se tornou mais profundo e consistente porque não recuou para a lenda, como Bepe na sua fuga simbólica para a Terra de Icamiaba*. Nem Sólon em *Outros Caminhos do Mundo*, tomou pé no mundo de Safra. [...] O social criou raízes no romance e vem batido de emoção, golpeado pelo amor e ódio, de incertezas, de martírio e de lutas dentro dos personagens que se atropelam em Safra [528].

Essa diferenciação é bastante crível, dada a influência da teoria Marxista no pensamento de Dalcídio, que foi inclusive preso duas vezes por práticas comunistas na década de 1930. Sob o prisma Marxista, a resolução dos problemas da região por meio da utopia, como feito em *Terra de Icamiaba*, faz pouco sentido. Por isso, em Marajó, a resolução se dá mais no sentido de *expor* as lutas de classes e a dominação. Portanto, a principal diferença entre Dalcídio e Abguar está na resolução final do romance; ao invés de se dirigir à utopia, Jurandir mostra a realidade das opressões sociais daqueles rincões.

Marajó (1947) conta a história de "Missunga", um jovem branco, filho do coronel Coutinho. Missunga é um apelido de origem africana que significa "príncipe". E foi dado pela cabocla Guita, amiga de infância. O apelido também designa as incertezas quanto a posição social de Missunga ao longo do romance, sendo essa condição descrita na seguinte frase de um crítico: "o menino branco com linguagem de negro"[529]. O jovem fica dividido em todo o romance entre, se aliar com as camadas sociais mais pobres da ilha e entre preencher a expectativa de seu pai ao assumir o seu papel social como herdeiro, como um coronel. Seu pai

---

[527] *Ibid*.
[528]JURANDIR, Dalcídio. Um romance dos Castanhais Amazônicos. Leitura. Rio de Janeiro, n.15, 1958, p.20. Ênfase nossa.
[529] SALLES, V. O chão de Dalcídio. Asas da Palavra - Unama, n. 4, p. 66–71, Jun. 1996.

via a "distância" entre "prestigiado" e os "prestigiadores" daquela sociedade como, "uma exigência da religião" [530]. O pai sustentava.

> [...] não ficava bem que seu filho se demorasse tanto na vila, dando liberdade ao povinho. Perdia o ar de necessário respeito e distância que deve haver entre pessoas de categorias diferentes. Também a presença de Missunga não só o tolhia um pouco nas suas liberdades em Marajó, [...] como o humilhava o povinho mais de perto ver, maldosamente, o fracasso do filho. Conversando com Lafaiete e Primo Nélson e em presença do filho insinuava que a vantagem do prestígio está em manter certa distância entre o prestigiado e prestigiadores [531].

O pai tinha esperança de que ele largasse a "vadiação" (as andanças no meio de caboclos, negros e indígenas pobres da ilha do Marajó) e voltasse a estudar para ser tornar Doutor (formado em Direito) em Belém. A mãe de Missunga é D. Branca, a primeira esposa do coronel, que morreu, e em vida "não escondia o seu ar de senhora de engenho, de protetora, de madrinha do povo"[532]. D. Branca, tinha um pouco mais de contato com os "prestigiadores", tanto que chegou a intervir em nome deles frente ao marido e ele atendia "para fazer gosto da senhora, nos primeiros anos de casamento"[533]. Isso esclarece os vínculos que Missunga mantinha com essas camadas sociais de "prestigiadores", os quais havia conhecido intensamente durante a infância, através de sua ama de leite e por causa das ações de sua mãe. Com a morte de D. Branca, Coronel Coutinho se envolveu com D. Ermelinda. Está era uma mulher casada que traiu o seu marido, José das Mercês, para ficar com o coronel, fato que acabou causando a morte de José ao ir cobrar a sua honra junto ao coronel. Era um pouco mais afastada dos "prestigiadores", chegando inclusive a ser mal falada entre o "povinho". Nos anos de formação de Missunga, ele estuda em Belém, treina tênis (chega até a ser um dos melhores do estado), namora meninas e participa de festas da alta sociedade regional. Mas com o desengano nos estudos e em relacionamentos amorosos, começa a "vadiação" no Marajó com a desculpa de que queria estudar no Rio. Como o pai não o mandava para lá, ficará na ilha entre caboclos, negros e índios. Porém, à medida que se embrenhava no meio desse universo popular se perguntava sobre o seu lugar social naquela sociedade[534].

---

[530] JURANDIR, Dalcídio. Marajó. Belém: CEJUP. 1992. p.31.
[531] Idem.
[532] Idem, p.29.
[533] Idem, p.28.
[534] "Pertencia, afinal, por fatalidade aos insultos de Alaíde, às crônicas de Manfredo, às elegantes partidas de tênis no Pará Clube, entre ingleses, norte-americanos e os melhores cavalheiros de Belém? [...]" (JURANDIR, 1992, p. 30).

A “fatalidade” dos destinos sociais naquela sociedade hierárquica, que ele próprio reconhecia — dada sua posição social ambígua como filho de Coronel e, ao mesmo tempo, em contato constante com as vítimas da dominação de seu pai — era a única explicação para a quase inalterabilidade do destino de cada personagem, que se traduzia em pobreza para o grupo de “prestigiadores” e riqueza para os prestigiados.

> Seu pai era dono daquele rio, daquela terra e daqueles homens calados e sonolentos que, nos toldos das canoas, ou pelas vendas, esperavam a maré para içar as velas ou aguardarem quem lhes pagassem a cachaça. Na cidade, longe da vila, quanta noite de champanhe, espremido do suor e do sangue daqueles caboclos, dos vaqueiros que fediam a couro e a lama ouvindo nos campos os tambores do Espírito Santo[...] Missunga, apanhará no ar a grande palavra: Fatalidade, para explicar os champanhes, o surdo-mudo que o seu parente Guilherme explorava, a morte do garçom e as crônicas de Manfredo[535].

No entanto, justamente por ter uma posição social ambígua, na incerteza entre tantos caminhos possíveis, que é intrínseca a fase de jovialidade social, seu convívio nesse meio dos prestigiados, fazia-o amalgamar-se ainda mais no universo das classes populares[536].

Vemos aí as duas forças sociais em ação no destino de Missunga. O ponto crítico desse dramalhão social, é o caso da colônia agrícola que ele funda. Por ocasião da morte de seu tio Felipe, pede as terras de seu tio para seu pai, com o objetivo de fundar a colônia, mas o pai nega e tenta convencer novamente seu filho a terminar os estudos. Mas Missunga aproveita uma viagem do pai a Minas Gerais para implementar o seu “projeto”. Com seu pai viajando, pega a canoa com Alaíde e vai para as terras do seu Felipe. A eles se junta Orminda. O nome que escolheu para o novo empreendimento foi “Felicidade”. E pede que espalhem a notícia que precisava de homens para trabalhar na lavoura. Logo começam a chegar mais pessoas, velhos, crianças, mulheres que tomam conta do empreendimento e estabelecem uma espécie de “obscura fraternidade”[537] entre eles. A inexperiência do jovem na condução de tal empreendimento é nítida, na qual não sabia qual era as ferramentas de trabalho. No entanto, providenciou tais ferramentas de acordo com o pedido dos trabalhadores, tratou de alimentá-los com vacas sangradas na hora e vestir os pés dos caboclos, demonstrando certa preocupação

---

[535] Idem, p.19-20.
[536] “O mal da fartura, o sucesso no tênis e o desengano nos estudos, o namoro com Hilda— como este objeto o queria prender, entregar-se, engatar a sua herança! — o empurravam para aqueles matos, fazendas, aquela Alaíde que fedia a peixe, a lama da várzea na vazante” (JURANDIR, 1992, p.30).
[537] “A vinda de mais gente as encorajava, lhes trazia uma ruidosa e primitiva solidariedade de que não podiam, por certo, ter a menor consciência. Podiam até mesmo não desejar essa afluência cada vez maior de competidores, uma obscura fraternidade os unia silenciosamente” (JURANDIR, 1992, p.148).

com a dignidade dos trabalhadores. A falta de experiência e os problemas advindos da administração da colônia, causava medo no rapaz, que perdia o controle do empreendimento com a chegada de cada vez mais pessoas doentes e famintas. E o medo do estouro de uma revolta daquele povo cresce em Missunga[538]. Mas ao mesmo tempo também se alegrava ao ver as caboclas Alaíde e Orminda prestando assistência ao povo da colônia. O empreendimento sai do controle quando numa folia ocorre a morte do irmão de Orminda, que na defesa da irmã de um assédio sofrido de um cearense valentão é esfaqueado brutalmente. Nesse interim, o pai de Missunga chega e manda embora todos os que estão em "Felicidade", pois as terras foram negociadas com os japoneses para fazerem uma colônia[539]. Missunga ficou aliviado, pois só queria que aquilo terminasse. Isso sintetiza bem as forças sociais dentro da estrutura do romance, em que nesse instante pende para a posição social do pai.

Com a morte do pai, Missuga assume seu lugar social. Entretanto, na sua trama de "reconciliação", Missunga, ao herdar a herança material, adquiriu também as relações sociais do pai, como o tabelião Lafaiate (crucial para o aumento do império de terras da família por meio de falsificação de escrituras) e o administrador das fazendas Manuel Raimundo (crucial para a administração da herança). Esses dois personagens eram inimigos e se tornam amigos dele no final do romance. Isso se torna coerente, pois romper com essas pessoas significaria romper com seu pai e, consequentemente, com a herança[540]. Confirmando a teoria de Missunga sobre aquela sociedade hierárquica: é obra da "Fatalidade".

No entanto, além de duas forças sociais, temos em jogo dois tipos de "projetos" contrários para a resolução dos problemas daqueles rincões. Isso fica claro em vários momentos ao longo da narrativa. Um dos momentos é na discussão do filho revoltado com pai sobre o trabalho precário do vaqueiro nas fazendas. O pai rebate dizendo que o que predomina naquela gente é a falta de "instinto gregário" e que Marajó não era a Inglaterra como o filho imaginava. O segundo momento é quando Missunga termina o processo de "reconciliação com o seu

[538] Aqui a lembrança coletiva da Cabanagem aparece como um medo constante dos "brancos", muito evocada pela sua ama de leite, Nhá Felismina que dizia que era preciso uma "nova Cabanagem".
[539] Aqui, a menção a política de doação de terras para estrangeiros nesse período se torna irônica, na medida em que, no romance, os caboclos estavam passando fome e vão embora para cidade por falta de terras (que eram dos coronéis) e condições materiais para administrá-la, e no contexto histórico de Dalcídio o fato de que uma colônia japonesa começar sua formação com doação de terras pelo governo, em 1929, na cidade de Tome Açu.
[540] "Romper com Manuel Raimundo era começar de novo, rompendo com pai. O mundo velho permanecia, cabia dentro dele o administrador" (JURANDIR, 1992, p. 152).

mundo", quando este viaja de lancha com Manuel Raimundo para inventariar suas terras. O diálogo entre os dois, que é sobre os planos para o futuro, como terminar o curso superior e a administração de sua "herança", revela a contraposição dos projetos.

> [Missunga]— Vou ao Rio com essa intenção, Manuel Raimundo. Terminarei o curso. Gostaria de me especializar em veterinária, por exemplo. Ser mais útil às minhas fazendas, ao meu gado. Em zootecnia. Tenho uns projetos. Desejo estudar um plano de drenagem contra as alagações nos campos. Vou pensar bem nisto. Estou com mil projetos. Até mesmo uma charqueada. Que acha você?
> [Manuel Ra.] — Ponha estes projetos de lado e consiga o seu diploma, menino. Em Marajó quem manda é a providência. Isso só melhora quando Deus mandar. No princípio do mundo não foi o dilúvio? Você perdia dinheiro e não fazia nada. Não acredito em doutores de gado. Já ouvi falar na engenharia na Holanda, mas isto é lá para os holandeses. O que Deus lhe dá basta, menino. O gado não cresce e não se multiplica? Coronel era homem sem projetos. Fazia o que a lei da natureza mandava e deu-se muito bem[541].

Portanto, no final do livro, Missunga abandona os seus "projetos" de modernização. Já Mané Rodrigues e o pai de Missunga fazem parte da mesma visão de mundo dos prestigiados, no qual, devido a sua condição financeira aqueles problemas não lhes diziam respeito, pois, assim como a explicação da "distância" entre eles e os "prestigiadores" perpassa pela religião e a natureza, a explicação das mazelas também orbita essas esferas. Portanto, a tese do livro é de que o problema do arquipélago é devido à falta de interesse daqueles que têm poder material de concretizar projetos. Em vez disto, escolhem explorar a população pois, é isso a base das suas posições sociais. Nesse sentido, trata-se de um problema social.

Uma coisa que o romance sugere no final é que as coisas desprezadas por Missunga, como o diploma em Direito, os símbolos da dominação do pai como o tabelião e Manuel Raimundo, são valorizados no final do romance ao ponto de ele ir para o Rio de Janeiro para concluir a faculdade e deixar a administração das fazendas com Manuel, além de renunciar à intendência de Ponta de Pedras em favor do tio Guilherme. Interessante notar que Missunga não apenas ficou do lado dos prestigiados, mas também cortou o contato com o universo popular duplamente: pela posição social assumida e pela busca da educação no Rio, símbolo de civilidade para a elite Marajoara.

No entanto, apesar da proximidade com o romance *Terra de Icamiaba*, a comparação interna revela distinções na visão da Amazônia e do destino da modernidade naqueles rincões.

---

[541] JURANDIR, 1992, p.153.

Enquanto o personagem principal de *Terra de Icamiaba* é fixo moralmente e racialmente (sendo "mestiço"), Missunga em "Marajó" é branco, porém moralmente ambíguo. Está ambiguidade moral é resultado das forças sociais em jogo no romance, que ora faz o personagem se aliar ao seu pai (símbolo dos "prestigiados"), ora aos "prestigiadores". No desfecho do romance, a influência dos "prestigiados" prevalece, simbolizada pela substituição do pai pelo filho. Contudo, ao compararmos os dois romances em termos de resolução dos problemas da região, temos argumentos diferentes. Enquanto *Terra de Icamiaba* apresenta uma resolução utópica, em *Marajó,* Missunga e seu projeto de colônia agrícola evidenciam a incapacidade dos empreendimentos modernos em resolver as questões de exploração e desigualdade social, devido às condições materiais e sociais. A falta de interesse dos dominantes em solucionar esses problemas, destaca a necessidade de uma consciência diferente por parte dos "prestigiados". Uma fala que exemplifica exatamente esse argumento é a de Missunga ao lidar com os obstáculos ao sucesso da colônia: "Celeiro do mundo é a mãe de quem disse"[542]. Esta citação faz uma referência direta à tese do naturalista alemão Alexandre Von Humboldt, elaborada no século XIX, que, devido às terras férteis e à exuberância da Amazônia, ela seria como um "celeiro do mundo" no futuro. Ao mesmo tempo, o enredo do romance e a caracterização dos personagens revela como os "prestigiados" agem naquelas paragens. Por meio de uma série de mecanismos, eles estabelecem sua dominação sobre os "prestigiadores", nos quais incluem a falta de terra, a escassez de trabalho e as péssimas condições dele, e a relação racial que subjaz a essa organização social, visto que o próprio Missunga reconhece a administração das fazendas por Manuel Raimundo, como um "feitor de escravos".

Ao mesmo tempo, a resolução final de Marajó objetiva a posição periférica de Dalcídio e dos modernistas da Amazônia no campo literário nacional e regional. Pelo abandono de Missunga a esses "prestigiadores", podemos entrever um certo alheamento ao "drama da terra". Portanto, para Dalcídio, o "alheamento" dos intelectuais, tanto alienígenas ou nativos aquelas paragens, era o esquecimento do homem "explorado" dentro daquela paisagem exuberante nas representações da região. O jogo de forças sociais e projetos distintos para a região dentro do romance mostram a objetivação do jogo de legitimação literária em âmbito regional. A fuga de Missunga, que é descendente de portugueses e com condições materiais, para o Rio e a negação das classes populares no fim do romance reúne todas as características do tipo de intelectual

[542] JURANDIR, 1992, p.154.

que Dalcídio abomina: os literatos alheios aquela "paisagem humana". Mas também reúne todas as características contrarias a posição dos intelectuais da província sem condições materiais de mudar a "fatalidade" dos seus destinos sociais, a de periféricos no campo literário nacional.

A despeito da ressalva de Omer Mont'Alegre[543] quando ao "preconceito de romance" feito com o "pensamento da província", a editora Vecchi se comprometeu a publicar o romance[544], mas ele só apareceu em 1947, pela Editora José Olympio. Em uma carta de Dalcídio ao antropólogo e amigo Nunes Pereira, que então despontava como um estudioso do folclore sob a chancela intelectual de Artur Ramos, ele deixa transparecer a verdade: foi Omer Mont'Alegre quem impediu, de certa forma, a publicação do romance pela editora Vecchi.

> Nunes, os meus grandes agradecimentos pelo teu empenho em servir-me aí nessa cidade. Na verdade, esse Omer é um pulha, penso que também deu fim ao Missunga, cuja cópia felizmente tenho aqui. Mas tudo está sanado graças a tua intervenção amiga. Se não fosse tu não sei se seria de tudo isso, pelo menos eles deram sinal de vida[545].

Como aparece na carta, Nunes foi crucial na resolução desse drama causado por Omer. Em outra carta, os editores da Vecchi entram em contato e pedem desculpas a Dalcídio pela confusão, culpando Omer pelo atraso do livro, pois era ele quem se comunicava com Dalcídio em nome da Casa. Além disso, informam que o demitiram por conta desse caso[546].

O livro demorou seis anos para ser publicado. As causas podem incluir essa confusão com Omer, juntamente com a falta de tempo de Dalcídio, que, como vimos, precisava se dedicar ao jornalismo para sobreviver. Possivelmente, diante das dificuldades de publicar o livro pela Vecchi e dos reconhecimentos simbólicos alcançados com a publicação de "Chove", apesar dos confrontos enfrentados no meio jornalístico politicamente polarizado, ele optou por retirar o

---

[543] Omer Mont'Alegre (1913-1989) foi um crítico, jornalista e escritor sergipano que migrou para o Rio na década de 1930. Na sua terra natal, participou como colaborador no Jornal *Instância*, redigindo os semanários A instância e A razão. Já em Aracaju, dirigiu o jornal integralista *A ofensiva*, assim como no jornal *O Estado de Sergipe*, no qual mantinha a coluna Farpas até 1937. Neste mesmo ano se transfere para o Rio e trabalha no jornal D*om Casmurro*, provavelmente por intermédio de Jorge Amado (visto que este já trabalhava no *Dom Casmurro*) do qual era amigo, apesar de divergências políticas. Publica seu primeiro romance intitulado *Tobias Barreto*, publicado pela Vecchi editora, editora a qual trabalhava quando Dalcídio ganhou o concurso "Dom casmurro-Vecchi" em 1940. Cf. ALMEIDA. Op. Cit. p.21.

[544] Clóvis Gusmão. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. *Dom Casmurro*. Ano V, n.230, 13 de Dez. 1941.

[545] JURANDIR, Dalcídio. Carta a Nunes Pereira. 1941. Acervo Dalcídio Jurandir. Cartas Pessoais. Fundação Casa Rui Barbosa.

[546] Carta da Editora Vecchi a Dalcídio Jurandir. 03 de Maio de 1941. Acervo Dalcídio Jurandir. Cartas pessoais. Fundação Casa Rui Barbosa.

romance "Marajó" da Vecchi e publicá-lo pela Editora José Olympio. O trânsito que tinha entre intelectuais do Rio é evidenciado pelo pedido de revisão do romance para Lucia Miguel Pereira[547], então prima do sociólogo Antônio Candido e ensaísta respeitada. Lucia era conservadora e esposa de Otavio Tarquinio de Souza, então Diretor da coleção "Documentos Brasileiros" da Editora José Olympio[548]. Possivelmente, Dalcídio conseguiu publicar por essa editora por intermédio do casal. Mas também pode ter sido por Jorge Amado, José Lins do Rego e outros, muito por conta de que a Editora monopolizava a publicação dos romances dos nordestinos[549].

Além desse fato, a publicação na renomada Editora José Olympio não deve ser desprezada. Com a valorização da literatura de ficção e, daí, o maior índice de lucratividade, o chamado romance social ganhava relevo no cenário editorial brasileiro. Com isto, a editora José Olympio adquiriu o terceiro posto entre as maiores editoras nacionais, explicado por seus investimentos seguros no gênero mais rentável, o romance, assim como pela sua proximidade com instituições que tinham o poder legitimador (Academia Brasileira de Letras) e com o poder político, pois vários dos autores da casa ocupavam postos de relevo em conselhos, institutos e outras instâncias de decisão do governo central, como Azevedo de Amaral, Alceu Amoroso Lima, Pontes de Miranda, Oliveira Miranda, entre outros [550]. Não é sem sentido que as figuras de maior prestígio nos anos 1930 tenham sido editados pela casa, notadamente Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Ciro dos Anjos, Lucio Cardoso, João Alfosus e Octavio Faria[551].

A publicação do romance *Marajó* nessa editora lhe rendeu críticas de nomes importantes como Mario Sette[552], Moacir Werneck de Castro e Roger Bastide. A maioria delas não se desloca para o social, como desejava Dalcídio, com exceção de Castro. Por exemplo, na crítica

---

[547] Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) foi uma escritora e crítica literária profícua, tradutora e biografa. Era filha do importante médico sanitarista Miguel da Silva Pereira. Lucia morreu em um trágico acidente de avião em 1959. Publicou obras como *Em Surdina* (1933), *Machado de Assis (Estudo Crítico-biográfico*) (1936), *História da Literatura Brasileira - Prosa de Ficção - de 1870 a 1920 (1950)*, entre outros.

[548] CASTRO, Nelson Werneck. Memórias de um Escritor. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1970. p.142-143.

[549] Op. Cit. p.93-100.

[550] MICELI. Op. Cit. p.157;265.

[551] Idem, Ibidem.

[552] Mário Rodrigues Sette (Recife, 19 de abril de 1886 — 25 de março de 1950) foi um professor, jornalista, contista, cronista e romancista brasileiro. Foi professor de Moral e Cívica, História do Brasil, Francês e Português nos colégios recifenses Padre Félix, Carneiro Leão e Vera Cruz. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras. Ganhou o prêmio da Academia Brasileira de Letras com o romance *O vigia da casa grande*.

de Mario Sette, ele acentua mais a briga do homem com o meio do que o conflito social entre fazendeiros, caboclos e negros.

> Dalcídio Jurandir apresenta-nos em 'Marajó' um grupo de personagens bastante significativos, movimentando-se todos pelos campos e rios, matas e lagos selvagens da grande ilha da foz do Amazonas. O romance, aliás, é a revelação de um mundo selvagem e obscuro de terras e águas, onde a natureza áspera e brutal se confunde com o homem primário e esquecido da própria ilha. quadro de costumes e ao mesmo tempo documento sociológico, 'Marajó' é também um romance de conflitos morais, onde a própria mesquinhez dos dramas de consciência de cada personagem lhes assegura uma vitalidade surpreendente do ponto de vista humano e literário. Colocando lado a lado o fazendeiro e o caboclo, cada um evoluindo no seu mundo particular, mas ligados afinal pela natureza rude e poderosa que os cerca, Dalcídio Jurandir oferece uma visão completa da vida marajoara nos seus elementos sociais e físicos, e um dos mais impressionantes retratos que se poderia traçar da influência da natureza amazônica sobre o homem que a habita[553].

Roger Bastide, então sociólogo francês e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, também não fugiu à lente da tradição de representação da região.

> Também há magia, mas de outra espécie, em "Marajó", de Dalcídio Jurandir (Olimpio Ed.). O livro nada tem de surrealista, pertence à escola do naturalismo brasileiro, e a magia do autor está, portanto, em seu estilo que chega a dar-nos, de maneira quase alucinatória, a sensação física da Amazônia. A história dos heróis é, aqui, simples pretexto e aliás dezenas de vidas se entrecruzam através das páginas do romance. O que importa é uma febre que [ilegível] dos pântanos, é esse cheiro de água que impregna o livro, é essa terra transformada em lama que se cola às frases de Dalcídio Jurandir. As próprias mulheres são líquidas, vivendo metade dentro da água, ou ensopadas de chuva, índias feitas da lama de rio, obedecendo mais aos instintos de sua carne vegetal do que às convenções da sociedade.
> Quando se banham, suas pernas se misturam às raízes das árvores, sua pele ao limo das [ilegível] arrancadas, e elas têm, no amor, gestos de sereias raptadas às trevas dos abismos. Crianças morrem de amor, em lenta agonia, porque o peixe mágico, um dia, olhou para elas. O romance, carrega, como o Amazonas, ilhas verdes, animais afogados, árvores onde ainda cantam pássaros, enquanto sobem da terra seres fumaças, madeiros cortados, ervas de pagés, luzes das choupanas, fumaças que lutam contra a chuva, que se batem contra a água. Deslizar de serpentes, deslizar de canoas, galopar de bois fugindo à maré montante, fuga de trabalhadores caçados, a podridão das árvores molhadas, a podridão das carnes dos leprosos, as procissões de santos e os corpos que se enlaçam com ervas à borda de poços onde zumbem mosquitos, eis tudo o que evoca esse livro vigoroso e realmente vitorioso[554].

E novamente, o social é colocado por terra em favor da ordem natural. No entanto, o amigo íntimo de Dalcídio, Moacir Werneck de Castro, primo do comunista Carlos Lacerda, fez

---

[553] ARRUAR, Mario Sette. O romance da vida marajoara. Leitura, coluna "Livros do mês". Rio de Janeiro, n.45, Dez. 1947. p.50
[554] BASTIDE, Roger. Romance daqui e dalhures. Letras e Artes: Suplemento de A Manhã. Rio de Janeiro, n.95, 15 de Ago. 1948. p.15.

uma crítica que parece estar mais próxima de explicar as intenções do romancista paraense. Ele começa a crítica falando sobre o momento de "transição" nos julgamentos, no qual a crítica literária teve seus "padrões de julgamento" abalados. Ele explicita que, devido a isso, o "critério de valor, quase sempre impreciso, se tenha confinado nos despautérios das injunções pessoais e de grupo"[555]. Enquanto a crítica decai, para o amigo de Dalcídio, o público vai gradativamente aumentando o nível cultural. Por isso, há um declínio do "mérito literário" e um aumento dos critérios extraliterários nos julgamentos. Segundo Sodré, o romance *Marajó,* de Dalcídio, precisava ser retomado pela crítica, que não reconheceu sua "capacidade de romancista", chegando a ser excluído de um grande concurso de romances. Na defesa do romance, afirma que *Marajó* não podia deixar de participar do concurso como uma das "obras mais representativas". E em sua interpretação do romance, escreve o seguinte:

> "Marajó" pinta o cenário natural da ilha que lhe deu o nome. Nesse sentido, entretanto, escapa, —o que indica sua força e maturidade literária do seu autor —, a essa subliteratura Amazônica que nos atormenta desde o século passado, e que vem servindo a tanto delírio pavoroso. Ante um meio físico de condições desmedidas, em vez de fixar seus aspectos mais característicos, aquela subliteratura se desmandava em palavras, como se a escolha do adjetivo tivesse o poder de traduzir a realidade. Aqui, a narração vive desse meio físico, evidentemente, há poucos exemplos, em nossa literatura, de um livro de ficção em que o ambiente material tenha uma presença tão ativa e perturbadora, tão insinuante e tão intensa. Vemos e advinhamos as suas proporções, a sua força, a sua brutalidade, não através de adjetivos, mas através de fragrantes seriados cujo conjunto constitui um quadro enorme e movimentado da vida amazônica. Essa presença é de uma intensidade absorvente e profunda, domina todas as páginas, está em todos os instantes da ação.
> Mas existe, ao lado dela, a paisagem humana, traduzida com a mesma força, às vezes indicada, outras vezes mostrada em todas as suas linhas, uma paisagem mesquinha, triste e amarga, junto à qual a paisagem física mais avulta. Se a tradução da realidade do meio material constitui uma tarefa difícil, propicia as demasias literárias, a tradução da realidade humana importava em tarefa áspera e desigual. Deu-nos com isso, o Sr. Dalcídio Jurandir, um romance brasileiro, regional, do mais amplo sentido e significação, forte, denso e humano, romance que apanha um painel gigantesco, mas no qual as criaturas vivem, subjugadas aos seus problemas, mas com movimentos, colorido e propriedade[556].

Apesar de o amigo falar na "paisagem física" presente no romance, a "paisagem humana" ganha relevo. O crítico coloca aí a razão da "maturidade" e inovação do romancista frente a essa "subliteratura" que tinha como objeto a Amazônia, com sua ânsia de adjetivar a região. Talvez, por ser um amigo próximo de Dalcídio, traduziu de forma plástica e clara a

[555] SODRÉ, Nelson Werneck. Um romance da Amazônia. Correio Paulistano. São Paulo, Ano XCV, .369, p.4, 28 de Set. 1948. p.28.
[556] Idem, Ibidem.

intenção por trás do projeto criador de Dalcídio, moldado pelas duas gerações do modernismo paraense.

No entanto, como percebemos, a maior parte da crítica nem reagiu ao romance e os que teceram comentários, nem leram da forma como Dalcídio via. Não sabemos em qual concurso Dalcídio não foi incluído, mas é certo que boa parte da crítica já o ignorava nessa época[557]. Tanto que Werneck começa falando dos critérios da crítica para avaliar um romance, que dependiam de "injunções pessoais e de grupo". Isso nos permite perguntarmos se esse foi o caso de Dalcídio, e quais eram esses grupos.

5.3 Uma *persona non grata* entre intelectuais

Conforme mencionado há pouco, Dalcídio já demonstrava a sua veia política em 1942, quando assinou um manifesto contra o fascismo ao lado de intelectuais de esquerda. À medida que a década avançava e os eventos políticos se desenrolavam, Dalcídio vivenciava essas experiências e torna-se cada vez mais radicalizado.

Com o início do Estado Novo (1937), comandado por Getúlio Vargas e com fortes inclinações neofacistas, acentua-se uma série de perseguições a pessoas de ideias mais à esquerda, algo que já estava presente, de forma menos intensa, nos seus governos anteriores[558]. O próprio Dalcídio foi preso duas vezes na década de 1930. Com a continuação de Vargas no poder por meio ditatorial, consolida-se uma série de ações voltadas para o controle estatal, sendo a cultura uma das áreas atingidas[559]. A polícia política lidava com aqueles de esquerda que não estavam diretamente ligadas às instituições, órgãos, conselhos etc., sob o manto Federal[560]. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIT) em 1939 veio coroar a censura pela qual o Brasil passava. Diversos jornais foram perseguidos e apreendidos, assim como autores de artigos. A revista *Diretrizes*, teve que lidar diversas vezes com a censura desse departamento, como no caso de um dos seus sócios ser demitido sob acusação de atividades subversivas[561]. No entanto, com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, a ditadura do Estado

[557] Cf. ALMEIDA. Op. Cit.
[558] CARONE, Edgar. O Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Difel. 1976.
[559] MICELI. Op. Cit. p.195-281.
[560] Cf. MICELI. Op. Cit.
[561] Cf. ROUCHOU. Op, Cit.

Novo começou a se desgastar, assim como a figura de Vargas[562]. Justamente no ano de 1942, com o episódio de submarinos Alemães naufragando navios brasileiros no Atlântico, o Brasil teve que condenar os maiores representantes do autoritarismo naquele momento. Uma contradição, pois o Brasil também vivia sob uma ditadura. Nesse ano, começou uma intensa propaganda de redemocratização do País[563].

É justamente nesse ano que Dalcídio começa a intensificar a sua participação em revistas como *Leitura, Diretrizes,* e em jornais como *Imprensa Popular e Classe Operária*. O manifesto assinado por Dalcídio é um exemplo de seu engajamento nessas causas, pois militar contra o fascismo na Europa era, ao mesmo tempo, militar contra Vargas. Isso porque a própria diretriz da militância dos intelectuais e do Partido Comunista Brasileiro (PCB) se volta para a campanha pela redemocratização e contra o nazi-fascismo[564].

Por exemplo, em um artigo publicado na revista *Diretrizes* sobre um livro de Ruy Barbosa, Dalcídio emparelha a suposta lição de vida de Barbosa com contexto em que viviam. Ele argumenta que "sua vida toda foi formada em um clima democrático, os seus dias magníficos, em defesa dos povos pequenos, a sua posição combativa em torno da agressão germânica em 1918", e, aplicando essa lição ao contexto do período, "agora vemos que Ruy lutou, debateu-se em vão, diante dos processos do nazismo que na Europa devastou nações, clama pelo domínio da raça ariana, nega o direito dos povos pequenos" e "lança em todo o mundo a insânia de seus princípios diabólicos em nome de um estado que se julga divino e de um chefe de estado que se julga enviado do céu"[565].

Nessa mesma linha de debates, a educação era objeto de intervenção de escritores ligados ao catolicismo, que via na laicização do ensino uma espécie de implementação do comunismo nas escolas[566]. Foi nessa esteira que o crítico Tristão de Ataíde, pseudônimo de

[562] CARONE. Op. Cit.
[563] CORONE. Op. Cit.
[564] PALAMARTCHUK, Ana Paula. Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948). 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
[565] JURANDIR, Dalcídio. A Presença de Ruy Barbosa nas lutas de hoje. Diretrizes, 1942.
[566] PALAMARTCHUK. Op. Cit. SKALINSKI JUNIOR, O.. Um intelectual da Ação Católica no campo educacional: Alceu Amoroso Lima em Um Discurso de Paraninfo (1935). Revista Brasileira de História da Educação, v. 24, p. 305, 2024.

Alceu Amoroso Lima, viu na homenagem de um grupo de estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia ao filosofo John Dewey, uma espécie de Bolchevização do ensino.

Dalcídio prontamente comentou o fato na revista *Diretrizes*. Argumenta que, apesar de Tristão de Ataíde — ele sabia se tratar de Alceu Amoroso Lima, pois o cita no artigo — ver na homenagem uma espécie de infiltração do bolchevismo na educação da Faculdade que ele mesmo ajudou a criar, a escolha dos estudantes de homenagear Dewey se explica pelo terrível momento em que o Brasil e a Europa atravessavam com o fascismo. Portanto, escolher um filósofo que tem "uma noção mais clara e mais imediata de vida" era reflexo do tempo, pois o filósofo é voltado para coisas "atualmente humanas, aos problemas sociais que nos dominam", num tempo em que existem "falsos profetas que se misturam aos falsos filósofos, os falsos religiosos e os falsos mestres"[567]. Essa menção a essas figuras falsas é uma alusão à Alceu Amoroso Lima, então ligado à revista católica *A Ordem*. Ele também chamou a reação do crítico de "agressão imprevista e ridícula", afirmando que, com seu envolvimento com a igreja católica, "inventou uma espécie de catolicismo profissional", o que redeu às suas críticas uma vertente "sofista" e "reacionarismo inquisitorial"[568]. No entanto, a questão é que a posição de Alceu não era espanto para nenhum intelectual do Rio, mas era surpreendente ele ressurgir com uma crítica cheia de temores de revolução comunista que justificava o Estado Novo, enquanto a maioria dos intelectuais estava comprometidos com a então campanha de redemocratização e o antifascismo e autoritarismo. E isso fica explicito no comentário de Dalcídio.

> Evidentemente, há muito tempo não tínhamos ouvido falar mais do sr. Tristão de Ataíde, cuja dignidade intelectual se acha para sempre condenada, o que no fundo do nosso coração e da nossa melancolia chegamos a lastimar. É verdade que a condenação da obra do sr. Tristão de Ataíde não causou graves transtornos à história do pensamento brasileiro, nem mesmo foi lamentada pelo povo pois foi o povo (vulgo diria o sr. Tristão) que a condenou. Não porque fosse perigosa ou transcendente, apenas porque era uma obra de mistificação paciente e obscurantista, perpetrada e imposta pelos processos mais anti-filosóficos que se possa imaginar. Já há tempos não víamos o crítico literário denunciar, perversamente na sua seção escolástica e sombria como um auto da fé, jovens e tímidos estreantes literários como ferozes comunistas. Sua crítica deixava de ser o julgamento honesto e lúcido da obra literária para se tornar em fichário de denúncia e identificação policial. Isso, porém, aceitávamos e justificávamos porque havia luta aberta, não tínhamos a frente tão ameaçador, esse inimigo comum que é o fascismo, contra a qual temos a necessidade de nos unir para combatê-lo antes que ele se instale em nossa terra e transforme o Brasil em uma senzala e atire nossos intelectuais ao muro do fuzilamento e aos trabalhos forçados. O silêncio do sr. Tristão de Ataíde fazia crer que estava compreendendo isso e, no

[567] JURANDIR, Dalcídio. John Dewey e a ridícula agressão do sr. Tristão de Atayde. Diretrizes. 1942. p.8-21.
[568] Idem. Ibidem.

> entanto, veio agora investido contra essa união, agredindo um simples pensador norte-americano cujo o único mal é de ter sido mais claro e muito objetivo em suas intenções. Quando acreditávamos que o sr. Tristão ia aplaudir o gesto dos estudantes por se tratar de uma atitude de boa vizinhança, de uma forma profundamente espiritual de amizade inter-americana que tanto necessitamos para vencer a guerra e aniquilar o fascismo, o sr. Tristão ridículo e bilioso, atira-se contra Dewy do qual diz estas palavras inqualificáveis: Não é de hoje, tão pouco, que muitos se opõe a isso. Porém verem nesse filosofo norte-americano uma das expressões mais perigosas do espírito moderno, fruto e causa, ao mesmo tempo, de muitos males de que sofre o nosso século.
> O sr. Tristão de Ataíde, afinal, ocupa posições chaves no ensino do país, e, apesar de sua obra, tem ainda uma certa responsabilidade a assumir, por se tratar de um professor, de um porta-voz católico, de um escritor para a qual há todas as facilidades de divulgar as suas opiniões, gordamente instalado como se encontra não só na sua indústria, tão anti-metáfisica, como uma espécie de rotina de ideias e preconceitos que utiliza de uma maneira hábil e jesuítica[569].

Portanto, Dalcídio apontava a ligação de Lima com movimentos tidos como fascistas como: o integralismo e o Estado Novo. Além disso, ele acusa Alceu de ser um falso cristão, pois desconhece os princípios da religião cristã e inventou uma profissão chamada de "'profiteur' de cristianismo", que tinha como marca maior a "simulada ortodoxia, o diletantismo religioso". Na visão de Dalcídio, esse histórico do crítico o levaria a se juntar aos fascistas na primeira oportunidade.

Até pessoas como Osório Borba, ligado a uma esquerda mais democrática, concordaram com Dalcídio[570]. Mas o caso é que, nessa época, Alceu Amoroso Lima já integrava o Conselho Nacional de Educação e tinha um intenso trânsito nas políticas educacionais do regime[571], e quase ninguém da posição de Dalcídio ousava falar assim com uma pessoa com tais posições, sendo tratado com um sentimento de respeito, como na crítica de Osório Borba[572].

No entanto, o escritor paraense não pararia nessa contenda. A sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro se estreita cada vez mais a partir de 1942, e com isso ele ia revelando sua face mais sectária. Dalcídio escrevia para duas colunas em *Diretrizes:* uma era "Front Literário" e a outra "A Inteligência contra o Fascismo", que comentava as ações dos intelectuais europeus e brasileiros e suas lutas políticas. Com a publicação de uma matéria intitulada "8 homens e duas Guerras*",* fala de romancistas como Gorki, Dannunzio, Benedetto Croze, Romain Rolland, Thomas Mann e Bernard Shaw, e seus destinos na velhice. Nessa matéria, cita que

[569] Idem, Ibidem.
[570] BORBA, Osorio. Como um Alemão ensina história nas escolas brasileiras. Diário de Noticiais. 1943.
[571] MICELI. Op. Cit. p.295-300.
[572] WERNECK. Op. Cit. p.135-44.

Romain Rolland é um "mestre do povo" e pode ser "considerado como um ponto culminante na dignidade humana", pois,

> Sua vida e sua obra são realmente um orgulho para os homens, para todos os que consideram a vida como uma luta contra os preconceitos, a miséria, a exploração do homem, contra tudo que o torna pequena e sombria e com ela arrasta os homens pequenos e sombrios. [...] Sua vida foi o despertar da mais alta consciência do escritor em nossos tempos, uma consciência nova, uma lucidez uma franqueza, um desejo não só de ver solucionados os mais terríveis problemas mais imediatos como também uma capacidade de ação poderosa e construtiva como raras vezes se viu [573].

Era comum esse tom de propaganda de livros que ele julgava melhores nessas colunas e nas suas reportagens para jornais como *Diretrizes, Tribuna Popular*, entre outros. Tanto que, quando alguém ousava ser de opinião diferente sobre o mesmo escritor, ele prontamente respondia em tom político e geralmente a quem considerava de direita, como no caso do Alceu Amoroso Lima.

Envolveu-se em mais uma contenda em 1944, quando publicou um artigo chamado "Mais respeito a Romain Roland*",* na qual responde uma crítica do austríaco radicado no Brasil Otto Maria Caupeaux. Nele, Dalcídio reproduz e comenta ponto a ponto o comentário do crítico feito na ocasião da morte de Romain Rolland, criador do *Roman-Fleuve.* Infelizmente, a edição do *Diretrizes* que continha essa matéria foi retirada da Hemeroteca digital. No entanto, Wilson Martins e Olavo de Carvalho mencionam o fato parcialmente: o primeiro em *O Modernismo (1916-1945)* e o segundo numa introdução a um conjunto de ensaios do crítico austríaco.

De acordo com o historiador e crítico Wilson Martins, o pomo da discórdia foi Otto ter comentado que Romain Rolland estava "morto, mas ainda não nos deixa em paz". Esse comentário teria despertado a ira de comunistas, e, na ocasião, o próprio Dalcídio "comandou" uma campanha contra o crítico austríaco, resultando em respostas de vários intelectuais, entre eles, Dalcídio. Nas palavras de Alonso Freire:

> A resposta de Dalcídio Jurandir ao artigo citado, publicada na revista Diretrizes em 17.02.1944, sob o título de "Mais respeito a Romain Rolland", também reproduz a nota escrita por Caupeaux, comentando-a quase ponto a ponto, declarando que as palavras desse crítico bem poderiam ter sido ditas por qualquer autor fascista, sem nenhuma preocupação com a trajetória política do escritor citado. Como agravante, ao escritor paraense, Wilson Martins salienta, no mesmo artigo, que Dalcídio Jurandir era "[...] o homem do PCB para as 'tarefas' de baixeza moral", lembrando que ele também era encarregado de "vigiar" escritores brasileiros no exterior para evitar deslizes, como aconteceu por ocasião da viagem de Graciliano Ramos à antiga URSS

[573] JURANDIR, Dalcídio. Oito Homens e suas guerras. Diretrizes, ano VI, n.176, 1943. p.9.

> na década de 1940. O episódio da campanha contra o crítico austríaco também é relatado por Olavo de Carvalho, na introdução à edição de ensaios de Otto Maria Carpeaux (1999), em que o autor confirma que Dalcídio Jurandir havia organizado a reação contra o artigo sobre Romain Roland[574].

Há um erro na citação: Dalcídio só visitaria a antiga URSS em 1952[575]. Portanto, isso é em um período posterior. No entanto, o fato de que o escritor era obediente às ordens do partido realmente se confirma, como relembra Zelia Gattai, esposa de Jorge Amado.

> BRASILEIROS EM PRAGA
> Os últimos dias na Tchecoslováquia foram dos mais movimentados. No Hotel Alcron, onde ficamos uma semana antes de seguir para a Itália, encontramos uma delegação brasileira, a caminho da URSS para as comemorações do 1º. De Maio em Moscou, capitaneada pelo escritor Graciliano Ramos e sua mulher Heloísa, amigos queridos. Outro amigo, o escritor Dalcídio Jurandir, fazia parte do grupo. O reencontro com pessoas recém-chegadas do Brasil, no momento em que voltávamos para lá, vinha a calhar. As cartas que recebêramos do Brasil, nos últimos tempos, depois que fora noticiada a volta de Jorge, traziam notícias as mais desencontradas, informações contraditórias, umas otimistas, outras pessimistas. Estávamos um pouco no ar, sem saber o que realmente nos iria suceder. Membro antigo do Partido Comunista, pessoa discreta, arredia, Dalcídio Jurandir, escritor de grande qualidade, é autor de uma saga romanesca que tem a Amazônia como cenário: Belém, a ilha de Marajó, o grande rio. Suas histórias e seus personagens recriaram a realidade e o povo do Pará. Dalcídio trazia-nos recado de Arruda Câmara. O dirigente mandava nos avisar que tomássemos cuidado, não levássemos nada que pudesse dar margem a provocação, pois o Partido fora informado de que a polícia do Rio, ciente do regresso de Jorge, preparava-se para, no desembarque, fazer uma razia completa em nossa bagagem, em busca de documentos comprometedores. O aviso de Arruda tinha fundamento, como pudemos comprovar ao chegarmos no Rio. Na alfândega, nossa bagagem foi vasculhada durante mais de duas horas, os policiais a tirar tudo das malas, absolutamente tudo, a apalpar e a farejar, peça por peça, em busca dos tais documentos comprometedores, enquanto os funcionários assistiam, sem jeito, quase a nos pedir desculpas por aquele ato de vandalismo: se dependesse deles, tudo seria liberado em seguida sem nenhuma vistoria.
> Ao transmitir-nos o recado, Dalcídio confidenciou-nos, entre encabulado e gozador, que recebera do mesmo Arruda, na véspera de partir, a tarefa de dar assistência a Graciliano Ramos durante a sua permanência no mundo socialista: 'Assistência ao Velho?', admirou-se Jorge, surpreso e ao mesmo tempo achando divertida a absurda novidade. 'Não se trata propriamente de dar assistência', corrigiu Dalcídio, 'mas de ficar atento, contornar e pôr panos quentes em caso de uma eventual irreverência, de uma crítica à vida soviética...!' Homem de pensamento livre, o autor de São Bernardo, de Vidas Secas e de tantos belos livros tinha fama de ser franco e desaforado, de dizer o que pensava sem fazer cerimônia. A ida do grande escritor à União Soviética era uma coisa positiva: valorizava, dava prestígio à delegação e ao Partido Comunista brasileiro, que contava com personalidade tão ilustre em suas fileiras. O Partido proporcionava a ida do mestre romancista a Moscou, mas colocava um 'comissário político' a seu lado. Dalcídio sentia-se extremamente constrangido com a tarefa recebida. Mas tarefa do Partido não era para ser discutida, era para ser cumprida. Ao ver Mestre Graça de "comissário" nos calcanhares a tentar dirigir-lhe os passos, Jorge

[574] FREIRE, José Alonso Torres. Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2006. p.88.
[575] NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.53.

> só faltou morrer de rir: 'Tarefa danada, Mestre Dao, você vai torcer a orelha sem tirar sangue!'[576]

Aqui já é outro contexto. Devido à sua saída da clandestinidade depois de 1945, houve um recrudescimento da política do PCB, assim como um fomento de uma política cultural de louvação ao comunismo como parte da estratégia de domínio político no Brasil e no mundo devido às disputas da guerra fria. Com a vitória dos Aliados na guerra, inicia-se a Guerra Fria, e o anti-americanismo entre os comunistas aumenta ainda mais. Se, nos anos anteriores, os comunistas apoiavam os Estados Unidos por serem aliados na luta contra o fascismo, no final da década de 1940, voltavam-se contra eles devido à guerra fria[577].

Por exemplo, com o fechamento da revista *Diretrizes* em 1944, Dalcídio foi convidado por Charles Wagley para participar do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Nessa época, o antropólogo norte-americano realizou a pesquisa de campo que serviria de material para a publicação do livro *Uma comunidade Amazônica*, citado no primeiro capítulo[578]. O programa era uma parceria Brasil-Estados Unidos. Moacir Werneck de Castro nos ajuda a entender a filiação de Dalcídio a um programa norte-americano.

> Naquele momento, o auge da Segunda Guerra Mundial, ocorria de novo de aproximação entre EUA e Brasil. Os americanos, em decorrência do 'esforço de guerra', estavam de olho grande em matérias-primas importantes para o Brasil, a borracha, na Amazônia, e a mica e quartzo, no Vale do Rio Doce; daí, elaboraram um programa de assistência médica e sobretudo de saneamento básico para marcar presença. Os brasileiros que participavam nesse programa, como Dalcídio, percebiam bem o interesse estratégico dos EUA, mas cooperavam decididamente, por uma séria razão política: estavam interessados em que o nosso país participasse, ao lado das Nações Unidas, na guerra contra o fascismo, à qual os EUA se juntaram. [...] Um dos principais trabalhos de Dalcídio, por indicação de Charles Wagley, foi a redação dos textos de programas da educação sanitária. Ali trabalhamos também como redatores Rubem Braga (que depois seria correspondente de guerra junto a Força Expedicionária Brasileira na Itália), Armênio Guedes e eu. Fazíamos, para um boletim e jornais, materiais sobre construção de redes de esgoto, combate ao mosquito vetor da malária e outras atividades de saneamento exercidas por uma equipe de médicos, engenheiros, enfermeiros etc.[579].

No entanto, apesar de Dalcídio ajudar nesse programa, ele já era visto como uma pessoa obediente aos preceitos do Partido Comunista Brasileiro, atuando como um publicista. De fato,

---

[576] GATTAI, Zélia. Jardim de inverno. 3ª. Ed. Record: Rio de Janeiro, 1988. n.p.
[577] Sobre essa mudança ver: PALAMARTCHUK. Op. Cit
[578] Esse envolvimento com figuras comunistas no Brasil renderia a Wagley uma perseguição implacável pelo Comitê de Atividades Anti - Americanas, do senador McCarthy, após sua volta para os EUA. CASTRO, Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro...In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.201
[579] CASTRO, Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro...In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.201.

seu envolvimento com esse programa demonstra seu alinhamento com a política de condenação do fascismo promovida pelo Partido nesse período. Essa percepção é reforçada em uma crônica de Djalma Vianna, publicada no jornal *A manhã*—pseudônimo do escritor Adonias Filho—, intitulada *Suplementos literários do último domingo*, de 13 de janeiro de 1945. Na crônica, comenta-se a falta de cuidado com o suplemento literário de jornais de tendências esquerdistas, associada à crise política na cúpula do PCB dos anos 1940, que resultou a extinção do suplemento literário da *Tribuna Popular*, então ligada ao PCB. A crônica, de tom jocoso, reprova a extinção e atribui a decisão a Luíz Carlos Prestes. A menção a Dalcídio é negativa, sugerindo que ele era uma pessoa inculta e adepta às ordens do partido.

> [Prestes], liquidou, então, o excelente suplemento literário de seu jornal. Conservou, porém, no fundo do coração, o ódio contra os intelectuais brasileiros. Odeia-os, é certo. E como não odiar se, a princípio, confundiu a todos com o sr. Dalcídio Jurandir[580].

O racha no partido comunista entre os seguidores de Luís Carlos Prestes e os membros da cúpula do partido resultava na indisciplina de alguns intelectuais adeptos de Prestes, enquanto os fiéis ao PCB cumpriam as ordens do partido. Com isso, a retirada do suplemento do jornal em que Prestes tinha influência era interpretada como uma retalhação por parte de Prestes. A cisão entre o PCB e Prestes ocorreu em 1937, quando a partir de novas perseguições e novas orientações do Partido Comunista Soviético, exigia-se o abandono imediato da perspectiva revolucionária e o engajamento na construção de uma unidade popular entre os descontentes com o nazifascismos e o governo Vargas[581]. Essa divisão se explica pela separação entre trotysquistas e stalinistas. Enquanto os primeiros defendiam a revolução permanente, que se efetivaria de estado em estado até alcançar o nível internacional, os segundos defendiam a revolução restrita ao estado-nação, levando em conta o estágio das forças produtivas. Essa cisão vai marcar as ações do PCB até o fim do Estado Novo[582].

Com o fim do governo Vargas e o início da redemocratização, o PCB sai da ilegalidade, mas logo sofre novas perseguições sob o governo do militar Emilio Gaspar Dutra, devido ao início da guerra fria em nível internacional. É um momento de maior autoritarismo no partido,

---

[580] VIANA, Djalma. Os suplementos literários do último domingo. A manhã. Sessão: Revisão Literária. 13 de Jan. 1946. p.1-2.
[581] PALAMARTCHUK. Op. Cit. p.262.
[582] PALAMARTCHUK. Op. Cit.

que, por conta de orientações do comitê do partido comunista russo, agora o novo inimigo era os EUA.

Com o aumento da guinada autoritária do PCB de exercer o seu poder político, o partido decide então controlar ainda mais todos os intelectuais. É quando decide controlar a Diretoria da Associação Brasileira de escritores (ABDE) em 1949. Como consequência da profissionalização do escritor, os intelectuais se reuniram para reivindicar seus direitos frente às editoras, jornais e demais direitos trabalhistas, que vinham sendo discutidos desde a década de 1930 para os diversos setores, devido à centralização das diferentes esferas no governo Vargas[583]. ABDE foi fundada em 1942 e, em 1943, já tinha estatuto que defendia os escritores enquanto classe. A primeira diretoria era formada por Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Lins, Marques Rabelo, Dante Costa, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Astrojildo Pereira, e presidida por Otávio Tarquinio de Souza. Essa gestão durou de 1943 a 1944[584].

A associação sempre teve tensões e disputas em torno do controle da presidência e diretoria, mas o ano de 1949 foi diferente, pois, com a perseguição do governo Dutra ao PCB, resultando na cassação do registro do partido e com o seu retorno à ilegalidade em 1947, seus deputados perderam os cargos públicos[585]. Por conta disso, o PCB tenta ganhar o apoio da ABDE, que então havia se mostrado muito forte nos anos anteriores. O clima amistoso que permeava as discussões intelectuais de diferentes matizes políticas durante a Segunda Guerra terminava ali, com a Guerra fria[586]. Com isso, um grupo de comunistas ligados ao PCB ignoraram a comissão de Assuntos Políticos do II Congresso de Escritores de 1947, que havia decidido não se envolver na situação política do Brasil, e soltaram uma moção contraria à Lei de Segurança Nacional e ao fechamento do PCB e de qualquer partido. Isso resultou em uma crise na organização, pois vários membros da comissão renunciaram aos seus postos[587].

No entanto, mesmo com a possibilidade de cindir os escritores, o PCB estava decidido a controlar a associação. É aí que se dá o evento pelo controle da diretoria em 1949. Moacir

[583]PALAMARTCHUK. Op. Cit. p.238-258.
[584] Idem, Ibidem.
[585] Idem, Ibidem.
[586] MARTINS, Marisângela T. A. À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista Brasileiro Porto Alegre - 1927-1957. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
[587] Idem, Ibidem.

Werneck de Castro descreveu a "guerra dos escritores" e a situação de Dalcídio no meio dela da seguinte forma:

> Tudo começou com uma eleição da ABDE (Associação Brasileira de Escritores) no Rio de Janeiro. Havia duas chapas disputando a diretoria da associação. Uma de esquerda, patrocinada pelo Partido Comunista, apresentava como candidato a presidente o jurista Homero Pires; a outra, liderada por Afonso Arinos de Melo e Franco, reunia liberal-democratas de várias tendenciais e alguns também reacionários empedernidos. Sectarismo e intransigência campeavam.
> A ABDE inchou com numerosas adesões de associados de última hora. Numa interpretação benévola dos estatutos, bastava ter publicado um artiguete num jornaleco qualquer para virar escritor de carteira. A direção do PC tinha tomado o assunto nas próprias mãos, alijando do comando da operação os escritores de verdade. Mas perdeu a eleição.
> A solenidade da nova diretoria foi um confronto inglório, onde as posições políticas e ideológicas degeneraram em ataques pessoais que rompiam antigos laços de amizade. Dalcídio Jurandir entrou em cena feito protagonista, apresentado como vilão. A certa altura ele e Carlos Drummond de Andrade, secretariando os grupos rivais, disputaram a força o livro de atas em que cada qual via o troféu da vitória. Foi um espetáculo inédito aquele oferecido por dois gladiadores de escassa musculatura a forcejarem pela posse de um ridículo cadernão de capa preta. Quem acabou ficando com ele foi Rubem Braga, que o doou mais tarde à Fundação Casa Rui Barbosa.
> Como o grupo de Arinos exercia influência decisiva sobre os jornais, Dalcídio foi massacrado em reportagens e artigos virulentos, Carlos Drumond, dizia-se, fora 'covardemente agredido' por ele, o que o poeta logo desmentiu. O comunista Jurandir seria o chefe da baderna, à frente de uma 'patuléia de fanáticos enlouquecidos'. Houve também lances caricatos, como a intervenção de Graciliano Ramos, que, convocado como conciliador, já com uns tragos além da conta, subiu numa cadeira e mandou todo mundo, dos dois lados, ao lugar que se imagina[588].

Apesar da descrição até divertida e cômica, feita por um escritor que teve relativo sucesso e trânsito depois da ditadura, a situação na época não foi tão cômica assim para Dalcídio. As matérias atacando-o, realmente apareceram em vários jornais. Por exemplo, no Jornal *Diário Carioca*, em comentários satíricos sobre o mundo político, literário e social, há uma nota comentando o fato.

> ... Que, tomando conhecimento da convocação ilegal de uma assembleia geral da Associação Brasileira de Escritores, feita pelo grupo comunista, capitaneado pelo índio escritor Dalcídio Jurandir, e da redação da mesma (vide 1ª página desta edição) -, os dirigentes da cruzada nacional da alfabetização pretendem realizar no local uma diligência para prender os presentes por exercício ilegal do alfabetismo....[589]

Aqui, há uma alusão direta à capacidade de escrita de Dalcídio, além da imagem dele ser uma pessoa exótica, o que lhe conferia a designação racial de "índio". Estudando as elites de cor em Salvador, Thales de Azevedo observa que, de acordo com as etiquetas de tratamento,

---

[588] CASTRO, Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro. In: Nunes Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.203-204.
[589] O que se diz. Diário Carioca. Rio de Janeiro, Ano XXII, n. 6.387, 24 de Abril. 1949. p.4.

chamar uma pessoa de preto ou negro era considerado ofensivo; a pessoa sabia imediatamente estar sendo ofendida. Por exemplo, falas como: "preto como você", "aquele negro", etc. eram lidas como ofensa[590]. Aqui, assim como no caso das elites de cor de Salvador, o termo "índio" parece se firmar como um xingamento que, associado à noção do "índio" não saber escrever, denota um xingamento racial. Claro que está visão está atrelada a própria reprodução da ideia de Dalcídio parecer um "índio", pois, associando a ideia de região e à sua personalidade arredia e tímida, além de sua condição mestiça, essa imagem se consolidava. A ideia de similitude entre as palafitas dos caboclos e a taba dos indígenas parece reforçar também essa visão[591].

No entanto, houve outras matérias, antes mesmo do ocorrido, que confirmam a minha argumentação sobre a associação do indígena à burrice como duas faces da mesma moeda. No mesmo *Diário Carioca*, saiu um comentário sobre Dalcídio que se intitulava "poesia de cavação", em 1945. Vejamos.

> O horror à inteligência foi um dos males infantis do comunismo, manifestou-se na Rússia e foi eliminado graças a um discurso de Stalin, em 1931. Imagino o constrangimento de homens como Aníbal Machado, Astrogildo Pereira, Álvaro Moreira, ante a enxurrada de asneiras que o jornal comunista lança todos os domingos com o nome de poesia e cultura. Perguntei ao Jorge Amado, há tempos, aqui em São Paulo.
> —Por que inventaram um idiota como esse Dulçoroso Dalcídio Jurandir?
> Informaram me, então que o homem de fato é fraco, mas- "é índio!", disseram-me. E ficava muito bem a C. N. O.P. ter um índio, nem que fosse um índio burro.
> Esse incrível Aldano Couto Ferraz, esse Aldano cujo nome como resulta num trocadilho? É esse o jornalista da C. N. O. P. Quem lê os seus tópicos- a dias ele dizia que De Gaulle precisava ser encostado no muro de fuzilamento...- diz logo.
> —Ai que Dano!
> E não adianta mudar o nome. Ele precisaria mudar a cabeça. O que resta de intelectuais dentro da C. N. O. P. (Vulgo PC) é por atitude oportunista a espera de derrotar a C. N. O. P. e empolgar a direção, ou por crise Franciscana, como é o caso de Astrogildo e Álvaro[592].

O encarte dá a entender que o PCB só aceita Dalcídio em seus quadros porque ele é "índio" e fazia bem ter um entre os seus integrantes, mesmo ele sendo considerado burro. Essa é uma das múltiplas vezes em que temos essa insinuação sobre a burrice em Dalcídio. Geralmente, elas aparecem em encartes anônimos ou sob pseudônimos, como no caso de

---

[590] AZEVADO, Thales. As elites de Cor.. Op. Cit. p.33-36.
[591] Jorge Amado escreveu em um Diário de Memorias que ao visitar a Amazônia teve essa impressão: "De súbito, como se a violência da chuva o atirasse de encontro a terra, o aparelho desce sobre uma povoação construída em cima de palafitas: cabanas, casas pequenas, quase uma taba de índios". AMADO, Jorge. Navegação de Cabotagem: Apontamentos para um livro de Memorias que jamais escreverei. 2° Ed. Portugal: Publicações Europa América, 1992. p.208.
[592] *"O povo não vai nessa fiuza..."*. Diário Carioca. Rio de Janeiro, Ano n.5345, 23 de Nov. 1945. p.3-13.

Djalma Vianna. Se até aqui Dalcídio não sabia o que o distinguia negativamente — possivelmente já sabia, dadas as sanções negativas ao seu romance, à sua identidade social e ao seu prefácio do primeiro livro—, nesse período de militância, essa distinção negativa se confirma: ele era um escritor de uma região simbolicamente dominada por outros centros culturais, que controlavam até as leituras sobre a sua própria identidade, e sua personalidade tímida parecia confirmar isso. Até pessoas próximas ao seu espectro político, como Joel Silveira, então colaborador de *Diretrizes*, deram a entender isso, embora de forma menos dramática.

> Quero somente fazer alguns reparos ao artigo do sr. Dalcídio Jurandir publicado na "folha do povo" de sexta-feira última. Fui citado nominalmente no referido artigo (ou reportagem), de mistura com vários outros jornalistas e escritores que apoiaram a candidatura [de] Afonso Arinos, bloco que romancista de "Marajó" trata com dureza e, muitas vezes com injustiça.
> De que me acusa Jurandir? De versatilidade e circunspecção. Afirma ele que o meu ponto de vista em defesa da ABDE apartidária e exclusivamente devota ao amparo material do escritor, choca-se completamente com uma afirmação minha de meses atrás, condenando declarações do senhor Álvaro Lins em Portugal e sugerindo que ABDE protestasse contra o fato [...].
> A outra acusação que me faz Dalcídio embora em um tom jocoso, é a de eu me ter transformado no cidadão circunspecto, exageradamente zeloso do que diz e escreve. Será isso um defeito? Creio que em meio a tanta irresponsabilidade, tanto falatório solto, tanta versatilidade e tantos humores extrovertidos, não farão mal a ninguém escrúpulos e cuidado. A não ser que Dalcídio, escrevendo "circunspecto", tivesse pretendido escrever "medroso", mas isso não é possível, pois ele me conhece bem[593].

Portanto, a alusão à possibilidade de troca de palavras denota essa sutil ligação a falta de inteligência por não saber escrever. Se, por um lado, a suposta pertença de Dalcídio a um grupo indígena pode ser capitaneada como um trunfo, como sua entrada no PCB segundo o artigo anterior, – ou até mesmo na recepção de seu romance, por ter sido escrito por um escritor exótico, vindo de uma região exótica, que animava a curiosidade de um leitor médio de uma cidade como o Rio –, por outro, também é usada como instrumento de preterimento, interdições e sanções negativas por seus adversários políticos e nas disputas literárias. No entanto, isso não quer dizer que sua negritude passasse despercebida, como relata Moacir Werneck de Castro. Ele escreve: "era portador de uma elegância inata, de uma finura de maneira que chamava a atenção. Logo ele, um comunista, filho de mãe preta, para a estranheza de alguns boçais"[594]. Ou, no relato de Moacir Costa Lopes: "era anônimo rapaz de cor barrenta, mas chegado à feição

[593] SILVEIRA, Joel. Ainda da ABDE. Diário de Notícias. Primeira sessão. 27de mar.1949. p.2.
[594] CASTRO, Moacir Werneck. Dalcídio, amigo e companheiro. In: Nunes Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.200.

indígena, filho de mãe preta, empregada doméstica na Vila de Ponta de Pedras, ilha do Marajó, Belém do Pará, e de pai branco"[595]. Portanto, essa designação de "cor barrenta" era mais uma amostra da plasticidade dos mestiços em incorporarem características sociais diversas. No entanto, como a ideia tradicional da região Amazônica era forte e poderosa, a imagem que prevaleceu foi a de um "índio sutil".

O importante é que terminava aí, com o evento da "guerra de escritores", uma série de ocasiões em que Dalcídio entra de peito aberto contra os seus rivais, que lhe renderia gradativamente o título de *persona non grata* para a maioria dos intelectuais[596]. No diário de Jorge Amado, ele confirma essa percepção.

> Desde então o romancista do ciclo do Extremo Norte ficou marcado: o vilão principal, o vil bandido, o agressor, aquele monstro. Pobre Dalcídio, doce e terna criatura, o índio subtil: manifestara—se contra a decisão sectária, o sectarismo era estranho a sua natureza, mas, comunista convicto, sujeito a disciplina do Partido, cumprira a tarefa recebida, fazendo das tripas coração[597].

No entanto, Dalcídio nem sempre seguiu as diretrizes do Partido. No ramo da ficção, isso fica mais claro. O "penoso hiato na sua obra"[598], de 1947 a 1960, só pode ser explicado se olharmos para a ligação de Dalcídio com o PCB. Em 1950, Dalcídio viaja para o Rio Grande do sul como repórter do *Imprensa Popular*, jornal ligado ao PCB. O pedido foi do partido comunista, que lhe encomendou um romance proletário, narrando sobre o movimento proletário de Porto Alegre[599]. Daí surgiu o romance *Linha do Parque*. A estética deviria seguir os preceitos do realismo socialista, então propagado pelo teórico da arte do regime russo, Andrei Jhdanov. O livro não agradou os dirigentes do PCB, e acabou sendo censurado. Em uma entrevista de Dalcídio, entendemos o porquê. Nela, Dalcídio tenta esconder a ligação com o PCB. Vejamos.

> Linha do Parque se passa no outro extremo. É a história do movimento operário no Rio Grande do Sul, desde 1895. Eu fiz uma pesquisa longo no meio dos velhos operários anarquistas. Levantei um quadro no Rio Grande. O livro não agradou. Os operários ficaram zangados porque eu não embelezei o quadro. Apareceu muita

[595] LOPES. Op. Cit. In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op Cit. p.208.
[596] Cf. MOREIRA, Alex Santos, A crítica literária aos romances "Chove nos Campos de cachoeira", "Marajó" e "Três casas e um rio" na imprensa do Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará-Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015.
[597] AMADO. Op. Cit. p.281.
[598]CASTRO. Op. Cit. p.203.
[599] NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.53.

> miséria. E eles ficaram zangados comigo. Mas é um livro em que eu tenho muita fé, como romance político[600].

Apesar de Dalcídio afirmar que os operários não gostaram, na verdade foi o PCB quem censurou o romance. Antônio Canelas Rubim, relata que o PCB não aprovou o romance, inicialmente intitulado de *Companheiros* —além dele, foi censurado o romance da escritora Alina Paim chamado *A hora Próxima* (1955) —, planejado para sair na coleção "romance do povo" da Editora Vitoria, sob a coordenação de Jorge Amado. Segundo Rubim, havia uma briga entre o que o partido queria para a coleção e o que Jorge queria.

> Apesar de a direção da coleção ser atribuída a Jorge Amado, existe aparentes divergências entre pessoas entrevistadas a respeito da orientação e seleção de títulos da coleção. Alberto passos Guimarães diz que Jorge Amado apenas emprestou o nome, as decisões viriam da direção partidária. Jorge fala que a coleção não era muito apreciada pelos dirigentes e suas muitas "[...] brigas na direção para poder manter a linha da coleção sem cair no sectarismo, sobretudo sem publicar uma série de romance medíocres[...] que a direção do partido às vezes queria impor. Às vezes, porque um fulano qualquer tinha lido [...] a direção, não lia coisa nenhuma, ainda bem". Em verdade, os processos decisórios devem conjugar todo esse campo de forças políticas culturais envolvidas[601].

Essa censura do partido é confirmada por Moacir Costa Lopes, então amigo íntimo de Dalcídio, que revela a utilização do romance como protesto por parte do escritor, "ironizando a pobreza intelectual dos dirigentes, o despreparo, as brigas internas pelo poder dentro do Partido", pois,

> Neste livro, Dalcídio mostra exatamente o que sofria na pele um grupo de idealista lutando com todas as forças e sua crença nos ideais socialistas, no entanto, manipulado por pequeno grupo de companheiros sem qualificação para o comando e sem instrumentos mínimos necessários ao rompimento, quando oportuno, de uma rebelião operária[602].

No entanto, não foi só o conteúdo que desagradou ao PCB, mas também a estética. De acordo com a diretriz do partido, informada pelo realismo socialista, a literatura devia ser uma arma de luta e retratar os "'heróis positivos' em contraste com a 'arte burguesa decadente'"[603]. Como é possível perceber pela entrevista de Dalcídio sobre *Linha do Parque*, ele não embelezou "o quadro", nem os seus heróis, pois o romance tinha um tom de denúncia sobre as

---

[600] JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, jun, 1996[1979]. p.29.
[601] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.). História do Marxismo no Brasil. Vol.3. Teorias, Interpretações. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
[602] LOPES, Moacir Costa. Dalcídio Jurandir (a face amarga da literatura). In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.211.
603 CASTRO. Op. Cit. p.203.

condições sociais dos operários num mundo capitalista, enquanto os romances do realismo socialista faziam o endeusamento num mundo socialista. Portanto, não fazia muito sentido uma obra que endeusasse a situação do trabalhador sob o comunismo no Brasil, então capitalista[604]. O romance só seria publicado em 1957 pela editora Vitória por intervenção de Carlos Marighela, então membro do Comitê Central do PCB, que defendia maior abertura política e autocritica[605].

Portanto, o Ciclo do Extremo Norte foi interrompido por conta das diretrizes do PCB, pois consideravam, segundo Jorge Amado, que "a memorialística [de Dalcídio] era incompatível com o realismo socialista"[606].

O amigo Moacir Werneck de Castro comenta que,

> Dentre os intelectuais comunistas brasileiros, Dalcídio foi talvez, o que mais sofreu o impacto do stalinismo e seus dogmas. Por indisciplina mal interpretada. Ele foi tragado numa voragem de sectarismo, arrostando de peito aberto, na linha de frente, o fogo adversário[607].

Só podemos entender a trajetória de Dalcídio se compreendermos esse "hiato" que sua obra sobre a Amazônia teve. No entanto, não podemos interpretar essa entrega de Dalcídio aos ditames do PCB na forma de um erro honesto ou simplesmente por "indisciplina mal interpretada". Esse Envolvimento lhe rendeu acesso aos principais canais de difusão no jornalismo do partido, notadamente *Tribuna Popular* e *Classe Operária*, nos quais ele estava no "cumprimento do seu dever de militante, como publicista cuja opinião, [...] interessava àquele público que ele desistira de ganhar com seus romances"[608]. Portanto, concretiza-se os medos de Dalcídio de 1941 de "desperdiçar" a sua imaginação com a atividade jornalística. Mas uma coisa ele não previu: o "desperdiçar" da sua imaginação com a militância.

No entanto, é nesse período que ele volta lentamente para a arena literária. Dalcídio começou a formular o que viria a ser o Ciclo do Extremo Norte em 1948, período em que estava

---

604 Sobre essa interpretação e o protagonismo feminino na obra ver: SANTOS, Alinnie Oliveira Andrade. A personagem feminina em "Linha do Parque", de Dalcídio Jurandir. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras.
605 LOPES. Op. Cit.
606 CASTRO. Op. Cit. p.203.
607 Idem, Ibidem.
608 Idem, Ibidem.

escrevendo *Três Casas e Um Rio* (1957). Portanto, é com esse livro que ele decide continuar descrevendo a formação do mestiço Alfredo. Em suas cartas, isso torna-se evidente.

> Estou terminando a cópia final do primeiro volume da série "Extremo Norte": Três Casas e um Rio. São quase 300 páginas datilografadas. Nunes Pereira viu uma terça parte do livro[609].
> Acabei o Três Casas e um Rio, em que fixei aspectos novos, a decadência da fazenda dos Guedes, mas tudo dentro de uma completa deformação de romance. De forma que nenhum personagem é real no sentido biográfico. Estou cada vez mais convencido que a ficção é mais verossímil quanto mais inventada tendo como base a realidade. [...] Sobre os personagens do Chalé, há acontecimentos que não se deram, enfim, fiz romance. D. Amélia pode ter alguma parecença com a mamãe, mas não é senão D. Amélia. Assim todos. *Daí uma amplitude no romance para que seja o início da espécie de saga de quatro romances sobre a evolução psicológica de um personagem através de épocas e meios sociais da Amazônia*. Trata-se de uma tarefa bastante fatigante e que exige tempo e recursos. Aproveitei alguns fatos do Nunes e o que o Flaviano me mandou. Afinal é romance.
> *Não sei [se] sai ainda este ano o Três. Estou vendo se posso incluí-lo num clube do livro. Mas o boicote aqui é duro*. Temos que enfrentar uma frente intelectual contra nós além da econômica[610].

De fato, é em *Três casas é um Rio* que o Ciclo ganha contornos de um processo de formação do personagem mestiço Alfredo. Apesar de, em *Chove* e em *Marajó,* Dalcídio deslocar a explicação das mazelas para o elemento social, é somente em *Três casas é um Rio* que ele acentua o diálogo com a tentativa de vencer a tradição de representação da região. Isso se deve em grande parte às sanções negativas, coroada com a censura de *Linha do Parque* e com a "guerra dos escritores", pois elas o reforçaram a voltar para o seu programa literário. Por isso, a posição marginal de Dalcídio Jurandir no campo literário brasileiro, em parte devido à sua atuação política e em parte à sua origem social e geográfica, o fez voltar-se a um projeto considerado "provinciano"[611].

Três Casas e um Rio continua a narrar a trajetória de Alfredo, personagem de *Chove nos Campos de Cachoeira*. Ainda vivendo em Cachoeira do Arari e almejando estudar na capital do Pará, Alfredo passa por transformações significativas. Atravessando um processo de cegueira temporária, ele retorna dessa experiência apto a enxergar o alcoolismo da mãe, a

---

[609] JURANDIR, Dalcídio. Carta ao irmão Ritacínio. 1948. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.52.
[610] JURANDIR, Dalcídio. Carta ao irmão Ritacínio. S.d . In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.52. Ênfase nossa.
[611] O seu investimento, volta-se para a área onde pode lhe render maiores lucros, dado a sua posição marginal. E sua origem social e geográfica contribuem e muito para essa resolução. Nas palavras de Bourdieu: "O senso de investimento parece ser uma das disposições mais estreitamente ligadas à origem social e geográfica, e consequentemente, através do capital social que lhe é correlativo, uma das mediações através das quais os efeitos da oposição entre as origens sociais, e sobretudo entre a origem parisiense a origem provinciana exerce se na lógica do campo". BOURDIEU, Pierre, As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 295.

valorizar a sua origem social negra e perceber as amarrações que o impediam de descobrir por que a modernização daqueles rincões "andava para trás": o pai "filósofo" não agia para sua ida para Belém; Lucíola, uma solteirona que disputava a maternidade do menino com D. Amélia, desejava o não amadurecimento de Alfredo como forma de dar significado à sua vida; e a mãe, com seu alcoolismo. Portanto, a imaginação do menino, representada por um amuleto como o caroço de tucumã, não era eficiente para responder a tais questões.

> Por isso mesmo, como ser alguma coisa, ter a mãe a seu lado fiando redes no chalé num mundo que, ao contrário daquele dos catálogos, andava para trás? Sua imaginação não bastava para apresentar-lhe as linhas precisas do caminho a descobrir. Era uma difusa ambição que começava da simples partida para o colégio, até fazer - se um daqueles deuses do livro da mitologia e carregar o chalé nas costas e colocá-lo numa das muitas ruas de Belém[612].

Por isso, a narrativa se desenvolve com base nos impedimentos dessa descoberta, representada pelo Chalé onde Alfredo mora e pela casa de Lucíola. Soma-se a essas casas a fazenda Marinantambalo que completa as "três casas". Numa fuga de Alfredo para essa fazenda, por conta do alcoolismo da mãe, ele conhece o herdeiro da propriedade em ruínas, Edmundo. Lá, descobre que Lucíola foi atrás dele, e os dois são recebidos por Edmundo e sua avó, que estranha os hóspedes comerem na mesma mesa deles, demonstrando assim as hierarquias sociais.

A história da família Menezes é crucial para o delineamento da narrativa. A família de fazendeiros, rica durante o período áureo da borracha e falida devido a um golpe de um sócio, é conhecida por sua crueldade com os pequenos produtores no passado. Por meio de uma série de mandos, como a falsificação de escrituras de terras, espancamentos e mortes, tomavam fazendas de pequenos produtores e aumentavam o seu poder no Marajó. A família de Andreza, amiga de Alfredo, foi uma das vítimas deles. Manuel Bolacha, avô da menina, foi morto no processo de tomada de suas terras, assim como vários de seus familiares. Manuel Bolacha foi enterrado em suas terras, ao pé de um acapuzeiro, um símbolo de resistência devido à sua dificuldade de ser tomado por parasitas. Com isso, o autor demonstra a força do elemento nativo frente ao elemento exógeno. Diferente do argumento apresentado em Alberto Rangel e Raimundo Moraes, que escolhem árvores dominadas para representar a espoliação por estrangeiros e a força do elemento nativo ainda dominado pela natureza, como abieiro e o

[612] JURANDIR, Dalcídio. Três Casas e um Rio. 4ª Ed. Bragança: Editora Pará.grafo. 2018. pos.216-217.

apuzeiro, demonstrando a ajuda da natureza a um elemento fraco em uma luta desigual[613], Dalcídio lança mão de um argumento contrário: o elemento forte é o nativo porque entende o seu meio, e não porque ele o ajuda. Aqui, mais do que utilizar a natureza para revelar sua opressão sobre os habitantes, a metáfora transcende e demonstra a dominância do elemento nativo sobre aquele meio.

Nesse sentido, a estrutura do romance se arma com a oposição entre modos diferentes de estudo e o conhecimento necessário a viver naquela região, entre Edmundo e Alfredo. Edmundo viveu na Inglaterra desde os quatorze anos, acreditava nas teorias cientificas da superioridade racial, defendia o modo de colonização inglês na África, assim como admirava os conservadores e os gentleman. Mas sempre sonhou em voltar para o Marajó e ser um "fazendeiro tipicamente marajoara". A visão que tinha da região era de um "paraíso". Desejava pesquisar sítios arqueológicos presentes em mondongos da região. Ao voltar para a fazenda no Marajó após a morte do pai, descobre a falência da família devido ao golpe do sócio do pai, um mineiro. Decide, então, reerguer novamente a fazenda em ruinas e mal-assombrada, já prometida ao banco em troca das dívidas. Herda, portanto, as ruínas e a fama de crueldade da família. Vários percalços ocorrem na procura do mondongo, como o fato de parecer um explorador inglês desajeitado, que faz Edmundo atolar-se em um mondongo, enquanto Alfredo, Lucíola e um caboclo são os únicos a fugirem dos atoleiros. Aqui, temos a clara suposição de que Edmundo, com todo o seu estudo, desconhecia a região, enquanto os outros, sem esse tipo de estudo, dominavam a natureza, pois eram nativos. Realmente, "a natureza ali o repelia com um desdém selvagem"[614], enquanto fazia dos outros senhores do descampado e do mondongo. É o caboclo que o livra da morte no atoleiro. Portanto, começa a pensar que foi "expulso do paraíso antes de o ter encontrado"[615].

Na volta dessa aventura, Edmundo pede a mão de Lucíola em casamento. Esse pedido se deve ao fato de que ele queria se "brutalizar", em outras palavras, torna-se um nativo. Lucíola aceita imediatamente, pois Edmundo representa uma ascensão social. Quanto às razões de Lucíola, ela queria continuar participando da criação de Alfredo, e, ao se casar, poderia bancar os estudos do menino na capital do Pará. Assim, poderia ser bem-quista pelo garoto, que estava

[613] PAIVA, O papagaio e o fonógrafo: a Amazônia nos prosadores de ficção (1908-1931), p. 114–115.
[614] JURANDIR. Op. Cit. pos.220.
[615] Idem. pos.259.

crescendo a uma velocidade indesejada. Nesse ínterim, Alfredo decide fugir para estudar em Belém várias vezes, mas Andreza o denúncia à sua mãe, e as fugas são interrompidas.

Para Lucíola, existia a contradição de, ao mesmo tempo, sair da viuvez e reservar tempo para seu marido, abandonando o que lhe consumia tempo: a criação do menino; ou dizer não e permanecer solteira e voltada ao garoto. Ela tenta conciliar os dois, mas Edmundo se recusa até a ensinar o menino, argumentando que seu conhecimento já era poluído. No dia do casamento, dividida entre as opções, diz não a Edmundo. Portanto, o autor sugere a vitória do elemento nativo sobre o estrangeiro, dado a escolha de Lucíola por Alfredo.

Bêbado e com febre, Edmundo volta para a fazenda em seu búfalo e desaparece para sempre sem nenhum vestígio. Descrevendo o estado mental do personagem, o autor sugere que Edmundo morreu no mondongo.

> O fato é que, naquela noite, Edmundo, no seu búfalo, seguiu como se atravessasse a extensão dos crimes e dos castigos de sua família. Sentia - se perseguido e sem saída, ouvindo tropel e vozes. À noite, ventos se levantaram, o fedor do lago, o não de Lucíola que subia como um clamor de vítimas, o acossavam. Seguiram - no os tambores do Espírito Santo, abandonados no retiro onde os ossos do menino rangiam atrás do fogão, a febre dos vaqueiros causada pela visão da princesa do lago, o afogado, coberto de peixes, saindo das águas, perseguindo - o.
> Os vaqueiros mortos deixavam de ser fantasmas, não vinham do outro mundo, não acreditavam mais nos outros lagos, nas outras fazendas, nos outros rebanhos prometidos. Saltavam dos cavalos e das porteiras, dos encontros com a onça e com os ventos descabelados do lavradão. Vinham com arpões e marcas de ferro em brasa, traziam os búfalos selvagens, as piranhas, os jacarés e as onças, as cascavéis e o Bezerro Mole contra os Menezes. Tambores, malhadas, orações, acalantos, os eias, gritos de Andreza, os berros inexplicáveis da noite dos descampados o arrastavam para o mondongo. A figura de Manuel Bolacha se levantava da raiz do acapuzeiro, batendo os queixos de febre e de ódio, como um javali. E para que todos alcançassem Edmundo e a avó, que fugia também na caleche incendiada, os lagos desatavam o canto dos galos do fundo d'água que os pescadores e os vaqueiros pensavam ouvir na solidão. Assim Manuel Bolacha ia crescendo, no seu alazão desembestado, sobre as fazendas, depósitos de farinha, cartórios, sobre os amos brancos. Com as suas cordas violentas e os seus gritos redondos, os vaqueiros amansavam o Bezerro Mole, sangravam as vacas, do encanto delas libertavam as moças desaparecidas ou perdidas, restituindo a beleza, a mocidade e a inocência que os Menezes tiraram das mulheres campineiras.
> Mais do que a embriaguez, ouvindo aquelas vozes e aquele tropel, o terror o invadia quando sentiu aproximar - se o mondongo. Era a selva dos charcos, fechada com seus bichos e a sua vastidão. Mondongo da culpa e da condenação em que se atolava com a sua propriedade e a sua miséria.
> *Agora, recebia o seu legado, o mondongo era seu*[616].

[616] Idem. pos.298-300. Ênfase nossa.

A forma como morreu e seu atordoamento nesse momento, com lendas do mundo social dos nativos, sugere a derrota do estrangeiro para a natureza, mas também a vitória dos oprimidos por sua família. Portanto, há uma argumentação em torno do tipo de educação recebida pelos personagens, que é quem determina a sobrevivência naqueles rincões. Enquanto Alfredo sonhava estudar fora e parecia "senhor" daquela natureza, Edmundo já estudara e ela o repelia. No final do romance, Alfredo consegue o que desejava e é levado de barco para Belém por iniciativa da mãe. O rio parece ser o caminho para as coisas desejadas.

É com base nessa estrutura que o Ciclo do Extremo Norte se constrói: um estudo apreendido no meio da cultura popular e um estudo formal que informa uma imagem ora infernal, ora paradisíaca da região. E Alfredo fica dividido entre esses tipos de estudo o Ciclo todo, que o faz realizar seu sonho de estudar na capital, em *Belém do Grão Pará*, *Passagem dos Inocentes* e, depois abandonar os estudos formais em *Primeira Manhã* para aprender com a "vagabundagem" do subúrbio da capital e conciliá-las em *Ribanceira,* assumindo a posição de agente oficial do estado e ouvindo os nativos de Gurupá, cidade pano de fundo da narrativa. É interessante notar que essa estrutura objetiva os próprios embates da representação literária da Amazônia durante o período de formação do escritor: entre a tradição rebuscada de representação e uma mais atinada com o solo social e humano daqueles rincões.

Esse projeto criador fica mais claro em um trecho de *Passagem dos Inocentes*, onde, em uma conversa entre Alfredo e seu avô, um negro artesão que vivia em Muaná, fica explícito o alinhamento com as diretrizes de sua geração de representar a região como "nem inferno, nem paraíso".

> Isto aqui nunca que teve aforamento, devoluto é. A barraca? Esta, foi, se armou num putirum, aqueles bons tempos, também os Santos não ajudavam? Tempo de boa índole. Foi. Daqui eu me mandar? Me escuta, meu neto, tu aí menino, esse teu pé no bustoque, sim, vai-é-que-vai correr terra muito ar do mais variado no teu nariz no teu bobó muita viagem, as sete léguas, mas eu? Meu mapa é este aqui, na mocidade, umas navegações pelas ilhas, um e outro espiar na cidade, me agasalhando ali no Ver-o-Peso debaixo da vela. Fui de andar muito sossegado. Vagareio neste chão, da feita que fiquei, fiquei, o calcanhar anda pouco. Não me queixo. Me finquei, daqui eu me mudar? Concordo, me mudo, mas de canela esticada, boca dura, levado de pé junto para aquele sempre nosso rumo. Mas, porém, só o corpo, este que a terra pede, lhe apetece? Pois faça bom proveito, jante o velho, não lhe gabo o gosto. *O espírito, não. Aqui fica, pendurado no esse da rede, na cumeeira ajudando cajueiro a dar caju mais doce. Ou pelos ninhos perto. Ah que fico-fico. Mea alma é-é deste mundo. Ela no outro? Não tenho vão, do céu não sei o rumo, não me arrisco. Inferno? purguei aqui, a purga é pouca, não peso, não pequei mortal. O além? O além é aqui mesmo. Está aí no tajazeiro, dentro dum bicho. Eu sei- as Almas vagam, mas aqui, rente. Lá em cima é privilégio, é o lugar da tua avó, da tua maninha, a anjada toda. As iguais a esta minha? É o pó deste ar. E este lugar, senhor meu neto, escreva, este aqui não me*

> *desgosta*. Fico, não subo, também naquele tacho fervendo não desço, o pé não ponho. Fico. Escutou, meu Capitão? É. E o que escutou, guarde[617].

Portanto, o trecho deixa explícito que a região não é nem um inferno, nem tampouco um paraíso. No entanto, o próprio personagem, com a oralidade típica da região e com a ideia da existência de "encantados", deixa claro que a região não lhe "desgosta".

A profusão de tipos sociais da região, assim como aos muitos espaços de fala dados a esses personagens no Ciclo, com suas histórias de pajelanças, suas crenças etc., revela a tentativa de dar voz ao elemento regional e positivá-lo, ao contrário das narrativas tradicionais em que era um narrador estrangeiro (daquela região) apresentava o enredo e o nativo era retratado como um ser tartamudo. No entanto, também objetiva os próprios dilemas de seu seio familiar, entre um mundo erudito e um mundo da cultura popular, com as homologias de suas classes e raças representativas.

No entanto, o ambiente político também interferia na continuidade do Ciclo. Com os relatórios de Khrushchov em 1956, que mostrava os crimes de Stalin como ditador, Dalcídio repensa parte de sua militância junto ao PCB. Isso fica claro em uma correspondência com uma amiga misteriosa.

> Me acho triste. Mas querida amiga, todas as circunstâncias de ser alegre, triste, apático e exaltado etc., etc, são do ser humano. Eu, na minha carta, quis dar a você uma satisfação: há 4 anos eu falei, escrevi, me comportei num ponto de vista que hoje considero sectário, autossuficiente, demasiadamente "ideal". Com os 4 anos, vejo que, embora confirmadas, fundamentalmente, as ideias do socialismo, há necessidade de estabelecer, uma vigilância crítica permanente para dissipar confusões, dogmas políticos, infalibilidade nocivas. Ilusões que se tornam perigosas. *O que adquirir hoje foi uma maior convicção daqueles pontos de vistas e ideais de 1954, mas na base de uma retificação rigorosa de méritos, atos, processos etc. Sobretudo no que toca à realidade brasileira.* Minha confiança na URSS, como o primeiro país no mundo que se opõe historicamente, ao velho sistema capitalista, é firme. Lá, mal ou bem, com desacertos e mesmo crimes, está se forjando o socialismo e isto, sem que me impeça de dar minha opinião independente sobre o que eu acho de mau e errado na variedade dos aspectos do regime soviético, sem quebra da unidade na visão do que ali, humanamente, está nascendo e crescendo para a sociedade humana. Amanhã, na China, na Índia ou nos Estados Unidos, poderá surgir um socialista em bases mais simpáticas, com menor rudeza ou sacrifício, mas a experiência inicial, essa, está ali, indesmentível.
> O que pretendia explicar-lhe, minha amiga, era amplitude, agora adquirida de minha compreensão baseada nas lutas, experiências, erros e ilusões e triunfos ou êxitos durante 12 anos. *Ao mesmo tempo, salientar que eu, como escritor, por força do meu trabalho, já não posso nem poderá, simultaneamente, ter uma atividade prática política e uma atividade literária, tendo em vista que o meu plano de romances é volumoso e árduo, e requer tempo, meditação, concentração, ócios e vagares*. Confio

[617] JURANDIR, Dalcídio. Passagem dos Inocentes. 2ª Ed. Belém: Folheando. 2023. p.17-18. Ênfase nossa.

> no meu tempo, no homem, levando em conta a necessidade de haver no homem reservas de ação e de inteligência para continuar sua obra, que está vida social. A criação, amanhã, de uma sociedade melhor, não idealizada, mas, praticamente, um pouco além que ainda predomina, está dirigida ainda pelo dinheiro, pelos mitos e pela ignorância[618].

Portanto, Dalcídio continua acreditando no socialismo, mas faz uma autocritica que o leva a se retirar da prática política e se voltar para a atividade literária. Em uma carta ao irmão Ritacínio, escrita após ler o relatório, ele expõe as mesmas crenças no socialismo e afirma que vai focar na atividade literária.

> Leste o relatório secreto? É verdadeiro. Ora, houve paixão, excesso, da parte nossa, intelectuais, no desabafo. Reconhecemos. Mas tardou 8 meses. O pessoal não mexeu. Parecia que nada tinha acontecido. E assim cumpre pensar, saber que o socialismo sofre esta e aquela contramarcha, mas não retrocede em geral, avança sempre. *Restabelecer as "normas leninista", não aceitar o "prato cheio", estudar, observar, investigar a realidade de cada região*. *É assim, um ar novo de largo Horizonte*.
> *Desde julho. Restabeleci minha condição de escritor. Aos 47 anos, sentia que a minha obra de romance, cuja estreia foi auspiciosa, estava em atraso e isso seria uma traição ao nosso povo daí*. *Uma estúpida deformação deixando inútil todo um material e toda uma aprendizagem e plano de um romance sobre 20 anos de vida paraense*. *Resolvi acordar, agora estou empenhado na obra*. Trabalharei noutro setor, a medida em que me permitir o trabalho literário. Tenho 5 volumes a escrever. Acabei o 2° "Alcântaras"[619]. Estou passando a limpo. É verdade que estou sem receber do jornal, que vivo mal, luto com mil dificuldades para sustentar me no trabalho. João Sérgio votou à crise, esperando que melhore[620].

Portanto, a decepção política causada pelos erros de Stalin fizera Dalcídio perceber que "estudar, observar, investigar a realidade de cada região" é necessário, para não cair no erro de acreditar no "prato cheio", no "ideal" apregoado por dirigentes e seus dogmas, como no caso do PCB e de Stalin. Não é possível entender as entrevistas de Dalcídio na década de 1960[621], assim como seu foco na escrita do Ciclo do Extremo Norte, sem considerar as sucessivas sanções negativas que ele vinha sofrendo na arena política e literária, desde a sua chegada ao Rio até a sua decepção política. Não que seu projeto criador tenha começado apenas após esse afastamento da atividade política; ele já vinha sendo reforçado a continuá-lo, dadas as dramáticas sanções negativas que vinha sofrendo.

Sendo um romance de formação que acompanha a aprendizagem do menino Alfredo, ele compartilha da premissa da autocrítica feita pelo escritor nesse período, no sentido de

---

[618] JURANDIR, Dalcídio. Carta a amiga Divina. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.98. Ênfase nossa.
[619] Trata-se do romance Belém do Grão Pará (1960).
[620] JURANDIR, Dalcídio. Carta ao irmão Ritacínio. In: NUNES Et. Al. Op. Cit. p.93-95. Ênfase nossa.
[621] Estão presentes no primeiro capítulo. Notas 30-33.

"estudar, observar, investigar a realidade", sejam elas regionais ou nacionais, a fim de não cair em mais dogmas. No entanto, não podemos esquecer o envolvimento do escritor com os ditames da Escola Nova nos anos 1930, principalmente com a teoria de aprendizagem baseada nos "centros de interesses" do pedagogo belga Jean-Ovide Decroly. Também não podemos nos esquecer de que essa teoria adquiriu contornos especificamente regionais no pensamento de Dalcídio. Portanto, a decepção política apenas trouxera à tona um ponto de vista adormecido durante sua atividade política. E esse ponto de vista ajustava-se perfeitamente à visão de região amazônica apregoada pelas gerações modernistas paraenses: a de um enfoque mais próximo ao "solo" social regional.

No entanto, não podemos deixar de pontuar que Dalcídio não entrou no PCB e seguiu à risca suas orientações apenas por conta de seu idealismo. Antes, era uma relação complexa, como aponta Palamartchuk: "essas relações foram pautadas pela cultura do 'favor', estabelecidas até que uma das partes se sentia prejudicada"[622]. O caso de Jorge Amado é emblemático nesse sentido, pois, se, de um lado, os escritores emprestavam o seu prestígio para o partido, por outro, suas ligações com esse partido lhes permitiam publicar romances, serem traduzidos para outros países, terem espaço nos jornais ligados ao partido, fazerem amizades que lhes rendiam favores no futuro; enfim, aproveitavam toda uma rede cultural comunista dentro do contexto da Guerra Fria[623]. Nas palavras de Ridenti,

> Assim, interpretar a militância comunista de artistas e intelectuais exige compreender tanto as utopias coletivas quanto as lutas por prestígio, poder, distinção e consagração dos meios culturais, o que não implica desconsiderar as vantagens e riscos dessa opção política, particularmente em sociedades autoritárias. Isso incluía sofrer o preconceito social generalizado contra o comunismo, além de certa perda de autonomia com disciplina e obediência envolvidas na militância, particularmente para artistas e intelectuais ainda não consagrados, enquanto se abria o espaço de relativa autonomia criativa, sobretudo para os já conhecidos e aclamados, até alguns críticos da linha oficial do realismo socialista.
>
> Havia um jogo complexo de reciprocidade que, de um lado, viabilizava a projeção local e internacional dos beneficiários de chancela comunistas, mas, de outro, reforçava a legitimidade política e simbólica da própria entidade partidária, num contexto político institucional desfavorável aos esquerdistas na América Latina, sobretudo nos anos 1950.
>
> [...] Se os partidos comunistas buscavam se legitimar, atraindo intelectuais e artistas que pouco ou nada influência na sua atuação política, impondo a eles tarefas e uma disciplina dura, ao mesmo tempo estes faziam uso da capacidade organizacional e de prestígio do Partido para se firmarem em seus respectivos campos culturais, muito dos

[622] PALAMARTCHUK. Op. Cit. p.303.
[623] RIDENTI, Marcelo. O segredo das senhoras americanas: Intelectuais, internacionalização e financiamento na guerra fria cultural. São Paulo: Editora Unesp. 2022. p.15-73.

> quais em processo de constituição em sociedades ainda pouco desenvolvidas. Sem contar a busca para se comunicar com "as massas" populares, que implicava sair dos círculos eruditos e envolver-se-, conscientemente ou não-, com a indústria cultural[624].

Nos parece ser esse o caso de Dalcídio. Uma vez que, no período anterior ao relatório Khrushchov que vai de 1930 a 1950, segundo o amigo Moacir Lopes, "Jorge Amado tinha sido eleito, no setor da literatura, a menina dos olhos do partido comunista", enquanto os "outros escritores eram utilizados para desempenhar papéis insignificantes de panfletagem e trabalhos clandestinos"[625].

Apesar de o amigo de Dalcídio ser negativo e exagerar a tarefa de outros escritores, a estrutura era essa. Não é sem sentido que Dalcídio tenha publicado a maior parte de seus romances na editora Martins e Editora Vitoria — na primeira: *Três Casa e um Rio* (1957); *Belém do Grão Pará* (1960); *Passagem dos Inocentes* (1963); *Primeira Manhã* (1967); *Ponte do Galo* (1971); e na segunda, *Linha do Parque* (1957). Os outros, *Chão de lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978) foram publicados pela editora Record, e *Os Habitantes* (1976) pela Arte Nova, sendo que os três últimos possivelmente foram publicados pelos contatos estabelecidos no meio literário. A editora Martins editava os seus livros por influência de Jorge Amado, que na época também publicava os seus por ela, segundo Moacir Lopes[626]. A Editora Vitoria tinha uma ligação muito forte com o PCB, por isso publicou *Linha do parque.* Esse livro foi traduzido e publicado em russo. Portanto, a amizade com Jorge Amado, assim como a ligação com o PCB, abriu portas para a publicação de seus romances e para o meio jornalístico no Rio.

Segundo Moacir Lopes, amigo de Dalcídio, o lançamento de *Três Casas e Um Rio* (1957), "passou quase despercebido além das fronteiras do círculo de amigos e admiradores", e o mesmo aconteceu com os outros livros lançados depois: "o desencanto, porém, estava nele, quando, editado novo livro, vinha nos mostrar aquele único e pequeno recorte de jornal, com mirrada nota informando da saída do romance"[627]. Parece claro que, após a "guerra dos escritores", ele desistiu de conquistar o público da capital da república, focando-se no público de sua própria região, pois não terminar o Ciclo do Extremo Norte seria uma "traição com o povo daí [da Amazonia]".

---

[624] Idem, Ibidem. p.59-60.
[625] LOPES. Op. Cit. In: NUNES Et. Al. (Orgs.). Op Cit. p.210.
[626] Idem, Ibidem.
[627] Idem, Ibidem.

A reação crítica fraca se confirma em vários estudos sobre a recepção de Dalcídio, que mostram o progressivo declínio das opiniões críticas dos seus romances, principalmente após Marajó (1947)[628]. A situação chegou a tal ponto que, numa prestação de contas de direitos autorais do livro *Chão de Lobos* (1976), publicado pela editora Record, de 5.050 exemplares produzidos, apenas 850 haviam sido vendidos até 1977[629].

Mesmo com a rede de reciprocidades com o PCB, acreditamos que Dalcídio foi visto cada vez mais como uma *persona non grata* pela maioria dos intelectuais daquela geração, em que a polarização agitava os ânimos. Isso explica o declínio de julgamentos críticos sobre a sua obra e seu consequente ostracismo literário no final da vida. O seu envolvimento cego com o PCB foi o pecado de Dalcídio, mas também foi a razão de sua sobrevivência nesse limbo que é o purgatório.

5.4 O final da vida no "Purgatório"

Sobre os eventos da sucessão da direção da ABDE, Dalcídio chegou a pedir desculpas publicamente aos intelectuais em 1956. No texto, que infelizmente não encontramos, mas foi parcialmente reproduzido em um artigo de Manoel Bandeira intitulado "Autocritica" e publicado no *Jornal do Brasil*, Dalcídio parece pedir desculpas pelo ocorrido.

> Houve naquela ocasião. Erro de parte a parte. Mas, do nosso lado confundíamos divergência com luta corporal, pré-estabelecíamos o rancor e o xingamento sistemático. Parecíamos tomados de uma fria e monótona fúria sectária. E, como o mais responsável pelo que aconteceu na ABDE, quero afirmar que aquilo foi uma vergonha e a culpa decerto cabia a mim unicamente, pois me utilizei do meu cargo na associação para provocar a baderna[630].

Porém, Manuel Bandeira duvida da "espontaneidade" e "sinceridade" do pedido de desculpas, pois, para ele, Dalcídio estaria novamente obedecendo cegamente ao PCB, que

---

628 Cf. MOREIRA, Alex Santos. A crítica literária aos romances "Chove nos Campos de Cachoeira", "Marajó" e "Três casas e um rio" na imprensa do Rio de Janeiro. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras. BARBOSA, W. F. A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940–1980). Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016. ALMEIDA, Eliel dos Reis. A "tirania do meio": a ideia de região amazônica na recepção de Chove nos campos de Cachoeira (1941) de Dalcídio Jurandir. 2022. 68 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

629 Prestação de contas de Direitos autorais de Chão de Lobos. Editora Record. 1977. Acervo Dalcídio Jurandir, Papeis Diversos. Fundação Casa Rui Barbosa.

630 JURANDIR, Dalcídio. Sem título. S.l, s.d. Apud BANDEIRA, Manuel. Autocritica. Jornal do Brasil. 1° caderno, LXVI, n.257. 1956. p.5.

precisou rever sua postura após as denúncias dos crimes de Stalin[631]. Para alguém como Manuel Bandeira não perdoar o escritor paraense – e ele esteve na chapa contraria à Dalcídio em 1949 –, é sinal de que o rancor da maioria dos literatos ainda prevalecia em 1960. Isso não parece aleatório, principalmente porque, depois do episódio de 1949, a ABDE foi esvaziada como entidade de representação dos escritores enquanto classe. Portanto, a tentativa de controle da associação pelo PCB causou um estrago na própria organização dos escritores.

Esse episódio da "guerra dos escritores" marcou o final da vida de Dalcídio, pois ele parece se remoer com os erros do passado. "Desde alguns anos ele praticamente se isolara. Pouco saia, a não ser para umas esporádicas idas ao centro, a visitar Carlos Ribeiro e remexer livros na Livraria São José"[632]. "Foram anos de amargura. [...] seu recolhimento era quase total, fugindo de antigos companheiros e dos poucos amigos que insistiam em procurá-lo"[633]. Embora o Mal de Parkinson o atordoasse, nos parece que outra coisa o consumia junto com a doença. Em cartas a Maria de Belém Menezes, filha de Bruno de Menezes, ele explicita isto.

> Não sou modesto. Apenas tenho um vigilante realismo em torno do que representa publicidade, sucesso, badalação. Muita coisa é sonhada e não realizada. O duro trabalho, em que me apliquei na escrita da obra, me deixou vazio e descontente[634].

A sensação de não ter realizado seus sonhos é consequência da experiência com o concurso *Dom Casmurro* e do posterior ostracismo literário que sofreu, pois sabe que suas apostas, traduzidas em seus deslocamentos no campo literário, não surtiram o efeito desejado simbolicamente. Na verdade, o caso de ser conhecido como um intelectual obediente ao PCB, lhe rendeu reveses de capital simbólico que já não possuía tanto, por ser de uma região simbolicamente dominada. Em outra carta percebemos o real motivo do descontentamento do escritor.

> Sem defeitos este um? Na minha vida, grande parte do meu viver foi assimilar meus defeitos. E o que é pior, sem poder corrigi-los. A balança é implacável, o peso delas gruta o prato no chão[635].

631 BANDEIRA, Manuel. Autocritica. Jornal do Brasil. 1° caderno, ano. LXVI, n.257. 1956. p.5.
632 CASTRO. Op. Cit. NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.204
633 LOPES. Op. Cit. NUNES Et. Al. (Orgs.). Op. Cit. p.211.
634 JURANDIR. Dalcídio. Carta a Maria de Belém Menezes. 1 de Ago. 1972. In: FARES, NUNES (Orgs.). Epistolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Op. Cit. p.68.
635 JURANDIR. Dalcídio. Carta a Maria de Belém Menezes. 18 de out. 1975. In: FARES, NUNES (Orgs.). Epistolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir. Op. Cit. p.194

Logo, deduzimos que Dalcídio se sentia culpado e envergonhado no final da vida pelos erros cometidos. Esses erros parecem estar diretamente ligados aos eventos da sua atuação como militante do PCB, assim como à sua penúria material no final da vida. E esses erros o assombrariam até o fim de sua existência.

O caso de sua indicação ao Prêmio Machado de Assis, em 1972, explicita isso. O prêmio foi uma articulação de Jorge Amado e Marques Rabelo para pagar os remédios caríssimos de que ele precisava no final da vida. No entanto, houve muitas resistências devido ao que ocorreu na ABDE em 1949. Nas palavras de Jorge Amado:

> Gravemente enfermo, obstinado comunista, o mais pobre dos pobres, mestre romancista da Amazonia, Dalcídio Jurandir foi candidatado por Marques Rebelo e por mim ao Prémio Machado de Assis, da Academia Brasileira. Contra seu nome levantaram-se resistências numerosas, obstinadas, não somente pelo facto de Dalcídio manter-se inscrito no pecê, subversivo malvisto pelos donos do poder, sobretudo devido a incidentes políticos ocorridos na área literária, nos quais o romancista desempenhara papel de relevo[636].

Como podemos ver, o que sentenciou Dalcídio foram os incidentes políticos na área literária, notadamente o ocorrido na sucessão da diretoria da ABDE. Isso se confirma na própria descrição de como conseguiram vencer as barreiras e entregar o prêmio a Dalcídio. Nas palavras de Jorge Amado:

> Marques Rebelo telefona-me do Rio para a Bahia as vésperas da votação: faltava a Dalcídio um voto para abiscoitar os cobres, os parcos cruzeiros da dotação da láurea máxima da Academia iriam servir para a compra dos medicamentos caríssimos. Telefonei ao Acadêmico Luiz Viana Filho —um dos chefes de fila dos escritores atropelados pela disciplina partidária de Dalcídio —, fui vê-lo em sua casa baiana, perguntei se ele era capaz de esquecer o passado e votar no vilão da história. Luiz tomou do papel e da caneta, entregou-me o voto com o qual Dalcídio ganhou o Prémio Machado de Assis[637].

Portanto, até para cuidar de sua doença, ele teve que lidar com os erros do passado. O que também é importante destacar é a atuação de Jorge na concretização desse prêmio. No discurso de agradecimento, ele confirma o seu isolamento no campo literário naquele momento.

> Academia confere o seu grande prêmio a um escritor vagamente lembrado, que se identifica nos porões da ficção brasileira, com uma obra difusa e miúda, toda enterrada na região onde foi buscar os temas e a raiz de sua linguagem.
> Por um instante, este, festa do seu aniversário, a Academia retira do silêncio o autor e os livros praticados ao longo de muito desânimo e de muita paciência.

636 AMADO. Op. Cit. p.280.
637 AMADO. Op. Cit. p.281.

> Fiel e teimoso, recolhi em dez volumes, um depoimento agreste e íntimo de coisas e gentes do Marajó e Belém do Pará, a Belém de Eneida e de Bruno de Menezes.
> A esses romances se une outro, apanhado no extremo sul, tormentos e trabalhos de um porto e de uma cidade, a que dei todo o meu fervor e a minha esperança.
> Concedendo-lhes o prêmio 'Machado de Assis', a Academia, generosamente, reconhece a tema e a fidelidade do magro romancista, escutando-lhe a áspera narrativa de lutas operárias, e uma das vozes daquele tão longe Extremo Norte, tão longe que sombra do pajé mergulhador, de que fala a mitologia paraense, cobre, ainda, a ribanceira e a várzea.
> Agradeço a alta recompensa, por isso mesmo também grato aquela cidade, aquele Porto, à minha ilha marajoara e as almas que tentei retratar com tímida fantasia e afoita convicção[638].

Portanto, não é possível entender as entrevistas de Dalcídio no final da vida sem perceber que elas fazem parte de uma tentativa de legitimação tardia de suas obras produzidas a partir da década de 1960. Em uma dessas entrevistas, publicada no Rio de Janeiro e no Pará, aos escritores Haroldo Maranhão, Antônio Torres, Pedro Galvão – o primeiro, da geração posterior a Dalcídio, apelidada de "novíssima" –, o escritor deixa entrever as diretrizes de seu projeto literário, com a predileção de retratar o homem amazônico e seu solo social, em conexão com o programa de "nem inferno, nem paraíso" de sua geração.

> Não consegui fisgar um livro à altura da minha pretensão e da minha paciência. Fisguei peixinho ordinário, o que me coube pescar, sorte ou desvalia, na humanidade marajoara. Por isso as vozes do meu romance são fracas, curtas, diluídas na extensão de dez volumes difusos. Mas foi um descobrimento. Não se apagou a noite, a janela, a enchente magica, o peixe correndo na linha. Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heroico, o dia-a-dia da vida marajoara, vida que aparece tão coisa nenhuma e é, no entanto, de todo o mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária. A flauta é tosca, toquei de orelha mas toquei com sentimento. O caroço de tucumã, jogado na palma da mão de Alfredo, levava o menino ao diálogo com sonhos, ambições e miragens. Esse jogo solitário, se tornou em fermento romanesco. Do grelo no caroço pobre brotou Chove nos Campo de Cachoeira, matriz de toda a obra. Com o tucumã na palma da mão, foi capturando almas, cenas, figuras, linguagem, coisas, bichos, costumes, a vivência marajoara que ressoa, miudinho como num búzio, em dez volumes[639].

O tom pessimista se deve ao fato de que a entrevista foi concedida no final de sua vida, em 1979, quando já estava doente de Mal de Parkinson. Era uma avaliação final sobre sua produção romanesca e os infortúnios do insucesso literário. No entanto, podemos perceber que

[638] NUNES Et. Al (Orgs.). Op. Cit. p.114.
[639] JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979].

o protagonismo do homem nativo na representação Amazônica foi adotado por Dalcídio como uma cartilha. A narrativa de aprendizagem, em íntimo contato com o solo social da Amazônia, tanto em seus romances quanto em sua própria trajetória, acentua-se precisamente devido aos seus revezes simbólicos entre a política e a literatura nos anos 1940 e 1950.

Só podemos entender a trajetória de Dalcídio se nos atentarmos, tanto para a posição de romancista enquanto um autor vindo de uma região simbolicamente dominada e a sua "fúria sectária" na militância pelo PCB. Apesar dos poucos ganhos simbólicos com *Chove*, a resposta ao crítico Álvaro Lins deixou uma suspeita no ar mas seu segundo livro acabou sendo publicado pela José Olympio. Seu envolvimento na "guerra dos escritores" em 1949 resultou em um revés simbólico significativo que o acompanhou pelo resto da vida. Apesar de ser visto como *persona non grata* entre os intelectuais, ele conseguiu criar uma rede de relações dentro do PCB que lhe rendeu prêmios, publicações e participações em jornais. Sua posição no final da vida está muito ligada a essa contradição em sua trajetória.

Apesar da visão que se tinha do escritor paraense no Rio devido à sua militância — que estava nadando contra a corrente dos ganhos simbólicos— sua posição no "purgatório" também está relacionada a própria percepção e apreciação de seu projeto criador, origem racial e regional pela crítica. Como mostramos, poucos entenderam seu projeto, e talvez ele tenha sido o único a levá-lo adiante por tantos anos e a objetivá-lo de forma tão clara.

Um relato de Valdemar Calvanti sobre como ganhou o apelido de "índio sutil" oferece uma visão privilegiada para as amarrações finais dos argumentos mais caros dessa dissertação, pois retrata as propriedades sociais e simbólicas que informavam e davam suporte as posições de Dalcídio Jurandir no campo literário brasileiro no final da vida. O crítico comenta que conheceu Dalcídio por meio da entrega do prêmio Luísa Cláudio Sousa, do Pen Clube do Brasil. No relato de Valdemar, ele expõe o seguinte:

> Tímido como Dalcídio Jurandir não tem outro. Era a timidez a marca de sua personalidade. Uma timidez que refletia profundo sentimento de modéstia e humildade. Parece que ele temia dar na vista. Por isso a fala mansa, o gesto contido, o nenhum traço de exagero em seu comportamento– no comportamento humano, aliás, como no comportamento literário. Não era do seu feitio abrir os braços na rua para dar abraço nem no melhor amigo. Na conversa economizava as palavras como se fosse para botá-las na caderneta de poupança. José Lins do Rêgo deu-lhe um apelido em momento de desforra: "índio sutil". Pela cara, pelo jeito arisco de ser e

> viver com toda a naturalidade. Sutil pela maneira maliciosa de dizer certas coisas. O apelido, que tinha objetivo de caricatura, deu em retrato fiel[640].

O apelido dado em um "momento de desforra", possivelmente foi resultado das lutas políticas do período. A própria explicação do porquê da designação do apelido – "índio", "pela cara, pelo jeito arisco de ser e de viver com toda a naturalidade", e "sutil pela maneira maliciosa de dizer certas coisas" –, remetem tanto à sua atuação política quanto à sua origem regional, que a sua personalidade tímida parecia confirmar. Portanto, há uma junção no apelido da ideia tradicional da região amazônica e a forma como atuava contra seus desafetos na militância nos jornais.

O interessante na trajetória do escritor é que, junto com o desentendimento causado por uma visão tradicional da região, sua própria identidade social e racial era objeto de intervenção e apropriação. A própria percepção e apreciação de sua identidade racial e de seu projeto criativo ajudou-o a ser colocado nessa posição de "purgatório". O tragicômico é que Dalcídio queria escapar do céu e do inferno na representação literária da Amazônia. Na busca por seu mundo "encantado" da cultura cabocla, acabou caindo no "purgatório" dos brancos na então capital da República.

[640] CAVALCANTI, Valdemar. Notas soltas. Jornal de Letras. Ano XXX, n. 339. 2° Caderno. Jul. 1979. p.1.

Referências bibliográficas

a) Livros e artigos

ACEVEDO, Rosa; CHAVES, Ernani. *IMAGENS DE BELÉM, PARADOXO DA MODERNIDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA*. **PAPER DO NAEA**, N.56, janeiro 1996.

ALMEIDA, Eliel dos Reis. **A "tirania do meio": a ideia de região amazônica na recepção de Chove nos campos de Cachoeira (1941) de Dalcídio Jurandir**. 2022. 68 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A política higienista no Pará da belle époque e a proteção à infância pobre em 1912. In: (orgs.) ESTACIO, Marcos André., F; NICIDA, Lucia, Regina. **História e educação na Amazônia**. Manaus: EDUA; UEA Edições, 2016. Pp: 499-513.

AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem: Apontamentos para um livro de Memorias que jamais escreverei**. 2° Ed. Portugal: Publicações Europa América, 1992.

ARAÚJO, L. M. de; PACHECO, A. S. Nas margens da Belle Époque amazônica: patrimônio e relações de poder nos Marajós. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, *[S. l.]*, v. 3, n. 2, 2015. DOI: 10.29327/210932.3.2-6. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/638. Acesso em: 1 fev. 2023.

ANDRADE, Mário. **O turista aprendiz.** Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAÚJO, I. H. T. F. de; ROCHA, G. O. R. da. De "nocivo à educação geral" à "templo do saber": as transformações no gymnasio paes de carvalho na primeira república. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 69, p. 52–75, 2017.

AUERBACH, E. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social**. Salvador: EdUFBA/EGBA, 1996.

BATISTA, Luciana Marinho. **Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquia no Grão-Pará, c. 1850 – c. 1870**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em

História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em www.ufrj.ppghs.br. Acessado em: 15 de Jan. de 2022.
BARBOSA, Tayana Andreza de Sousa. **Dalcídio Jurandir: um cronista de O Estado do Pará e de Diretrizes**. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2014. Programa de Pós-Graduação em Letras.

_____. DALCÍDIO JURANDIR E A TRADIÇÃO DOS ROMANCES DA AMAZÔNIA A PARTIR DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. **Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, *[S. l.]*, v. 10, n. 18, 2019. Disponível em: https://cajapio.ufma.br/index.php/littera/article/view/13192. Acesso em: 28 abr. 2023.

BARBOSA, W. F. **A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940–1980)**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

BOURDIEU, P. A identidade e a representação; elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Bertrand/Difel, 1989. p. 107-32.

_____. **As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

_____. "Por uma ciência das obras". In: **Razões práticas; sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996b, p. 53-73.

BATES, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Epub.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém - 1870-1920).** 2006. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.8.2006.tde-15012007-171851. Acesso em: 2022-12-10.

CANCLINI, G, Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad.: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa, Trad. da introdução: Gênese Andrade. 4° Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: **O personagem de ficção**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p.52–80.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989

_____. **Literatura e sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul. 2006.

_____. "A vida ao Rés-do-chão". In: **Para Gostar de Ler: crônicas.** Vol. 5. São Paulo: Àtica editora. 2008: 89-99.

CASTRO NETO, Advaldo. **O cinema ficcional de Líbero Luxardo**. 2013. Orientador: Joel Cardoso da Silva. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

CASTRO, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1970.

CARONE, Edgar. **O Estado Novo (1937-1945)**. São Paulo: Difel. 1976.

CARVALHO, José. **O matuto cearense e o caboclo do Pará**. Belém: Oficinas gráficas Jornal de Belém, 1930. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/livros/omatutocearense1930/8/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

COELHO, Maricilde Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos, 1946-1952**. 2003. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003. Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9806>. Acesso em: 20 de fev. de 2022.

COELHO, Maricilde Oliveira. **A escola primária no Estado do Pará (1920 - 1940)**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

COSTA, Tony Leão da. **Música do Norte: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da "MPB" no Pará (anos 1960 e 1970)**. 2008. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

COSTA, Tony Leão da. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbó no Pará. **ArtCultura**, v. 12, n. 20, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/11306>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COSTA, Antonio Maurício D. da. Pianos, Violões e Batuques: caminhos da invenção artística e folclórica da música negra na Amazônia paraense (1923-1940). **História (São Paulo)**, v. 37, p. e2018035, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/48qRPSgJgSrTw9HVrfNmxrH/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. A Produção da "Música Cabocla": a polifonia formadora do Carimbó nas representações de literatos, jornalistas e folcloristas no Pará (1900-1960). **História (São Paulo)**, v. 34, p. 241–273, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/yyYqYy7fskRYWvT4xBy44gR/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. A questão do popular na música da Amazônia paraense da primeira metade do século XX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 63, p. 86–102, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114863>. Acesso em: 11 jul. 2024.

CUNHA, C, N. A estrutura narrativa em Chove nos campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir. In: JORNADA – GELNE, 20, 2004, João Pessoa/PB, Anais Eletrônicos... João Pessoa/PB: Idéia, 2004, p.529–534.

CUNHA, Marly Solange Carvalho da. **"Matutos" ou astutos? Oligarquia e coronelismo no Pará republicano (1897-1909)**. Dissertação (Mestrado), "Matutos" ou Astutos? Oligarquia e coronelismo no Pará Republicano – 1897-1909, Belém, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4374>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DAOU, A. M. **A Belle Époque Amazônica**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

DARNTON, Robert. **O grande Massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DE LUCA, T. R. Brício de Abreu e o jornal literário Dom Casmurro. **Varia hist**., Belo Horizonte, vol.29, no.49, Jan./Apr. 2013. Disponível https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752013000100013. Acessado em: 04 de Nov. 2020.

DIAS, E, M. **A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920**. Manaus: Valer, 1999.

DIMITROV, Eduardo. **O Brasil dos espertos: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como 'criador e criatura**'. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DIMITROV, Eduardo. **Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano**. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-08052014-104648. Acesso em: 2022-04-01.

DOCE, Claudia Rio. Literatura e política cultural pelas páginas de Leitura. **Revista IEB**. n54, set./mar, 2012: 67-86.

DOS SANTOS, R. Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. DOI: 10.5216/sec.v14i2.17613, 2012. DOI: 10.5216/sec.v14i2.17613. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/17613. Acesso em: 20 maio. 2023.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FARES, Josebel Ake Fares; NUNES, Paulo. (Orgs.). **Epistolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir**. Belém: Paka-tatu, 2020.

FERRARI. Danilo Wenseslau. DIRETRIZES: A PRIMEIRA AVENTURA DE SAMUEL WAINER. **A Revista Histórica.** N.31.2008. Disponível em: http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/sobre/.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FARES, J. A; NUNES, P (orgs.). **Epistolas poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos**. Dalcídio Jurandir e a educação: de letrado provinciano a intelectual nacional.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.48.2018.tde-20032018-155518. Acesso em: 2023-05-02.

FERNANDES, Juliana Chiarini Balbino. Os centros de interesse lidos em manuais do ensino primário: Há saberes aritméticos?. **Dialogia**, São Paulo, n. 38, p. 1-10, e19503, maio/ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5585/38.2021.19503. Acessado em: 15 de Dez. de 2023.

FIGUEIREDO, A, M. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929.** 2001. 315 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

FURTADO, M. T. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 2002. 283f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http:www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270342>. Acessado em: 15 Dez. 2021.

FREITAS, Iza Vanessa Pedroso de. **O patronato das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)**. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Programa de Pós-Graduação em História.

FREIRE, José Alonso Torres. **Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2006: 88.. doi:10.11606/T.8.2006.tde-23082007-135808. Acesso em: 24.01.2024

GALVÃO, Eduardo. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. **Boletim do Museu Nacional**, Nova Série, antropologia n. 15, 1953

GATTA, Zélia. **Jardim de inverno**. 3ª. Ed. Record: Rio de Janeiro, 1988. n.p.

GATES, Henry. Louis. Branco como eu. Serrote, **IMS**. S.d.

GEERTZ, C. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sergio. Preconceito Racial: Modos, temas, e tempos. In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (orgs). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/Edufba, 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994..

GONÇALVES, A. M. O processo de urbanização na cidade de Belém do Pará durante a Belle Époque e seus impactos. **Oficina do Historiador**, *[S. l.]*, v. 15, n. 1, p. e37865, 2022. DOI: 10.15448/2178-3748.2022.1.37865. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/37865. Acesso em: 8 maio. 2023.

HARDMAN, F, F. **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém: CEJUP. 1992

_____. **Poemas impetuosos ou o tempo é o do sempre escoa**. Poemas organizados por Paulo Nunes. Belém: Paka-Tatu, 2011.

_____. **Três Casas e um Rio**. 4ª Ed. Bragança: Editora Pará.grafo. 2018.

_____. **Chove nos campos de cachoeira**. 8ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

_____. **Passagem dos Inocentes**. 2ª Ed. Belém: Folheando. 2023.

LANDISLAU. Alfredo. **Terra Imatura.** 3° Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1933 [1923]. Disponível em: http://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/livros/terraimatura1933/#zoom=z.

LEAL, Luís Augusto Pinheiro. CAPOEIRA, BOI-BUMBÁ E POLÍTICA NO PARÁ REPUBLICANO (1889-1906). **Afro-Ásia**, Salvador, n.32, 2005.: 241-269. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21094>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. **"Nossos intelectuais e os chefes de mandinga": repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951)**. (Tese de doutorado). Salvador: Programa multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos. 2011.

LIMA, Deborah Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 2, n. 2, mar.

2009. ISSN 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/107/161>. Acesso em: 20 fev. 2024. doi:http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v2i2.107.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. I**ngleses pretos, barbadianos negros, brasileiros morenos?: identidades e memórias (Belém, séculos XX e XXI)**. 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

KARL, Marx; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MALIGO, P. **Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir**. **Revista USP**, *[S. l.]*, n. 13, p. 48-57, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i13p48-57. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25596. Acesso em: 25 out. 2021.

MAIA, J. E. M. **A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

MAIA, Maíra Oliveira. **Jogos políticos na terra imatura. As experiências políticas dos modernistas paraenses –1930-1945**. 2009. Dissertação (Mestrado em história social). Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

MARTINS, Marisângela T. A. **À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista Brasileiro Porto Alegre - 1927-1957**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995. 19

_____. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. In: **Estud. Av**. vol.19 n.53 São Paulo Jan./Apr. 2005, p. 259-274

_____. Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance. In **Revista Anthropológicas**, ano 11, volume 18, 2007.

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados.** Rio de Janeiro: Pallas. 2004.

MENEZES, F; NETO, M. S; PRESSLER, G. K (Org.). **Dalcídio Jurandir: Bibliografia geral e estudos críticos**. Espanha: Ebook version, 2014.

MICELI, Sergio**. Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

MILES, Robert; BROWN, Malcolm. **Racism.** London/New York: Routledge, 2003.

MIRANDA, C. S. et al.. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 2, p. 525–540, abr. 2015.

MOREIRA, Alex Santos. **A crítica literária aos romances "Chove nos Campos de Cachoeira", "Marajó" e "Três casas e um rio" na imprensa do Rio de Janeiro**. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras

MUNARO, L. F. NEM INFERNO, NEM PARAÍSO: esfera pública e a construção de um conceito de Amazônia (1930-1937). **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 412-437, 1 jul. 2019. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/6956. Acessado em: 13 de Nov. 2020.

NASCIMENTO, J. L. **Euclides da Cunha e a estética do cientificismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

NUNES, Et. Al. (Orgs.). **Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia.** Belém: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006.

ORACY, Nogueira**. Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998:

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição Brasileira**. 5° ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

PAIVA, Marco Aurelio coelho de. Um outro herói modernista. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 175–196, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-20702008000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 1 jul. 2020.

_____. **O papagaio e o fonógrafo: a Amazônia nos prosadores de ficção (1908-1931)**. Amazonas: EDUA – Editora da universidade Federal do Amazonas. 2010.

_____. A crítica nas margens. Péricles Morais e as representações literárias da Amazônia. **Novos Cadernos NAEA,** [S.l.], v. 18, n. 3, dez. 2015. ISSN 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/1638/2730>. Acesso em: 25 out. 2020. doi:http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v18i3.1638

_____. Um paraíso selvagem: A Amazônia e os romances regionalistas de Raimundo Moraes. **Tempo Social**, v. 28, n. 2, p. 229–246, maio 2016.

PEREIRA, Nunes. **A ilha do Marajó: Estudo econômico-social**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola em cooperação com a Divisão de Caça e Pesca, do D.N.P.A, 1956.

PONTES, Heloisa. "A burla do gênero: Cacilda Becker, a Mary Stuart de Pirassununga", **Tempo Social**. Vol. 16, n°1, junho de 2004.

PRESSLER, Gunter. A nova recepção da obra de Dalcídio Jurandir. **Asas da Palavra**. Belém: Unama, v. 8, n. 17, 2004. p. 121-129.

_____. O maior romancista da Amazônia – Dalcídio Jurandir – e o mundo do arquipélago de Marajó. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna;VEJMELKA, Marcel (org.). **Amazônia: região universal e teatro do mundo**. São Paulo: Globo, 2010. p. 235-259

._____. João Guimarães Rosa – Dalcídio Jurandir: A crítica literária diante do Romance de nova feição regionalista. **Asas da Palavra**. Belém: Unama, v. 13, n. 26, 2012. p. 127-137.

_____. Dalcídio Jurandir — a escrita do mundo marajoara não é regional, é universal. Revista do GELNE, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1–5, 2016.

_____. Aprendizagem e fracasso do jovem Alfredo: Dalcídio Jurandir e o romance moderno de formação na Amazônia oriental. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 158–174, 2018.

QUEIROZ, J. F. S. Amazônia: Inferno verde ou Paraíso perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha. **NOVA REVISTA AMAZÔNICA**, Bragança, v. 03, p. 11-32, 2017.

_____. **Futurosos e futuristas: uma história pelo avesso da arte moderna no Pará.** Orientador: Gunter Karl Pressler, 2018. 515 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2018. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11191 . Acesso em:.15 de Ago,. 2023.

RIDENTI, Marcelo. **O segredo das senhoras americanas: Intelectuais, internacionalização e financiamento na guerra fria cultural**. São Paulo: Editora Unesp. 2022.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual "feiticeiro": Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil**. 2011. 228 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP

ROUCHOU, J. R. Samuel Wainer: a luta pela liberdade de expressão em Diretrizes (1938-1944). **Revista Territórios e Fronteiras**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 200–216, 2016. DOI: 10.22228/rtf.v9i2.590. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/590. Acesso em: 24 Jan. 2024.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do Marxismo no Brasil**. Vol.3. Teorias, Interpretações. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948).** 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594045. Acesso em: 24 jan. 2024.

PRADO, D. A. **O teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1988.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém: um estudo de geografia urbana**. Belém: Universidade Federal do Pará. 1968.

PEREZ, R. “Dalcídio Jurandir”. *In*: **Escritores Brasileiros Contemporâneos**. 2ª Série. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 113–131.

PEREIRA, C. S. et al.. Belém e a Academia do Peixe Frito: fisiognomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 14, n. 3, p. 1025–1044, set. 2019.

PRESSLER, G. K. Aprendizagem e fracasso do jovem Alfredo: Dalcídio Jurandir e o romance moderno de formação na Amazônia oriental. **Literatura e Sociedade**, *[S. l.]*, 14 v. 23, n. 27, p. 158-174, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p158-174. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148541. Acesso em: 8 jan. 2022.

PRIORE, Mary Del. **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999.

REIS, Letícia Vidor de Souza. **Negros e brancos no jogo da capoeira: a invenção da tradição**. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1993.

_____. **A aquarela do Brasil: a mestiçagem e a construção nacional do samba e da capoeira**. São Paulo, mimeo. 1994.

ROCHA, Elaine Pereira. Antes índio que negro. **Dimensões**. N.18, 2006.

SALLES. Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará Ou Apresentação do Teatro de Época**. Tomo 2. Belém: Editora da UFPA, 1994.

_____. “Dalcídio Jurandir: contador de estórias”. *In*: NUNES, B.; PEREIRA, R.; PEREIRA, S., R (Orgs). **Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia**. Belém: SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006. (p.218–229).

_____. O chão de Dalcídio. **Asas da Palavra** - Unama, n. 4, p. 66–71, Jun. 1996.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na geografia nacional**. 5° Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Nacional/INL, 1987.

SANTOS, Alinnie Oliveira Andrade. **A personagem feminina em “Linha do Parque”, de Dalcídio Jurunadir**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras.

SARGES, Maria de Nazaré, Antônio Lemos e a imprensa: as representações visuais e escritas sobre sua atuação política (1908-1912), **História e Parcerias**, v. 18, n. Anais do Encontro

Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias, 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529188317_ARQUIVO_ANPUH2018-RJ-AntonioLemoseaimprensa.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SARGES, M. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves. "Religiões afro-brasileiras: construção e legitimidade de um campo do saber acadêmico (1900-1960)". **Revista USP**. n°55, setembro/novembro 2002.
SOARES, Eliane Cristina Lopes. **Família, compadrio e relações de poder no Marajó (séculos XVIII e XIX)**. 2010. 204 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-época (1870-1910)**. 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

SILVA, W. R. P; SOUZA, T. G. Memórias do modernismo paraense: Considerações sobre as condições de produção literária na Belém modernista. **Revista Memento**, v.2, n.2, 2011.

SCHWEICKARDT, J. C.; LIMA, N. T.. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 14, p. 15–50, dez. 2007.

SCHWEICKARDT, J. C. . Alfredo da Matta: um sanitarista na Belle Époque amazônica. In: Élide Rugai Bastos; Renan Freitas Pinto. (Org.). **Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro.** Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2007, v. 1, p. 129-155.

SKALINSKI JUNIOR, O.. Um intelectual da Ação Católica no campo educacional: Alceu Amoroso Lima em Um Discurso de Paraninfo (1935). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 24, p. e305, 2024.

TEIXEIRA, F. W.. "UM POLÍTICO NO MUNDO DAS LETRAS". LITERATURA E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE ÁLVARO LINS. **Revista de História (São Paulo)**, n. 181, 2022.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 2° Ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1977.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1993.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

b) Artigos de Jornal

AMADO, Jorge. Eça sempre vivo. Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano III, n. 139, p.1, 2 de Mar. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx.?bib=095605&pesq=%22Alvaro%20lins%22&pasta=ano%20193&pagfis=788>. Acessado em: 12 de Dez 2020.

ABREU, Brício. O final do nosso concurso de romance. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, Ano IV, n.160, p.1, 3 de Ago. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=1052>. Acessado em: 6 de Out. 2020.

Anúncio de Missunga. Terra Imatura, Ano 11. n.2?, Nov./Dez. 1939. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-imatura-n-11-v-2-novembro-dezembro/. Acessado em:25 de Fev. de 2023.

ARRUAR, Mario Sette. O romance da vida marajoara. Leitura, coluna “Livros do mês”. Rio de Janeiro, n.45, p.50, **Dez. 1947.** Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&Pesq=Dalcidio%20jurandir&pagfis=4984>. Acessado em: 15 de Nov. 2020.

BASTIDE, Roger. Romance daqui e dalhures. Letras e Artes: Suplemento de A Manhã. Rio de Janeiro, n.95, p.15, 15 de Ago. 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=114774&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=1155>. Acessado em: 15 de Nov. 2020.

BASTOS. Abguar. Pessoal que está de cima. Anuário Brasileiro de Literatura. 4 Ed. 1940, p. 231-232. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=158550&Pesq=%22Abguar%20de%20Bastos%22&pagfis=1475. Acessado em: 06 de Abr. 2022.

_____. Entrevista ao Museu da Imagem e do Som, em 19/08/1981 [Entrevista de Abguar Bastos parte 1/2] at. | Acervo MIS, 1981. Disponível em: https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-abguar-bastos-parte-12.

BRAGA, Cleo Bernardo. A alma do século. Terra imatura. Ano I, n.2, Mai. 1938. Disponível: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-imatura-n-2-v-1-maio-1938/. Acessado em: 20 de Agos. de 2023.

BORBA, Osorio. Como um Alemão ensina história nas escolas brasileiras. Diário de Noticiais. Ano. XIII, n.6206, p.1. 17 de jan. de 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=%22John%20Dewey%22%20Trist%C3%A3o%20de%20Ataide&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=12928. Acessado em: 20 de Mai. de 2022

CAVALCANTI, Valdemar. Notas soltas. Jornal de Letras. Ano XXX, n. 339. 2° Caderno. Jul. 1979. P.1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111325&pesq=%22Dalc%C3%ADdio%20Jurandir%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5640. Acessado em: 15 de Agos. De 2024.

COUTO, Mário. Um romance segue para o concurso. Dom casmurro. Rio de Janeiro, Ano IV, n.172, 26 de Out. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=1197>. Acessado em 10 de Out. 2020.

CONDÉ, José. Apelidos. A Manhã (Rio), Letras e Artes - Suplemento Literário, 21 de novembro de 1948. p.8. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=114774&pagfis=1316. Acessado em: 25 de Jan. de 2023.

DAMASCENO, Lourival. Josino Viana. Terra Imatura. Belém, Ano I, n.2. Mai. 1938. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/terraimatura/1938/n2v1maio/5/#zoom=z. Acessado em 26 de Dez. De 2022.

DE OLIVEIRA, Paulo. O sorriso de Gandhi. Escola.v.1, n.3. Ago. 1934. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/escolarevistadoprofessoradodopara/v1n3agosto1934/38/#zoom=z. Acessado em: 23 de Out. 2023.

Em defesa do Brasil e da liberdade dos povos. O Radical, 11 de junho de 1942. p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=830399&pagfis=23859. Acessado em: 23 de Mai. de 2023.

FLORES, Jaques. Poema. A semana. V.13, n(?). 1932. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/asemana/1932/v13n-marco/8/#zoom=z. Acessado em: 24 de Jan. de 2023.

FLORES, Jacques. Espírito de caboclo. A Semana. Ano XI, n.578. Jun. 1929. Disponível em: https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/periodicos/asemana/1929/v11n578junho/10/. Acessado em: 25 de Fev. de 2023.

Foi assim que conheci Dalcídio Jurandir. Dom Casmurro, ano V, n.230, p.6. 13 de dezembro de 1941. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=095605&pagfis=1889. Acessado em: 23 de jan. de 2023.

LINS, A. Romances de concursos. Correio da manhã, coluna de Crítica literária. Rio de Janeiro, Ano XLI, n.14.287, p.2, 27 de Set, 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=8681>. Acessado em:14 de Nov. 2020.

LOUREIRO, Emilia Henderson. Centro de Interesses. Escola: Revista do Professorado do Pará. v.1, n.3, agosto de 1934. p.49-50.

MORAES, E de. **Terra Verde**. Pará: Livraria Globo, 1929. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-verde/>. Acessado em: 04 de Out. de 2022.

REIS, A. C. F. A Conquista espiritual da Amazônia. São Paulo: Escola profissional Salesianas. S. d. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-conquista-espiritual-da-amazonia/>. Acessado em: 04 de Out. de 2022.

JURANDIR, Dalcídio. O mingau da tia Anna (sonho de uma noite de S. João). A semana, Belém, v.13, n.690, 14 de novembro de 1931. Disponível em:

http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/asemana/1931/v13n690novembro/149/#zoom=z . Acessado em: 25 de Jan. de 2023.

_____O problema do ensino rural: curso de piscicultura no Pará. Escola: revista do professorado do Pará. 1934, Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/escola-revista-do-professorado-do-para-v-1-n-3-agosto-de-1934/. Acessado em: 5 de Dez. de 2023.

_____. Tempo de menino (poema). Escola: revista do professorado do Pará. 1935. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/escola-revista-do-professorado-do-para-v-1-n-4-maio-de-1935/. Acessado em: 15 de Fev. de 2023.

_____. Educação e Liberdade. Escola: revista do professorado do Pará. 1935. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/escola-revista-do-professorado-do-para-v-1-n-5-setembro-de-1935/. Acessado em: 17 de Dez. de 2022.

_____. Um Mystico Integralista. O estado do Pará. Belém, 4 de julho de 1935.

_____. A mascará integralista. O estado do Pará. Belém, julho de 1935.

_____. Tomei bença da Mãe Baiana. O estado do Pará, Nov. 1938.

_____. Tragedia e comédia de um escritor novo do norte. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.164, p.3. 31 de Ago. 1940. Disponivel em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 095605 & pesq=Dalcidio% 20jurandir & pasta=ano% 20194 & pagfis=1102>. Acessado em: 10 de Out. 2020.

_____. À margem de uma crítica do sr. Álvaro Lins. Jornal do Commercio, Recife, 30 de Nov. 1941.

_____. Dos campos de Cachoeira ao prêmio Vecchi- Dom Casmurro. *Dom Casmurro*. Ano V, n.230, p.. 13 de Dez. 1941 [Entrevista dada a Clovis Gusmão]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 095605 & pesq=Dalcidio% 20jurandir & pasta=ano% 20194 & pagfis=1895>. Acessado em: 10 de Out. 2020.

_____. São João Evêm. O estado do Pará. Jun.1941.

_____. Joraci Camargo e o teatro do estudante. O estado do Pará. Jun. 1941.

_____. Chaminé, O pai Francisco. O estado do Pará. Jun. 1941.

_____. Boi e teatro. O estado do Pará. Jun. 1941.

_____. À margem de uma crítica do Sr, Álvaro Lins sobre “Chove nos campos de Cachoeira”. A manhã. Autores e livros: suplemento literário de “A manhã”. Rio de Janeiro, Ano II, v.II, n.1, p.14, 11 de Jan. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066559&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=494>. Acessado em 10 de Nov. 2020.

_____. O drama do seringueiro não é lenda de cobra grande. Diretrizes. Ano IV, n.82, p.2, Jan. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=3573. Acessado em: 17 de Jan. de 2023.

_____. A Presença de Ruy Barbosa nas lutas de hoje. Diretrizes. Ano V, n.93, p.23, Abr. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=3906. Acessado em: 05 de Mar. de 2022.

_____. A seca no sertão e as inundações na Amazônia. Diretrizes. Ano V, n.95, p. 11-26, Abr. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=3960. Acessado em: 27 de Jan. de 2022.

_____. Plinio, o moço e Thomas Mann. Diretrizes. Ano V, n.105, p.11, Jun. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4158. Acessado em: 27 de Mar. de 2023.

_____. Um livro da brasiliana. Diretrizes. Ano V, n.109, p.11, Jul. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4365. Acessado em: 16 de Jun. de 2023.

_____. A Amazônia e a safra dos mortos. Diretrizes. Ano V, n.110, p.15-17, Ago. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4394. Acessado em: 29 de Ago. de 2023.

_____. As vitaminas e o brasil. Diretrizes. Ano V, n.122, p. 22, Out. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4694. Acessado em: 28 de Jan. 2023.

_____. Pode um nazista escrever um bom poema?. Diretrizes. Ano V, n.127, p.16, Dez. 1942, Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4832. Acessado em: 12 de Fev. de 2023.

_____. Uma folha na tempestade. Diretrizes. Ano V, n. 130, p.11, Dez. 1942, Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4875. Acessado em: 23 de Fev. de 2023.

_____. John Dewey e a ridícula agressão do sr. Tristão de Atayde. Diretrizes. Ano V, n.131, p.8, Dez. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4896. Acessado em: 24 de Fev. de 2023.

_____. Há um ano se reuniam no rio os chancelers americanos. Diretrizes. Ano V, n.133, p.15, Jan. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4928. Acessado em: 8 de Jun. de 2023.

_____. Um homem, a paz e a liberdade. Diretrizes. p.3, Fev. Ano V, n.137, 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=4989. Acessado em: 13 de Mai. de 2023.

_____. A história em miúdos [front literário]. Diretrizes. Ano IV, n.153, p.15, Jun. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5148. Acessado em: 15 de Abr. de 2023.

_____. Segall, a arte pura e o homem do povo. Diretrizes. Ano IV, n.154, p.6, Out. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5163. Acessado em: 3 de Jul. de 2023.

_____. Nilo Peçanha, homem do povo, chanceler de guerra. Diretrizes. Ano VI, n. 161, p. 1-11, Jul. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5212. Acessado em: 18 de Jun. de 2023.

_____. Uma romancista norte americana [front literário]. Diretrizes. Ano VI, n. 161, p.10 Jul. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5222. Acessado em: 21 de Jul. de 2023.

_____. Oito Homens e suas guerras. Diretrizes, Ano VI, n176, p.9, Nov. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5454. Acessado em: 23 de Mai. de 2023.

_____. Cordeiro de Andrade [front literário]. Diretrizes. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5455. Acessado em: 13 de Jun. de 2023.

_____. Jornais da França: voz das guerrilhas e das barricadas. Diretrizes. Ano VI, n. 179, p.2, Dez. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5533. Acessado em: 25 de Mai. de 2023.

_____. Um movimento maior que o de Coimbra, de Quental, Eça de Queiroz, e Oliveira Martins. Diretrizes. Ano VII, n.185, p.2, Jan. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5652. Acessado em: 23 de Fev. de 2023.

_____. O livro do sr. João Mangabeira. Diretrizes. Ano VII?, n.189, p.5, Fev. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Dalc%c3%addio%20Jurandir&pagfis=5776. Acessado em: 12 de Fev. de 2023.

_____. Eneida entrevista Dalcídio. [Entrevista concedida a Eneida de Morais para o jornal Folha do Norte em 23/10/1960] Asas da Palavra, Belém, v.3, n.4, p. 32-33, jun, 1996[1960].

_____. Um escritor no Purgatório [Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.28-30, jun, 1996[1979].

_____. Dalcídio Jurandir. O romance paraense. Criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Aristocracia de pé no chão. [Entrevista concedida a Eneida de Moraes]. Asas da palavra, v.3, n.4, p.49-51, jun, 1996[1962].

_____. *As 1001 gentes de Dalcídio Jurandir*. [Entrevista concedida a João Cândido de Carvalho] *A cigarra*, São Paulo, Ano 56, n.2, p.100-101, Fev. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pasta=ano%20197&pesq=%20Dalc%C3%ADdio%20Jurandir&pagfis=76060>. Acessado em 26 de Dez. de 2020.

_____. José Varella: Amazônia cabocla de Dalcídio Jurandir. Vermelho, 2009. Disponível em: https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/jose-varella-amazonia-cabocla-de-dalcidio-jurandir/. Acessado em: 12 de Fev. 2022.

BANDEIRA, Manuel. Autocritica. Jornal do Brasil. 1° caderno, LXVI, n.257. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=%22Dalc%C3%ADdio%20Jurandir%22&pagfis=67355. Acessado em: 24 de Mar. De 2023.

MONT'ALEGRE, O. Dalcídio Jurandir: um romancista da província. Dom Casmurro. Rio de Janeiro. Ano IV, n.165, p.3, 7 de set. 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 095605 & pesq=Dalcidio% 20jurandir & pasta=ano% 20194 & pages=1114>. Acessado em: 9 de Out. 2020.

MENEZES, Bruno de. Conversa com Bruno de Menezes. Terra Imatura. Ano II, n.2?, Nov./Dez. 1939. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-imatura-n-11-v-2-novembro-dezembro/. Acessado em: 29 de Nov. de 2023.

_____. Ficou tudo na Paisagem. Terra Imatura. Ano III, n.13, Dez. 1940. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-imatura-n-13-v-3-dezembro-1940/. Acessado em: 25 de Out. de 2023.

_____. Ariverde Pendão. Escola. V.1, n.4. Mai. De 1935. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/escolarevistadoprofessoradodopara/v1n4maio1935/22/. Acessado em: 22 de janeiro de 2024.

MOURA, Ribamar. Uma nova pedagogia religiosa para os nossos filhos. Escola. V.1, n.4. Mai. De 1935. Disponível em:

http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/escolarevistadoprofessoradodopara/v1n4maio1935/44/. Acessado em: 22 de Dez. de 2023.

O que se diz. Diário Carioca. Rio de Janeiro, Ano XXII, n. 6.387, p.4, 24 de Abril. 1949. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=36482>. Acessado em: 10 de Nov. 2020.

"O povo não vai nessa fiuza...". Diário Carioca. Rio de Janeiro, Ano n.5345, p.3-13, 23 de Nov. 1945. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=22635>. Avessado em: 10 de Nov. 2020.

O secretário da ESCOLA. Escola. V.1, n.3, p.116, Ago. 1934.. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/escolarevistadoprofessoradodopara/v1n3agosto1934/120/. Acessado em 23 de Dez. 2023.

Os colaboradores do jornal. A Semana. v.13, n.659, 1931. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/asemana/1931/v13n659marco/67/#zoom=z. Acessado em: 25 de Jan. de 2023.

TERRA Imatura. Ano I, n. 2, Mai. 1938. Disponível em: https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/periodicos/terraimatura/1938/n2v1maio/2/. Acessado em: 15 de Mai. De 2023.

PANTOJA, Edilson. Arqueologia Dalcídiana. Blog do Edilson Pantoja. 2020. Disponível em: https://edilsonpantoja.blogspot.com/2020/10/arquelogia-dalcidiana-navegar-dalcidio_20.html. Acessado em: 1 de Jan. de 2022.

Para Lembrar Dalcídio. Escrita blog. 2012. Disponível em: https://escritablog.blogspot.com/2012/11/para-lembrar-dalcidio-jurandir.html. Acessado em:25 de Abr. 2024.

PEREIRA, Flaviano. Vespasiano e outros. Para Ilustrado. 1943, Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/para-ilustrado/>. Acessado em: 04 de Out. de 2022.

PEREIRA, José Varella. Um certo capitão Alfredo. O Arary. 2008. Disponível em: http://oarary.blogspot.com/2008/. Acessado em: 12 de Jan. de 2022.

PEREIRA, José Varella, José Varella: Amazônia cabocla de Dalcídio Jurandir. Vermelho, 2009.

PEREIRA, Ritacinio. Ana Serena, sem bolsa sem sombrinha. Terra Imatura. Ano II, n. 2?, Nov./Dez. 1939. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-imatura-n-11-v-2-novembro-dezembro/. Acessado em: 27 de Nov. de 2023.

SILVEIRA, Joel. Ainda da ABDE. Diário de Notícias. Primeira sessão. p.2. 27 de mar.1949.

SOUZA, R. A Academia do Peixe Frito. Dom Casmurro, Ano IV, n. 174 , p.2, 9 de Nov. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pesq=Dalcidio%20jurandir&pasta=ano%20194&pagfis=1217>. Acessado em: 10 de Out. de 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. Um romance da Amazônia. Correio Paulistano. São Paulo, Ano XCV, .369, p.4, 28 de Set. 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_09&pasta=ano%20194&pesq=Dalcidio%20jurandir&pagfis=39341>. Acessado em: 20 Out. 2020.

Soluções Amazônicas. Terra Imatura. Ano I, n.5, Out. 1938. Disponível em: http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/terra-imatura-n-5-v-1-outubro-1938/. Acessado em: 13 de Jan. de 2023.

VIANA, Djalma. Os suplementos literários do último domingo. A manhã. Sessão: Revisão Literária. p.1-2, 13 de Jan. 1946.

VIEIRA, Ernani. Flaminassú. A semana. V.9, n.515. 1928. Disponível em: http://177.74.2.88/publication/file/periodicos/asemana/1928/v10n541setembro/16/#zoom=z. Acessado em: 25 de Jan. de 2023.

VARGAS, G. **Discurso do Rio Amazonas**. Belém: Oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré (Escola profissional do Estado), 1943 [10 de outubro de 1940]. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/discurso-do-rio-amazonas/>. Acessado em: 04 de Out. de 2022.

c) Cartas e outras fontes

Carta da Editora Vecchi a Dalcídio Jurandir. 03 de Maio de 1941. Acervo Dalcídio Jurandir. Cartas pessoais. Fundação Casa Rui Barbosa.

Certificado de reservista. Belém, 1931. Acervo DJ-PIT, Documento Pessoal. Fundação Casa de Rui Barbosa.

JURANDIR, Dalcídio. Carta de Dalcídio Jurandir à Ribamar Moura. s.l, S.d, Acervo Dalcídio Jurandir. Fundação Casa de Rui Barbosa.

JURANDIR, Dalcídio. Cartas ao amigo Ribamar [Moura]. 1929. Acervo da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir.

JURANDIR, Dalcídio. Cartas ao amigo Ribamar [Moura]. s/d. Acervo da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir.

JURANDIR, Dalcídio. Cartas ao amigo Ribamar [Moura]. 1932. Acervo da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir.

JURANDIR, Dalcídio. Carta de Dalcídio Jurandir a Ribamar Moura. S.l, (1935?). Acervo Dalcídio Jurandir. Fundação Casa Rui Barbosa.

MOURA, Ribamar de. Carta ao amigo Dalcídio. Belém, 18 de março de 1931. Acervo da casa de Cultura Dalcídio Jurandir.

JURANDIR, Dalcídio. Carta a Nunes Pereira. 1941. Acervo Dalcídio Jurandir. Cartas Pessoais. Fundação Casa Rui Barbosa.

Prestação de contas de Direitos autorais de Chão de Lobos. Editora Record. 1977. Acervo Dalcídio Jurandir, Papeis Diversos. Fundação Casa Rui Barbosa.

Anexos

Anexo I

REGISTRO DE MEDIDAS

Dalcídio Ramos Pereira

Annos	Matérias	Abril	Maio	Media	Faltas		Junho	Julho	Media	Faltas		Agosto	Setembro	Media	Faltas		Outubro	Novembro	Media	Faltas		Total de Faltas	MEDIA GERAL	Observações
					Just	N. just.				Just	N. just				Just	N. Jus				Just	N. just			
2º anno	Portuguez	10	9				9	10	8,5															
	Francez		7				1	3	2			8	7											
	Inglez	0	0	0			3	0	1,5			2	3		3	11								
	Latim	0	0	0			2	1	1,5						4	12								
	Arithmética	7	7				1	1	1			1	1											
	Conhec. Do Brasil						3	6	4,5			-	1			6								
	Moral e Civica	4	5	4,5			7	1	4															
	Desenho	9	7				1	7	4			0	0		9	3								

Fonte: retirado de FARIAS, 2018, p.37.